



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2013

**INÊS TAVARES
RODRIGUES**

**ENVELHECIMENTO ATIVO E
ENCONTRO ENTRE GERAÇÕES**

OficinaRias, um projeto de intervenção na comunidade

Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica do Doutor António Augusto Neto Mendes, Professor Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus pais, de quem herdei a capacidade de resiliência.

Ao meu namorado, José Miguel por ser uma pessoa tão especial.

o júri

presidente

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professor Doutor Fernando Ilídio da Silva Ferreira
Professor Associado da Universidade do Minho

Professor Doutor António Augusto Neto Mendes
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

A todos os formadores e formandos das OficinaRias, sem eles não conseguiria implementar o projeto.

Ao Januário Cunha, por sempre me acompanhar e por nunca deixar de acreditar em mim.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Doutor António Neto Mendes, pela sua disponibilidade e cooperação e pela riqueza das suas reflexões ao longo do trabalho, fazendo-me acreditar que seria capaz de o concretizar.

Mas outras pessoas são igualmente lembradas: João Marques, Sílvia Oliveira, Fátima Arede, Sónia Silva, Patrícia Maia, Paula Rendeiro, Daniel Bastos. Dedico-vos os meus mais sinceros e humildes agradecimentos.

Por este espaço se revelar pequeno para a quantidade de agradecimentos que gostaria de fazer, quero assim mostrar a minha gratidão a todos aqueles que em qualquer lugar por onde passei, de uma forma ou outra, me ajudaram ao longo do caminho que me levou até aqui.

A todos vocês o meu muito obrigada.

palavras-chave

envelhecimento ativo, encontro entre gerações, partilha de saberes, participação, intervenção comunitária

resumo

O cenário das alterações demográficas e sociais, a comemoração do *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da solidariedade entre gerações* em 2012 e a vontade de implementar um projeto no local de residência foram as principais motivações que me levaram a desenvolver este projeto.

O Projeto *OficinaRias* surgiu com a finalidade de compreender se era ou não possível contribuir para a promoção do envelhecimento ativo e, simultaneamente, para o encontro entre gerações, através da valorização dos conhecimentos e da troca de experiências de algumas das tradições do concelho da Murtosa.

A investigação envolveu 131 (cento e trinta e um) participantes, que se inscreveram voluntariamente em diversas atividades/*OficinaRias*, atraídos não só pela descoberta das tradições murtoseiras, mas também pelo enriquecedor encontro de gerações.

Este estudo realizou-se pelo método de Investigação-Ação Participativa, através da realização de 16 (dezasseis) entrevistas e aplicação de 131 (cento e trinta e um) questionários de avaliação, que privilegiaram as opiniões dos participantes e revelaram os seus interesses e opiniões.

Para complementar estas técnicas e enriquecer o projeto, recorreu-se também à observação participante, à utilização da fotografia, do vídeo e da gravação áudio.

Com este projeto, constatou-se a necessidade de existirem mais iniciativas no âmbito do envelhecimento ativo e do encontro entre gerações, visto que a comunidade mostrou uma grande receptividade e entusiasmo em participar, motivo pelo qual se passou de 4 (quatro) *OficinaRias* programadas inicialmente, para 8 (oito). A realização destas 8 (oito) *OficinaRias* é a evidência de que unir pessoas distintas e de gerações muitas vezes distantes pode resultar em algo muito positivo e motivador.

A troca de experiências e saberes foi o “pretexto” utilizado para o envolvimento dinâmico dos participantes, privilegiando-os como sujeitos co-construtores do seu próprio envelhecimento ativo.

keywords

active ageing, intergenerational encounters, sharing of knowledge, participation, community intervention.

abstract

The scenario of demographic and social change, the celebration of the European Year of Active Ageing and Intergenerational Solidarity in 2012 and the will to implement a project in the place of residence were the main motivations that led me to develop this project.

The Project OficinaRias emerged in order to understand if it was possible to contribute to the promotion of active ageing and simultaneously promote the encounter of different generations, through the enhancement of knowledge and the exchange of experiences of some of the traditions of Murtosa .

The research involved 131 (one hundred thirty -one) participants who voluntarily enrolled in various activities / OficinaRias , attracted not only by the discovery of local traditions, but also by the enriching encounters of generations .

This study was performed by the method of Participatory Action - Research, through the completion of 16 (sixteen) interviews and application of 131 (one hundred and thirty one) evaluation questionnaires, which favored the opinions of participants and revealed their interests and opinions.

To complement these techniques and enrich the project, also resorted to participant observation, the utilization of photography, video and audio recording.

With this project it was found in the need for the existence of more initiatives within the active ageing and intergenerational encounters , since the community has shown great receptivity and enthusiasm to participate, was this reason why it went from the initially scheduled 4 (four) OficinaRias to 8 (eight). The implementation of these 8 (eight) OficinaRias was evidence that joining different people and different generations can result in a very positive and motivating experience.

The exchange of experiences and knowledge was the most motivational factor used for the dynamic involvement of the participants, privileging them as subjects' co-constructors of their own active ageing.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENVELHECIMENTO ATIVO E O ENCONTRO ENTRE GERAÇÕES	3
1.1 INTRODUÇÃO	7
1.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENVELHECIMENTO	7
1.2.1 Envelhecimento Individual.....	9
1.2.2 Envelhecimento coletivo.....	9
1.2.3 Políticas sociais no âmbito da velhice	11
1.2.4 O envelhecimento biológico, psicológico e social.....	13
1.2.5 O envelhecimento – Factos e Teorias	17
1.2.6 Envelhecimento demográfico: oportunidades através da mudança de paradigma	21
1.3 ENVELHECIMENTO ATIVO	25
1.4 A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS	31
1.5 INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA	33
1.6 “DA TEORIA À PRÁTICA”	37
CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PROJETO	39
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO: O CONCELHO DA MURTOSA	41
2.1.1 Localização geográfica	41
2.1.2 Demografia	42
2.1.3 A importância da agricultura e da pesca.....	43
2.1.4 A paisagem, a cultura e as tradições.....	44
2.1.5 Murtosa como território de inserção social.....	45
2.2 OFICINARIAS - UM PROJECTO DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA	47
2.2.1 Considerações iniciais do projeto	47
2.2.1.1 Explicação do nome e logótipo do projeto.....	50
2.2.1.2 Seleção das temáticas	51
2.2.1.3 Destinatários	52
2.2.1.4 Parcerias.....	53
2.2.1.5 Meios de Divulgação	54
2.2.2 I Ciclo de OficinaRias	57
2.2.2.1 OficinaRia do pão cozido no forno tradicional a lenha	57
2.2.2.2 OficinaRia dos rojões.....	58
2.2.2.3 OficinaRia da importância da atividade física.....	58
2.2.2.4 OficinaRia das rodilhas	60
2.2.3 II Ciclo de OficinaRias	60

2.2.3.1 OficinaRia das chouriças	61
2.2.3.2 OficinaRia do pão cozido no forno tradicional a lenha	61
2.2.3.3 OficinaRia da conservação e manutenção das pasteleiras	61
2.2.3.4 OficinaRia da caldeirada de enguias	62
CAPÍTULO III – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	63
3.1 INVESTIGAÇÃO - AÇÃO PARTICIPATIVA: UM COMPROMISSO COM A MUDANÇA SOCIAL.....	65
3.2 ABORDAGEM QUALITATIVA.....	66
3.3 PROCEDIMENTOS FORMAIS E ÉTICOS.....	67
3.4 TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS	68
3.4.1 O questionário	68
3.4.2 A observação	68
3.4.3 O registo fotográfico.....	69
3.4.4 As entrevistas	69
3.4.5 Análise de conteúdo	72
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	75
4.1 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	77
4.2 CARATERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES NAS OFICINARIAS.	78
4.3 DIVULGAÇÃO DO PROJETO.....	81
4.4 A PROMOÇÃO DO ENVELHECIMENTO ATIVO VALORIZANDO O INTERCÂMBIO DE CONHECIMENTOS	82
4.5 A VALORIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS E DA TROCA DE EXPERIÊNCIAS ENTRE AS DIFERENTES GERAÇÕES.	89
4.6 A DIVULGAÇÃO A CULTURA E ALGUMAS DAS TRADIÇÕES DO CONCELHO DA MURTOSA.	90
4.7 A AVALIAÇÃO DAS OFICINARIAS.....	92
4.8 AS SUGESTÕES DE OUTROS TEMAS PARA FUTURAS OFICINARIAS.....	97
4.9 O EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO SOCIAL	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
BIBLIOGRAFIA	105
WEBGRAFIA	113
ANEXOS.....	115
ANEXO I - SISTEMA DE PARTILHA DE FICHEIROS - DROPBOX.....	117
ANEXO II - NOTÍCIA DAS OFICINARIAS NA PÁGINA DA RADIO TERRANOVA.....	118
ANEXO III - DIVULGAÇÃO DAS OFICINARIAS ATRAVÉS DO FACEBOOK	119
ANEXO IV – CARTAZ DO 1º CICLO DE OFICINARIAS	120
ANEXO V - CARTAZ DO 2º CICLO DE OFICINARIAS.....	121
ANEXO VI – NOTÍCIA DAS OFICINARIAS NO JORNAL “O CONCELHO DA MURTOSA”	122

ANEXO VII- NOTÍCIA DAS OFICINARIAS NO JORNAL “O CONCELHO DA MURTOSA”	123
ANEXO VIII - NOTÍCIA DAS OFICINARIAS NO JORNAL “O JORNAL DE ESTARREJA”	124
ANEXO IX - NOTÍCIA DAS OFICINARIAS NO JORNAL “O JORNAL DE ESTARREJA”	125
ANEXO X – JUSTIFICAÇÃO DA NÃO INCLUSÃO DA REPORTAGEM DO PORTO CANAL.....	126
ANEXO XI – RECEITA DA BROA DE MILHO COZIDA NO FORNO TRADICIONAL A LENHA.....	127
ANEXO XII – EXPLICAÇÃO DAS RODILHAS.....	129
ANEXO XIII – RECEITA DOS ROJÕES.....	131
ANEXO XIV- REFEITA DA CALDEIRADA À PESCADOR PREPARADA DE FORMA TRADICIONAL.....	133
ANEXO XV - RECEITA DAS CHOURIÇAS.....	135
ANEXO XVI - EXPLICAÇÃO DOS CONCEITOS “MANUTENÇÃO” E “CONSERVAÇÃO” DE PASTELEIRAS	138
ANEXO XVII – EXEMPLO DE UM QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO	145
ANEXO XVIII - EXEMPLAR DE UMA FICHA DE INSCRIÇÃO	148
ANEXO XIX - OBJETIVOS DA OFICINARIA DOS ROJÕES	149
ANEXO XX – OBJETIVOS DA OFICINARIA DA IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA	150
ANEXO XXI – OBJETIVOS OFICINARIA DAS RODILHAS.....	151
ANEXO XXII – OBJETIVOS DA OFICINARIA DAS CHOURIÇAS DE VINHO.....	152
ANEXO XXIII - OBJETIVOS DA OFICINARIA DO PÃO	154
ANEXO XXIV – OBJETIVOS DA OFICINARIA DA CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO DE PASTELEIRAS	155
ANEXO XXV – OBJETIVOS DA OFICINARIA DA CALDEIRADA DE ENGUIAS	156
ANEXO XXVI – EXEMPLAR DO CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO	157
ANEXO XXVII – LISTA DE INSCRITOS NA OFICINARIA DO PÃO COZIDO NO FORNO TRADICIONAL A LENHA	159
ANEXO XXVIII - LISTA DE FORMANDOS INSCRITOS NA OFICINARIA DOS ROJÕES	160
ANEXO XXIX – LISTA DE INSCRITOS NA OFICINARIA DA IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA.....	161
ANEXO XXX – LISTA DE INSCRITOS NA OFICINARIA DAS RODILHAS	163
ANEXO XXXI – LISTA DE INSCRITOS NA OFICINARIA DA BROA DE MILHO	164
ANEXO XXXII – LISTA DE INSCRITOS NA OFICINARIA DA MANUTENÇÃO E CONSERVAÇÃO DE PASTELEIRAS.....	165
ANEXO XXXIII – LISTA DE INSCRITOS PARA A OFICINARIA DA CALDEIRADA DE ENGUIAS	166
ANEXO XXXIV – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	167
ANEXO XXXV – GUIÕES DAS ENTREVISTAS	168
ANEXO XXXVI – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	172
ANEXO XXXVII- ANÁLISE DE CONTEÚDO	231
ANEXO XXXVIII- QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO.....	256
ANEXO XXXIX - RESUMO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO.....	258
ANEXO XL – GUIÃO DAS ENTREVISTAS	275

SIGLAS

AC - Análise de Conteúdo

AEEASG - Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações

AMIRIA - Associação dos Amigos da Ria e do Barco Moliceiro

ASFITA - Associação Filantrópica da Torreira

AVD - Atividade de Vida Diária

CMM - Câmara Municipal da Murtosa

EUA - Estados Unidos da América

IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

OMS - Organização Mundial de Saúde

UA - Universidade de Aveiro

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Resumo da Intervenção Comunitária segundo Marchioni	33
Tabela 2 - Análise etária do Concelho da Murtosa	42
Tabela 3 - Associações e coletividades por freguesia no Concelho da Murtosa	45
Tabela 4 - Infraestruturas e equipamentos de apoio ao ensino e à saúde	46
Tabela 5 - Equipamentos e espaços para a prática do desporto	46
Tabela 6 - Caracterização sociodemográfica dos entrevistados	71
Tabela 7 - Avaliação global das <i>OficinaRias</i>	94
Tabela 8 - Avaliação dos conhecimentos adquiridos	95
Tabela 9 - Avaliação do desempenho dos formadores	95
Tabela 10 - Avaliação do suporte administrativo	96

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição de dados relativos ao género dos participantes	78
Gráfico 2 - Distribuição de dados relativos ao concelho de residência dos participantes	79
Gráfico 3 - Distribuição de dados relativos às idades dos participantes	80
Gráfico 4 - Distribuição de dados relativos às habilitações literárias dos participantes	80
Gráfico 5 - Distribuição de dados relativos aos meios de divulgação	81

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Determinantes do Envelhecimento Ativo	27
Ilustração 2 - Os três pilares da estrutura política para o Envelhecimento Ativo.....	29
Ilustração 3 – Mapa do Município da Murtosa	41
Ilustração 4 - População residente no concelho da Murtosa.....	42
Ilustração 5 – Logótipo do Projeto	50

INTRODUÇÃO

O presente estudo realiza-se no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Universidade de Aveiro (UA).

O tema do “Envelhecimento Ativo e o encontro entre gerações” surge em resultado de diversos fatores, nomeadamente da modificação do cenário das alterações demográficas e sociais; do envolvimento profissional com a terceira idade e da constatação de que a maioria dos projetos relacionados com a temática, encontrados ao longo da revisão da literatura, são direcionados essencialmente para o binómio “crianças /idosos” (institucionalizados) ou “netos/avós” e não para um envolvimento entre todas as gerações como seria expectável no nosso entender. Associado a estes fatores, existe ainda o facto do projeto de intervenção ter sido iniciado em 2012 quando se comemorou o ano do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações em toda a Europa, estabelecendo esta temática como meta para a primeira década do século XXI, sob o lema “demos anos à vida, precisamos dar vida aos anos”.

O Projeto *OficinaRias* surgiu com a finalidade de compreender se era ou não possível contribuir para a promoção do Envelhecimento Ativo e, simultaneamente, para o encontro entre gerações, através da valorização dos conhecimentos e da troca de experiências relacionadas com algumas das tradições do concelho da Murtosa. O encontro entre gerações e a partilha de conhecimentos foi “a estratégia” utilizada para que se reconheça o potencial de todos os indivíduos, independentemente da idade. Entendemos que se esta simbiose se verificar, ambas as gerações beneficiam desta relação intergeracional.

Na nossa opinião, a sociedade, em geral, tem um papel determinante no processo de Envelhecimento Ativo, na medida em que enquanto esta não reconhecer o potencial de todas as gerações, nomeadamente daquelas que têm uma idade mais avançada (pessoas que podem ser ativas e produtivas) e enquanto se continuar a alimentar estereótipos que impedem o aumento da participação socioeconómica dos que possuem mais idade, o Envelhecimento Ativo continuará a ser privilégio apenas de alguns.

Num passado não muito distante, o termo “envelhecimento” era estranho para muitos. Atualmente, o envelhecimento é, de algum modo, uma preocupação de todos nós. Não é por acaso que o mito da eterna juventude é um dos mais marcantes em todas as culturas.

O cenário mundial e português do envelhecimento populacional tem impacto em múltiplos aspetos sociais e exige esforços de diversas áreas, para que se possa responder às

necessidades da população idosa (Marconcin, 2009). Sem dúvida que, sendo o envelhecimento uma questão eminente das nossas sociedades, devem ser (re)pensadas e desenvolvidas novas estratégias que permitam aos idosos, bem como a todas as gerações, reajustar o seu estilo de vida, de forma a poderem ter um envelhecimento saudável e ativo, e para viverem mais tempo com independência e qualidade de vida.

Tendo em conta a abrangência da temática do *Envelhecimento Ativo*, na nossa perspetiva, os responsáveis pelas políticas sociais têm um papel preponderante, sendo necessário que tomem medidas concretas para se dar resposta a este cenário de envelhecimento presente e futuro. Uma vez que os jovens de hoje serão os idosos de amanhã, é necessário perspetivar o envelhecimento de uma forma cada vez mais exigente. No futuro, teremos idosos mais saudáveis, mais ativos e produtivos, que terão certamente níveis elevados de escolaridade e exigirão ter uma participação socioeconómica mais elevada a diversos níveis.

Neste sentido, torna-se pertinente referir que o envelhecimento é um processo em que, para cada pessoa, as mudanças físicas, comportamentais e sociais se desenvolvem em ritmos diferentes, sendo a idade cronológica apenas um dos aspetos que pode ou não interferir no estilo de vida e na qualidade de vida dos idosos (Argimon & Stein, 2005).

Na primeira década do século XXI, o *Envelhecimento Ativo* foi assumido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pela Organização das Nações Unidas (ONU), como um objetivo da política social e de saúde. Considerando o que foi referido anteriormente, promover o *Envelhecimento Ativo* constitui um grande desafio do presente e do futuro.

Foi neste contexto que pensámos a criação de um espaço piloto para a participação ativa e efetiva das diversas gerações, através da partilha de conhecimentos e da troca de experiências, bem como da divulgação da cultura e de algumas tradições do concelho da Murtosa, aspetos que constituíram os objetivos de todo o projeto.

Temos plena consciência que é fundamental refletirmos sobre o potencial de cada geração, nomeadamente dos idosos, caso contrário, continuaremos a ser meros espectadores do processo de envelhecimento, demitindo-nos da nossa responsabilidade de “cuidadores”, enquanto cidadãos e enquanto responsáveis por todos aqueles que a nós estão associados.

Pareceu-nos que toda esta temática, que serviu de base a este projeto, insere um forte potencial dinâmico, pelo que se procuraram os métodos mais adequados. Assim, este projeto obedeceu à metodologia de Investigação- Ação Participativa (I-AP). Lima (2007,

317) refere que a I-AP “procura juntar a ação e a reflexão, a teoria e a prática”. Assim, esta metodologia enquadrava-se nos objetivos do projeto.

O trabalho, que apresentamos, encontra-se, assim, do ponto de vista estrutural, organizado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, é apresentada a revisão da literatura, fundamentada nas temáticas a estudar, relacionadas com o *Envelhecimento Ativo* e o *encontro entre gerações*. Esta abordagem teórica foi extremamente importante para a compreensão e concretização do aspeto prático do projeto.

No segundo capítulo, realizou-se a contextualização do concelho da Murtosa, para o conhecer melhor e, a partir daí, identificar potenciais parceiros (sociais) e optar pelos temas a abordar durante as *OficinaRias*. Depois desta contextualização, procedeu-se à apresentação do projeto, respondendo a questões tais como: Qual a pertinência do projeto? Como surgiu a ideia? Qual a origem do nome *OficinaRias*? O que se pretende transmitir com o logótipo? Como foram selecionadas as temáticas? Quem são os destinatários? Quais foram os meios de comunicação utilizados? Etc.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia da I-AP aquela que considerámos mais adequada ao campo da educação social, pela sua preocupação com a justiça e o desenvolvimento social, bem como com a criação de condições de realização de projetos de mudança social. As técnicas utilizadas foram as seguintes: o questionário, a observação, o registo fotográfico, os vídeos, as entrevistas e a análise de conteúdo.

Após a concretização do projeto, através de dois ciclos de *OficinaRias*, foi necessário fazer uma minuciosa reflexão, que aconteceu ao longo do quarto capítulo. Aqui, é apresentada a análise e discussão dos dados tratados ao longo de todo o trabalho realizado.

Finalmente, no fecho deste trabalho, fazemos uma reflexão sobre a contribuição deste projeto de intervenção para a Educação Social e tecemos algumas considerações finais que julgamos pertinentes. Realizámos uma síntese crítica dos principais resultados, abordando a sustentabilidade do projeto na comunidade, as suas limitações de implementação, bem como perspetivas para novos projetos.

Segue-se a bibliografia deste trabalho, em que as referências bibliográficas apresentadas são apenas aquelas que se tornaram de extrema importância para a fundamentação do desenvolvimento do presente estudo, embora, outras tenham sido consultadas.

Introdução

Por fim, visto que toda a documentação que sustentou o desenvolvimento deste projeto é essencial para a compreensão do mesmo, na parte final do estudo, encontram-se os anexos organizados de acordo com o desenvolvimento do presente trabalho.

Tendo sido um trabalho muito entusiasmante para quem o desenvolveu e para quem nele participou, esperamos que possa também estimular outras iniciativas de promoção do *Envelhecimento Ativo* e do encontro entre gerações.

**CAPITULO I - *ENVELHECIMENTO ATIVO* E O
ENCONTRO ENTRE GERAÇÕES**

1.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, pretendemos reunir um conjunto de referências teóricas que nos ajudem a problematizar a questão do *Envelhecimento Ativo* e do encontro entre gerações. Para o efeito, foi realizada uma revisão da literatura de modo a localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia.

A fundamentação teórica inicia com algumas considerações acerca do envelhecimento bem como alguns dos seus factos e teorias. De seguida, é abordado o envelhecimento demográfico encarado sob uma perspetiva de oportunidades através da mudança de paradigma. Posteriormente abordamos a promoção do *Envelhecimento Ativo* bem como a relevância das relações intergeracionais no processo de envelhecimento. Dedicámos ainda um subcapítulo à Intervenção Comunitária e outro a uma abordagem do envelhecimento face ao encontro entre gerações como um desafio dos tempos atuais para a intervenção comunitária. Terminamos o capítulo com uma reflexão e que intitulamos “da teoria à prática”

1.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENVELHECIMENTO

Uma das transformações sociais mais importantes que ocorreram nos últimos cinquenta anos está relacionada com o aumento demográfico das pessoas com mais de 65 anos de idade. Assistimos, portanto, ao fenómeno crescente e novo do envelhecimento da população em todas as sociedades economicamente desenvolvidas. Este fenómeno afeta, de diferentes formas, todos os países.

Tal como afirmam Osório & Pinto (2007, 7), pela primeira vez na história humana, o modelo de “pirâmide” usado para refletir a evolução demográfica irá transformar-se numa “ânfora”¹, com uma base mais estreita, um corpo central cada vez mais largo e uma parte de cima cuja amplitude será superior à da base. O segmento de crescimento mais rápido será precisamente o das pessoas com idade igual ou superior a 80 anos.

No entanto, o problema geracional não possui apenas uma dimensão demográfica, apesar de esta ser relevante. A importância que o envelhecimento das sociedades tem vindo a adquirir deriva de desafios que se estão a lançar às diferentes formas de organização social, cultural e económica.

¹s.f. Vaso antigo com duas asas, que servia para a conservação e o transporte dos líquidos e das sementes

Envelhecer com saúde, autonomia e independência constitui, hoje, um desafio à responsabilidade individual e coletiva, com tradução significativa no desenvolvimento económico dos países.

Torna-se imperativo pensar o envelhecimento ao longo da vida, com uma atitude mais preventiva e promotora da saúde e da autonomia. A prática de atividade física moderada e regular, a alimentação saudável, a cessação de hábitos tabágicos, o consumo moderado de álcool, a promoção dos fatores de segurança e a manutenção da participação social são aspetos importantes na promoção de um envelhecimento saudável.

Segundo o Ministério da Saúde (2004, 3) “o envelhecimento humano pode ser definido como “o processo de mudança progressivo da estrutura biológica, psicológica e social dos indivíduos que, iniciando-se mesmo antes do nascimento, e desenvolve-se ao longo da vida” e realça que “importa reduzir as incapacidades, numa atitude de recuperação global precoce e adequada às necessidades individuais e familiares, envolvendo a comunidade, numa responsabilidade partilhada, potenciadora dos recursos existentes e dinamizadora de ações cada vez mais próximas dos cidadãos”.

De acordo com o Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas, do Ministério da Saúde emitido pela Direção Geral de Saúde em 2004, as alterações demográficas que se têm vindo a verificar neste último século vêm-se traduzindo “na inversão das pirâmides etárias” e por outro lado têm refletido “o envelhecimento da população”, colocando não apenas aos governos, mas também às famílias e à sociedade em geral novos desafios que são da responsabilidade coletiva de todos, ou seja, são de “responsabilidade partilhada” (Ministério da Saúde, 2004, 3).

O envelhecimento é, pois, uma parte natural do ciclo da vida.”Ninguém fica velho da noite para o dia: não se é velho, vai-se envelhecendo” (Bytheway et al., 1989, cit. por Andrade, 2002). O envelhecimento pode variar de indivíduo para indivíduo, sendo gradativo para uns e mais rápido para outros (Caetano, 2006). É caracterizado como um processo dinâmico, progressivo e irreversível, ligado intimamente a fatores biológicos, psíquicos e sociais (Brito & Livetoc, 2004).

O envelhecimento diz respeito a um processo que ocorre ao longo da nossa vida, desde a conceção até à morte; enquanto a velhice é uma fase da vida, designando-se por idoso o indivíduo que se encontra neste período da vida (Lima, 2010). A velhice apresenta-se, portanto, como uma tradução sociológica, cultural e política do fenómeno do

envelhecimento (Andrade, 2002); e, de acordo com Bourdieu (1984), a idade é uma variável biológica socialmente manipulada.

Quando se refere o “envelhecimento”, podemos estar a apontar para, pelo menos, dois conceitos diferentes: o envelhecimento individual e o envelhecimento coletivo conforme refere Rosa (2012).

1.2.1 Envelhecimento Individual

No caso do envelhecimento individual, segundo a autora, podem distinguir-se duas situações: o envelhecimento cronológico e o envelhecimento biopsicológico.

❖ Envelhecimento cronológico

O envelhecimento cronológico, tal como o próprio nome indica, resulta exclusivamente da idade. É um processo universal, progressivo e inevitável - ao que parece, inscrito nos genes. Desde que somos concebidos, envelhecemos. Faz parte do processo do desenvolvimento do ser humano. *“E, embora, seja progressivo, tem momentos de aceleração variável, parecendo que é a partir de certa idade que todo o processo de envelhecimento se desenvolve, quando não é verdade.”* (Rosa, 2012, 19-20)

❖ Envelhecimento biopsicológico

O envelhecimento biopsicológico, sendo um reflexo do envolvimento cronológico, é diferente deste, ou seja, menos linear, não é fixo em termos de idade uma vez que é vivido por cada indivíduo de forma diferente. Varia de pessoa para pessoa, das vivências passadas, dos hábitos, do estilo de vida, do género, das condicionantes genéticas e da própria sociedade em que se vive. Estas são algumas das razões que justificam o facto de cada pessoa manifestar os sinais de envelhecimento de modo tão singular.

1.2.2 Envelhecimento coletivo

Tal como o envelhecimento individual, também o envelhecimento coletivo inclui duas noções: envelhecimento demográfico (ou da população) e o envelhecimento societal (ou da sociedade).

❖ Envelhecimento demográfico

Para compreender o envelhecimento demográfico, é necessário compreender que existem idades consensualmente aceites, a partir das quais, todos os indivíduos são classificados indistintamente em categorias fixas. Estas categorias são usualmente

referidas como a idade jovem, ativa e idosa. A utilização destas três categorias corresponde às principais fases do ciclo de vida: até aos 15 anos, antes da entrada na idade em que é possível ser-se ativo, os jovens; entre os 15 e os 64 anos, a idade ativa; e, finalmente, com os 65 anos ou mais, ou seja, a partir da idade “normal” de reforma, os idosos, também referidos como “terceira idade”.

Portanto, é a partir destas duas categorias que se desenvolve o conceito de envelhecimento demográfico (ou da população), que se explica como uma evolução particular da composição etária da população que corresponde ao aumento da importância estatística dos idosos (envelhecimento no “topo” da pirâmide etária) ou à diminuição da importância estatística dos jovens (envelhecimento na “base” da pirâmide etária).

De acordo com o que foi referido, o envelhecimento demográfico pode ser confirmado essencialmente através de três indicadores: o aumento da “idade média” da população, o aumento da percentagem de idosos na população e o aumento de pessoas com 65 e mais anos por cada 100 pessoas com menos de 15 anos (“índice de envelhecimento”).

Com efeito, independentemente do indicador utilizado, e de forma simples, a ideia é sempre a mesma: a população envelhece quando a população em idade idosa passa a valer mais em termos estatísticos.

No que diz respeito aos países industrializados, estes conhecem desde a segunda metade do século vinte, um acentuado envelhecimento demográfico, acompanhado pela diminuição da nupcialidade, pelo aumento de divórcios e pelo surgimento de novos padrões de conjugalidade.

Os recentes debates em torno do envelhecimento demográfico tendem a privilegiar a discussão dos impactos negativos e problemáticos do fenómeno do envelhecimento, em boa parte, pela incapacidade que temos tido em encontrar soluções que diminuam as dificuldades daí decorrentes.

O aumento progressivo da sobrevivência das novas gerações tem reflexos não só no tempo de vida de cada um, que passa a ser mais longo, como no aumento, que é também crescente, do número de indivíduos que atingem idades avançadas. Sobre a primeira vertente incidem grande parte das reflexões que adotam uma perspectiva mais individual e se ocupam dos impactos do envelhecimento biológico e da velhice na saúde. O desenvolvimento de uma perspectiva orientada para a segunda vertente, que é aquela que tem mais relevância para o nosso projeto, enfoca predominantemente nos impactos sociais do envelhecimento, especialmente nas políticas sociais de velhice.

❖ **Envelhecimento societal**

“Quanto ao envelhecimento societal, ele parece ter uma estreita articulação com o envelhecimento demográfico, no sentido em que parece resultar deste (tal como o envelhecimento biopsicológico em relação ao envelhecimento cronológico), embora tal não seja verdade”. Na verdade, “uma população pode estar a envelhecer e a sociedade não” (Rosa, 2012, 24). Isto significa que a sociedade pode reagir à alteração do curso dos factos, encontrando uma forma adequada de os enfrentar.

Pode então afirmar-se que a marca visível do envelhecimento societal é a de uma sociedade deprimida, que se sente “ameaçada” com a sua própria evolução etária e com as mudanças que em si acontecem. Porque, associado ao abrandamento do crescimento demográfico, este processo de envelhecimento pode significar a fragilização da economia. Fará diminuir o número de “produtores” e gerar uma desaceleração do ritmo da inovação, porque os mais jovens têm maior capacidade de inovar. Poderá também implicar um agravamento dos custos indiretos do trabalho, uma vez que serão necessários muitos descontos que a população ativa terá de fazer para suportar as reformas dos idosos e as despesas com os cuidados de saúde.

Em suma, tal como afirmam outros autores, o envelhecimento não é apenas um fenómeno demográfico, uma vez que, sendo portador de transformações sociais, económicas e culturais, constitui-se como um fenómeno estruturante das nossas sociedades (Quaresma, Fernandes, Calado & Pereira, 2004). É concomitante com os fenómenos migratórios, nomeadamente com o êxodo rural, com a diminuição do tempo de trabalho, com a implementação dos sistemas da segurança social e com a feminização do emprego. Este fenómeno demográfico é indissociável também dos progressos em termos de escolarização, formação profissional, de saneamento básico, alimentação, acesso a cuidados de saúde e à proteção social da velhice, o que correspondeu para a maioria dos países europeus à implementação do Estado de Providência.

1.2.3 Políticas sociais no âmbito da velhice

Face a todas estas mudanças, constata-se que o direito social à velhice é um direito social “teoricamente” conquistado, uma questão da sociedade que se cruza com a velhice no singular. Esta (velhice) problematiza-se e evolui no sentido da pluralidade e da diversidade, ao mesmo tempo que o direito social que a protege tende à homogeneização e à standardização. Contudo, este conflito que não é novo (as questões da velhice

nunca foram pacíficas) apresenta-se em contextos e quadros prospetivos radicalmente novos, dando lugar a muita investigação na área das ciências sociais.

Vive-se mais tempo, o que é propício à diversidade de experiências, podendo considerar-se isso como uma oportunidade acrescida de desenvolvimento para os indivíduos e para a sociedade. Os séiores “de hoje” são a primeira geração de idosos, reformados, a experimentar viver uma idade adulta prolongada, marcada pela coexistência da complexidade e diversidade dos papéis. “*Nunca tantos viveram tanto*”, como nos diz Adalberto Dias de Carvalho (2002, 7).

É um dado relativamente recente ser simultaneamente filho, neto, pai e avô. “*A gestão dos papéis no tempo e a própria gestão das idades apresentam-se como dados novíssimos da nossa experiência humana*” (Quaresma, Fernandes, Calado & Pereira, 2004, 5)

Neste contexto de transformações nas estruturas familiares, as formas de sociabilidade, convivência e mudanças no modo de vida culminam numa série de riscos. Riscos sociais, de saúde e ambientais, que todos, e os idosos em particular, enfrentam num tempo mais longo e de forma persistente. Riscos, por exemplo, de isolamento, de incapacidades, de exclusão e de solidão. As atuais gerações idosas são as primeiras a experimentar estas mudanças. Os mais idosos, os que vivem hoje a sua velhice, estão a sofrer os impactos (não premeditados), ainda mal conhecidos e, muitas vezes, socialmente renegados pela força, das representações negativas da velhice ou socialmente distorcidos.

O facto das políticas sociais no âmbito da velhice, se centrarem numa visão essencialmente reparadora da diminuição das capacidades físicas ou da perda de recursos económicos ligados ao trabalho, é revelador de critérios subjacentes à redefinição da afetação dos recursos em função do ciclo de vida, ou seja, da valorização relativa a cada fase, transformada em categoria. A implementação de políticas de velhice, em função de uma categoria associada a incapacidades e perdas, não tem favorecido a integração dos idosos nesta fase da sua vida. Pelo contrário, tem funcionado no sentido oposto, reforçando a cristalização das imagens desvalorizadoras da velhice e do ser velho.

Todos estes aspetos referidos anteriormente representam desafios recentes. Deste modo, também os países mais desenvolvidos têm realizado um esforço para tentar encontrar respostas para estes desafios. Podemos então concluir, tal como Lima (2010), que a capacidade de darmos resposta e apresentarmos alternativas às necessidades da população idosa depende da nossa aptidão para lidarmos de forma criativa com os novos

e velhos desafios. Para o efeito, torna-se pertinente considerar, como analisamos de seguida, que o aumento da esperança de vida assume várias dimensões, nomeadamente, a biológica, a psicológica e a social.

1.2.4 O envelhecimento biológico, psicológico e social

❖ Perspetiva biológica do envelhecimento

A componente biológica integrante do processo de envelhecimento relaciona-se com a vulnerabilidade do organismo e com a gradual probabilidade de morte. O envelhecimento biológico é entendido como a incapacidade progressiva do organismo (perda de funcionalidade e de adaptação ou resistência face ao stresse) em função da idade e da manutenção do processo homeostático (Nóvoa et al., 2001). Reflexos desse conjunto de alterações somáticas são os marcadores típicos do fenótipo do envelhecimento, como a redução da massa corpórea magra, a perda de peso, a pele enrugada e o cabelo grisalho. Essas alterações somáticas ocorrem a diversos níveis, nomeadamente (Filho, 1996, cit. Garcia 1999):

- **Celular ou histológico** - alterações no processo de reprodução celular, nucleares e citoplasmáticas, da membrana e dos componentes celulares;
- **Tecidual ou dermatológico** - aumento da secura da pele, tornando-se quebradiça e fina (sistema colagénio e sistema elástico);
- **Orgânico ou do sistema musculoesquelético** - diminuição da altura, da massa muscular, da força e da densidade óssea;
- **Morfológico** - alteração do peso;

Funcional:

- **Cardiovascular** - aumento da pressão arterial sistémica, da rigidez da parede arterial e do diâmetro das grandes artérias (embora estas mudanças não sejam só explicadas pelo avançar na idade);
- **Sistema respiratório** - decréscimo do metabolismo basal;
- **Sistema gastrointestinal** - diminuição da atividade enzimática;
- **Sistema urinário** - diminuição da massa e do fluxo sanguíneo renal;
- **De autorregulação** - perda de reservas fisiológicas;
- **Neurológico** - perda de neurónios e de neurotransmissores;

- **Da função imunitária** - aumento da possibilidade de replicação de erros na resposta imunitária;
- **Da visão** - atrofia dos tecidos e diminuição da drenagem lacrimal;
- **Da audição** - perda de audição neurossensorial;
- **Do gosto e do olfato** - deteção mais apurada dos sabores primários, como os amargos, e diminuição na deteção de odores, como os corporais.

❖ **Perspetiva psicológica do envelhecimento**

Osório e Pinto (2007) defendem que tendo por base a denominada teoria psicológica do “ciclo vital” ao longo da vida, existe um equilíbrio entre o crescimento (ganhos) e o declínio (perdas). Durante a velhice, o declínio ocorre em maior proporção do que o crescimento (em proporções diversas), mas ambas ocorrem ao longo do tempo de sobrevivência, existindo a capacidade de reserva ao longo de toda a vida. Esta capacidade é expressa através da possibilidade de compensar o declínio mediante exercícios ou manipulações externas. Estes autores também defendem que, por outro lado, existe uma grande variabilidade entre os idosos, existindo três formas de envelhecer: normal, patológica e bem-sucedida. Esta última pode ser procurada através de mecanismos de seleção, otimização e compensação.

Um aspeto fundamental da psicologia do envelhecimento está relacionado com os “estereótipos” ou imagens erradas, uma vez que o processo de envelhecimento é avaliado pelos seus efeitos negativos (falta de produtividade, perda de interesses na vida, incapacidade de adaptação a novas situações, entre outros.) sem se fazer distinção entre os conceitos de envelhecimento e de velhice.

Tal como se analisou no “Observatorio de personas mayores” (2002), os conceitos de envelhecimento e velhice referem-se a dois momentos muito diferentes. O envelhecimento é um “processo vital” que tem vindo a ganhar vitalidade nos últimos anos, ao passo que o conceito de velhice aparece como um “estado definitivo”, caracterizado pela ausência de futuro e de capacidades de transformação rumo ao bem-estar. No primeiro caso, o processo em causa era associado basicamente à transição entre ocupação e desocupação, ou entre uma pessoa “ativa” versus “reformada”. Esta situação levava, sem mais nada, à “velhice” como etapa de decadência, penúria económica, frustração, etc. Hoje, constata-se o contrário e afirma-se que o processo de envelhecimento constitui uma dimensão positiva que permite um desenvolvimento no âmbito do qual são possíveis, e convenientes, novas atividades.

Como consequência, os estereótipos negativos sobre as pessoas de idade estão a mudar na nossa sociedade. Já não existe uma tendência pessimista do “abandono dos interesses da vida”, conforme sustentava a teoria psicológica da desvinculação. Pelo contrário, impõem-se as teorias da “atividade” (novos papéis que substituem os antigos) e da “continuidade” (segundo a qual existe um desenvolvimento contínuo da vida adulta, que inclui a sua adaptação a situações externas negativas).

Um fator comum que parece destacar-se é a existência de atitudes diferentes em função das personalidades e, sobretudo, a procura do bem-estar. Encontramos sujeitos com maior independência, com grande margem de autonomia e, ao mesmo tempo, interessados em diferentes aspetos da realidade, desde a política até aos avanços das novas tecnologias, novas formas de participação e modelos de consumo, ao que se associa um alto nível de atividade que os idosos desenvolvem, apesar de não serem remunerados.

Dos diferentes fatores que contribuem para esta “revitalização das pessoas mais velhas”, destacamos os seguintes (Ministerio de Trabajo y Assuntos Sociales, 2001, 145-158):

- a) A melhoria e a universalização das pensões e reformas que favorecem a tendência generalizada de melhor consideração desta faixa etária, apesar das suas remunerações continuarem a ser, em muitos casos, baixas;
- b) O aumento e a melhoria formal e real da saúde pública, apesar das suas limitações institucionais em termos de cuidados (serviços médicos, lares, etc.);
- c) O aumento de práticas de autocuidados e higiene;
- d) A melhoria dos equipamentos domésticos;
- e) A integração na cultura do ócio;
- f) As atividades lúdicas e formativas através do associativismo no âmbito público e privado, com grande acolhimento em novos espaços de formação das Universidades;
- g) O desempenho de papéis ativos (cuidar dos netos, atividades de voluntariado);
- h) A incorporação progressiva na prática de consumos culturais (cinema, teatros, concertos, etc.) ou de compras nos centros comerciais;
- i) Acesso a artigos de vestuário e de cuidados pessoais que favorecem grandes mudanças na perceção dos idosos;

- j) Maior abertura e secularização moral das atitudes e percepções relativas à realidade, o que gera um maior “pluralismo” e abertura de pensamento, mesmo nos segmentos mais religiosos e tradicionais;
- k) Permeabilidade às novas tecnologias que permitem o respetivo acesso, interesse e utilização em diversas atividades da vida e facilitam múltiplos serviços (comunicação, teleassistência).

❖ O envelhecimento como um processo social

Para além dos processos biológicos e psicológicos, o envelhecimento é um processo cultural e social. O envelhecimento não é apenas medido pelo número de anos, nem pelo coletivo das pessoas que atingem uma maior longevidade. O envelhecimento também é encarado como um acontecimento que conduz à alteração de atitudes e de mentalidades, resultante das relações que se estabelecem entre grupos etários e as suas condições de vida.

Osório e Pinto (2007) referem que o significado da velhice nas sociedades antigas mais propensas à gerontocracia já não é igual ao das nossas sociedades modernas, onde o privilégio da “juvenilização” corre o risco de desvalorizar o papel e a função dos mais velhos (a sua sabedoria e a experiência como valores absolutos para a formação dos mais jovens), reduzindo-os a seres meramente passivos, sujeitos a cuidados ou, de qualquer modo, beneficiadores de determinados direitos e serviços que favorecem o seu bem-estar.

Atualmente, quando nos referimos às pessoas mais velhas, deparamo-nos com múltiplas designações, tais como “velhos”, “pessoas de idade”, “reformados”, “terceira ou quarta idade”, etc. Cada um tem, evidentemente, conotações diferentes. O termo “velho”, numa altura em que se valoriza o “juvenil”, aparece com mais conotações negativas do que positivas. Por este motivo, outros autores preferem falar de “velhice” como um estado de “envelhecimento” que começa precocemente e que ao longo da vida adulta se combina com processos de amadurecimento e desenvolvimento.

Neste contexto terminológico variado, para nos referirmos a pessoas de idade, o termo preferido e que tem vindo a adquirir um maior predomínio é o de “pessoas idosas”, o que de certa forma não define uma determinada etapa cronológica ou, muito menos, um intervalo específico de anos. Do ponto de vista sociológico, de acordo com os estudos dos vários observatórios nacionais da União Europeia, os próprios sujeitos preferem ser designados como “pessoas idosas”, “reformados” ou “séniores”. Muito poucos gostam que lhes chamem “anciões” e muito menos “velhos”.

1.2.5 O envelhecimento - Factos e Teorias

O envelhecimento e a velhice foram, desde sempre, motivo de reflexão do Homem, principalmente devido à aspiração à eternidade e à perplexidade face ao sofrimento e à morte (Paúl & Fonseca, 2005).

Os conceitos de envelhecimento e velhice, apesar de conceitos indissociáveis, estão em constante mudança, o que torna pertinente a sua fundamentação. Contudo, importa salientar que não são sinónimos. “Este último é o estado que caracteriza um grupo de determinada idade, o das pessoas com mais de sessenta anos” (Fontaine, 1999, 14).

Considerando que este projeto se centra na promoção do *Envelhecimento Ativo*, torna-se relevante fazer referência à evolução destes conceitos bem como ao surgimento das ciências que os estudam.

A análise da evolução histórica sobre o envelhecimento e a velhice será conduzida pela divisão proposta e fundamentada pela Professora Catedrática Fernández-Ballesteros (2000), organizada em três períodos: precursores, antecedentes científicos e consolidação. No entanto, outros autores (cf. Fontaine, 2000 e Paúl & Fonseca, 2005) serviram, igualmente, de referência, trazendo contributos importantes para esta reflexão.

❖ Precursores

A análise destes precursores proporciona a constatação de que o envelhecimento e a velhice foram objeto de reflexão ao longo dos tempos, verificando-se perspectivas muito distintas.

Segundo Fernández-Ballesteros (2000) os *precursores* surgem através do epopeico Gilgamesh, nos estudos Babilónicos, durante a primeira metade do terceiro milénio A.C., onde se revelavam aspetos numa luta constante contra a morte e, também, contra a velhice.

Posteriormente, o filósofo Platão (427-347 A.C.), na sua obra “*A Republica*”, apresenta uma visão positiva da velhice. Para este filósofo a velhice era uma etapa da vida em que o ser humano atinge maior sensatez, prudência, capacidade de juízo e astúcia.

Uma visão oposta à de Platão é apresentada por Aristóteles (384-322 A.C.), na sua obra “*Tratado de Retórica*”. Aristóteles define a velhice por quarta idade - a senilidade - caracterizada pela doença e deterioração.

Séneca (4-65 D.C.) também apresenta a velhice como “*senectus insaniabilis morbu*”. Contudo, Cícero (106-43 A.C.) faz novamente referência a uma visão mais positiva,

através da sua obra “*De Senectute*”. Cícero através sua obra utiliza exemplos míticos Gregos e Romanos, onde Zeus e Júpiter são designados como os pais de todos os Deuses e possuidores do poder máximo. Na mesma linha de pensamento, Galeno de Pérgamo (129-199 D.C.) defendia que o envelhecimento não é uma doença, mas sim mais uma fase normal da vida.

No século VI, com o surgimento do Renascimento e do Barroco, a percepção negativa voltou a evidenciar-se. Neste século, por exemplo, a mulher idosa era personalizada como seca, bruxa e fria. Esta imagem mantém-se ao longo da idade média, designadamente com *a lei do mais forte*, em que os idosos eram considerados escravos e tinham que obedecer aos mais fortes.

Avançando na história, nos séculos XIV e XV, numa época em que se viveram diversas epidemias, tal como a peste e a cólera, houve um número significativo de idosos que sobreviveram, o que despoletou uma consolidação do seu poder político e económico. No que respeita às artes, nomeadamente na pintura, Leonardo da Vinci e Miguel Ângelo atingiram o seu maior desempenho numa idade mais avançada, emergindo desta forma novos exemplos de que se pode trabalhar até a morte e atingir expoentes máximos também na velhice.

Já no século XVI, enaltece-se novamente a juventude através da medicina, da magia e da bruxaria, tentando-se retardar o mais possível o envelhecimento.

Estas mudanças verificadas ao longo dos séculos não afetaram outras culturas mais tribais, nomeadamente a dos Incas e dos Aztecas da América Latina. Nestas culturas, a população idosa era tratada com enorme consideração, existindo um código de normas, onde aos idosos era reconhecido o conhecimento, a experiência, as habilidades, as fundamentações religiosas, as bruxarias e ainda o controlo da família (tribo). Também na cultura Oriental, desde esta fase até à atualidade, ainda se considera a velhice como o período mais belo da vida.

❖ Antecedentes científicos

A segunda fase, definida também por Fernández-Ballesteros por “*antecedentes científicos*”, decorreu entre os séculos XVII e XIX. Os avanços científicos conduziram rapidamente à evolução de áreas como a filosofia, a patologia, a anatomia e a química, possibilitando desta forma um maior conhecimento sobre o envelhecimento. Estes avanços contribuíram, igualmente, para o aumento significativo da longevidade e, conseqüentemente, da população idosa. Contudo, apesar de alguma desmistificação da velhice, manteve-se a imagem tendencialmente negativa da velhice e do envelhecimento.

Durante a Revolução Industrial, os idosos eram considerados o povo não trabalhador, conseqüentemente não produtivo e, por isso, eram abandonados, acabando por muitos ficarem a viver na miséria. Nesta época Bacon (1561-1626) publica *"History of Life and Death"*, tornando-se um dos pioneiros da gerontologia. Este autor defendia que a vida humana poderia prolongar-se se existissem melhorias quer ao nível da higiene, quer ao nível das condições sociais e médicas. Quetelet (1796-1874) é outro dos estudiosos pioneiros a definir os princípios que regem o processo através do qual o ser humano nasce, cresce e morre. Posteriormente, Galton (1832-1911) tornou o estudo do envelhecimento mais abrangente, dedicando os seus estudos ao desenvolvimento, centrando-se essencialmente nas diferenças individuais ao nível das características sensoriais, físicas e motoras. Mais tarde, Hall (1844-1924) foi considerado como o primeiro psicogerontólogo através da sua obra *"Senescence"*. Entre as principais conclusões, destaca-se a ideia de que as diferenças individuais na velhice são significativamente maiores, relativamente às que surgiam noutras idades.

Nesta altura, outros investigadores destacaram-se tal como, Metschikoff (1903), Nascher (1909), Sthiglitz (1914) e Marjorie Warren (1930), reforçando a construção da gerontologia e da geriatria como ciências. Em 1933, Buller realiza um estudo biográfico de carácter retrospectivo com a finalidade de relacionar processos psicológicos e biológicos. No seu estudo, relacionou essencialmente as fases do ciclo vital com a idade, o rendimento, a personalidade e a adaptação (Erickson realizou um estudo similar). Pavlov (1894-1936), nos seus estudos sobre o sistema nervoso central e os processos reflexos e de condicionamento, concluiu que o condicionamento é mais lento nos organismos mais velhos, atribuindo a causa a uma condução menor das vias nervosas. Estes autores foram os principais impulsionadores da gerontologia.

❖ Consolidação

A “consolidação” proposta por Fernández-Ballesteros (2000) resulta do avanço da investigação científica e da afirmação da gerontologia como ciência. Considera-se que esta fase teve início com Cowdry (1939), através da obra “*Problems of Aging*”, onde este refere o tratamento das condições médicas e físicas da idade, acrescentando aspetos psicológicos e sociais. Também em 1939, é fundada a primeira associação de investigação: *Club for Research on Aging*.

Com o término da II Grande Guerra Mundial, surge a maior parte das associações de gerontologia. Em 1950, realiza-se o primeiro congresso na área da gerontologia em Liège, onde se forma a Associação Internacional de Gerontologia. Em 1961, surge a primeira revista científica da área, ainda hoje com enorme reconhecimento e impacto na área - “*The Gerontologist*”.

Já na segunda metade do século XX, sucede-se a expansão da ciência gerontológica, destacando-se os principais autores: Rowen, Kahn, Nolan, Birren, Hansen, Maeda, Schock, Thomae, Siegler, Schaie, Deeg, Busse, Ballesteros e Izal. Destacam-se também algumas iniciativas importantes, tais como o *Ano Internacional do Idoso* em 1999, decretado pela Organização das Nações Unidas, e a *Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento* em Madrid, em 2002.

Em Portugal, em 1951, funda-se a *Sociedade Portuguesa de Geriatria e Gerontologia*. Em 1980, decorreu “*1º Congresso Português de Geriatria/1ªs Jornadas Luso-Espanholas de Geriatria*”. Em 1998, surge a *Associação Portuguesa de Psicogerontologia*, que colabora na formação e na discussão de trabalho na área do envelhecimento.

Em jeito de conclusão, podemos afirmar que à medida que as sociedades foram evoluindo, os conceitos da velhice e do envelhecimento foram provocando alguma controvérsia. Com efeito, graças à globalização e à difusão constante de informação, tornou-se mais fácil a troca de experiências, o confronto de opiniões e, conseqüentemente, a avaliação e compreensão destes fenómenos tão complexos: o envelhecimento e a velhice.

1.2.6 Envelhecimento demográfico: oportunidades através da mudança de paradigma

O envelhecimento demográfico resulta sempre de um aumento dos grupos etários com mais idade e de uma diminuição dos grupos etários mais jovens e não apenas de um aumento da população idosa. Inversamente, também se pode deduzir que uma população rejuvenesce quando a proporção de jovens aumenta, face à proporção de pessoas idosas que diminui e não apenas quando a importância dos jovens aumenta numa sociedade.

Uma população pode envelhecer e rejuvenescer simultaneamente porque aumentam em simultâneo as proporções das pessoas idosas (envelhecimento no topo) e de jovens (rejuvenescimento na base) ou porque essas proporções diminuem (rejuvenescimento no topo e envelhecimento na base). A expressão “envelhecimento de uma população” é vaga e pouco precisa. Assim, é recomendável precisar de que envelhecimento se está a tratar. Neste trabalho, o envelhecimento demográfico a que nos referimos resulta do aumento dos grupos etários com mais idade e de uma diminuição dos grupos etários mais jovens.

Deste modo, não nos alongaremos na caracterização do envelhecimento demográfico em determinados períodos históricos, pois o fundamental dos dias de hoje não é encontrar medidas para inverter o andamento do processo ou para aumentar os seus efeitos, mas mudar o paradigma.

O fenómeno do envelhecimento das populações, apesar de ser comum à quase totalidade dos países desenvolvidos, começou a ser observado em momentos muito diferentes. Com o início da segunda metade do século XX, este fenómeno alargou-se a todos os países da Europa e do mundo desenvolvido, assistindo-se a uma melhoria significativa da qualidade de vida das populações (Cabrillo & Cachafeiro, 1992), com o consequente aumento da esperança média de vida à nascença que, na aurora do século XXI, ultrapassa os 80 anos para as mulheres e os 75 anos para os homens.

Uma característica idiossincrática da modernidade, que a distingue das restantes épocas da história da Humanidade, é o envelhecimento demográfico, definido como a “passagem de um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevados para um modelo em que ambos os fenómenos atingem níveis baixos” (Instituto Nacional de Estatística, 2002, 188).

O cenário português é semelhante ao de outros países Europeus. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2008), nos últimos anos em Portugal, as principais tendências

demográficas são o abrandamento do crescimento populacional total e o envelhecimento populacional. Este último decorre, por um lado, do estreitamento da base da pirâmide etária, fundado numa diminuição acentuada da fecundidade e, por outro, de um aumento da longevidade que se repercute numa maior colonização do topo da pirâmide.

O equilíbrio entre as diferentes idades e gerações começou a modificar-se devido ao aumento da população idosa e à diminuição da população jovem. Contudo, apesar da importância deste novo problema de equilíbrio do funcionamento da sociedade global, a quantificação das suas consequências apenas teve um eco significativo no mundo universitário e em alguns institutos vocacionados para a ação social.

Na segunda metade do século XX, existiram encontros nacionais e até mesmo internacionais, onde Portugal participou ativamente, com particular destaque para os congressos de geriatria e de gerontologia social, onde este o tema do envelhecimento era regularmente debatido, embora quase sempre numa perspectiva da melhoria das condições de saúde das pessoas idosas.

Também existiram iniciativas políticas de caráter institucional, nomeadamente a criação, embora temporária da CNAPTI (Comissão Nacional para a Política da Terceira Idade), onde este tipo de problemas ocupou efetivamente um lugar central) através do papel importante desempenhado pela Secretária de Estado da Família, pela Direção Geral da Família, pelo Observatório e pelo Conselho Consultivo para os Assuntos da Família.

Porém, estes sinais pontuais não foram suficientes, não existiu a nível local, regional ou nacional uma preocupação real em mudar o rumo dos acontecimentos ou, em alternativa preparar e educar a população para as consequências do envelhecimento.

Em 2009, fez 30 anos que foi publicada a primeira edição d'*O Envelhecimento da População Portuguesa*² que quis chamar a atenção para a “Sinfonia do Velho Mundo” que se anunciava.

O problema dos dias de hoje é completamente diferente. Já não se trata de anunciar um fenómeno com o objetivo de se poder tomar medidas preventivas. Trata-se, pelo contrário, de afirmar a sua irreversibilidade.

As Nações Unidas, no início do século, deram um importante contributo para a resolução deste problema ao introduzir nos seus sistemas de informação as seguintes modificações:

² In Nazareth, J., *O Envelhecimento da população Português*

- ◆ O grupo de jovens (0-14 anos) subdivide-se em:
 - ◇ Bebés (0-4 anos)
 - ◇ Crianças (5-14 anos);

- ◆ O grupo dos potencialmente ativos (15-64 anos) subdivide-se em:
 - ◇ Adolescentes (15-19 anos),
 - ◇ Jovens (20-24 anos),
 - ◇ Jovens ativos (25-44 anos)
 - ◇ Velhos ativos (45-64 anos);

- ◆ O grupo de terceira idade (65 e + anos) subdivide-se em:
 - ◇ Reforma precoce (65-74 anos)
 - ◇ Reforma tardia (75-84 anos)
 - ◇ Velhice (85 e + anos)

A introdução deste novo sistema de informação demográfica não é uma simples mudança de classificação com um interesse puramente académico. É estrategicamente importante, tal como defende Nazareth (2009) porque:

- I. Não concentra a sua atenção exclusivamente na problemática da terceira idade - são todos os grupos da estrutura etária que são repensados e modificados;
- II. A divisão da população potencialmente ativa (15-64 anos) em grandes grupos permite introduzir maiores níveis de flexibilidade nas análises elaboradas;
- III. Não se trata mais de relacionar a população potencialmente ativa com o grupo de terceira idade, mas de relativizar o valor destes conceitos;
- IV. Permite que a linguagem técnica convirja em direção à realidade social e económica (é pacífico reconhecer que existe um número cada vez maior de reformados em segunda carreira e que muitos dos jovens entre os 15 e os 25 anos - classificados como potenciais ativos - estão ainda em fase de formação).

Assim, as mudanças económicas, sociais e culturais a que temos assistido nos últimos anos produziram uma diversidade de situações no grupo dos 65 e mais anos que o impedem de ser tratado como um todo. É urgente aprender a separar a quantificação da velhice (85 e mais anos) da quantificação do grupo, a divisão entre reforma precoce (65 e 74 anos) e reforma tardia (75-85 anos). Na realidade, a configuração de uma plataforma estratégica para a mudança de atitude em relação à problemática dos idosos em Portugal, nas próximas décadas, passa pela extinção do conceito de terceira idade. Este grande grupo de idades não pode ser mais pensado com parâmetros clássicos que resultam de projeção de tendências do passado de agrupamentos estatísticos que perdem o seu significado económico e social.

Para terminar, habituámo-nos a considerar as pessoas com mais de 65 anos como sendo idosas, ou seja, como estando na antecâmara da morte, sem nos interrogarmos sobre o absurdo da questão.

Em suma, os efeitos de um processo de envelhecimento não são necessariamente todos negativos e só são preocupantes quando as suas consequências não foram previstos, nem planeadas. Uma mudança de paradigma na sociedade pode proporcionar a emergência de um novo tipo de sociedade. O envelhecimento demográfico é um constrangimento, sim, mas também pode constituir um conjunto de oportunidades. O importante é olhar para o processo de envelhecimento e encontrar novas alternativas e novas formas de lidar com o fenómeno. Neste trabalho, optamos por dar especial atenção à promoção do *Envelhecimento Ativo* e ao reforço da solidariedade entre gerações, pois entendemos que constitui uma oportunidade para ambas as gerações.

1.3 ENVELHECIMENTO ATIVO

O conceito de *Envelhecimento Ativo* foi registado pela primeira vez nos Estados Unidos da América, na década de 1960, aquando do desenvolvimento do conceito de envelhecimento bem-sucedido. De forma a percebermos a evolução deste conceito no tempo, apresentamos de forma sintetizada os principais documentos em que o *Envelhecimento Ativo* começou por ser considerado uma prioridade.

Na declaração de Alma-Ata, em 1978, refletiu-se a preocupação da questão demográfica relativa ao envelhecimento da população através do estabelecimento de diretrizes internacionais para as políticas de promoção da “saúde para todos”. Na “Carta de Promoção da Saúde de Ottawa”, em 1986, surge a primeira estrutura de ação concertada para a promoção da saúde. Na 51.ª Assembleia Mundial de Saúde, em 1988, celebra-se um acordo internacional para a aplicação das vinte e uma prioridades que emergiram nos vários países europeus na última década de então, com o documento “Saúde para todos: políticas para o séc. XXI”. É de salientar que a questão do Envelhecimento Ativo é a quinta prioridade, tendo ficado deliberado que, a partir do ano de 2020, as pessoas com mais de 65 anos deverão ter a oportunidade de aproveitar o seu potencial de saúde e de desempenhar um papel ativo na sociedade.

No século XXI, através do “Plano de Ação Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento” realizado em 2002, começa-se a adotar uma visão positiva do envelhecimento. Desde então, defende-se uma sociedade que integra as pessoas idosas, para que beneficiem de todos os aspetos de desenvolvimento social e económico. Logo as pessoas idosas têm o direito de envelhecer com dignidade e segurança, independentemente do local e de participar na sua comunidade. Ainda em 2002, a Unidade de Envelhecimento e Curso de Vida da Organização Mundial de Saúde (OMS) executa um projeto de política de saúde. Com o “Envelhecimento Ativo: uma política de saúde”, a OMS passa a considerar as noções de atividade, saúde e segurança inseridas num contexto de envelhecimento saudáveis, analisados mais pormenorizadamente neste subcapítulo. Considera-se que um indivíduo pode permanecer ativo através da sua participação na sociedade, seja ela de índole social, económica, cultural, espiritual ou cívica. É a partir deste século XXI que muito célebre ficou a ideia de que, como passou a haver mais anos de vida, há então que dar vida aos anos.

Em 2002, a Organização Mundial de Saúde (OMS) avançou com um novo conceito, o de Envelhecimento Ativo, que surge na sequência do envelhecimento saudável preconizado até então. O conceito de Envelhecimento Ativo é mais abrangente, estendendo-se para além da saúde, a aspetos socioeconómicos, psicológicos e ambientais, integrados num modelo multidimensional que explica os resultados do envelhecimento.

O novo paradigma surge como sendo mais consensual, no sentido que preconiza a qualidade de vida e a saúde dos mais velhos, com manutenção de autonomia física, psicológica e social, em que os idosos estejam integrados em sociedades seguras e em que assumam uma cidadania plena.

O conceito “ativo” remete para uma participação e envolvimento nas várias questões sociais, culturais, económicas, civis e espirituais, e não apenas à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho. Esta nova forma de entender e perspetivar o envelhecimento enfatiza a importância das pessoas perceberem o seu potencial para a promoção do seu bem-estar e, sobretudo, da sua qualidade de vida (Ribeiro & Paúl, 2011, 2). Segundo os mesmos autores: “O Envelhecimento Ativo é considerado numa perspetiva de curso de vida, em que envelhecer não se inicia algures num ponto específico, como seria por exemplo, a idade legal da reforma, mas corresponde antes a um processo que se estende ao longo de toda a vida e em que a história individual se constrói progressivamente e se materializa em resultados profundamente heterogéneos e idiossincráticos. Cada momento, de todas as esferas da vida, contribui para uma adaptação mais ou menos favorável aos desafios do envelhecimento, num balando de ganhos e perdas que se equilibram diferentemente em cada percurso individual.”

O modelo de Envelhecimento Ativo, conforme preconizado pela OMS (2005), depende de uma diversidade de fatores, nomeadamente: ordem económica (rendimentos, proteção social, oportunidades de trabalho digno); relativos a serviços sociais e de saúde (orientadas para a promoção da saúde e prevenção de doenças, acessíveis e de qualidade); comportamental (estilo de vida saudáveis e participação ativa no cuidado da própria saúde); pessoal (fatores biológicos, genéticos e psicológicos), do meio físico (acessibilidade a serviços de transportes, moradias e vizinhança seguras e apropriadas, água limpa, ar puro e alimentos seguros), e ainda determinantes sociais (apoio social, educação e alfabetização, prevenção de violência e abuso) conforme podemos observar na figura abaixo.



Ilustração 1 - Determinantes do Envelhecimento Ativo (de acordo com OMS, 2005)

Se analisarmos atentamente esta a figura 1 é possível constatar que nas determinantes propostas não são incluídas as políticas públicas, o que na nossa opinião significa uma grande lacuna. Caberá ou não ao Estado definir políticas públicas de intervenção neste âmbito do *Envelhecimento Ativo*? De facto, cada um dos determinantes do *Envelhecimento Ativo* desdobra-se em inúmeros aspetos, de onde devem (ou deveriam) emergir sobretudo políticas a implementar pelos governos e pelas instituições. Na verdade, apesar de proliferarem abordagens coletivas destinadas a promover um envelhecimento com saúde (o Plano Nacional de Saúde Português e respetivas medidas são disso exemplo), podemos constatar que projetos mais individualizados, dirigidos explicitamente às pessoas singulares (sejam elas pessoas mais velhas ou não) são ainda escassos. Sendo certo que, a nível individual, o *Envelhecimento Ativo* deve ser incentivado através de ações capazes de dotar as pessoas de uma tomada de consciência acerca do poder e do controlo que têm sobre a sua vida, a promoção de mecanismos adaptativos, de aceitação e de autonomia assumem-se como uma prioridade.

Vejamos os conceitos chave deste novo paradigma e o modo como dependem, além de variáveis biologicamente determinadas, também de processos de auto-regulação emocional e motivacional. Esses conceitos são:

- I. **a autonomia**, considerada no sentido de controlo individual sobre a vida e a capacidade inalienável de decisão;
- II. **a independência**, nas atividades de vida diária e nas atividades instrumentais de vida diária, ou seja, a capacidade de cuidar de si próprio, na manutenção básica do seu corpo e no exercício de competências de manipulação do mundo externo, igualmente essenciais à rotina diária;
- III. **a expectativa de vida saudável**, traduzível no tempo de vida que se pode esperar viver sem precisar de cuidados especiais;
- IV. **a qualidade de vida**, a qual incorpora, de modo complexo, a saúde física, o estado psicológico, o nível de dependência, as relações sociais, as crenças pessoais e as características do ambiente em que a pessoa se encontra inserida.

Encontrando-nos perante um modelo que integra, ele próprio, conceitos tão latos como este último de qualidade e vida, rapidamente compreendemos a importância de considerar os aspetos valorizados pelas próprias pessoas na definição do seu bem-estar, bem como na adequação do ambiente social e físico em que estão inseridas.

De um ponto e vista mais amplo, a abordagem do *Envelhecimento Ativo* proposta pela OMS (2005) reconhece a importância dos direitos humanos das pessoas mais velhas e dos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e auto-realização estabelecidos pela Organização das Nações Unidas. Esta abordagem, emergindo de um posicionamento que enfatiza e apoia a responsabilidade das pessoas mais velhas no exercício da sua participação nos vários aspetos que caracterizam o seu quotidiano (ao invés de uma consideração como alvos passivos), requer ações ao nível de três pilares básicos conforme sugere a imagem seguinte:

- I. Saúde;
- II. Segurança;
- III. Participação social.

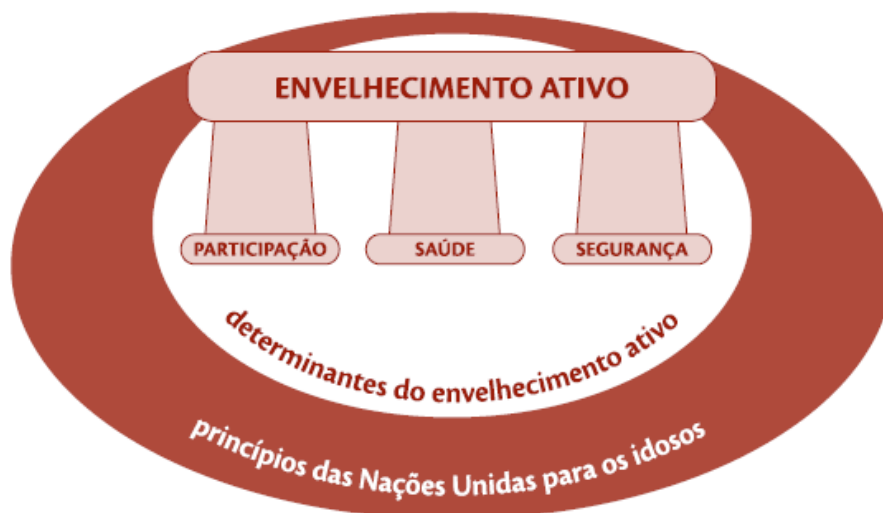


Ilustração 2 - Os três pilares da estrutura política para o Envelhecimento Ativo (de acordo com a OMS, 2005)

❖ **Saúde, segurança e participação social**

O primeiro dos pilares em que se sustenta o modelo do Envelhecimento Ativo remete para o fator saúde, baseado em diagnósticos médicos ou percebido pelo próprio. A saúde é desde logo como um dos aspetos centrais do envelhecimento.

O segundo, a segurança, abrange um largo espectro de questões macro que lançam um olhar crítico sobre o planeamento urbano e os lugares habitados, mas também atentam sobre os espaços privados e o clima social de não-violência das comunidades.

Acresce a estes dois o terceiro pilar, a **participação social** na comunidade em que se está inserido e que é marcado pelas relações estabelecidas com distintos subsistemas institucionais tal como a família e os grupos de pares.

Contudo, existem autores como Walker (2002) que entendem que o conceito de *Envelhecimento Ativo* não se insere numa estratégia governamental concertada e coerente, pelo que muitas vezes é apenas um mero *slogan*.

Ainda assim, dando sequência à iniciativa dos «anos europeus», as instituições europeias elegeram 2012 para lançar um conjunto de ações destinadas a sensibilizar os cidadãos para a importância do *Envelhecimento Ativo* e da Solidariedade entre as Gerações através da Decisão n.º 940/2011/UE.

Segundo a Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2011º, o *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações* (AEEASG) pretendia contribuir para promover uma cultura de *Envelhecimento Ativo* na Europa, convocando valores europeus como a solidariedade, a não discriminação, a independência, a participação, a dignidade, os cuidados e a auto-realização das pessoas idosas, concorrendo para o desenvolvimento harmonioso das sociedades europeias.

Esta iniciativa seria, igualmente, uma oportunidade para refletir sobre os efeitos do envelhecimento demográfico e sensibilizar os decisores políticos e a sociedade em geral para as oportunidades e desafios que uma maior longevidade podem trazer, nas áreas do emprego, cuidados de saúde, serviços sociais, educação de adultos, voluntariado, habitação, informática e transportes.

Os objetivos principais do AEEASG:

- ◆ Sensibilizar para a importância do *Envelhecimento Ativo* e da solidariedade inter-geracional;
- ◆ Promover o intercâmbio de informações e de experiências;
- ◆ Dar a possibilidade de elaborar políticas mediante o desenvolvimento de atividades específicas e a fixação de objetivos concretos.

Outros objetivos do AEEASG:

- ◆ Incentivar as iniciativas destinadas a promover a participação cívica e as atividades intergeracionais a nível da EU.
- ◆ Criar condições para que os organizadores de atividades pudessem melhorar a sua qualidade e desenvolver novos tipos de atividades, bem como incentivar a criação de redes, a mobilidade, a cooperação e as sinergias no interior da sociedade civil e entre a sociedade civil e os outros setores no contexto da UE;
- ◆ Sensibilizar os cidadãos para o valor e a importância do *Envelhecimento Ativo* enquanto expressão de participação cívica e enquanto atividade que contribuisse para a realização de objetivos comuns a todos os Estados membros, como o desenvolvimento harmonioso da sociedade e a coesão social.

1.4 A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

"Toda a nossa sociedade vai ter de se adaptar às necessidades da sua população envelhecida, mas também terá de enfrentar as novas dificuldades enfrentadas por outros grupos etários, para que todas as gerações sejam capazes de continuar a apoiar-se mutuamente e a viverem juntas pacificamente".

AGE PlatformEurope¹(2009)

Através desta declaração podemos constatar que se torna necessário encontrar um caminho para a promoção das relações entre gerações e para o crescimento e desenvolvimento dos próprios programas intergeracionais.

Segundo Boudon (1990, 113), geração é “um conjunto de pessoas nascidas num dado período e que têm mais ou menos a mesma idade”. Por sua vez, “intergeracionalidade” é uma palavra composta por aglutinação, que resulta da junção do termo *inter* que exprime “a ideia de “entre, dentro de, no meio” e do termo *geracional* que remete para a ideia de “relativo a uma geração, próprio de uma geração”. Neste sentido, a palavra *intergeracionalidade* suscita a ideia de “entre gerações” e de relações entre gerações (Nunes, 2009).

Importa esclarecer que, embora vulgarmente se associe a intergeracionalidade às relações entre crianças e idosos, esta é mais abrangente que isso, envolvendo intervenientes de várias gerações.

Relacionados com a intergeracionalidade, surgem vários conceitos, nomeadamente as relações intergeracionais, programas e atividades intergeracionais, e ainda educação intergeracional. Quanto à definição das relações intergeracionais, que é a que nos interessa explorar mais pormenorizadamente, Peacock e Talley (1984, cit. Nunes 2009) referem-se a estas relações como uma interação planeada de grupos de pessoas com idades diferentes, em diferentes fases da vida e em diferentes contextos.

Moragas (1997) afirma que as relações intergeracionais podem ser solidárias, sendo que proporcionam ajuda em certos momentos vitais. Segundo o autor, quando se reconhece a necessidade da compreensão entre gerações e os jovens são educados para praticá-la, fomenta-se a integração entre as diferentes idades e, conseqüentemente, reduz-se o conflito social.

A Comissão para as Comunidades Europeias (COM, 2007, 244) considera que se tem tornado claro que o balanço da concretização das relações intergeracionais nas sociedades europeias assenta num modelo intergeracional de relações de solidariedade, mais complexas do que no passado. Camden (2007) também relata que já existe um pequeno corpo de pesquisa que sugere que a promoção do contacto e cooperação entre pessoas de diferentes gerações ajuda a construir comunidades locais coesas, pois permite a co-aprendizagem e estimula a inclusão social, a responsabilidade, a cidadania participativa e o respeito mútuo. A propósito, todos os anos, no dia 29 de abril, assinala-se o Dia Europeu da Solidariedade e Cooperação entre Gerações.

As primeiras iniciativas de natureza intergeracional em Portugal ocorreram em 1999, no Ano Internacional das Pessoas Idosas, com o surgimento do Projeto Tio (“Terceira Idade On Line”). Este projeto apresentava como objetivos: “reforçar a participação ativa dos idosos na sociedade da informação, promover a saúde e qualidade de vida dos idosos e fomentar o relacionamento e o conhecimento intergeracional” (Nunes, 2009). Atualmente, o projeto é gerido pela Associação Vida - Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Ativo e é constituído por uma plataforma para a criação de uma comunidade virtual de cidadãos seniores, os seus familiares e/ou cuidadores (Manual de Boas Práticas - Intergeracionalidade 2004, citado por Nunes, 2009).

Contudo, estas iniciativas tiveram pouca visibilidade uma vez que as atividades foram apenas pensadas no contexto de relações de parentesco e dentro das instituições que acolhem idosos.

Fruto do resultado destes dois projetos, foi promovido o Projeto Net@vó, também ele com o objetivo de explorar a intergeracionalidade enquanto forma de fomentar a solidariedade e aprendizagem entre gerações (Nunes, 2009).

Torna-se pertinente referir que aquando da recolha de referências bibliográficas sobre a temática da intergeracionalidade no contexto português, deparamo-nos com duas perspetivas que nos remetem para o nível familiar. Ou seja, por um lado a promoção do contacto entre os filhos adultos e os pais idosos, e por outro, a promoção do contacto entre netos e avós. Entendemos que existe uma lacuna que necessita de se ser colmatada, pois as relações intergeracionais podem e devem verificar-se entre todas as faixas etárias, e não apenas entre crianças e idosos. Em suma, torna-se necessário que no futuro, as ações desenvolvidas incluam todas as faixas etárias e não apenas os mais novos e os mais velhos conforme se tem vindo a preconizar.

1.5 INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA

Segundo Marchioni (1999, cit. Gómez *et al* 2007), nos países europeus, a Intervenção Comunitária desenvolve-se para satisfazer as necessidades básicas de uma população através de uma melhor utilização e coordenação dos recursos (organização da comunidade), para evitar a dicotomização social e integrar os excluídos através de intervenções na situação económica e de trabalho pelo crescimento económico (Desenvolvimento Comunitário). Neste sentido, o mesmo autor (*ibidem*, 121) define-o como “um processo de melhoria das condições de vida de uma determinada comunidade, ou seja, não dirigido apenas a solucionar ou melhorar uma situação patológica ou negativa, supondo que toda a realidade é melhorável e que cada comunidade verá por onde e como pode melhorar a sua situação e quais são os aspetos, temas ou problemas mais prioritários e importantes. Este processo de melhoria, portanto, é um processo contínuo, ainda que se possa produzir ou desenvolver por etapas e não possa ser limitado a esgotar-se num projeto ou programa a prazo (seis meses ou um ano) ”.

Seguindo a definição deste autor, o Desenvolvimento Comunitário é um processo humano dinâmico que se concretiza no tempo e no espaço em que a participação e a implicação dos elementos comunitários fundamentais (a população, a administração local e os recursos técnicos, profissionais e científicos existentes), enquanto protagonistas e destinatários do processo, desenvolvem-se por relações dialéticas e em que cada um exerce o seu papel, as suas competências e atribuições de forma aberta e democrática, na realização de um projeto coletivo.

Marchioni (1999)	Intervenção Comunitária	<p>Melhoria contínua das condições de vida.</p> <p>Protagonismo dos elementos comunitários fundamentais (população, administração local e recursos técnicos, profissionais e científicos).</p> <p>O uso equilibrado e coordenado dos recursos comunitários.</p> <p>Relações abertas e comunitárias.</p> <p>Execução de um projeto coletivo</p>
------------------	-------------------------	--

Tabela 1 - Resumo da Intervenção Comunitária segundo Marchioni adaptado – Gómez et al (2000, 124)

Segundo Freitas (2000, 57-58), que reuniu algumas definições de autores e investigadores portugueses, os traços do Desenvolvimento Comunitário são os seguintes:

- a) Processo que integra a ação educativa pessoal e comunitária no conjunto de estratégias;
- b) Orientado para /ou de iniciativa autónoma e local;
- c) Promotor do bem-estar e a melhoria da qualidade de vida;
- d) Promotor do desenvolvimento endógeno;
- e) Processo multidimensional;
- f) Carácter quantitativo e qualitativo.

De uma forma geral, o autor refere que um dos pontos convergentes na totalidade dos autores portugueses é a tendência de dar lugar a uma conceção de desenvolvimento integrado, assente numa lógica territorial e emergida da falência de um conceito de desenvolvimento convencionado por políticas económicas e pelo produtivismo.

A comunidade aparece como um conceito operativo importante quando falamos de Desenvolvimento Comunitário, pois quando abordamos a questão do Desenvolvimento Comunitário, referimo-nos ao fim que se pretende atingir, ou seja, não o desenvolvimento “na” comunidade, mas o desenvolvimento “da comunidade” (Osorio, 1999) - destinada a reforçar um espaço comunitário mediante canais de comunicação e de cooperação, em que a comunidade se assume como protagonista do processo a desenvolver. O conceito de comunidade designa assim uma entidade social e espacial determinada por um território e pelos seus habitantes, por uma estrutura social e códigos culturais singulares. É um espaço onde existem os problemas, as necessidades, os projetos e as esperanças de um grupo de pessoas que, a partir da sua organização em diversas instituições, pretendem dar resposta aos desafios do seu meio.

A diversidade e complexidade dos elementos inerentes ao conceito de comunidade dificultam a sua definição; contudo, num sentido operativo e na perspectiva de Ander-Egg (1982, 21), pode afirmar-se que “a comunidade é uma unidade social cujos membros participam de algum interesse, elemento ou função comum, com consciência de pertença, situados numa determinada área geográfica, na qual a pluralidade de pessoas interatua mais intensamente entre si do que outro contexto”.

A propósito, Vidal (1933, 19-20) defende que a Intervenção Comunitária deverá:

- a) Centrar-se nos coletivos ou grupos de pessoas, não em indivíduos;
- b) Perseguir objetivos de potenciação e desenvolvimento humano (ou prevenção da problemática) e não meramente assistencialistas;
- c) Realizar-se na comunidade ou contexto em que se gera a problemática a resolver (ou aproximar-se geográfica, social e culturalmente a ela), não num ambiente institucional separado;
- d) Trabalhar “desde a base” (partir das necessidades e recursos do grupo afetado) ou através de mediadores comunitários;
- e) Usar um modelo conceptual e explicativo supra individual: ecológico, adaptativo, sistémico, interativo ou transaccional, de ação e mudança social, etc.;
- f) Maximizar a iniciativa e participação do próprio coletivo;
- g) Ser integral e integralmente multidisciplinar, não unidimensional e unidisciplinar (especializado);
- h) Promover a comunidade e integração social, face ao isolamento e à desagregação;
- i) Usar um estilo interventivo proativo em busca da exigência, de recursos pessoais e sociais, baseado em relações mais igualitárias, frente a um estilo retroativo (atuar depois e desde as consequências), de espera passiva, de patologias e défices baseados em relações claramente hierárquicas e profissionalizadas;
- j) Planificar e organizar globalmente (e territorialmente) a avaliação e intervenção.

Relativamente à metodologia, esta deve adequar-se a cada nível de atuação, contexto ou comunidade e problema concreto. Tal como afirmou Quintana (1991), o Desenvolvimento Comunitário constitui uma tecnologia muito parecida com a Investigação Participativa ou Investigação Ação. Esta opinião também é partilhada por Sousa (1963) na medida em que assegura ser o melhor procedimento para controlar a ação pessoal e para a análise dinâmica deste processo.

Hall e Kassam citados por Gómez *et al.* (2007, 138), assinalam as seguintes características fundamentais da Investigação-Ação Participativa:

- a) O problema que se vai estudar origina-se na própria comunidade ou local de trabalho;
- b) O objetivo último da investigação é a transformação estrutural e a melhoria da vida dos sujeitos implicados;
- c) A investigação participativa implica a gente no local de trabalho ou comunidade que controla todo o processo global da investigação;
- d) O foco de atenção da investigação participativa situa-se no trabalho de emancipação de grupos oprimidos ou explorados;
- e) Nesta investigação é central a tomada de consciência da população sobre as suas próprias capacidades e recursos, bem como o seu apoio para mobilizar-se e organizar-se;
- f) O termo “investigador” designa tanto as pessoas do local de trabalho como aqueles que contam com a formação especializada;
- g) Embora aqueles com conhecimento e formação especializada frequentemente provenham de um contexto externo são comprometidos participantes e aprendizes num processo que leva mais à camaradagem do que à indiferença.

Em suma, devemos ter consciência de que todo o trabalho comunitário pressupõe entender, primeiramente, as comunidades e as pessoas como agentes de mudança, grupos e pessoas com capacidade de alterar a sua vida pessoal, os seus hábitos, atitudes e comportamentos e de influenciar a dinâmica cultural. Só depois é que podemos pensar em potenciar a sua iniciativa, para que as pessoas possam expressar-se em condições de igualdade com o fim de negociar o conteúdo e o significado das normas morais, e reconhecer, na prática, o direito social à participação na vida pública.

1.6 “DA TEORIA À PRÁTICA”

“Toda a teoria deve ser feita para poder ser posta em prática, e toda a prática deve obedecer a uma teoria. Só os espíritos superficiais desligam a teoria da prática, não olhando a que a teoria não é senão uma teoria da prática, e a prática não é senão a prática de uma teoria.”³

No final do primeiro capítulo, tornou-se necessário refletir sobre a “teoria” apresentada anteriormente e sistematizar algumas considerações que entendemos ser pertinentes.

Relativamente à intervenção comunitária, estudamos que esta se desenvolve *por e para* uma determinada comunidade e que assenta num território definido e concreto, com características peculiares e problemas específicos. Contudo, na nossa opinião, entendemos que existem alguns projetos que continuam a ser implementados sem se adequar ao contexto, às necessidades, interesses e expectativas da população. O que deveria acontecer era sim, a união de esforços das IPSS, Coletividades, Associações, Poder Local e outros organismos quer na aferição das necessidades e expectativas da população quer na própria execução dos projetos. O facto de serem iniciativas pontuais e centralizadas num determinado espaço geográfico é outro aspeto que entendemos que merece ser realçado, uma vez que esta realidade contribui para que sejam sempre os mesmos a beneficiar das oportunidades.

Relativamente ao *Envelhecimento Ativo* e encontro entre gerações, o que temos vindo a constatar é que existe uma falta de iniciativas que valorizem a prática da intergeracionalidade entre todas das faixas etárias no nosso país. O que verificamos, tal como já foi referido anteriormente, é que as ações desenvolvidas são direcionadas essencialmente para crianças e idosos. Aliado a esta realidade, acresce ainda o facto de estes estarem, muitas das vezes, institucionalizadas no mesmo edificado (Creche/Jardim-de-infância vs Centro de Dia/Lar de Terceira Idade, p. e). Contudo, existem muitos outros idosos que também poderiam beneficiar destas iniciativas mas que continuam a ficar “à margem”.

É importante lançar um novo olhar sobre a questão da intergeracionalidade, e projetá-la num contexto de partilha de experiências, adequadas às realidades locais e às motivações dos intervenientes. Fazer com que gerações interajam entre si de forma ativa

³ Fernando Pessoa, in 'Palavras iniciais da Revista de Comércio e Contabilidade'

e dinâmica, onde não somente duas gerações interajam entre si, mas haja um conjunto de gerações em interação.

O projeto proposto foi idealizado segundo esta perspectiva, de forma a colmatar uma lacuna existente, contrariando aquilo que se tem vindo a desenvolver ao nível dos projetos de intervenção comunitária em prol do *Envelhecimento Ativo* e do encontro de gerações.

CAPÍTULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PROJETO

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO: O CONCELHO DA MURTOSA

2.1.1 Localização geográfica

O concelho da Murtosa situa-se no Distrito de Aveiro, que pertence à região Centro e sub-região do Baixo Vouga. É sede de um pequeno município com 73,65 km² de área e 10 585 habitantes residentes (INE, 2011). A Murtosa está dividida em 4 freguesias (Bunheiro, Monte, Murtosa e Torreira). O concelho encontra-se dividido em duas partes pelo braço norte da ria de Aveiro, estando as freguesias do Bunheiro, Monte e Murtosa situadas a Este e a Torreira a Oeste deste braço da Ria.

O território principal, onde se localiza a vila e limitado a norte e nordeste pelo município de Estarreja, está ligado a sul ao município de Aveiro e de Albergaria-à-Velha através da ria de Aveiro. O concelho também é limitado a Norte, por terra, pelo município de Ovar e a Sul pelo de Aveiro, tendo um litoral na ria de Aveiro a Este e no oceano Atlântico a Oeste.

Apesar da luta pela criação do concelho da Murtosa ter conhecido a sua apresentação nas cortes como Projeto-lei em 1898, só a 29 de outubro de 1926, após muita insistência, é que a Murtosa foi oficialmente desanexada do concelho vizinho de Estarreja.

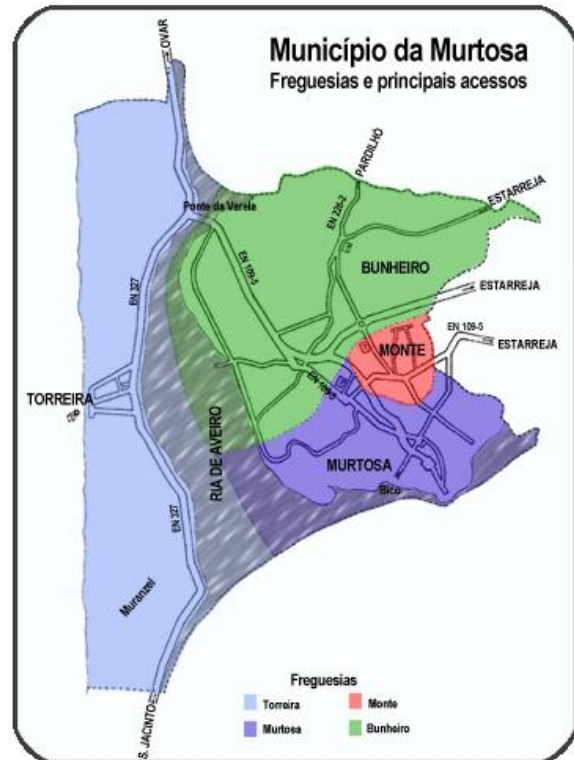


Ilustração 3 – Mapa do Município da Murtosa

2.1.2 Demografia

De acordo com os dados do último recenseamento da população (INE, 2011), a Murtosa foi o concelho que mais cresceu no Distrito de Aveiro, em comparação com os resultados de 2001.

Seguidamente, apresentamos a população residente no concelho da Murtosa (10.585 habitantes), distribuída pelas classes etárias referidas no subcapítulo 1.2.6. Em primeiro lugar segundo uma classificação mais “clássica”, e, seguidamente de acordo com a mais recente classificação definida pelas Nações Unidas,

Classe Etária	0-14	15-64	65-84	> 85
Habitantes	1639	6558	2084	304

Classe Etária	0-4	5-14	15-19	20-24	25-44	45-64	65-74	75-84	> 85
Habitantes	506	1133	598	570	2882	2508	1231	853	304

Tabela 2 - Análise Etária do Concelho da Murtosa (INE,2011)

Da população residente, podemos ainda destacar que 48.14 % são do género masculino e 51.86 % são do género feminino. É importante ainda referenciar que a dimensão média de cada família é de 2.8 elementos.

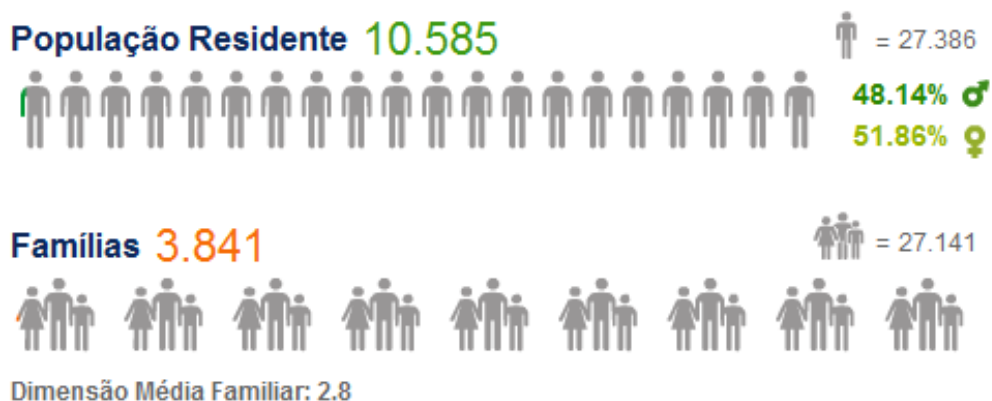


Ilustração 4 - População residente no concelho da Murtosa (INE, 2011)

Não é de ânimo leve que se descreve ainda hoje o povo da Murtosa como um povo de emigrantes. A emigração faz parte da história do concelho. Foi no final do século XIX que os Murtoseiros começaram o seu movimento emigratório. Segundo os registos históricos, o primeiro país para o qual os murtoseiros terão emigrado terá sido o Brasil. Já no início século XX, começaram a emigrar para os E.U.A. e, por volta do meio deste século, houve também uma grande corrente de emigração para a Venezuela. A partir da década de 60, verifica-se a descoberta de novos países de emigração, países mais próximos, como a França e mesmo a Alemanha. Mas é, contudo, na década de 70 que o movimento emigratório dos murtoseiros se intensifica. Por esta altura, os murtoseiros atravessam o oceano atlântico em direção aos EUA., ao Canadá e à Venezuela, mas também emigram para a Europa, para França, para a Alemanha e para o Luxemburgo.

O êxodo da população nestas décadas era com a perspetiva de encontrar melhores condições de trabalho e reunir alguma estabilidade económica para, com o decorrer do tempo, regressar à sua terra natal definitivamente e aproveitar o resto das suas vidas. Este fenómeno fez com que pessoas já para além da idade adulta regressassem à Murtosa, após uma longa vida de emigração e enriquecidas pelo contacto com outras culturas.

2.1.3 A importância da agricultura e da pesca

O concelho da Murtosa insere-se numa área geográfica com uma matriz identitária e cultural muito própria, marcada pela relação ancestral da população marinhola com a Água (Ria e Mar) e a Terra, evidenciada naquelas que foram, e são ainda atualmente, as principais atividades económicas locais: a pesca e a agricultura.

Desde há muito que o concelho foi delineando a sua autossuficiência com base na complementaridade entre a pesca e a agricultura.

A agricultura é, sem dúvida, uma das bases económicas do concelho, cujo expoente máximo é o leite. A produção leiteira assume sem dúvida uma grande importância e a paisagem é marcada, anualmente, pelo cultivo do milho para silagem e pelas pastagens, culturas fundamentais para a alimentação animal.

A pesca é outro dos pilares económicos do concelho. A sua proximidade com o mar e com a ria e as tradições ancestrais fazem com que centenas de famílias façam destes recursos o seu principal meio de subsistência.

Este facto e a necessidade de escoar o pescado levaram a que, no passado, se tenham desenvolvido indústrias de transformação e conservação do pescado, que assumiram grande importância no concelho.

2.1.4 A paisagem, a cultura e as tradições

A Murtosa é uma vila de grande riqueza ambiental e paisagística, para a qual contribui a sua proximidade com o mar e a ria. A beleza do património natural é única e convida todo o visitante a longos e tranquilos passeios, de bicicleta ou a pé, numa constante descoberta da sua fauna e flora, através de um misto de campos férteis, margens ribeirinhas e praias.

É também uma terra com grandes tradições artesanais. Da relação ancestral que os murtoseiros partilham com o Mar e com a Terra, nasceu o seu maior ex-libris: o barco Moliceiro. Este barco é uma das mais belas, senão a mais bela, embarcação do mundo e o mais perfeito resultado da simbiose entre ria e terra, uma vez que era da ria que provinha o moliço, que este barco recolhia, para fertilizar as terras de cultivo agrícola. Os seus painéis decorativos são umas das tradições artesanais mais ricas do concelho.

As artes de pesca tradicionais, como a xávega e o chinchorro, e toda a aparelhagem relacionadas com elas, fazem também parte da identidade do concelho.

O artesanato local é também bastante variado: as esteiras de bunho, as rodilhas, as cangas e as miniaturas dos barcos tradicionais são alguns exemplos.

As tradições religiosas também assumem a sua importância e são tradições muito enraizadas na população. Ainda hoje, a Romaria do S. Paio, as novenas de S. Gonçalo, a dança dos Ditos, o cortejo dos Reis, o cortejo do S. Brás e a queima do Judas fazem parte do património cultural das gentes da Murtosa, ao qual se junta o património edificado como igrejas, capelas e outros monumentos.

Para além disso, as gentes da Murtosa possuem também um grande acervo de “mezinhas”, curas e rezas tradicionais, como é o caso do “talhar da augaço”. Finalmente, mas não menos importante, a gastronomia local, onde, mais uma vez, é colocada em evidência a relação entre o que a terra produz e o que o mar providencia, de onde surgem manjares como a caldeirada de enguias, as enguias de escabeche, os rojões à lavrador e os pastéis Monte Branco entre outros.

2.1.5 Murtosa como território de inserção social

Existe, no município da Murtosa, uma série Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS's), com as mais variadas respostas sociais, que vão desde a infância à terceira idade, designadamente:

- ◆ Santa Casa da Misericórdia da Murtosa
- ◆ Centro Social e Paroquial do Bunheiro
- ◆ Centro Social Paroquial Santa Maria da Murtosa
- ◆ ASFITA - Associação Filantrópica da Torreira

O número de coletividades e associações que se distribuem pelo território muito contribuem para que a inserção social seja uma realidade. Para além disso, são também espaços privilegiados para o encontro intergeracional. Seguem-se as mesmas, distribuídas por freguesias.

Freguesia da Murtosa	Freguesia do Bunheiro
Agrupamento 190 do C.N.E.	Rancho Folclórico "Os Camponeses da Beira-Ria"
Agrupamento 824 do C.N.E.	Grupo Musical Bunheirense
Clube Nacional de Paramotor	Rancho Infantil "As Andorinhas de São Silvestre"
Casa do Benfica da Murtosa	Associação Cultural Bunheirense
Associação dos Amigos da Ria e do Barco Moliceiro	
Coro de Santa Maria da Murtosa	
Dragões da Murtosa	
Casa do Benfica	
Club Nortada Aventura	
Fraternidade Nunes Alves	
Murtosa Motards	
Núcleo Sportinguista	
Centro Recreativo da Murtosa	
Sport Marítimo Murtosa	
Club caça e pesca da Murtosa	
	Freguesia do Monte
	Associação dos Bombeiros Voluntários da Murtosa
	Associação Cultural e Desportiva do Monte
	Freguesia da Torreira
	Associação Náutica da Torreira
	Associação Desportiva e Recreativa das Quintas
	Clube desportivo Torreira Mar

Tabela 3 - Associações e Coletividades agrupadas por freguesia no concelho da Murtosa

Para além das Associações e Coletividades acima elencadas, o concelho possui ainda um conjunto de infraestruturas e equipamentos que dão resposta às necessidades educativas e na área da saúde e ainda equipamentos e espaços para a prática da atividade desportiva.

Ensino						
Escola Básica Integrada com Jardim de Infância da Torreira						
Escola Básica do 1º Ciclo de S. Silvestre						
Escola Básica do 1º Ciclo do Monte						
Escola Básica do 1º Ciclo do Celeiro						
Centro Escolar Saldida						
Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Padre António da Fonseca						
Saúde						
Extensão de Saúde Torreira						
Extensão de Saúde do Bunheiro						
Centro de Saúde da Murtosa						

Tabela 4 - Infraestruturas e equipamentos de apoio ao ensino e à saúde

Freguesia do Monte						
ACDM,						
Pavilhão Gimnodesportivo Padre António SaldidCampo de futebol da Saldida						
Piscina Municipal						
Campo de ténis da Saldida						
Campo de mini golf da Saldida						
Parque biosaudável da Saldida						
Pista de atletismo.						
Freguesia da Murtosa						
Pavilhão gimnodesportivo da Murtosa						
Campo de Futebol do Marítimo Murtoense						
Freguesia da Torreira						
Campo de ténis da Torreira						
Polidesportivo da Torreira,						
Pavilhão desportivo da E/B Torreira						

Tabela 5 - Equipamentos e espaços para a prática do desporto

2.2 OFICINARIAS - UM PROJECTO DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA

2.2.1 Considerações iniciais do projeto

O Ano Europeu do *Envelhecimento Ativo* e da solidariedade entre gerações comemorado em 2012, como já foi referido anteriormente, foi o principal marco inspirador e impulsionador para a implementação do projeto *OficinaRias*.

Tal como foi evidenciado e caracterizado na revisão da literatura, o acentuado envelhecimento demográfico da população conduziu a um despoletar de questões, dúvidas e problemáticas recentes para o qual a sociedade não estava preparada. A propósito, Serrano (2008) afirma que vivemos numa era em que se valoriza a eficiência e as realizações concretas. Segundo a mesma autora, torna-se necessário levar a cabo ações concretas nas comunidades em que trabalhamos, mas mais importante é refletirmos e questionarmos sobre a finalidade que pretendemos alcançar com elas.

A proposta para a realização deste projeto de intervenção comunitária no concelho da Murtosa surgiu em janeiro de 2013.

Pretendia-se implementar um projeto mais ambicioso do que apenas promover o *Envelhecimento Ativo* e o encontro entre gerações. Pretendia-se que não fosse um projeto que se limitasse apenas a proporcionar o encontro entre netos e avós ou crianças e idosos. Pretendia-se, sim, promover ações junto da comunidade, para todos aqueles que estivessem interessados em participar, independentemente da idade ou condição socioeconómica, aceitassem o desafio de constituir parte integrante da promoção do seu próprio *Envelhecimento Ativo* e do reforço do encontro entre gerações. Desta forma, o projeto fomentaria a partilha de conhecimentos, aproveitando da melhor forma o enorme potencial que cada um possui colocando-o *à disposição* da comunidade. Sendo implantado na Murtosa, contribuiria ainda para divulgar a cultura e algumas das tradições.

Por tudo o que foi referido anteriormente, foram definidos os seguintes objetivos gerais do projeto;

- I. Promover o *Envelhecimento Ativo* valorizando o intercâmbio de conhecimentos;
- II. Valorizar os conhecimentos e a troca de experiências entre as diferentes gerações;
- III. Divulgar a cultura e algumas das tradições do concelho da Murtosa;

Numa fase preliminar e diagnóstica realizado um levantamento junto do Núcleo Executivo da Câmara Municipal da Murtosa (CMM), de quais eram as iniciativas existentes em prol do *Envelhecimento Ativo* e o encontro entre gerações. O Vice-Presidente, Engenheiro Januário Cunha, salientou que estas iniciativas do Município estavam estritamente relacionadas com a sua localização geográfica, que por sua vez, fazia com que existisse uma matriz identitária marcada pela Ria de Aveiro e pelas atividades a ela ligadas.

Neste âmbito, identificou no tecido social local, Associações/Coletividades e respetivas atividades principais, que para além da Autarquia, de uma forma ou de outra, têm demonstrado preocupação com a questão do *Envelhecimento Ativo* e do encontro entre gerações. Passamos a enumerar sucintamente aquelas que mais se têm destacado:

- ◆ Coro de Santa Maria da Murtosa com sede na Freguesia da Murtosa - Associação que tem promovido ao longo dos anos eventos de canto coral, possuindo, igualmente, um grupo de teatro que se apresenta regularmente;
- ◆ Grupo Musical Bunheirense com sede na Freguesia do Bunheiro - coletividade que possui uma orquestra ligeira, que se apresenta regularmente, no Município e fora deste, e uma escola de música, promovendo, pontualmente, espetáculos de teatro;
- ◆ Associação Desportiva e Recreativa das Quintas com sede na Freguesia da Torreira - Coletividade que para além de uma vertente mais desportiva, possui um grupo musical/escola de música, que se apresenta regularmente;
- ◆ Associação Cultural Bunheirense com sede na Freguesia do Bunheiro - Coletividade que para além de uma vertente desportiva e recreativa, realiza, pontualmente, espetáculos de teatro e realiza atividades com as outras coletividades do Município.
- ◆ Ranchos Folclóricos “Os Camponeses da Beira-Ria” e “As Andorinhas de S. Silvestre”, ambas com sede na Freguesia do Bunheiro - Associações etnográficas que se dedicam à recolha do repertório de danças e cantares locais, apresentando-se, regularmente, dentro e fora do Concelho.
- ◆ Associação dos Amigos da Ria e do Barco Moliceiro com sede na Freguesia da Murtosa - Coletividade tem como objetivo a divulgação e preservação das embarcações e artes tradicionais da Ria de Aveiro. Possui um pequeno estaleiro, visitável, onde são construídas e reparadas embarcações tradicionais.

- ◆ Confraria Gastronómica “O Moliceiro” com sede na Freguesia da Murtosa - Coletividade que tem como objetivo a divulgação e promoção dos sabores tradicionais da terra Marinhosa, como é o caso da caldeirada de enguias ou dos rojões à lavrador. Organiza anualmente eventos gastronómicos, como o Festival da Enguia, o Festival da Lampreia e o Festival do Sável, que conta com a participação de associações congéneres nacionais e internacionais.

Posteriormente, foram realizadas algumas conversas informais com representantes de cinco entidades, nomeadamente junto do Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal da Murtosa, Presidente da Junta de Freguesia do Bunheiro, Presidente do Rancho Folclórico os Camponeses da Beira-ria, Diretora do Agrupamento de Escolas da Murtosa e Presidente da Associação dos Amigos da Ria e do Barco no sentido de auscultar as suas disponibilidades em colaborar no projeto.

Destacamos o momento em que a proposta de implementar o projeto foi lançada à Câmara Municipal da Murtosa e em que o Núcleo Executivo rapidamente mostrou disponibilidade em colaborar na implementação do projeto, reunindo esforços para colaborar na materialização do mesmo. O Núcleo Executivo, à semelhança da promotora do projeto, entendeu que seria uma mais-valia para o município uma vez que iria promover a inovação e novas descobertas; valorizar a formação (informal) ao longo da vida e valorizar as capacidades, competências, saberes e cultura quer dos formadores quer dos formandos, aumentando a autoestima e autoconfiança de todos os envolvidos. Pois, este projeto pretendia sobretudo demonstrar que não há limite de idade para vivenciar novas experiências, trocar conhecimentos, renovar habilidades e participar ativamente na sociedade. A participação nas *OficinaRias* era também uma possibilidade de crescimento cultural e humano para todos os participantes. Pretendia-se que as diferentes atividades fossem dinâmicas e ao encontro dos interesses dos formandos, versando diversas temáticas, selecionadas, como já foi referido, com base na história local, tradições e costumes, com forte ligação à matriz social e cultural da Murtosa, valorizando experiências e saberes acumulados. Os participantes testemunharam na primeira pessoa que “[...] (os temas selecionados) tem muito que ver com a identidade local. Tem muito que ver com o sentir das pessoas, um conjunto de atividades que são algumas muito intrínsecas ao povo murtoseiro” (5MD) e acrescentam que esta iniciativa “[...] dinamiza o nosso município e leva a conhecer coisas de nós [...] estou me a lembrar da caldeirada de enguias, é uma coisa tão típica nossa e muitos de nós não sabemos fazer [...]” (10FP) Efetivamente, o projetos para o desenvolvimento das comunidades requerem a

consciência de que as ações desenvolvidas são próprias de cada comunidade. A propósito, tal como afirma o autor: “As comunidades são únicas pois a dimensão geográfica e administrativa, a interação com base em interesses e necessidades e o tipo de organização caracterizam de forma específica cada comunidade.” (Gómez et al, 2007:129)

Foi a partir do contacto com a Câmara Municipal que se começaram a programar as primeiras quatro *OficinaRias*, cada uma com objetivos específicos, consoante as temáticas abordadas.

2.2.1.1 Explicação do nome e logótipo do projeto

O nome do projeto surge então com a junção de “Oficina”, lugar onde se desenvolve um trabalho seja este intelectual ou operário e “Ria”, associado ao facto do município da Murtosa ser dividido em dois pelo braço norte da Ria de Aveiro. O logotipo foi criado tendo por base o nome do projeto e as mãos de diferentes tamanhos. As mãos representavam as diferentes faixas etárias, sendo que a mão verde fazia alusão ao verde dos campos e mão azul à ria devido ao facto dos Murtoseiros possuírem uma ancestral relação com a terra e a água, persistindo aquelas que foram, e continuam a ser, a par do turismo e da indústria, as principais atividades económicas do concelho: a agricultura e a pesca.



Ilustração 5 – Logótipo do Projeto

2.2.1.2 Seleção das temáticas

A seleção das temáticas para cada OficinaRia foi realizada com base na história, tradições e costumes locais, com forte matriz social e cultural da Murtosa e da Região de Aveiro como já foi referido anteriormente.

As temáticas escolhidas para as *OficinaRias* convidavam a recuar no tempo e a recordar ou conhecer profissões e artes que já se extinguíram ou que, nalguns casos, apesar de ainda perdurarem, estão em risco de extinção. Para que tudo isto fosse possível, foram convidadas pessoas de diferentes idades, para que o seu saber, não se perdesse.

De seguida, apresentamos um pequeno resumo que justifica a seleção das temáticas abordadas ao longo das *OficinaRias*.

❖ OficinaRia da “broa de milho confeccionada no forno tradicional a lenha”

A cultura do milho foi predominante na Murtosa, em particular na Freguesia do Bunheiro. Era comum existir, em cada casa, um forno a lenha, onde era cozida a broa de milho, um elemento fundamental da alimentação das famílias. A broa era, de certa forma, um elemento agregador do núcleo familiar, pois dela se alimentavam todos os membros da família.

❖ OficinaRia dos “rojões”

Os rojões são, a par da caldeirada de enguias, um dos elementos mais característicos da gastronomia Murtoseira. Num território marcado pela dicotomia terra-água, os rojões são os ilustres representantes gastronómicos do primeiro pilar (a terra). A sua confeção estava associada, à semelhança das “chouriças”, à matança do porco.

❖ OficinaRia da “Importância da atividade física”

A atividade física é cada vez mais valorizada como potenciadora de bem-estar e saúde. A Murtosa tem vindo a ser dotada de equipamentos públicos de qualidade, que vêm ao encontro da crescente procura, por parte dos cidadãos, de mecanismos que privilegiem a atividade física. A informação acerca das técnicas de otimização da atividade física é fundamental para que os cidadãos pratiquem desporto, de forma segura e eficaz.

❖ OficinaRia das “Rodilhas”

As rodilhas são pequenas almofadas, de forma circular, abertas ao meio, que eram usadas, pelas mulheres, para transportar, à cabeça, as cestas e as canastras. A rodilha, executada de forma tradicional, está fortemente associada à figura das peixeiras da Murtosa, que, de canastra à cabeça, calcorreavam as ruas da Murtosa e dos concelhos limítrofes.

❖ *OficinaRia* das “Chouriças”

Os enchidos, em particular as chouriças, eram outro elemento característico da ambiência agrícola. Estavam associados ao ritual da matança do porco e à valorização que era feita de cada uma das partes do animal, para que nada fosse desperdiçado.

❖ *OficinaRia* da “conservação e manutenção de pasteleiras”

Num concelho onde as distâncias entre núcleos urbanos é curta e a orografia é de uma planura sem fim, a bicicleta é rainha. O uso da bicicleta é, desde há muito, outra imagem de marca da Murtosa, que continua a ser o concelho em Portugal onde mais se anda de bicicleta. Apesar da evolução tecnológica, as famosas “pasteleiras” continuam a circular pelas ruas do concelho, congregando um número crescente de entusiastas.

❖ *OficinaRia* da “Caldeirada de Enguias”

A caldeirada de enguias é um marco identitário da Murtosa e, provavelmente, a sua maior embaixadora fora de portas. É o expoente máximo da gastronomia associada ao elemento água, nomeadamente à Ria de Aveiro, onde as enguias são pescadas. Está intimamente ligada à cultura piscatória, pois a caldeirada, tal qual a conhecemos, era confeccionada, inicialmente, pelos pescadores.

2.2.1.3 Destinatários

Os destinatários poderiam ser crianças, jovens, adultos ou idosos. Não existiu qualquer tipo de restrições relativamente ao perfil dos candidatos. A participação das *OficinaRias* foi divulgada como sendo totalmente gratuita, e limitada a 15 (quinze) participantes.

Aquando da preparação das *OficinaRias* definiu-se por consenso que quinze elementos seria um número em que à partida, seria possível existir uma maior interação entre o

formador e os formandos. Para além desta interação possibilitaria também que todos tivessem a oportunidade de participar ativamente e interagir em cada etapa da *OficinaRia*. Pontualmente, e nas *OficinaRias* em que era possível participarem mais elementos deu-se essa oportunidade devido ao número elevado de inscritos.

Os interessados poder-se-iam inscrever até à quarta-feira anterior à *OficinaRia* respetiva, na Câmara Municipal da Murtosa, na Junta de Freguesia do Bunheiro, por *e-mail*, na página da Câmara Municipal da Murtosa, por chamada telefónica ou ainda juntamente da promotora do projeto. Todos os responsáveis em aceitar as inscrições tinham acesso às inscrições através da *Dropbox (Anexo I)* para que fosse facilitada a comunicação entre eles. Optou-se por utilizar também este instrumento *online* para controlar de forma eficaz e eficiente o número de inscrições.

2.2.1.4 Parcerias

Para a concretização do projeto foi imprescindível o estabelecimento de parcerias com as seguintes entidades:

- I. Câmara Municipal da Murtosa;
- II. Junta de Freguesia do Bunheiro;
- III. Rancho Folclórico os Camponeses da Beira Ria;
- IV. Agrupamento de Escolas da Murtosa;
- V. Associação dos Amigos da Ria e do Barco Moliceiro;
- VI. Rádio SFM;
- VII. Jornal Notícias Ribeirinhas;
- VIII. Jornal o Concelho da Murtosa;
- IX. Artifex Design & Publicidade;

Os parceiros apoiaram essencialmente na disponibilização de equipamentos e infraestruturas bem como na divulgação das ações pelos diferentes canais de comunicação Social. O apoio monetário foi residual e foi assegurado pela Câmara Municipal da Murtosa.

2.2.1.5 Meios de Divulgação

No que respeita à divulgação das *OficinaRias*, importa realçar que foi realizada de inúmeras formas, nomeadamente, na página oficial da Internet da Câmara Municipal da Murtosa, na rede social do Facebook da Câmara Municipal da Murtosa (Anexo III), através de cartazes afixados em diversos locais públicos do município e arredores (Anexos IV e V), em notícias do Jornal “O Concelho da Murtosa” (Anexo VI e VII) e do “Jornal de Estarreja” (Anexo VIII e IX) e ainda através de anúncios da rádio local “SFM”. A propósito, no dia em que a primeira notícia foi publicada na página oficial da Câmara Municipal da Murtosa (25 de Fevereiro), a rádio TerraNova (105.0) convidou a promotora para ir a uma entrevista em direto e a rádio SFM (98.1) para realizar anúncios publicitários a divulgar as ações.

Na primeira *OficinaRia* do pão de broa cozido no forno tradicional a lenha também esteve presente o Porto Canal para realizar um pequeno documentário acerca da temática (Anexo X).

As 8 *OficinaRias* decorreram entre o mês de março e junho e tiveram uma duração média de três horas cada.

O local, o horário e a duração das *OficinaRias* variaram consoante os temas. Existiu o cuidado de adequar o espaço, bem como recursos materiais e humanos ao tema de cada *OficinaRia*. Por exemplo, a *OficinaRia* da confeção da broa de milho no forno tradicional a lenha foi realizada na Casa Museu Custódio Prato e a da importância da atividade física foi realizada no Parque Municipal da Saldida. Consoante o tema, o horário e a duração das *OficinaRias* também foi sujeito a alterações, conforme se pode constar nos cartazes.

As *OficinaRias* seguiram uma “estrutura-tipo”, atendendo às seguintes fases:

1ª Fase - Acolhimento

Foram dadas as boas vindas aos participantes sendo entregue uma capa oferecida pelo município da Murtosa. No interior da capa constavam os objetivos da *OficinaRia*, o suporte escrito sobre o tema (por exemplo, uma receita, descrição de procedimentos, informações gerais (Anexo XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI) realizado pelo formador (quando necessário a promotora ajudava a passar a informação para suporte digital), a avaliação da *OficinaRia* (Anexo XVII), 2 folhas em branco e uma caneta.

Nesta fase, os participantes eram convidados a assinar a ficha de inscrição (Anexo XVIII). As fichas de inscrição e as respectivas assinaturas revelaram-se bastante úteis, permitindo avaliar o controlo das presenças e das desistências⁴.

2ª Fase - Explicação do âmbito das *OficinaRias*

Em cada ação a promotora realizava uma breve introdução e explicação de que, entre outros aspetos, a execução das *OficinaRias* - projeto de intervenção, surgiu no âmbito da conclusão do Mestrado em Ciências da Educação- Intervenção Social e Intervenção Comunitária.

3ª Fase - Introdução ao tema

A breve introdução ao tema a ser desenvolvido era também realizada promotora do projeto, com a indicação dos objetivos que deveriam ser atingidos por todos os participantes no final da *OficinaRia* (Anexo XIX, XXI, XXII, XXIII, XXIV e XXV). A linguagem era adequada tendo em conta a diversidade de idades e habilitações literárias dos diferentes participantes.

4ª Fase - Dinâmica de cada sessão

O tema de cada *OficinaRia* era dinamizado com estratégias previamente definidas pelo formador e pela promotora do projeto.

Foi importante que ainda numa fase de “quebra-gelo” a promotora do projeto sensibilizasse todos os participantes que a ação estava preparada para o grupo e que todos eram estimados e valorizados pelos conhecimentos que detinham e podiam partilhar. E, todos sem exceção, sempre que necessário, deveriam exprimir a sua opinião, colocar as dúvidas que fossem surgindo e que, principalmente, participassem em todas as fases reservadas para aquela *OficinaRia*.

Após a intervenção da promotora, era passada a palavra ao/à formador(a) da *OficinaRia*. Normalmente era feita uma apresentação pessoal e o contexto em que foi aprendido aquele “ofício”.

Seguidamente o(a) formador(a) dava início à *OficinaRia* propriamente dita e todos os participantes eram convidados a colocar “a mão na massa” como nos diz um provérbio popular.

⁴ Torna-se pertinente salientar que os inscritos que avisaram anteriormente que não poderiam participar na *OficinaRia* possibilitaram que a promotora do projeto contactasse outros inscritos (pela ordem de inscrição) que estavam em “lista de espera” por se terem inscrito depois do número limite de inscrições já ter sido atingido.

5ª Fase - Intervalo

Sempre que se tornou possível e necessário (por exemplo enquanto o pão levedava ou estava no forno, os rojões se coziam ou as enguias estavam ao lume), era realizado o intervalo. Estes momentos eram de convívio, diálogo e partilha. Pontualmente existiu um pequeno lanche. Nas *OficinaRias* em que se verificaram intervalos, estes também eram aproveitados para tirar as fotografias de grupo ou prestar declarações à comunicação social presente no local. Caso não fosse pertinente, as fotografias e os testemunhos eram realizados no final da ação.

6ª Fase - Avaliação da ação

Terminadas as etapas preparadas para cada *OficinaRia*, proporcionava-se um momento de avaliação por cada participante através do preenchimento do questionário de avaliação. A avaliação constituía, assim, um processo contínuo que visava o constante aperfeiçoamento das *OficinaRias* seguintes.

O questionário de avaliação de cada *OficinaRia* avaliava de uma forma global cada *OficinaRia*, os conhecimentos adquiridos, o desempenho do(a) formadora e, o suporte administrativo. Para além destes pontos, existiam 3 questões de resposta livre:

1. De que forma poderemos melhorar as futuras *OficinaRias*;
2. Sugestões de outros temas para futuras *OficinaRias*? e
3. Deixe um comentário final.

A leitura e interpretação dos questionários constituíam, assim, um indicador de sucesso e satisfação ou não das *OficinaRias*.

7ª Fase - Entrega do certificado de participação

Após a entrega do questionário de avaliação (anónimo), todos os participantes recebiam um certificado de participação (Anexo XXVI).

2.2.2 | Ciclo de *OficinaRias*

De seguida apresentamos as primeiras quatro *OficinaRias*, especificando o local, a data, o formador, o número de formandos, as ações desenvolvidas e os objetivos específicos. Entendemos ser pertinente transcrever algumas expressões mencionadas nos questionários de avaliação por demonstrarem a grande sensibilidade dos participantes durante as experiências que foram proporcionadas.

Importa referir que umas *OficinaRias*, mais que outras, exigiram uma preparação prévia. Existiu uma séria de procedimentos que estiveram à responsabilidade da promotora do projeto em articulação com o formador da respetiva *OficinaRia*.

2.2.2.1 *OficinaRia* do pão cozido no forno tradicional a lenha

A Casa Museu Custódio Prato, no Bunheiro, foi o local escolhido para acolher a primeira *OficinaRia* no dia 02/03/2013, orientados pela Sra. Isabel Lopes “*uma pessoa muito bem-disposta*” (Q8), do Bunheiro. Os quinze (15) formandos (Anexo XXVII,) de várias gerações tiveram a oportunidade de literalmente “colocar as mãos na massa” e acompanhar todas as fases da confeção do pão de broa cozido no forno tradicional a lenha. Durante a confeção do pão foi possível a degustação do mesmo previamente confeccionado. Houve também a possibilidade dos participantes levarem para casa a uma bola de pão confeccionada durante a *OficinaRia*.

Durante a *OficinaRia* pretendia-se que todos os participantes reconhecessem a receita da broa de milho no forno tradicional a lenha apresentada como uma transmissão de conhecimentos entre gerações; difundir as tradições e os costumes da confeção da broa de milho na Murtosa; identificar e manusear os utensílios utilizados durante a confeção da broa de milho; identificar as etapas necessárias para a confeção da broa de milho e, recriar os tempos em que era tradição fazer a broa em casa para toda a família.

Nos questionários de avaliação os formandos referiram que que tinham gostado da experiência, surgindo, entre outras, as seguintes respostas: “*vinha sem nenhuma expectativa definida sobre esta iniciativa, e fiquei agradada com a experiência*” (Q2) e “*é muito importante haver este tipo de formações para lembrar e dar a conhecer às gerações futuras os nossos antepassados*” (Q14).

2.2.2.2 OficinaRia dos rojões

A Casa Museu Custódio Prato, no Bunheiro, foi o local escolhido para acolher a Terceira *OficinaRia* no dia 16/03/2013, orientados pelo Dr. António Amador, do Bunheiro. Os dezoito (18) formandos (Anexo XXVIII) de várias gerações tiveram a oportunidade aprender como é que se confeccionam os afamados rojões à lavrador.

Após a confeção dos rojões foi possível a degustação dos mesmos previamente confeccionados “mesmo acabadinhos de fazer”. Enquanto se saboreavam os rojões acompanhadas de broa caseira, viveram-me momentos de verdadeiro convívio entre as diferentes gerações.

Durante esta *OficinaRia* pretendia-se que os participantes reconhecessem as tradições e os costumes da confeção dos rojões na Murtosa; identificassem e manuseassem os utensílios utilizados durante a confeção; identificassem as etapas necessárias para a confeção e que fossem recriados os tempos em que era tradição fazer os rojões após a “matança” do porco. Expressões como “*foi muito agradável participar de mais uma OficinaRia*” (Q39) são o reflexo de que os participantes estavam a gostar de participar nas ações e que se apercebiam naturalmente dos objetivos que estavam por de traz da simples confeção dos rojões à lavrador “*a OficinaRia para mim é caracterizada pela partilha de conhecimentos, de saber*” (Q41).

2.2.2.3 OficinaRia da importância da atividade física

O Parque Municipal da Saldida, no Monte, foi o local escolhido para ser desenvolvida a segunda *OficinaRia* no dia 23/03/2013, orientada pelo Professor Paulo Vidal, do Bunheiro. O animado grupo de vinte e três (23) formandos (Anexo XXIX) começou por receber uma palestra, que decorreu na Escola Padre António, acerca da importância da atividade física nas várias idades, com enfoque nas boas práticas associadas ao exercício físico, como posturas, aquecimento e modalidades mais adequadas. Os formandos deslocaram-se depois para o Parque Municipal onde, sob a orientação do Professor Paulo Vidal, puderam experimentar vários equipamentos do Parque, nomeadamente as máquinas de exercício do parque biosaudável, o campo de minigolfe e os campos de ténis. Portanto, os objetivos gerais desta *OficinaRia* eram essencialmente reconhecer a importância da realização de atividade física regularmente e identificar os benefícios da atividade física nas diferentes faixas etárias.

Mais uma vez a percepção que tivemos é que de facto a *OficinaRia* tinha sido do agrado dos participantes, *“superou as expectativas com a introdução da teoria com a prática. Parabéns pela iniciativa”* (Q22). As pessoas estavam extremamente entusiasmadas, *“há que incentivar o uso do material desportivo existente divulgá-lo com estas ações”* (12PF). Constatamo-lo pelos comentários e posturas dos participantes no decorrer da *OficinaRia*, assim como de expressões: *“Gostei muito desta atividade. Acho que devem ser organizadas mais atividades deste género”* (Q21).

2.2.2.4 *OficinaRia* das rodilhas

A Casa-Museu Custódio Prato, no Bunheiro, foi mais uma vez o local onde foi desenvolvida a última *OficinaRia* do primeiro ciclo, depois da confeção de pão e dos rojões. No dia 13/04/2013, a *OficinaRia* das rodilhas, orientada pela D. Domingas Figueiredo contou com a presença de dezassete (17) interessadas formandas (Anexo XXX) que aprenderam a executar as tradicionais rodilhas, elemento indelével da cultura marinhoa, utilizadas, outrora, pelas mulheres, para transportarem, à cabeça, as canastras ou os cestos. Pretendia-se que as formandas reconhecessem as tradições e os costumes na construção de rodilhas, “[...] adorei este evento. Foi uma nova experiência de uma região que não conhecia” (Q62), identificassem e manuseassem os utensílios utilizados e experienciassem as etapas necessárias para a construção das mesmas. No final da *OficinaRia* todas as formandas tiveram a oportunidade de ficar com a sua rodilha para recordação.

2.2.3 II Ciclo de *OficinaRias*

Após a concretização das duas primeiras *OficinaRias* do primeiro ciclo, a iniciativa começou a adquirir alguma popularidade, o que provocou um interesse na comunidade e consequentemente o número de inscrições aumentou, ultrapassando o limite de inscrições estipulado inicialmente.

Face ao sucedido, rapidamente a promotora do projeto e o Executivo da Câmara Municipal perceberam que seria importante uma continuidade do projeto. Acordaram, realizar uma segunda edição da *OficinaRia* do pão de broa cozido no forno tradicional a lenha, visto ser a *OficinaRia* que ultrapassou significativamente o número máximo de inscrições. Para completar o cartaz realizaram-se *OficinaRias* em que os temas foram alguns dos sugeridos pelos participantes na edição anterior.

Neste ciclo, algumas das sugestões de melhoria indicadas pelos participantes no primeiro ciclo foram tidas em conta, “a organização tem conseguido melhorar pormenores” (Q69), com o objetivo de tornar ainda mais agradáveis as *OficinaRias*.

2.2.3.1 OficinaRia das chouriças

O II Ciclo de *OficinaRias* iniciou-se, dia 11/03/2013, mais uma vez na Casa-Museu Custódio Prato, com a *OficinaRia* das chouriças de carne, dinamizada pela D. Amélia Santas. De forma clara e com o humor que a caracteriza, a D. Amélia foi explicando aos quinze (15) formandos, passo a passo, todo o processo de feitura das chouriças de carne tradicionais.

Pretendia-se essencialmente que os formandos reconhecessem a receita das chouriças de carne apresentada como uma transmissão de conhecimentos entre gerações “*foi lindo e uma forma de mostrar à minha filha o que eu fazia na infância*” (Q75); difundir as tradições e os costumes da confeção das chouriças de carne na Murtosa; identificar e manusear os utensílios utilizados durante a confeção das chouriças; identificar as etapas necessárias para a confeção das chouriças e recriar os tempos em que era tradição fazer as chouriças de carne após a “matança” do porco. Após a preparação das chouriças, foi possível a degustação destas, previamente confeccionadas e acompanhadas com broa que a D. Isabel Lopes teve o prazer em oferecer para esta *OficinaRia*.

2.2.3.2 OficinaRia do pão cozido no forno tradicional a lenha

A Casa Museu Custódio Prato, no Bunheiro, foi o local escolhido para acolher a 2ª edição da *OficinaRia* do pão no dia 25/05/2013, orientada pela Sra. Isabel Lopes, a mesma formadora da 1ª edição. Outros dezassete (17) formandos (Anexo XXX) de várias gerações tiveram a oportunidade de acompanhar todas as fases da confeção do pão de broa cozido no forno tradicional a lenha. À semelhança da primeira, enquanto o pão esteve no forno, foi possível a degustação do mesmo previamente confeccionado. Também houve a possibilidade dos participantes levarem para casa a uma bola de pão confeccionada durante a *OficinaRia*. Os objetivos foram os mesmos da 1ª edição.

2.2.3.3 OficinaRia da conservação e manutenção das pasteleiras

A *OficinaRia* decorreu no dia 08/06/2013, na MontalRia⁵, e foi orientada pelo Dr. Francisco Pereira, um entusiasta do restauro de bicicletas antigas. Durante a *OficinaRia* os quinze (15) formandos (Anexo XXXII) tiveram a oportunidade de executar pequenos restauros de componentes das bicicletas, “enraiar”, realizar pequenas chapas identificativas como se usava antigamente nas bicicletas e “desenferrujar” componentes

⁵ A *OficinaRia* não decorreu na Casa-Museu Custódio Prato devido às condições climatéricas. A MontalRia é uma empresa de Metalomecânica que cedeu graciosamente as instalações para o efeito.

parcialmente degradados para posterior tratamento dos mesmos. Francisco Pereira surpreendeu os participantes com a montagem de uma bicicleta restaurada antecipadamente. Esta bicicleta teve ainda a particularidade de fazer alusão ao projeto Murtosa Ciclável. Com esta *OficinaRia* pretendia-se reconhecer a evolução das bicicletas desde o início do século XIX; conhecer as principais peças que constituem a bicicleta; identificar e manusear os utensílios utilizados durante a conservação e manutenção das bicicletas; verificar e experienciar as etapas necessárias para montar uma bicicleta e promover o convívio entre aqueles que apreciam “a pasteira”. A expressão que se segue demonstra de uma forma simples aquilo que a *OficinaRia* representou para os participantes. *“Uma OficinaRia muito interessante para quem aprecia ‘as pasteiras’ e gosta de restauro e principalmente aprender novas técnicas e novas coisas. Este tema é importante pelo facto de podermos trazer o passado de volta ao presente e também ao futuro” (Q107).*

2.2.3.4 OficinaRia da caldeirada de enguias

Foi na sede da AMIRIA, na Ribeira de Pardelhas, que foi realizada, a derradeira *OficinaRia* do II Ciclo no dia 22/06/2013. A *OficinaRia* da afamada Caldeirada de Enguias esteve sob a orientação do Sr. António Salgado, exímio mestre na arte de bem confeccionar uma caldeirada. Os dezasseis (16) formandos (Anexo XXXIII) aprenderam, passo a passo, a preparar aquele que é, seguramente, um ícone da gastronomia Murtoseira.

Os objetivos para esta *OficinaRia* eram os seguintes: reconhecer a receita da caldeirada de enguias como uma transmissão de conhecimentos; difundir a tradição e os costumes da confeção da caldeirada; identificar as etapas necessárias para a confeção da caldeirada e recriar os tempos em que era tradição fazer a caldeirada na borda da ria. *“Adorei a experiência. De louvar este tipo de iniciativas que promove a transmissão de conhecimentos e saberes dos nossos antepassados e permite o convívio” (Q118).*

Após todo o processo de confeção, foi realizado o degustar deste típico prato gastronómico através de um “banquete”, em que entusiasticamente, todos os participantes colaboraram no aprovisionamento do espaço. O facto de nos encontrarmos num estaleiro de construção naval contribuiu para um ambiente agradável e com uma decoração rústica, o que tornou um dia memorável para todos os participantes.

CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

3.1 INVESTIGAÇÃO - AÇÃO PARTICIPATIVA: UM COMPROMISSO COM A MUDANÇA SOCIAL

Tal como refere Freire, cit. por Pereira (2004, 62), “se eu percebo a realidade como uma relação dialética entre o sujeito e o objeto, então tenho de utilizar métodos de investigação que envolvam as pessoas da localidade em estudo como investigadores; elas próprias devem tomar parte na investigação e não servirem como objetos passivos do trabalho desenvolvido”.

A Investigação-Ação (I-A) participativa (I-AP), é uma metodologia que, tal como menciona Marques e Sarmiento (2007), ganhou substância no século XX, quando se assumiu a necessidade da criação de condições que viabilizassem a participação ativa das pessoas na melhoria das condições da sua vida, no decurso das mudanças sociais resultantes dos processos de industrialização e na perspectiva de defesa dos ideais democráticos. Destes atributos que os autores reconhecem, realçamos a intencionalidade de “mudança, transformação e melhoria da realidade social” [...], a sua natureza participativa, “uma vez que, democraticamente, todos nela podem participar e assumir responsabilidades no processo investigado” e a sua dinâmica “que decorre de processos de negociação que se estabelecem à mediada do seu desenvolvimento” que altera o lugar dos sujeitos, antes analisados como objetos de investigação.

Estes autores referem também que, apesar de ser uma investigação cuja génese se encontra nas práticas dos sujeitos implicados, construindo-se a partir das suas realidades situacionais, sociais e educativas, é uma investigação aberta a contributos teóricos ou outras práticas (Marques e Sarmiento, 2007).

A propósito, Lima (2007, 317) também refere que a I-AP “procura juntar a ação e a reflexão, a teoria e a prática, de forma participada, na procura de soluções para questões importantes para as pessoas e, mais geralmente, para que as pessoas individuais e as suas comunidades possam florescer”. Ou seja, pretende-se por um lado produzir conhecimentos de modo a compreender melhor o mundo e, simultaneamente, poder transformá-lo. Por outro lado, que o investigador não seja um mero observador, mas antes um apoiante dos sujeitos implicados na ação.

Como já foi referido, a I-AP adequa-se ao campo da educação social, pela sua preocupação com a justiça e com o desenvolvimento social, bem como com a criação de condições de realização de projetos de mudança social.

Nesta metodologia, cada indivíduo é entendido como protagonista e todos os sujeitos são reconhecidos como possuidores e produtores de conhecimentos úteis para a condução da sua vida e da comunidade.

Assim, ao longo do nosso estudo, optamos por nos referirmos às pessoas como participantes. A preferência pelo termo “participante” justifica-se pelo facto de considerar a pessoa como envolvida no estudo e não como objeto de estudo, tal como foi referido anteriormente.

Por todas estas especificidades, podemos considerar a I-AP como promotora da mudança social, contribuindo para a consciência da comunidade, melhoria da qualidade de vida e resolução de problemas. É um processo que não acaba com a implementação das soluções porque a análise crítica da realidade, a realização de ações programadas conduzem frequentemente à descoberta de outros problemas, de outras necessidades.

A I-AP privilegia diversas técnicas de recolha de dados, as mais utilizadas são as técnicas qualitativas como a entrevista não-estruturada ou semi-estruturada e a observação participante, grupos de discussão, seminários, gravações, fotografias.

Na nossa investigação, as técnicas que utilizamos foram as entrevistas semi-estruturadas, o inquérito, a observação participante, as gravações e o registo fotográfico. Importa salientar que a escolha das técnicas “depende sobretudo dos objetivos definidos [...] e do tipo de resultados esperados, os quais possam vir a servir de base para o desencadear de ações concretas” (Vieira, 1995, 64).

3.2 ABORDAGEM QUALITATIVA

Optou-se pela abordagem qualitativa, por se considerar que seria a mais adequada ao tipo de projeto desenvolvido.

Vários autores abordam as metodologias qualitativas (Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 1994; Bogdan e Biklen, 1994; Carmo e Ferreira, 1998) e em todos eles destaca-se um traço comum: a observação participante do investigador e a procura do significado das perceções individuais dos sujeitos. A autora do trabalho prefere a utilização do vocábulo “participantes”, tal como foi referido anteriormente, por considerar a pessoa como envolvida no estudo e não como objeto de estudo.

Carmo e Ferreira (1998, 180) defendem que, neste tipo de abordagem, o investigador “interessa-se” pelo processo de investigação e “respeita tanto quanto possível” a forma de registo “dos dados recolhidos”, tal como podemos comprovar nas seguintes afirmações: “Os investigadores interessam-se mais pelo processo de investigação do que unicamente

pelos resultados ou produtos que dela decorram” e, “os investigadores analisam as notas tomadas em trabalho de campo, os dados recolhidos, respeitando, tanto quanto possível, a forma segundo a qual foram registados ou transcritos (Carmo e Ferreira, 1998, 180).

Tornou-se também importante para a investigadora perceber se as *OficinaRia* propostas teriam sido as adequadas, tendo por base os objetivos definidos para o projeto, ou seja, promover o *Envelhecimento Ativo*, valorizando o intercâmbio de conhecimentos; valorizar os conhecimentos e a troca de experiências entre as diferentes gerações e divulgar a cultura e algumas das tradições do concelho da Murtosa.

Em suma, a opção pela abordagem qualitativa cumpriu com o pensamento de Gauthier (citado por Lessard-Hérbert, Goyette e Boutin, 1990, 47), quando este afirma “a tradição de investigação qualitativa, em ciências sociais, consiste essencialmente em estudar e em interagir com as pessoas no seu terreno, através da linguagem, sem recorrer a um distanciamento que levaria ao emprego de formas simbólicas estranhas ao seu meio.”

3.3 PROCEDIMENTOS FORMAIS E ÉTICOS

Aquando da aplicação das técnicas da recolha de dados, confrontamo-nos com a importância de cumprir com determinados pressupostos, que se relacionam com os princípios éticos, tais como garantia do anonimato e da confidencialidade. Tivemos em conta que “os conceitos em estudo, o método de recolha de dados e a divulgação de certos resultados de investigação podem, bem entendido, contribuir para o avanço dos conhecimentos científicos, mas também lesar os direitos fundamentais das pessoas”, tal como afirma Fortin (1999, 133).

No que respeita aos questionários, todos os formandos foram informados verbalmente sobre a natureza, o fim e a duração da investigação e sobre a metodologia utilizada. Foi garantido aos sujeitos o direito à intimidade bem como o direito ao anonimato e à confidencialidade. Todos os sujeitos foram informados sobre o que lhes era pedido e para que fins a informação seria utilizada. Nas entrevistas, estes elementos foram igualmente considerados. Antes de cada entrevista, foi entregue o consentimento informado de modo a que os entrevistados fossem informados dos objetivos do projeto, que dessem autorização para que a entrevista fosse gravada, que compreendessem que tinham direito a colocar qualquer questão no decurso da entrevista, que eram livres de desistir a qualquer momento e ainda que tinham sido informados acerca da total liberdade para recusar ou aceitar a participação neste estudo de forma livre e esclarecida (Anexo XXXIV).

3.4 TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

A opção das técnicas de recolha de dados é decisiva numa investigação, devido à necessidade de manter uma articulação entre os propósitos da investigação e as estratégias através das quais se pretende concretizar a mesma. É igualmente decisiva uma vez que as modalidades de recolha de dados condicionam a dinâmica do projeto de investigação e os próprios resultados do projeto.

De seguida, debruçar-nos-emos um pouco sobre as técnicas que privilegiámos, por serem as que melhor se enquadram, no nosso entender, nos objetivos deste projeto.

3.4.1 O questionário

O inquérito por questionário é uma das técnicas mais usadas em Ciências Sociais. (Quivy, 1998). Optámos por utilizar a técnica do inquérito por questionário com o objetivo de conseguirmos dados que as entrevistas não nos fornecessem e, simultaneamente, para no final proceder à junção dos dados.

Dos questionários recolhidos após cada *OficinaRia*, foi realizada a codificação destes (1 a 126), sendo a letra “Q” referente aos mesmos

3.4.2 A observação

A observação esteve sempre presente ao longo de todo o processo de investigação e intervenção, tornando-se mais evidente no decorrer das *OficinaRias*.

“Ninguém duvida que observar [...] seja um método científico, uma vez que permite abstrair os fatores constantes da conduta e compará-los com outras variáveis” (Itúrra, 1987, 157). Contudo, a observação, em determinadas situações torna-se um processo um pouco subjetivo e pode até ser ambíguo devido ao envolvimento a que o observador fica sujeito com a população. Assim, tornou-se necessário “um peso e uma medida” na utilização da observação enquanto técnica, para que efetivamente se conseguisse obter informação relevante.

Consideramos que o uso da técnica de observação foi uma estratégia eficaz, nomeadamente, no decorrer das *OficinaRias* e das entrevistas. Durante as *OficinaRias*, conseguiu-se uma panorâmica do “pulsar” dos participantes e também durante as entrevistas, porque, para além das respostas dadas às questões colocadas, emergiram outras informações através de expressões faciais e corporais, que só pela observação direta foram possíveis de detetar.

3.4.3 O registo fotográfico

Mais do que em qualquer outra época histórica, atualmente, os registos iconográficos mais utilizados são a fotografia. Portanto, não deixa de ser surpreendente o grau de importância e centralidade da fotografia em termos sociais, particularmente nas ciências sociais. Em todas as *OficinaRias*, a promotora do projeto teve o cuidado de assegurar (com a autorização dos participantes) o registo fotográfico de todas as etapas das mesmas, bem como da intervenção dos participantes, nomeadamente através das fotografias de grupo.

3.4.4 As entrevistas

A entrevista como técnica de comunicação direta, segundo Fortin (2000, 245), “é um modo de comunicação verbal, que se estabelece entre o investigador e os participantes com o objetivo de colher dados relativos às questões de investigação formuladas”, permitindo aceder aos modos de pensar dos entrevistados (Ghiglione e Malaton, 2001).

A entrevista semi-estruturada pareceu-nos ser uma estratégia de recolha de dados adequada à metodologia escolhida, considerando que, através de um conjunto de questões relativamente abertas, torna-se possível conduzir uma conversa sem desviar grandemente dos tópicos essenciais. A propósito, Quivy e Campenhoudt (1992, 192) consideram que, através da entrevista semi-estruturada, é possível compreender o “sentido que os atores dão às suas práticas e aos seus valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das suas próprias experiências, etc.”

A entrevista possui também a particularidade da *adaptabilidade*, tal como afirma Judith Bell: “Um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos [...] A forma como uma resposta é dada (o tom de voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode fornecer informações que uma resposta escrita nunca revelaria [...] Uma resposta numa entrevista pode ser desenvolvida e clarificada” (Bell, 2002, 118).

A opção por este tipo de entrevista impôs, assim, a construção de um guião de entrevista (Anexo XXXV e XL) com as linhas orientadoras das temáticas que se pretendiam estudar, servindo de fio-condutor ao investigador. As entrevistas decorreram durante o mês de julho de 2013. À medida que se iam realizando as entrevistas, foi realizada a codificação das mesmas (1 a 16). Assim, de acordo com o sexo foi designada a letra maiúscula “M”

ou “F”, para masculino ou feminino respetivamente, e, “D” para entrevistados dirigentes, “P” para formandos ou “O” para os que participaram como formadores.

Na transcrição das entrevistas (anexo XXXVI), os primeiros parágrafos de cada uma são dedicados à caracterização do entrevistado, indicando o nome, o concelho e a freguesia onde reside, as habilitações literárias, a profissão, as funções que desempenha (relacionadas com as temáticas das *OficinaRias*), as *OficinaRias* em que participou e outros aspetos que se revelaram pertinentes. A seguir à caracterização do entrevistado constam também as condições da realização das entrevistas onde é indicada a duração, o dia e o local da entrevista bem como a atitude do entrevistado. Pois, o tratamento da informação é sem dúvida uma fase crucial em qualquer trabalho de pesquisa, na medida em que nos permite atribuir um significado aos dados obtidos.

De seguida, apresentamos a tabela com o perfil sociodemográfico dos entrevistados:

Entrevistado(a)	Género	Idade	Concelho	Habilitações literárias	Profissão	Participante
1MD	M	56	Murtosa	Licenciatura Engenharia civil e Matemática	Engenheiro Civil na Câmara Municipal da Murtosa e Presidente da Junta do Bunheiro	Formando
2MP	M	33	Murtosa	Licenciatura de Computadores e Informática	Técnico de Informática e Eletrónica	Formando
3MP	M	23	Murtosa	12º Ano	Serralheiro de Bancada	Formando
4MP	M	19	Porto	12º Ano	Estudante	Formando
5MD	M	??	Murtosa	Licenciatura de Engenharia Eletrónica e Telecomunicações	Vice-Presidente da Câmara Municipal da Murtosa	Dirigente
6MO	M	58	Murtosa	4º Ano de escolaridade	Reformado / Confrade e Cozinheiro da confraria Gastronómica "O Moliceiro"	Formador
7MO	M	58	Murtosa	Licenciatura em Medicina	Médico de Medicina geral e familiar / Coordenador do Concelho Técnico da Federação do Folclore Português	Formador
8MO	M	50	Murtosa	Licenciatura Gestão Bancária	Bancário	Formador
9FO	F	76	Murtosa	4ª Classe	Reformada	Formadora
10FP	F	21	Murtosa	9º Ano	Talhante e operadora de caixa	Formanda
11FP	F	36	Murtosa	Bacharelato em Engenharia Florestal	Engenheira Florestal em duas empresas em <i>part time</i>	Formanda
12FP	F	55	Estarreja	9º Ano	Reformada	Formanda
13FP	F	48	Murtosa	Doutoramento em Biologia	Professora na Universidade de Aveiro	Formanda
14FP	F	33	Espinho	Licenciatura em Contabilidade	Técnica de Contabilidade na Câmara Municipal de Espinho	Formanda
15FP	F	12	Estarreja	6º Ano de escolaridade	Estudante	Formanda
16FO	F	63	Murtosa	4ª Classe	Doméstica	Formadora

Tabela 6 - Caracterização sociodemográfica dos entrevistados

Durante realização das mesmas, houve a preocupação de respeitar as técnicas de comunicação, especialmente através da escuta ativa, dando total liberdade aos entrevistados para se manifestarem livremente, respeitando os silêncios. Sempre que se considerou essencial, foram introduzidas questões com vista à clarificação de conceitos.

Em suma, existe um conjunto de fatores que interferem no sucesso ou insucesso da entrevista, nomeadamente, o tipo de relação que se estabelece entre o entrevistador e o entrevistado. A relação entre estes é uma relação de influência que pressupõe o fator distância e o fator linguagem. Os aspetos motivacionais e cognitivos, bem como as suas referências culturais, são outros fatores que devem ser considerados.

Os fatores inerentes ao entrevistador também não devem ser ignorados. É importante saber observar e, mais tarde, recordar atitudes e posturas dos entrevistados, assim como dominar minimamente as técnicas necessárias ao ato de inquirir. O entrevistador deve evitar deixar que o seu quadro de referências (expressões, convicções, motivações...) interfira na entrevista, devendo adotar uma postura imparcial, rigorosa e atenta.

3.4.5 Análise de conteúdo

Tendo em conta os objetivos de investigação definidos para este estudo e os conceitos que lhes serviam de suporte, procedemos à análise do conteúdo (AC) das respostas obtidas através das questões abertas dos questionários e das respostas das entrevistas.

Ghiglione e Matalon (1993, 197) afirmam que a “análise de conteúdo é uma técnica para fazer inferências por identificação sistemática e objetiva das características específicas de uma mensagem”. Os autores acrescentam ainda que a AC leva o investigador a organizar e categorizar esses dados, com o objetivo de lhes atribuir um determinado significado.

Por sua vez, Quivy e Campenhoudt (1998, 227) referem-se a este tipo de análise afirmando: “O lugar ocupado pela análise de conteúdo na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade como, por exemplo, os relatórios de entrevistas pouco diretivas. Melhor do que qualquer outro método de trabalho, a análise de conteúdo (ou, pelo menos, algumas das suas variantes) permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis.”

Desta forma, a informação recolhida a partir das respostas obtidas pelos participantes foram organizadas em categorias de análise. Na definição das categorias, foram tidos em

conta vários aspetos: o enquadramento teórico, os objetivos do projeto, o próprio conteúdo das entrevistas e as respostas às questões abertas dos questionários. As categorias são fundamentais para a análise de conteúdo e devem ser exaustivas, exclusivas, objetivas e pertinentes. Os mesmos autores referem que as categorias são “rubricas significativas, em função das quais o conteúdo será classificado [...]” (Carmo e Ferreira, 1998, 255).

Nestes estudos, as categorias não foram construídas à priori, emergiram dos próprios dados que, segundo Carmo e Almeida (2007, 255), se designa por “procedimento exploratório”.

Para Bardin (1977), quando se realiza a análise de conteúdo, existem três fases a considerar:

- 1) A pré-análise, em que o investigador se organiza de acordo com os documentos disponíveis, fórmula objetivos e elabora indicadores;
- 2) A exploração do material, a fase em que se definem unidades de análise que serão aplicadas aos dados recolhidos;
- 3) A descrição, a inferência e a interpretação -, em que o investigador descreve os dados recolhidos e os interpreta, fazendo as inferências devidas de acordo com o estudo que se propõe realizar.

Ainda segundo o mesmo autor (ibidem, 101), “Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos”, para permitirem “estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise”.

Assim, no nosso estudo, (Anexo XXXVII), recorreremos a quadros para apresentar a análise dos dados recolhidos.

A análise de conteúdo pode ainda ser realizada recorrendo a *software* informático, tal como o NUD IST ou o NVivo. Contudo, achámos que seria mais enriquecedor fazer o tratamento manual dos dados.

CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta parte do trabalho, serão apresentados e analisados os dados recolhidos ao longo do estudo de investigação, para que, posteriormente, ocorra a discussão dos mesmos. Esta análise é de extrema relevância, como afirma Fortin (2009, 56): “A fase empírica corresponde à colheita dos dados no terreno, à sua organização e à sua análise [...]”. Na metodologia qualitativa, a análise dos dados está relacionada com o processo de escolha dos participantes e as diligências para a recolha dos dados. Como já foi referido anteriormente, para este estudo de investigação recorreu-se à Análise de Conteúdo (AC).

Esta recolha constituiu um enorme desafio, pois só a partir desta é que nos foi possível reconstruir o processo de investigação e, simultaneamente, verificar se os objetivos gerais foram ou não atingidos. Ao escutar os pontos de vista dos formandos, impressionou-nos o modo como se pronunciaram sobre a sua experiência enquanto participantes (dirigentes, formandos e formadores) nas diversas *OficinaRias*.

No que respeita à escolha dos dezasseis (16) entrevistados, tentamos que refletisse uma amostra bastante abrangente dos envolvidos em todo este processo. Assim, os critérios basearam-se na diversificação por género, idade, concelho, habilitações literárias, profissão e se era participante como dirigente, formador ou formando.

Para complementar os dados recolhidos através da AC, optámos por incluir também respostas dos 126⁶ questionários de avaliação e os dados recolhidos através dos 131 formulários de inscrição.

⁶ 5 participantes não entregaram o questionário de avaliação

4.2 CARATERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES NAS *OFICINARIAS*.

As *OficinaRias* foram um espaço de encontro para pessoas de diferentes géneros, proveniências, idades e habilitações literárias. Esta diversidade, que à partida era um dos objetivos do projeto e que se concretizou em pleno, tornou as *OficinaRias* ainda mais enriquecedoras para os participantes, tendo os mesmos verbalizado o seu contentamento em relação a este facto.

A participação por género não foi totalmente equitativa, contudo verificou-se uma grande participação do género masculino, facto que foi abordado nas entrevistas “[...] estavam pessoas de várias idades, dos dois sexos, masculino e feminino, e, pronto, acho que foi uma coisa muito interessante” (12FP). Como se pode verificar através da leitura do gráfico 1, dos 131 participantes, 40 (31%) eram do sexo masculino e 91 (69%) do sexo feminino.

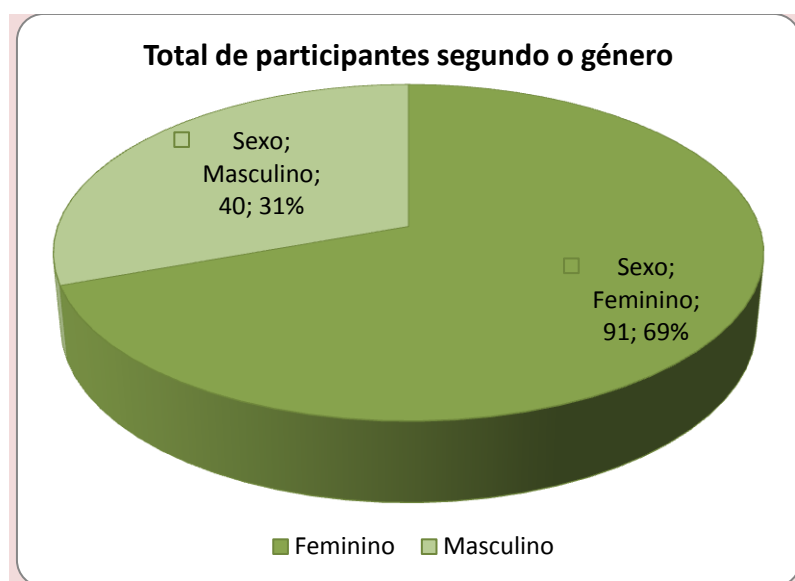


Gráfico 1 - Distribuição de dados relativos ao género dos participantes

Apesar de esta iniciativa ser de âmbito local e de não estar, inicialmente, dentro das nossas expectativas, a participação de pessoas de fora da Murtosa, verificou-se a inscrição de formandos vindos dos concelhos limítrofes e até mais distantes, tendo esse facto constituído uma mais-valia para o projeto e para os participantes: “(vim) de Espinho à Murtosa para ir participar nestas iniciativas e eu aqui em Espinho até nunca tinha participado em nenhuma” (14FP).

Podemos constatar que 103 (78%) eram provenientes⁷ do concelho da Murtosa, 18 (14%) do concelho de Estarreja e 10 (5%) de outros concelhos⁸.

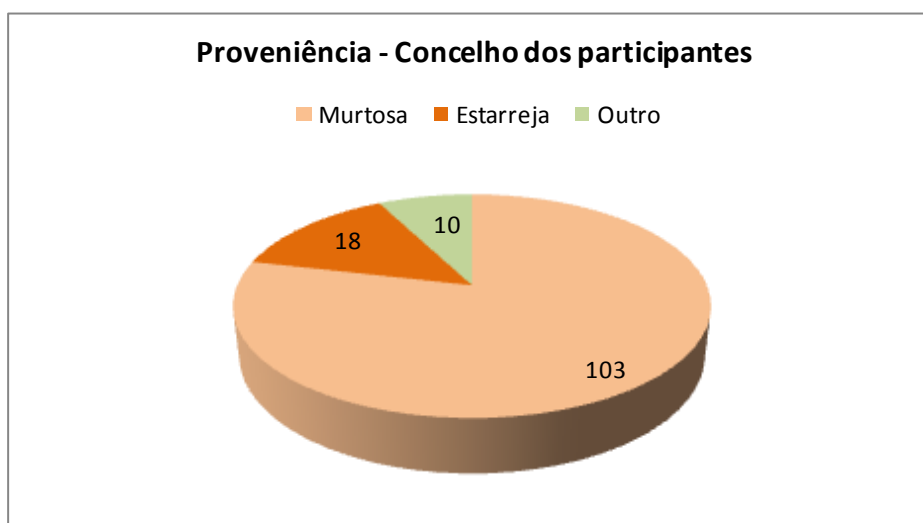


Gráfico 2 - Distribuição de dados relativos ao concelho de residência dos participantes

A questão da diversificação ao nível etário foi um aspeto fulcral em todo este processo. Para facilitar a caracterização das idades⁹ dos participantes, dividiu-se as faixas etárias por intervalos de 10 em 10 anos, ou seja [dos 10 aos 19 anos de idade], respetivamente até [dos 70 aos 79 anos de idade]. A partir do gráfico 3, podemos constatar que 23 participantes tinham idades compreendidas entre os 10 e os 19 anos; 28 entre os 20 e os 29 anos; 18 entre os 30 e os 39 anos; 24 entre os 40 e os 49 anos; 22 entre os 50 e os 59 anos; 15 entre os 60 e os 69 anos e 1 tinha idade entre os 70 e os 79 anos. A diversidade etária dos participantes, contribuiu para a concretização dos objetivos propostos inicialmente, sendo que, o elemento mais novo tinha 12 anos e o mais velho 74 anos. Os depoimentos recolhidos testemunham a importância da transgeracionalidade das ações: “[...] (a transmissão de conhecimentos foi) bastante válida. Não só para os mais velhos transmitirem alguns conhecimentos, mas também os mais novos transmitiram os seus conhecimentos aos mais velhos” (4MP) e “Ninguém se engane que a gente não aprende com os mais velhos, nem os mais velhos aprendem com os mais novos. Andamos sempre a aprender. Sempre a aprender, sempre. Eu gostei muito (ídosa de 79 anos), eu sou franca” (9FO).

⁷ Dados recolhidos através do formulário de inscrição na *OficinaRia*

⁸ Designadamente 3 participantes eram de Aveiro, 2 de Espinho, 1 de Ourém, 2 de Albergaria -a velha, 1 de Ovar e 1 do Porto.

⁹ Dados recolhidos através do formulário da inscrição na *OficinaRia*

Da análise do gráfico seguinte, podemos ainda destacar que o número de participantes entre os [20-29] anos de idade foi o que mais se evidenciou.

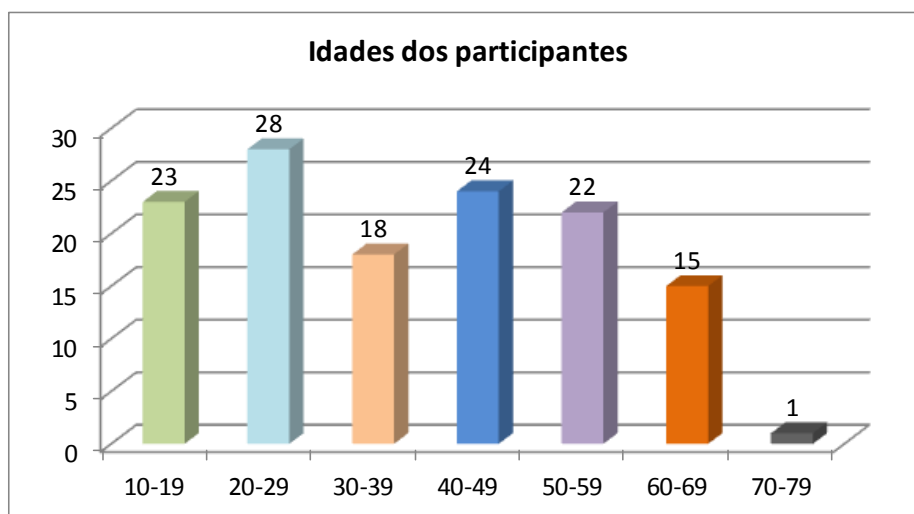


Gráfico 3 - Distribuição de dados relativos às idades dos participantes

Um dos aspetos peculiares do projeto foi, sem dúvida, a diversidade do público-alvo. Este objetivo foi amplamente conseguido em vários aspetos. À semelhança das idades, também se verificou uma grande heterogeneidade no que diz respeito às habilitações literárias¹⁰. Tal como podemos observar através do gráfico 4, passaram pelas *OficinaRias* desde participantes analfabetos (2) até àqueles que possuíam um doutoramento (4). O grupo de participantes que terminou a licenciatura foi aquele que mais se destacou (36). Logo a seguir aos licenciados, surgem os participantes que concluíram o 9º ano (24) e, de seguida, os que terminaram o 6º e o 12º ano com o mesmo número de participantes (23).

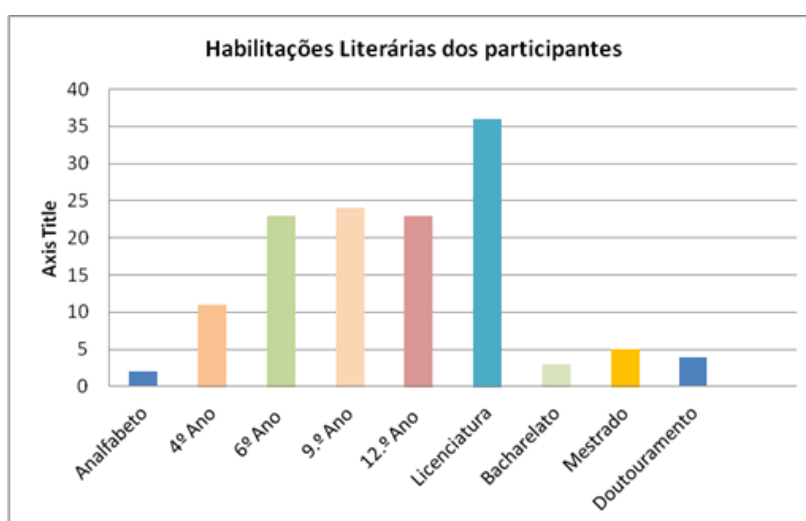


Gráfico 4 - Distribuição de dados relativos às habilitações literárias dos participantes

¹⁰ Dados recolhidos através do formulário de inscrição na *OficinaRia*

As *OficinaRias* foram, de facto, “um palco” da promoção ativa do respeito das potencialidades de cada um e das diferenças, estabelecendo a troca de saberes entre várias gerações. Fortaleceram-se redes de sociabilidade, independentemente da idade, sexo, habilitações literárias e estatuto socioeconómico.

4.3 DIVULGAÇÃO DO PROJETO

Para que as *OficinaRias* tivessem o impacto desejado, foi de extrema importância a escolha do meios de divulgação, sendo que o objetivo era chegar ao máximo de pessoas e a grupos muito diversificados de potenciais participantes. Dos vários meios de divulgação¹¹ do projeto, destacam-se, em primeiro lugar, o *Facebook*¹², em segundo os cartazes e, em terceiro, o *site* da Câmara Municipal¹³.

O quadro seguinte mostra a forma como os participantes tomaram conhecimento da iniciativa, destacando-se os meios referidos.

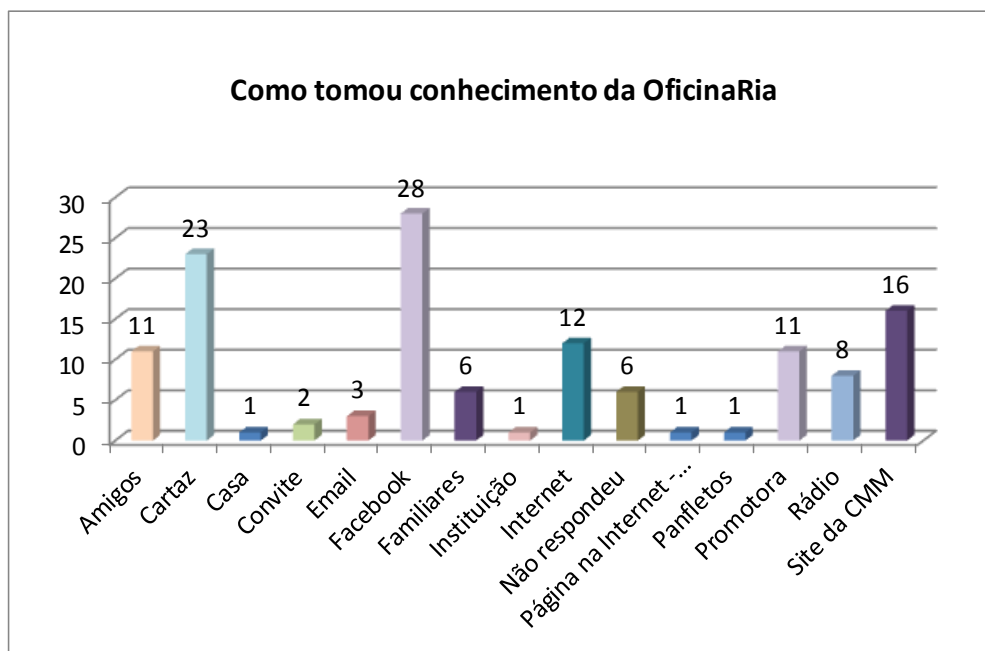


Gráfico 5 - Distribuição de dados relativos aos meios de divulgação

¹¹ Respostas do formulário de inscrição quando se colocava a seguinte questão: “como tomou conhecimento da *OficinaRia*?”

¹²

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=443523089059372&set=a.117725048305846.21832.117327338345617&type=1&theater>

¹³ Apresentando valores acima da média global (± 8.7).

Num mundo cada vez mais cibernético, foi com naturalidade que concluímos que a internet e as redes sociais se assumiram como os meios mais utilizados na busca de informação sobre o projeto, facto que é destacado numa série de depoimentos: “*Penso que foi através do Facebook*” (2MP); “*Através de uma colega minha da Murtosa e depois fui ver no “site” da Câmara Municipal da Murtosa*” (14FP) e “*A minha mãe viu na internet*” (15FP). No entanto, os meios tradicionais também se revelaram eficazes: “[...] *vi afixado por cafés e nalguns espaços culturais e públicos*” (4PM).

4.4 A PROMOÇÃO DO ENVELHECIMENTO ATIVO VALORIZANDO O INTERCÂMBIO DE CONHECIMENTOS

É pertinente esclarecer que todo este projeto foi impulsionado pela preocupação social em relação à qualidade do processo de envelhecimento, que se tornou numa questão de enorme relevância a nível mundial. Assim, a OMS (Organização Mundial de Saúde) defendeu também este conceito na II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, referindo e demonstrando que este está dependente “[...] de uma variedade de influências, ou determinantes [...]” envolvendo “[...] indivíduos, como as famílias e as próprias nações [...]” (Programa Nacional para a Saúde de Pessoas Idosas, 2005, 8-9).

Facilmente se contextualiza o projeto *OficinaRias*, associando-o a este conceito de *Envelhecimento Ativo* e a esta manifestação de uma responsável preocupação social em relação à qualidade do processo de envelhecimento.

O envelhecimento é uma realidade incontornável em qualquer sociedade, sendo que, para que haja um *Envelhecimento Ativo* e saudável, terão sempre de associar-se várias determinantes. A **cultura** é um dos fatores basilares e transversais dentro da estrutura social, para compreender o *Envelhecimento Ativo*, já que abrange todas as pessoas e populações, modela a nossa forma de envelhecer e influencia todos os outros fatores determinantes do *Envelhecimento Ativo*, “os valores culturais e as tradições determinam muito como uma sociedade encara as pessoas idosas e o processo de envelhecimento” (Ivo, 2008: s/p.).

As *OficinaRias* integraram-se perfeitamente neste conceito de que os fatores culturais têm uma enorme importância em todo este processo de *Envelhecimento Ativo*. Assim, contribuíram para o intercâmbio de conhecimentos relacionados com a cultura e identidade local, bem como para que muitos dos conhecimentos e tradições não se perdessem. Tal como podemos constatar através daquilo que os entrevistados referiram:

[...] o número de pessoas do Município que tem agora conhecimentos de técnicas antigas acho que aumentou. Portanto, o risco de determinados saberes que eram característicos desta zona desaparecer diminuiu substancialmente”(13FP).

“[...] e depois o facto de ser uma coisa que está relacionada com os nossos valores, com as nossas tradições, coisas que potencialmente podem se perder ao longo do tempo, é outra mais-valia sem dúvida”(11FP).

Tendo em conta que a diversidade é um aspeto enriquecedor, pode concluir-se que o **género** é outra determinante do *Envelhecimento Ativo*, visto que promove a partilha de perspetivas diferentes. Nas *OficinaRias* participaram 91 elementos do sexo feminino e 41 elementos do sexo masculino, conforme apresentamos no gráfico 1. Podemos comprovar através das expressões dos participantes que existiu uma grande interação entre ambos os sexos, embora as expectativas indicassem que algumas das *OficinaRias* pudessem ser mais “direcionadas” para um dos géneros, do que outras.

“Às vezes também existe uma discrepância de sexos, acho que tudo correu bem, o convívio foi bastante positivo”(3MP).

“Porque havia OficinaRias que interessavam talvez, agora falando especificamente das pasteleiras, poderiam potencialmente interessar mais a homens, mas também foram concorridas, participadas por mulheres”(11FP).

Visto que todo o projeto se debruçou no Envelhecimento Ativo, é essencial esclarecer toda a dimensão que o adjetivo “ativo” assume face ao conceito de “envelhecimento”. Para a OMS, a palavra “Ativo” diz respeito à participação contínua nas questões sociais, económicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho.

Deste modo, compreende-se que um Envelhecimento Ativo não pode demarcar-se totalmente de **fatores económicos**, presentes na vida dos mais jovens, mas também dos menos jovens. Sendo Murtosa um concelho que depende economicamente sobretudo da agricultura e da pesca, o quotidiano das pessoas, nomeadamente das que possuem mais idade, está muito relacionado com estas duas áreas do setor primário:

“As pessoas [...] com muita idade cuidam do seu quintal, têm as suas coisas, portanto, até muito tarde, mesmo já no limite, no limite já das forças, das capacidades, é que as pessoas abdicam de fazer as suas tarefas. Muito associado à questão da agricultura mas também, por exemplo, à pesca, é muito comum ver pessoas com alguma idade praticá-la”(5MD).

Se os participantes trouxeram para as *OficinaRias* os seus saberes tão diversificados, associados às suas atividades económicas, esta diversidade foi também evidente no tecido social aí representado. Assim, no que respeita aos **fatores sociais**, os participantes das *OficinaRias* possuíam diferentes idades, habilitações literárias e status. Mas de facto, o que se constatou é que estas determinantes tão distintas influenciaram de forma positiva o funcionamento das *OficinaRias*.

“ [...] eu já referi um (aspeto positivo) que para mim é dos mais ricos, dos mais positivos. Um era esse tal convívio entre pessoas de diferentes gerações, diferentes culturas, diferentes habilitações, uma da quarta classe, outras de doutoramentos, de professores universitários. [...] Aquilo que se notou é que eram pessoas iguais a aprender uma coisa nova. Todos se colocaram no mesmo nível de alunos/formandos”(1MD).

“Tudo isto é enriquecedor [...] porque realmente vêm para a zona pessoas de fora, conhecem aqui o nosso ambiente, vivem, fazem os convívios juntamente connosco, o que é muito bom” (3MP) *“foi um relacionamento bastante bom e acho que bastante importante.”*(4MP) *“aquilo é bom, para eles, per si e também para a comunidade”*(5MD).

O **ambiente físico** foi também favorável à implementação do projeto das *OficinaRias*. No concelho da Murtosa é notória a interação que existe entre os diferentes agentes sociais (Associações, Coletividades, IPSS's). É também um concelho onde existem infraestruturas de qualidade. Este projeto procurou, sempre que possível, enquadrar as ações num contexto físico amigável e facilmente associável às características de cada formação. São exemplos disso as *OficinaRias* da broa e das chouriças, na Casa Museu Custódio Prato, a da Atividade Física no Parque Municipal ou a das Enguias, na sede da Associação dos Amigos da Ria.

“Nós estamos num município, pelas características que tem, que desde há muito que se pratica o conceito do Envelhecimento Ativo.”(5MD)

“Pessoalmente vi que o assunto se enquadrava muito bem, [...] no âmbito da Casa Museu”(1MD).

Se o **ambiente físico** favoreceu o sucesso do projeto, também não se podem ignorar as **determinantes pessoais** tão relevantes para que o projeto resultasse numa enriquecedora partilha de experiências. Durante as *OficinaRias*, foi possível observar que o entusiasmo de cada participante contribuiu para um envolvimento ainda maior entre todos os participantes. De referir, igualmente, o espírito de entreaajuda que se verificou nas

formações, com os formandos mais familiarizados com as técnicas ensinadas a ajudarem os restantes.

“[...] fiquei contente pelo tema, porque é um hobbie que me apaixona [...]” (8MO).

“Fiquei assim indecisa [...] Porque eu nunca tinha participado nessas coisas, mas com Deus foi-se para a frente [...]. Eu gostei muito, eu sou franca, não estava à minha vontade, porque nunca lá tinha ido” (9FO).

“Recebi com muito gosto e fiz isso, pronto, com muito prazer e sempre pronto, quando for preciso alguma coisa é contar comigo” (6MO).

“Eu reagi bem porque eu gosto muito de fazer rojões” (7MO).

Foi evidente que a união de esforços (**determinantes comportamentais**) contribuiu, de forma muito significativa, para o sucesso das *OficinaRias*. De uma forma mais alargada, esta união de esforços é notória também ao nível do Município, sendo visível que contribui para a alteração de comportamentos em prol de um *Envelhecimento Ativo*.

“Às vezes, agarrar o público-alvo e convencê-lo de que aquilo é bom para eles, per si e também para a comunidade, às vezes, é que pode ser a maior dificuldade [...] Mas ainda assim eu acho que se tem feito caminho, as pessoas estão cada vez mais despertas para isso” (5MD).

“Portanto, pessoas com doutoramentos e que ali nada se notava senão a partilha. O entusiasmo de aprender aquela atividade concreta daquele dia” (1MD).

“a gente falava uns com os outros como se conhecesse há muito... Há muitos anos. Isso foi das coisas que mais me marcaram” (7MO).

Neste sentido, poderemos então considerar que as *OficinaRias* poderão ter funcionado como um projeto-piloto para que no futuro seja intensificada a relação com os serviços sociais (p. e. IPSS's, coletividades e associações) e de saúde (p. e. Unidades de Saúde Familiar). Mais uma vez, esta articulação e intensificação entre os **serviços sociais e de saúde** seria uma mais-valia em prol da promoção do *Envelhecimento Ativo*.

“E de facto as OficinaRias acabaram por ser um belo laboratório [...] (no futuro poderão continuar a funcionar), falo muito em articulação com as instituições locais, nomeadamente com os Centros Sociais e a Santa Casa [...] colocando à disposição dessas instituições um conjunto de valências, um conjunto de equipamentos, desde equipamentos desportivos até à logística associada [...]. Portanto, o Município da Murtosa tem essa preocupação [...] Hoje há outras atividades naturalmente, nomeadamente a parte física obviamente muito trabalhada, no sentido do lazer, da saúde” (5MD).

O bem-estar proporcionado por experiências de partilha como as *OficinaRias* é muito importante para um envelhecimento saudável. Logo, é inevitável falar de saúde, o que nos leva a regressar ao conceito de *Envelhecimento Ativo* proposto pela OMS (2002). Este é apresentado como sendo o processo de otimização das oportunidades para a **saúde**, participação e segurança, para melhorar a qualidade de vida das pessoas que envelhecem. Segundo a mesma Organização, o *Envelhecimento Ativo* implica a promoção de autonomia, independência, qualidade e expectativa de vida.

No que respeita à **saúde**, pretende-se, assim, manter os fatores de risco baixos e os fatores de proteção elevados, permitindo uma maior qualidade e quantidade de vida.

“o Envelhecimento Ativo é uma realidade, as pessoas felizmente chegam a idades avançadas, nós temos vários casos de pessoas que já são centenárias. Pessoas que chegam a uma idade avançada com capacidade física e com saúde, e com capacidade intelectual, que lhes permite fazer um conjunto de tarefas” (5MD)

É essencial para qualquer sociedade a participação de todos, definindo-se como propósito relevante o apoio à participação integral em atividades socioeconómicas, culturais e espirituais, permitindo que todos, inclusivamente os idosos, contribuam para a sociedade.

As OficinaRias contribuíram para que se constatasse o reconhecimento e a importância que cada um tem na sociedade, ou seja, reconheceu-se que “todos podem dar o seu contributo”, com impactos muito positivos na melhoria da autoestima e do sentimento de pertença ao território.

“[...] as pessoas felizmente chegam a idades avançadas, nós temos vários casos de pessoas que já são centenárias. Pessoas [...] com capacidade física e com saúde, e com capacidade intelectual, que lhes permite fazer um conjunto de tarefas” (5MD).

“[...] (os temas selecionados) têm muito que ver com a identidade local. Têm muito que ver com o sentir das pessoas, um conjunto de atividades que são algumas muito intrínsecas ao povo murtoseiro” (5MD).

“[...]Jestou me a lembrar da caldeirada de enguias, é uma coisa tão típica nossa e muitos de nós não sabemos fazer [...].” “[...] o número de pessoas do Município que tem agora conhecimentos de técnicas antigas acho que aumentou. Portanto o risco de determinados saberes que eram característicos desta zona desaparecer diminuiu substancialmente” (13FP).

Finalmente, a todos os fatores anteriormente referidos, e de enorme importância para o *Envelhecimento Ativo*, tem que acrescentar-se um último não menos importante: a **segurança**. Esta requer a intervenção política da segurança social, física e financeira, assegurando assim a proteção, a dignidade e a assistência, quando os idosos se tornam vulneráveis e pouco autónomos.

Não podemos afirmar que existiu uma intervenção política da segurança social propriamente dita, contudo, as *OficinaRias* foram espaços onde existiu respeito (dignidade) e os participantes sentiam que estavam rodeados por pessoas *“que os tratavam bem”* (proteção).

“Estavam pessoas de diferentes idades, pessoas com quem eu nunca tinha lidado, mas gostei imenso e acho que elas também gostaram de mim, porque elas estavam a acompanhar e ainda encheram chouriças” (9FO).

“[...] a gente falava uns com os outros como se conhecesse há muito... Há muitos anos. Isso foi das coisas que mais me marcaram” (7MO).

Relativamente aos pilares referidos anteriormente (saúde, participação e segurança), poderemos então reforçar a ideia de que cabe aos governos, às organizações internacionais e à sociedade civil implementar políticas e programas de *Envelhecimento Ativo*, de forma a melhorarem a saúde, a participação e a segurança de todos e, em especial, dos idosos. Estas políticas devem ser sempre baseadas nos direitos, necessidades, preferências e habilidades das pessoas. Pois, *Envelhecimento Ativo* não se aplica só a indivíduos, mas também é aplicado a grupos populacionais.

Também de acordo com a OMS (2002), o *Envelhecimento Ativo* permite que as pessoas percebam o seu potencial físico, social, mental e o bem-estar ao longo da vida e a participação na sociedade, proporcionando-lhes simultaneamente uma proteção adequada, segurança e cuidados, quando eles precisam. O *Envelhecimento Ativo*

implica, assim, uma atuação multidisciplinar e interdisciplinar na intervenção para a promoção da saúde, nomeadamente, das pessoas mais idosas. Conforme o *Programa Nacional para a Saúde das pessoas idosas* (2006, 8), uma boa saúde é essencial para que as pessoas mais idosas possam manter uma qualidade de vida aceitável e possam continuar a assegurar os seus contributos na sociedade.

Enfim, pessoas (idosas ou não) ativas e saudáveis, para além de se manterem autónomas, constituem um importante recurso para as suas famílias, comunidades e economias.

Desta forma, podemos concluir que um *Envelhecimento Ativo* tem como objetivo primordial aumentar a expectativa de vida saudável, assim como a qualidade de vida. Este objetivo não só se destina a todas as pessoas que estão a envelhecer, mas também às que se encontram frágeis fisicamente e incapacitadas, e necessitam de cuidados. Apesar de não termos “lidado” com este último grupo de pessoas, achámos pertinente referenciá-las, para que estas também não sejam esquecidas.

No decorrer das *OficinaRias* e das entrevistas também, foi possível constatar a existência de pessoas com idade avançada e com **autonomia** nas Atividades de Vida Diária (AVD's), ainda capazes de tomarem as suas próprias decisões.

“Apesar (da formadora) já ter falecido (86 anos), deixou um ensinamento que para ela era vital, era o que fazia da vida dela, era o que mais lhe dava prazer [...] continuava a dizer com os olhinhos a brilhar e um sorriso na cara que tinha sido uma coisa que adorou [...] ensinar-nos algo que ela fez durante toda a vida e que foi o ganha-pão dela e que ajudou a alimentar também os filhos dela” (10FP).

Em suma, o envelhecimento ocorre dentro do contexto da família, amigos, colegas de trabalho, vizinhos. É por isso que a autonomia, bem como a solidariedade intergeracional são princípios importantes do *Envelhecimento Ativo*. Por serem, na nossa opinião, vitais, é que não desenvolvemos um projeto que promovesse apenas o *Envelhecimento Ativo*, ambicionámos mais. Daí a importância do segundo objetivo deste projeto: “valorização dos conhecimentos e da troca de experiências entre as diferentes gerações” a ser abordado de seguida.

4.5 A VALORIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS E DA TROCA DE EXPERIÊNCIAS ENTRE AS DIFERENTES GERAÇÕES.

Conforme defende o sociólogo Dumazedier (1992, 9), “as velhas gerações continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos às novas gerações. Há uma atitude seletiva com respeito aos ensinamentos da tradição e às lições da experiência, seja no trabalho, seja nas relações sociais, na vida familiar, no lazer etc., porque as pessoas idosas representam, antes de mais nada, uma memória coletiva. Se elas não transmitirem esse tipo de saber, quem o fará?”

De facto, as *OficinaRias* contribuíram para facilitar o intercâmbio de conhecimentos e valorizar os conhecimentos ancestrais que estavam em vias de desaparecerem.

“[...] na minha opinião foi uma coisa muito boa porque fez-nos lembrar as coisas que os nossos avós, os nossos bisavôs faziam. Porque hoje já não há quem faça praticamente essas coisas. [...] Aprendemos umas com as outras, uns com os outros”(11FP).

“Mas estas tradições estão-se a perder exatamente porque as pessoas que sabem fazer estão a desaparecer ou deixam depois de conseguirem fazer porque já não conseguem ver bem ou por outro motivo qualquer [...]”(13FP).

“Se não forem este tipo de coisas elas acabam por se perder no tempo”(1MD).

Para facilitar este intercâmbio de saberes, privilegiou-se um dos aspetos peculiares de todas as ações, “a vertente prática”, pois indiscutivelmente não há melhor forma de aprender do que “fazendo”. Por outro lado, à partilha do “savoir-faire” associou-se um ambiente informal, que facilitou a aquisição de conhecimentos e a partilha de experiências.

“As pessoas estiveram lá, como costumamos dizer, a pôr a mão na massa. [...] As pessoas ao sentir guardam muito melhor essa recordação”(1MD).

“[...] acho que é a forma excelente das pessoas conviverem, partilharem e de uma forma informal colocarem as questões, [...], conseguir partilhar os conhecimentos, uns pela experiência, outros pelo conhecimento”(8MO).

“os (formadores) deram todos os passos necessários para nós percebermos e conseguirmos fazer quando estamos em casa [...]”(14FP).

Para além da partilha de informação importante, experienciaram-se momentos de grande convívio e partilha, que criaram um ambiente muito agradável.

“Um aspeto bastante bom talvez seja esse mesmo convívio entre as gerações e a partilha dos conhecimentos” (4MP).

“O interesse de uma forma geral é mesmo o convívio entre as pessoas das várias idades e a passagem do próprio conhecimento e das experiências. Houve interação. Houve partilha” (2MP).

“Sem dúvida a interação entre as formandas e a formadora. Foi excepcional mesmo, o convívio entre as pessoas, a dinâmica, isso aí eu acho que é o melhor, mesmo a interação entre as várias gerações que é o que é pretendido” (10FP).

Este ambiente muito agradável conduziu a uma enorme satisfação pessoal dos participantes, quer fossem formadores ou formandos. Assim, a satisfação foi generalizada.

“Reagi, pronto, com muita alegria, porque gosto de ensinar aquilo que sei aos outros. Eu senti nelas (as formandas) elas terem o interesse e de querer saber e de querer aprender” (16FO)

“As OficinaRias são uma iniciativa muito boa, podemos aprender coisas novas e melhorar o que já sabemos. A OficinaRia para mim é caracterizada pela partilha de conhecimentos, de saber” (Q41).

Buz Delgado e Bueno Martínez (2006, 13) referem que um programa intergeracional pode definir-se como aquele que une mais de uma geração mediante a realização de alguma atividade planeada com o fim de alcançar determinados objetivos. Foi com base nesta conceção que se idealizou o projeto *OficinaRias* e se traçaram os objetivos, nomeadamente o da “valorização dos conhecimentos e da troca de experiências entre as diferentes gerações”.

4.6 A DIVULGAÇÃO A CULTURA E ALGUMAS DAS TRADIÇÕES DO CONCELHO DA MURTOSA.

Do latim *divulgatiō*, divulgação é a ação e o efeito de divulgar (difundir, promover ou publicar algo para o disponibilizar e colocar ao alcance do público).

“Divulgar a cultura e algumas das tradições do concelho da Murtosa” era o terceiro objetivo deste projeto e as *OficinaRias* foram de facto notícia em diversos órgãos de comunicação social, nomeadamente na rádio, na internet, no jornal e na televisão (Local e no Porto Canal).

“[...] só pode ter uma palavra para as avaliar que é sucesso absoluto [...]sobretudo esse impacto muito positivo que teve na população, que teve na comunicação social[...]” (5MD).

Para além da divulgação da cultura e das tradições, durante as *OficinaRias*, foi possível recolher um número significativo de fotografias, vídeos e registos escritos dos temas desenvolvidos, conseguindo reunir um enorme espólio documental.

Documentar as *OficinaRias* serviu claramente o intuito de perpetuar conhecimentos e tradições que tendem a perder-se no tempo.

“Ficaram registos, quer fotográficos, quer em termos de vídeo, quer até escritos, ficaram registos dessas artes, desses trabalhos que lá se fizeram e isso é um maior enriquecimento, é aquilo que vai perpetuar e vai fazer com que as coisas não se percam. [...] Se não forem este tipo de organizações que de alguma forma divulgue e preserve, através de uma gravação, através de fotografia, através de um texto isto se perder, como hão de ter perdido muitas” (1MD).

Em jeito de conclusão, foi evidente o incansável apoio do Município da Murtosa a todo este projeto. Em contrapartida, no que respeita à divulgação, podemos afirmar que todo o trabalho desenvolvido contribuiu também para a promoção deste Município.

“[...] na OficinaRia que participei da conservação e manutenção das pasteleiras, acho que para além de promover o Município da Murtosa, promove também o grande projeto da Murtosa Clicável. Esta OficinaRia das bicicletas acho que ainda veio enaltecer mais esse projeto e promover a Murtosa” (4MP).

Após a análise das opiniões dos participantes, constatámos que estes consideram as *OficinaRias* um projeto que poderá ambicionar deixar o ciclo meramente local e alargar-se a outros municípios. A temática, que serviu de base ao projeto, poderá adequar-se a outros espaços geográficos e ser implementada por outras Câmaras Municipais, onde existirão muitas tradições e conhecimentos a serem partilhados também.

“Os outros concelhos deviam de fazer a mesma coisa porque não é só cá na Murtosa que há coisas que devem ser divulgadas, mas nos outros concelhos também. Por isso na Murtosa, a Murtosa está a apostar muito bem naquilo que está a ensinar. É um concelho que está a evoluir muito e gosta de apresentar coisas antigas e de qualidade” (12FP).

“Acho que havia de haver mais municípios a fazer isso [...]. Para dar animação às pessoas e podiam fazer outro tipo de iniciativas que interagisse mais com as pessoas das suas localidades. É o meu caso, não é? Fui de Espinho à Murtosa para ir participar nestas iniciativas e eu aqui em Espinho até nunca tinha participado em nenhuma”(14FP).

4.7 A AVALIAÇÃO DAS OFICINARIAS

Para compreender o impacto do projeto, a avaliação tornou-se fundamental. Fez-se uma avaliação do projeto em geral e das *OficinaRias* em particular, verificando-se que existe unanimidade nas respostas dos participantes. Dirigentes, formadores e formandos consideram que a avaliação global foi bastante positiva.

Dirigentes referem:

“[...] em termos genéricos, de tudo o que eu vi nas outras sessões, acho que foi espetacular. Acho que se conseguiu alcançar os objetivos [...] (as temáticas) [...] criam nas pessoas entusiasmo. Por exemplo, nós tivemos algumas (OficinaRias) que as inscrições foram muito rápidas”(1MD).

“[...] eu acho que a avaliação é mesmo de sucesso”(5MD).

Formadores referem:

“[...] é extraordinário e enriquecedor para uma comunidade e para um concelho [...]”. (8MO)

“Foi tão natural, tão natural, eu não achei que alguma coisa corresse mal, a sério que não”(7MO).

Os formandos acrescentam:

“[...] interessante e bem construída”(14FP).

“Não, não, não, não consigo identificar assim uma coisa que tenha corrido menos bem”(11FP).

Quando solicitámos que indicassem aspetos que consideravam que poderiam ser melhorados, os dirigentes referiram que o número limitado de inscrições impossibilitava que todos os interessados pudessem participar. Sugeriram também que se deveriam diversificar os espaços de realização das *OficinaRias* e que no futuro também se deveria alterar a periodicidade.

“[...]um constrangimento que as OficinaRias forçosamente têm que ter, [...]que é o número limitado de inscrições. [...] Aconteceu com muita frequência terem que ser recusadas inscrições num conjunto de OficinaRias, porque se tinha atingido o número limite, (e) [...] descentralizar as OficinaRias”(5MD).

“Acho que pode não ser com esta periodicidade, não tem de ser, pode ser uma vez de mês a mês, pode ser uma vez de dois em dois meses, mas criar assim alguma coisa que dê continuidade a este projeto, acho muito bem!”(1MD).

Na opinião dos formadores, as *OficinaRias* poderiam ter sido ainda mais divulgadas.

“Podia ser mais divulgado [...] Mas também como isto era uma coisa tão familiar, com um grupo tão restrito, se houvesse também muitas inscrições também de alguma forma ia ser complicado gerir o número de inscrições”(8MO).

Os formandos sugeriram que as *OficinaRias* durassem mais tempo, que os espaços fossem adequados ao número de participantes, que o material de apoio fosse enviado no momento da inscrição para se ter mais tempo para ler, analisar e porventura preparar algumas dúvidas e questões, que fossem alterados os horários, que fossem preenchidos de outra forma os tempos de espera (p.e. durante a cozedura do pão e dos rojões) e que fossem criados grupos rotativos para facilitar a visibilidade e a circulação no caso de serem espaços fechados e pequenos. Curiosamente, existem diversos participantes que referem que a regularidade das *OficinaRias* se deveria manter, em oposição à opinião de um dos dirigentes.

“[...] não houve muito tempo para a gente terminar [...]. Mas não se pôde se estender muito no tempo”(10FP).

“Um aspeto menos bom, se calhar, foi o espaço, porque era um espaço pequeno para o número de pessoas que lá estavam”(14FP).

“Eu acho que em situações futuras, se calhar, na altura em que nós fizemos as inscrições, aquela informação entregue em suporte de papel já poderia ter sido fornecida de modo a dar às pessoas tempo, para lerem com cuidado e tal”(13FP).

“ (podemos melhorar futuras OficinaRias ao) manter a regularidade das sessões”(Q55).

“Outros horários”(Q57).

“Preencher melhor os tempos mortos”(Q5).

“Pequenos grupos rotativos, de maneira a facilitar a visibilidade e a circulação em espaços apertados” (Q46).

O projeto *OficinaRias* foi, no geral, avaliado pelos intervenientes de forma muito positiva. Quanto aos **conhecimentos adquiridos**, entre 60 e 70% consideraram que o projeto correspondeu às suas expetativas, tendo proporcionado uma nova experiência do seu interesse.

Relativamente ao **desempenho dos formadores**, o grau de satisfação foi ainda maior. Entre 70 e 76%, consideraram que os conhecimentos foram transmitidos de forma clara e motivadora, e que os formadores estiveram disponíveis para ouvir os formandos, fomentando um ótimo ambiente interpessoal.

Finalmente, o **suporte administrativo** (Anexo XXXVIII) deste projeto foi também avaliado muito positivamente, uma vez que entre 91,2 e 76,1% dos inquiridos consideraram a documentação facultada e o espaço de boa qualidade, bem como avaliaram como adequados tanto a duração como o horário em que ocorreram as sessões.

De um modo geral, a avaliação foi muito positiva, tendo em conta que apenas entre 0,8 e 2,3% avaliaram alguns dos itens nos parâmetros “razoável”, “pouco razoável” ou “mau”. Face ao analisado, confirma-se que se trata de um conceito que poderá ter continuidade no futuro, embora fora do contexto académico que originou inicialmente a ideia do projeto.

		1	2	3	4	5	
1.1 De uma forma geral, as <i>OficinaRias</i> foram agradáveis?	Pouco			3	13	110	Muito
1.2 Os objetivos propostos foram cumpridos?	Minimamente cumpridos			3	23	100	Totalmente cumpridos
1.3 Os conhecimentos transmitidos corresponderam às suas expetativas?	Minimamente		1	4	20	101	Totalmente
1.4 Recomendará futuramente estas <i>OficinaRias</i> ?	Nunca		1		9	116	Sempre

Tabela 7 - Avaliação global das *OficinaRias*

	Muito	Bastante	Razoável	Pouco	Nada
2.1 As <i>OficinaRias</i> foram ao encontro das suas expetativas?	80	41	5		
2.2 As <i>OficinaRias</i> proporcionaram-lhe uma nova experiência?	85	37	4		
2.3 As diferentes fases das <i>OficinaRias</i> foram do seu interesse?	89	33	3	1	

Tabela 8 - Avaliação dos conhecimentos adquiridos

	Muito	Bastante	Razoável	Pouco
3.1 Clareza na comunicação	89	35	2	
3.2 Capacidade de motivação do grupo	90	33	3	
3.3 Capacidade de ouvir/perceber os formandos	85	38	3	
3.4 Relacionamento interpessoal com os formandos	97	28	1	

Tabela 9 - Avaliação do desempenho dos formadores

	Muito mau	Mau	Razoável	Bom
4.1 Qualidade de documentação facultada			11	115
4.2 Qualidade do espaço			30	96
4.3 Duração da Formação		1	29	96
4.4 Horário da Formação		1	24	101

Tabela 10 - Avaliação do suporte administrativo

4.8 AS SUGESTÕES DE OUTROS TEMAS PARA FUTURAS OFICINARIAS.

Para além dos temas desenvolvidos, surgiram muitos outros dos participantes, nomeadamente:

“Broa de abóbora” (Q116).

“Poderiam ser aproveitados momentos festivos como Páscoa e Natal, para introduzir a realização de Bolo-rei ou folar” (Q3).

“Fabrico de pão e outros eventos da região” (Q36).

“O famoso pão-de-ló caseiro” (Q40).

“Workshops de culinária gostava de frequentar” (Q42).

“Pastelaria. Trabalhar com chocolate” (Q45).

“Lampreia” (Q47).

“Leite amassado” (Q55 / Q69).

“Fazer roscas, mantas, tapetes” (Q124).

“Chinelos de trapos” (Q120).

“Ponto Cruz. Renda” (Q59).

“Agricultura: uma OficinaRia de plantas e mini-hortas, baseadas nas plantas que se costumam cultivar cá na Murtosa” (Q2).

“Matança do porco” (Q9).

“Oficina do vinho” (Q13).

“Bicicletas, caminhadas temáticas na ria” (Q24).

“Cicloturismo (aproveitar o que a Murtosa neste momento oferece em termos de pistas, percursos e grupos de ciclo-turistas)” (Q26).

“Abordar outros desportos” (Q30).

“Dança, representações, leitura ou contar histórias” (Q29).

4.9 O EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO SOCIAL

Após ter sido feita uma pequena reflexão acerca da intervenção comunitária e sobre a necessidade de sustentar a participação em projetos inovadores e, numa dinâmica de ação empreendedora, entendemos que este projeto se enquadra nesta ambição. Por um lado, surpreendeu pela novidade do conceito e, por outro, envolveu elementos muito distintos de uma mesma comunidade.

É comum encontrar seis características base numa iniciativa de Empreendedorismo Social: a missão, a inovação, o impacto, o empoderamento, o ser escalável e sustentável.

No que respeita à **inovação**, foi possível uma nova abordagem e ferramentas que desafiaram a visão tradicional. As *OficinaRias* ousaram aliar a teoria e a prática, proporcionando a possível participação a qualquer pessoa que revelasse interesse, uma vez que os seus destinatários seriam todos aqueles que estivessem interessados.

“Eu acho que a parte melhor do projeto foi a ideia do projeto e depois conseguirem concretizar”(Q14).

“[...] foi dada também informação escrita que [...] aliada depois à prática é muito melhor. Ver fazer na prática não tem nada a ver com o ler uma receita ou ler a ordem que se faz determinado trabalho. [...]. Também nos davam oportunidade de nós executarmos, o que também é importante.[...] apercebermo-nos onde é que temos as dificuldades só é mesmo possível se realmente fizermos as coisas”(13FP).

“Superou as expectativas com a introdução da teoria com a prática. Parabéns pela iniciativa”(Q22).

“[...] a apresentação foi muito clara e o facto de termos a participação na confeção dos alimentos dá-nos outras bases para fazermos em casa”(Q95).

A transformação de mentalidades (relativa à possibilidade de partilhar conhecimentos e experiências entre diferentes gerações) foi o que teve maior **impacto**, pois contagiou todos os participantes, ou seja, houve a introdução de uma nova dinâmica.

“[...] passamos os conhecimentos que temos às gerações mais novas. Porque senão há coisas que se perdem [...] portanto acho que é bom que os mais novos comecem a aprender também a fazer isso (caldeiradas e rojões)”(6MO).

“Sim, aliás, é o melhor modelo (de transmissão de conhecimentos entre diferentes gerações). [...] a satisfação é total e absoluta (em ter apoiado a iniciativa)”(5MD).

“Gostei imenso. [...] é uma forma de mostrar à minha filha (que também participou) o que eu fazia na infância. Agora os tempos são outros”(Q75).

“Espero voltar a participar. É bom continuar com as tradições, principalmente para as gerações mais novas”(Q65).

Uma vez que as pessoas decidiram participar espontaneamente na *OficinaRia*, estavam, naturalmente, muito recetivas a toda a transmissão e partilha de conhecimentos que aí aconteceu. Existiu, pois, o envolvimento e capacitação das partes interessadas - **empoderamento**.

“Eu gostava de ter aprendido, mas essa (OficinaRia) já tinha passado”(Q13).

“Continuo a fazer as rodilhas”(15FP).

“Os rojões já (tentei fazer). Correu bem, agora a broa ainda não, mas vou tentar certamente”(14FP).

“[...] eu já experimentei fazer a broa”(13FP).

“Tenho forno há alguns anos que gostava de aprender a fazer broa. Surgiu agora a oportunidade. Espero que comece a fazer broa mais regularmente”(Q88).

“Foi muito elucidativo e certamente que os formandos irão fazer caldeiradas de enguias muito melhores”(Q120).

A **sustentabilidade** do projeto ficou a dever-se ao facto de nos termos baseado, para na sua concretização, em modelos de funcionamento eficientes e viáveis.

“[...] foi daquelas com maior sucesso e que cujo investimento e o capital foi do mais residual”(5MD).

Tendo em conta as opiniões manifestadas pelos participantes, houve também a preocupação e capacidade de crescer e se replicar. Não só nos comentários dos inquiridos ou nas entrevistas, mas no discurso informal dos participantes, era possível perceber o projetar de novas iniciativas no futuro, nomeadamente reforçando-se todo o potencial para crescer e/ou se replicar noutra local geográfico.

“Claro que sim, é importante e eu acho que até devia continuar, com outras ações... Enfim, dentro do que é o conhecimento dos Murtoseiros, transmitir isso aos mais novos, portanto eu acho que sim que devia continuar”(6MO).

“[...] estamos sempre a tempo, numa nova edição que se faça, estamos sempre a tempo de a incluir”(1MD).

“Acho que havia de haver mais municípios a fazer isso [...]” (14FP).

“É uma boa experiência, gostei imenso. Opinião pessoal - deve continuar. Obrigado por tudo” (Q78).

Tendo em conta tudo o que foi referido ao longo deste capítulo, entendemos que os objetivos foram claramente alcançados e que, inclusivamente, foram superadas as expectativas iniciais. Relembramos que só avançamos para o segundo ciclo de *OficinaRias*, porque o primeiro foi efetivamente um grande sucesso.

“Podemos melhorar as futuras OficinaRias não deixando o projeto morrer!” (Q2)

Esperamos, num futuro próximo, continuar com as *OficinaRias* e colocar em prática algumas das sugestões e temas que os formandos recomendaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de Intervenção Comunitária “*OficinaRias*” teve início em 2012 no ano em que se comemorou o Envelhecimento Ativo e a Solidariedade entre Gerações em toda a Europa.

As “*OficinaRias*” foram ações informais de formação, que versaram temáticas selecionadas com base na história, tradições e costumes locais, com forte ligação à matriz social e cultural da Murtosa e da Região de Aveiro, procurando que do intercâmbio entre as diferentes gerações pudessem resultar um enriquecimento mútuo e um fortalecimento do sentimento de pertença e de identidade. A Murtosa ao longo das últimas décadas tem demonstrado ser um Concelho que acredita no desenvolvimento alicerçado na cultura da identidade constituída pelo território e pelo seu povo.

O I Ciclo de *OficinaRias* foi constituído pela OficinaRia da “broa de milho confeccionada no forno tradicional a lenha”, associada à cultura do milho e à prática da agricultura; a OficinaRia dos “rojões”, um dos elementos mais caraterísticos da gastronomia Murtoseira; a OficinaRia da “importância da atividade física” cada vez mais valorizada como potenciadora de bem-estar e saúde, e, a OficinaRia “das rodilhas”, associada à figura das peixeiras da Murtosa.

Após a concretização destas primeiras quatro *OficinaRias*, constámos que se tinha construído um cenário que favorecia a efetiva associação destas ao conceito de *Envelhecimento Ativo*, associado, naturalmente, a várias determinantes como, cultura, género, fatores económicos e sociais, ambiente físico, determinantes pessoais e comportamentais. Conforme defende o sociólogo Dumazedier (1992, p. 9), “as velhas gerações continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos às novas gerações”. A partir da troca de experiências e saberes, criou-se um envolvimento dinâmico entre todos os participantes (formadores e formandos), privilegiando-os como sujeitos co-construtores do seu próprio *Envelhecimento Ativo* e, simultaneamente, fazendo-os acreditar que a riqueza da história de uma terra resulta do somatório das histórias de vida daqueles que nela habitam e habitaram.

Constatados estes factos, e com base nas sugestões dos participantes do I Ciclo de *OficinaRias*, optou-se por desenvolver um II Ciclo de *OficinaRias* que incluiu: a OficinaRia das “chouriças”, elemento caraterístico da ambiência agrícola do concelho; a repetição da OficinaRia da “broa de milho confeccionada no forno tradicional a lenha”, pelo número elevado de interessados que surgiram aquando da primeira OficinaRia e não tiveram oportunidade de participar; a OficinaRia da “conservação e manutenção de pasteleiras”,

uma vez que uso da bicicleta é, desde há muito, uma imagem de marca da Murtosa; e terminou-se o ciclo com a *OficinaRia* da “caldeirada de enguias”, o expoente máximo da gastronomia Murtoseira.

Apesar de esta iniciativa ser de âmbito local e de não estar, inicialmente, dentro das nossas expectativas a participação de pessoas de outros concelhos para além da Murtosa, verificou-se a inscrição de formandos vindos de concelhos limítrofes e até mais distantes. A diversidade etária dos participantes contribuiu para a concretização dos objetivos gerais propostos como o convívio entre diferentes gerações. Outro dos aspetos peculiares do projeto foi, sem dúvida, a diversidade do público-alvo, à semelhança da diversidade de idades, também se verificou uma grande heterogeneidade no que diz respeito às habilitações literárias. O projeto assumiu-se, assim, como um agente promotor de cooperação e coesão social.

As *OficinaRias* contribuíram, de facto, para facilitar o intercâmbio de conhecimentos e valorizar alguns conhecimentos ancestrais que estavam em vias de desaparecerem. Para além das *OficinaRias* propriamente ditas, aquando da realização dos questionários de avaliação e das entrevistas aos participantes, surgiram muitas sugestões de outras temáticas que poderão servir de mote para futuras *OficinaRias*.

Embora a orientação do projeto estivesse plenamente direcionada para o Concelho da Murtosa, haverá certamente outros municípios que se possam identificar com esta iniciativa e que, assim, possam também eles encontrar novas estratégias em prol de um *Envelhecimento Ativo*, conciliado harmoniosamente com a tão necessária divulgação das tradições locais e o encontro entre gerações.

Por tudo o que foi referido anteriormente, entendemos que os objetivos gerais - promover o *Envelhecimento Ativo* valorizando o intercâmbio de conhecimentos, valorizar os conhecimentos e a troca de experiências entre as diferentes gerações e divulgar a cultura e algumas das tradições do concelho da Murtosa - foram atingidos.

Não obstante, os participantes identificaram inúmeros aspetos que poderão ser melhorados em futuras *OficinaRias*, nomeadamente, aumentar e melhorar a divulgação, optar por locais com mais espaço nalgumas das *OficinaRias*, entregar a informação escrita no momento de inscrição das mesmas, aumentar o número de inscrições para que mais pessoas pudessem participar, descentralizar os locais e alterar a periodicidade.

Este projeto pretendeu ser inovador, atendendo a que o desenvolvimento da área do *Envelhecimento Ativo* e da intergeracionalidade a nível nacional ainda se encontra numa fase embrionária e, simultaneamente, à escassez de trabalhos que abordem estas

temáticas. Portanto, este trabalho constitui-se como um contributo para um melhor conhecimento e divulgação de duas temáticas que começam a estar, cada vez mais, em voga.

Entendemos também que o projeto se caracterizou pelo empreendedorismo e inovação social. Por um lado, porque surpreendeu pela novidade do conceito e, por outro, envolveu elementos muito distintos da mesma comunidade, designadamente, os formandos, os formadores, a comunicação social, algumas das Associações e Coletividades locais, a Câmara Municipal, os voluntários que colaboraram na concretização das diferentes fases de implementação do projeto, entre outros.

Constatamos que o projeto teve repercussões ao nível local, através do que nos foi manifestado pelos intervenientes, na medida em que atribuiu um novo sentido ao encontro entre gerações com o intuito de partilhar aquilo que é a tradição e a cultura de um povo.

Como principal limitação ao estudo, entendemos pertinente referir que o *timing* previsto para a implementação de projetos de intervenção comunitária e para a conclusão do Mestrado não é, na nossa opinião, compatível com a observação de uma efetiva mudança “social” nos participantes. Contudo, a promotora pretende, em articulação com a Câmara Municipal da Murtosa, dar continuidade ao projeto e especialmente, encorajar outras pessoas a predisporem-se a realizar outro tipo de ações que envolvam diferentes gerações, culturas e tradições, de forma a ser cada vez mais e melhor promovido o *Envelhecimento Ativo*.

BIBLIOGRAFIA

AGE - European Older People's Platform. (2009). *Meeting the Challenge of demographic ageing in the context of the current crisis: A plea for greater intergenerational solidarity*.

AGE

Albarello, Luc et al. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ander Egg, E. (1982). *Metodología y práctica del desarrollo comunitario*. Buenos Aires: Humanitas.

Andrade, F. (2002). *Uma experiência de solidariedade entre gerações: contributos para a formação pessoal e social dos alunos de uma escola secundária*. Lisboa: IIE.

Argimon, L. & Stein, M. (2005). *Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal*. *Caderno de Saúde Pública*, 21 (1), 64-72. Consultado em 30 de Outubro de 2012 disponível em <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v21n1/08.pdf>

Assembleia Constituinte. (1976). *Constituição da República Portuguesa - V Revisão Constitucional*. Disponível em: <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx> .

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bell, J. (2002). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.

Bogdam, R., Bilklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria dos Métodos* Porto: Porto Editora.

Both, A. (1999). *Gerontogogia: Educação e Longevidade*.Passo Fundo: Imperial.

Boudon, R. (1990). *Dicionário de Sociologia*. Lisboa : Publicações Dom Quixote

Bourdieu, P. (1984). *Questions de Sociologie*. Ed. aug. d'unindex. Paris: Ed. Du Minuit.

Brito, F. & Livitoc, C. (2004). *Conceitos Básicos*. In F.C. Brito e C. Litvoc (Ed.), *Envelhecimento - prevenção e promoção de saúde*, 1-16. São Paulo: Atheneu.

Cabrillo, F. & Cachafeiro, M. L. (1992). *A revolução grisalha*. Lisboa: Planeta Editora.

Caetano, L. (2006). *O Idoso e a Atividade Física*. Horizonte: Revista de Educação.

Câmara Municipal da Murtosa (CMM). (2011). *Recriação do Ciclo do Milho das décadas de 50, 60 e 70 do século XX. Registo Fotográfico e escrito para memória futura*. Santa Maria da Feira: Empresa gráfica Feirense, S.A.

Câmara Municipal da Murtosa (CMM). (2012). *Recriação do Ciclo do Linho. Registo Fotográfico e escrito para memória futura*. Santa Maria da Feira: Empresa gráfica Feirense, S.A.

Carmo, H. e Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para Auto Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carmo, M. M. F. & Almeida, H.D (2007). *Metodologia da investigação: Guia para Auto Aprendizagem* (7ª impressão). Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalho, A. D. (2002). *Dilemas das Representações Contemporâneas da Velhice*. In Universidade Portucalense (org.). "Terceira Idade: uma questão para a Educação Social". Porto: Departamento de Ciências Históricas e da Educação da Universidade Portucalense, 7-9.

Cortesão, L. (1989). *Projecto, Interface de expectativa e de intervenção*. Em: M. R. Santos (ed.), Trabalho de projecto. Colecção Ser Professor. Porto: Afrontamento.

Diário da República, 1.ª série – N.º 244 – 22 de Dezembro de 2011 - Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2011

Fernández-Ballesteros, R. (2000). *Gerontología Social*. Madrid: Ediciones Pirámide.

Filho, E. (1996). *Fisiologia do envelhecimento. Gerontologia: A Velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. pp. 60- 70. São Paulo: Editora Atheneu.

Fontaine, R. (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.

Fortin, M.F. (2000). *O processo de investigação: da concepção à realização*. 2ª Edição. Loures: Lusociência.

Freitas, O. M. (2003). *As Escolas e o Desenvolvimento Comunitário na Sub-região de Alto Trás-os-Montes* (Portugal). Tese de Doutoramento. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

García, M. J. (1999). *El tabú de la vejez. España*: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Castilla-La Mancha

Ghiglione, R. & Malaton, B. (2001). *O Inquérito: Teoria e Prática*. 4ª Edição. Oeiras: Celta Editora.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993), *O Inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

Gómez, J., Freitas, O. e Callejas. (2007). *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local: Perspectivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade*. Porto: Profedições.

INE, I.P. (2011). *Censos 2011 - Resultados Provisórios*. Instituto Nacional de Estatística, I.P. pp. 55.

Instituto Nacional de Estatística (2008). *Estatísticas Demográficas 2007*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

Instituto Nacional de Estatística. (2002). *O envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas*. Revista de Estudos Demográficos, pp. 32

Lessard-Hébert, M. (1996), *Pesquisa em Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lima, M. (2010). *Envelhecimento(s). Estado da Arte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Marconcin, P. (2009). *Bem-estar subjectivo e a prática desportiva em idosos alunos de universidades seniores do porto*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto: Faculdade de Desporto e Educação Física. Consultado em 30 de Outubro de 2012, disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13623/2/2242.pdf>

Marques, J. e Sarmento, T. (2007). *Investigação - ação e construção da cidadania*. In Revista Lusófona de Educação, Nº 9, pp. 85-102.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Direcção-Geral da Saúde. (2004). *Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas*. Divisão das Doenças Genéticas, Crónicas e Geriátricas. Disponível em: <http://www.portaldasaude.pt/NR/rdonlyres/1C6DFF0E-9E74-4DED-94A9->

Ministerio de trabajo y asuntos sociales. (2001). *Las personas mayores en España*. Informe 2000. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. IMSERSO

Moragas, R. (1997). *Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas.

Nazareth, J. M. (2009). *Crescer e envelhecer - constrangimentos e oportunidades do envelhecimento demográfico*. Lisboa: Artes gráficas, Lda.

Novoa, J., Bouza, J., Sarmiento, R., & Núñez, J. (2001). *Biología del envejecimiento*, pp. 15- 38. Barcelona: Editorial Glosa.

Nunes, L. (2009). *Promoção do bem-estar subjectivo dos idosos através da intergeracionalidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia do Desenvolvimento, sob a orientação da Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.

Nunes, L. (2009). *Promoção do bem-estar subjectivo dos idosos através da intergeracionalidade*. (falta: Lugar: editor)

Observatorio de personas mayores. (2003). *Servicios Sociales para personas mayores en España, Boletín sobre el envejecimiento*. Perfiles y tendencias, n.º 8. Disponível em: <http://www.imserso.es/InterPresent2/groups/imserso/documents/binario/boletinopm8.pdf>

Okuma, S. (1998) *O idoso e a atividade física: Fundamentos e Pesquisa*. Campinas, São Paulo: Papyrus.

OMS. (2005). *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*, pp. 13-18; 20-34; 46-57. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: http://www.prosaude.org/publicacoes/diversos/envelhecimento_ativo.pdf.

Paúl, C. & Fonseca, A. (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores.

Pereira, A. S. (2004). *Concepções e práticas metodológicas em diferentes paradigmas de investigação*. In L. Oliveira, A. Pereira e R. Santiago. (org), *Investigação em Educação. Abordagens Conceptuais e Práticas*. Porto: Porto Editora, pp.47-58.

Quaresma, M. L.; Fernandes, A. A.; Calado, D. F.; & Pereira, M. (2004). *O sentido das Idades da Vida: interrogar a solidão e a dependência*. Lisboa: CESDET.

Quintana, J. M. ^a. (1986). *Investigación participativa: Educación de adultos*. Madrid: Narcea.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Quivy, R. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (2^a ed.), Lisboa: Gravidia.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2.^a Edição. Lisboa - Gradiva.

Ribeiro, C. & Paúl, O. (2011). *Manual de Envelhecimento Activo*. Lisboa / Porto: LIDEL.

Rosa, M. J. V. (2012). *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Serrano, G. (2008). *Elaboração de Projectos Sociais Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.
K5

Tenório, F.(2002). *Elaboração de Projectos Comunitários*: abordagem prática. São Paulo: Loyola.

Vala, J. (1986). *A Análise de Conteúdo*. in SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira, (Orgs.) *Metodologias das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Vidal, A. S. (1933). *Programas de prevención e intervención comunitária*. Barcelona, PPU.

Vieira, C. (1995). *A Investigação Participativa: uma investigação com as pessoas e não sobre as pessoas*. Diss, Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Walker, A. (2002). *A strategy for active ageing*. *International Social Security Review*, 55, pp.121- 139.

WEBGRAFIA

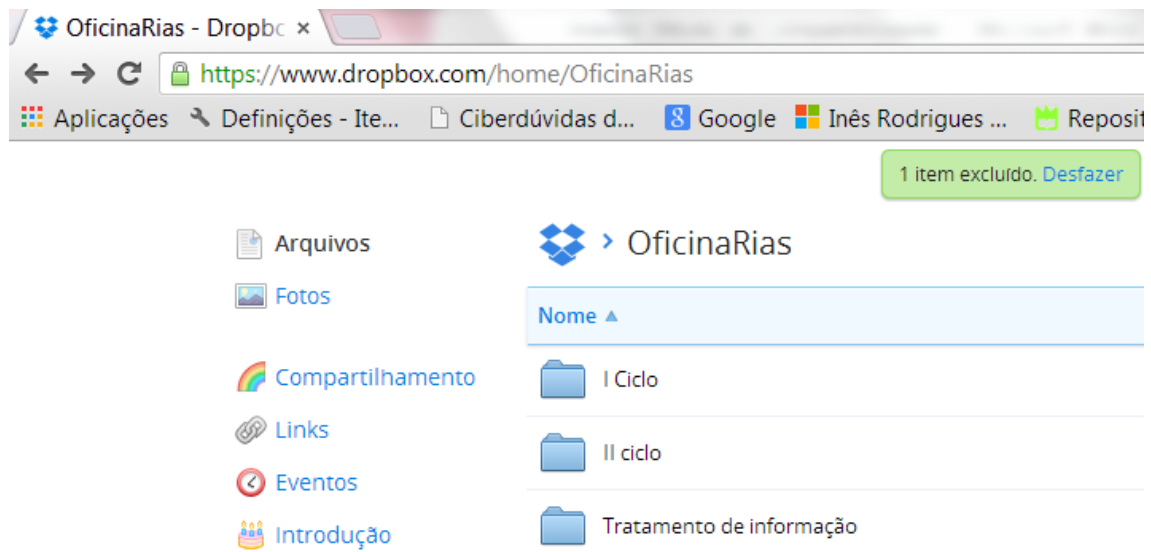
<http://www.cm->

[murtosa.pt/Templates/GenericDetails.aspx?id_object=2547&divName=604&id_class=604](http://www.cm-murtosa.pt/Templates/GenericDetails.aspx?id_object=2547&divName=604&id_class=604)

[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_base_dados&bdpagenumber=16&bdnivel_geo=5&contexto=bd&bdtemas=1115&bdsbtemas=111514&bdind_por_pagina=15&bdfreetext=Palavra\(s\)](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_base_dados&bdpagenumber=16&bdnivel_geo=5&contexto=bd&bdtemas=1115&bdsbtemas=111514&bdind_por_pagina=15&bdfreetext=Palavra(s))

ANEXOS

ANEXO I - SISTEMA DE PARTILHA DE FICHEIROS - DROPBOX



ANEXO II - NOTÍCIA DAS OFICINARIAS NA PÁGINA DA RADIO TERRANOVA



terranova
www.terranova.pt 105.0

NOTÍCIAS ▾ PROGRAMAÇÃO

HOME



[imprimir] [enviar] A- [diminuir] A+ [aumentar]

MURTOSA: OFICINARIAS COMEÇOU COM SESSÃO DEDICADA À PRODUÇÃO DE CHOURIÇAS DE CARNE.

Murtosa 2013-05-13 10:32:12

O II Ciclo de OficinaRIAs começou com uma sessão dedicada à produção de chouriças de carne. A formação, realizada na Casa-Museu Custódio Prato, foi dinamizada por Amélia Santas que explicou, passo a passo, todo o processo de feitura das chouriças de carne tradicionais. A próxima edição será dedicada à produção da broa de milho no forno tradicional a lenha. Ação, no dia 25 de Maio, com participação de Isabel Lopes.

Na agenda cultural da Murtosa, o fim-de-semana ficou ainda marcado pela inauguração da exposição de miniaturas de embarcações tradicionais, do artesão Henrique Afonso. Henrique Afonso nasceu a 16 de Outubro de 1934, na Freguesia da Torreira, Concelho da Murtosa, e depois de uma vida profissional em Lisboa, voltou na aposentação à terra onde desenvolve o gosto pela construção de miniaturas.

A exposição está patente no Museu Etnográfico da Murtosa, no edifício da Junta da Freguesia da Murtosa, conhecido por "Casa dos Escuteiros", na Praceta Dr. Araújo e Castro, na Freguesia da Murtosa.

Sociedade < voltar

f t e M s ★ t p + 0

ANEXO III - DIVULGAÇÃO DAS *OFICINARIAS* ATRAVÉS DO FACEBOOK



The image shows a screenshot of a Facebook post for a page named 'OFICINARIA'. The page cover features a logo with two hands (one green, one blue) holding a yellow sun, with the word 'OFICINARIA' in large blue letters below. The post itself is from 'Município da Murtosa, Casa Do Prado, Rita Chipelo, Aristeu Marques e 31 outras pessoas' and has 87 shares. It includes three comments from users: Denisi Prado Del Rio DO Prado, Maria Jose, and Inês Rodrigues. A red arrow points to a box at the bottom of the post that displays '4.248 pessoas viram esta publicação'. To the right of this box is a button labeled 'Impulsionar publicação'.

Anexo 1 - Divulgação das *OficinaRias* através do Facebook

ANEXO IV - CARTAZ DO 1º CICLO DE OFICINARIAS



A participação é gratuita.
Data limite de inscrição:
Quarta-feira antes de cada oficina
nº de inscrições limitadas

OFICINARIA

ENCONTROS ENTRE GERAÇÕES

Horário:
10h00- 12h00

MARÇO
Dia 2 OficinaRIA do pão cozido no forno tradicional a lenha



Formadora- **Isabel Lopes**
Local - Casa Museu Custódio Prato

MARÇO
Dia 16 OficinaRIA dos rojões



Formador- **António Amador**
Local - Casa Museu Custódio Prato

MARÇO
Dia 23 OficinaRIA da importância da actividade física



Formador- **Paulo Vidal**
Local - Parque Municipal da Saldida

Abril
Dia 13 OficinaRIA das rodilhas



Formadora- **Domingas Figueiredo**
Local - Casa Museu Custódio Prato

Inscreva-se:
Câmara Municipal da Murtosa
Junta de Freguesia do Bunheiro ou Tel. 963952695
e-mail: oficinarias@gmail.com | web: cm-murtosa.pt

Organização



ANEXO V - CARTAZ DO 2º CICLO DE OFICINARIAS

15 PESSOAS P/CADA DIA

OFICINARIA

ENCONTROS ENTRE GERAÇÕES

MAIO
10H00 - 12H00
Dia 11
CHOURIÇAS DE CARNE FUMADAS



FORMADOR - **Maria Amélia Santos**
LOCAL - **CASA MUSEU CUSTÓDIO PRADO**

MAIO
09H30 - 13H00
Dia 25
BROA DE MILHO NO FORNO TRADICIONAL A LENHA



FORMADOR - **Isabel Lopes**
LOCAL - **CASA MUSEU CUSTÓDIO PRADO**

JUNHO
14H00 - 18H00
Dia 08
CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO DE PASTELEIRAS



FORMADOR - **Francisco Pereira**
LOCAL - **CASA MUSEU CUSTÓDIO PRADO**

JUNHO
10H00 - 12H30
Dia 22
CALDEIRADA DE ENGUIAS



FORMADOR - **António Salgado**
LOCAL - **SEDE DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA RIA**

Inscreva-se:
Câmara Municipal da Murtosa
Junta de Freguesia do Bunheiro ou Tel: 912095383
e-mail: oficinas@cm-murtosa.pt | web: cm-murtosa.pt






ANEXO VI - NOTÍCIA DAS *OFICINARIAS* NO JORNAL “O CONCELHO DA MURTOSA”

Mudam-se os Tempos, conjugam-se os saberes

OFICINARIA junta formandos para troca de experiências

A Murtosa vai receber, em Março e Abril, as primeiras quatro “oficinas” do projecto “OficinaRIA”, que visa promover o envelhecimento activo e a partilha de saberes entre as diferentes gerações e chamar a atenção para a importância do contributo dos idosos para a sociedade, e incentivar todas partes interessadas a tomarem medidas para criar as condições necessárias ao envelhecimento activo e ao reforço da solidariedade entre as gerações.

A iniciativa convida também todos a recuar no tempo e a recordar ou conhecer profissões e artes que já se extinguíram ou que, nalguns casos, apesar de ainda teimarem em perdurar, estão em risco de extinção, através também de histórias e estórias de pessoas já reformadas e outras que, em meia-idade, ainda trabalham e se tentam adaptar aos novos tempos, às novas tecnologias, tendências e modas para que o seu saber, apesar de ancestral, não se perca nos dias de hoje.

A cozedura de pão em forno tradicional a lenha, a confecção dos rojões à lavrador, a feitura de rodilhas ou as boas práticas de actividade física, vão cruzar-se com saberes de outrora, num novo projecto que inclui várias

actividades culturais de formação, para assim promover a troca de saberes entre idosos e crianças.

O projecto “OficinaRIA”, é promovido pela Câmara Municipal da Murtosa, em parceria com o Rancho Folclórico “Os Camponeses da Beira-Ria”, Agrupamento de Escolas da Murtosa e Universidade de Aveiro, e partiu da Dra. Inês Rodrigues, Técnica Superior de Serviço Social, no âmbito do seu mestrado em Ciências da Educação – Educação Social e Intervenção Comunitária.

A OficinaRia, está a promover o convívio e a partilha de saberes entre os idosos e os mais jovens, através de acções informais de formação, que versam diversas temáticas, seleccionadas com base na nossa história local, tradições e costumes, com forte ligação à matriz social e cultural da Murtosa e ainda ser mais uma forma de manter os nossos idosos integrados na sociedade activa, estimular o diálogo entre gerações com elevados fossos de mentalidades, e valorizar experiências e saberes acumulados.

Além de “valorizar o património cultural e recuperar memórias e tradições antigas”, o projecto, através da “passagem de testemunhos de saber” dos

mais velhos para os mais novos, quer também “combater os estereótipos negativos associados à velhice, como a ideia de que os idosos já não servem para nada”. As crianças também “têm muito para ensinar aos mais velhos, actualizando-os e enriquecendo-os ainda mais”, frisou a responsável e desta forma, tanto formadores como formandos podem ser jovens, adultos ou idosos.

As “OficinaRIAs” decorrerão das 10h às 12h e terão a seguinte calendarização: no próximo dia 16 Março: OficinaRia dos rojões; Formador: António Amador, na Casa Museu Custódio Prato, no Bunheiro; 23 Março: OficinaRia da importância da actividade física; Formador: Paulo Vidal, no Parque Municipal da Saldida; e a 13 Abril: OficinaRia das rodilhas; Formadora: Domingas Figueiredo, na Casa Museu Custódio Prato, no Bunheiro.

A participação é totalmente gratuita e aberta a formandos de todas as idades e as inscrições são limitadas, até à quarta-feira anterior à “OficinaRIA” respectiva, na Câmara Municipal da Murtosa, na Junta de Freguesia do Bunheiro, pelo telefone 963 952 695 ou pelo e-mail oficinaria@gmail.com.

O pão nosso de cada dia

A Casa Museu Custódio Prato, no Bunheiro, acolheu a primeira OficinaRIA, que teve como objectivo dar a conhecer os segredos ancestrais da broa cozida em forno de lenha tradicional, num antigo costume de fazer pão em antigos fornos comunitários que serviam um pouco por todo o concelho, onde hoje existe um vestígio toponímico deste facto, a “Rua do Forno”.

Orientados pela “forneira” D. Isabel Lopes, do Bunheiro, 15 participantes, de várias faixas etárias, tiveram a oportunidade de “colocar a mão na massa”, numa jornada de convívio e aprendizagem, com quem ainda hoje trabalha no forno para fazer pão essencialmente para recreações

que mostram a forma de fazer a mais genuína broa de milho. Para o funcionamento do forno, as pessoas tinham de pagar uma poia (pão dado ao forneiro, ou à forneira, em paga da cozedura), que preparou o crescente para a broa que saiu do forno, aquecido com lenha e depois limpo com estevas.

A broa foi feita totalmente à maneira antiga: depois de feito o fermento na véspera à noite, a massa foi amassada à mão, para depois dar em pão cozido no forno a lenha. E tal como antigamente, ainda hoje a broa, quando saiu do forno, foi colocada no tabuleiro e enrolada a um cobertor, pelo que dizem os mais antigos que esta é a melhor forma de conservar a cõdea junto do miolo.



ANEXO VII- NOTÍCIA DAS OFICINARIAS NO JORNAL “O CONCELHO DA MURTOSA”



Outrora o artesanato era uma actividade corrente que complementava o modo de vida das nossas populações e hoje serve como nunca, para preservar a memória popular murtoseira, para manter viva a sua riqueza cultural e para perpetuar o engenho de alguns mestres e mestras.

O Projecto das OficinaRIas que decorreu em Abril, mostrou mais uma vez que estão ainda bem vivas muitas das tradições murtoseiras, materializadas em produções artesanais e culinárias características, diversificadas e de grande beleza.

Depois da confecção de pão e dos rojões e da importância da actividade física, foi a vez no passado dia 13 de Abril, das “Rodilhas”.

Esteve presente uma artesã local, Domingas Figueiredo, que demonstrou através dos seus conhecimentos, uma das tradições locais a um grupo de 20 formandas, que demonstraram bastante interesse e entusiasmo pela actividade, que incentivou assim a reaproveitar os tecidos e a redescobrir mais uma utilidade artesanal antiga.

Domingas Figueiredo, 87 anos, viveu sempre em S. Simão, onde desde os seus quinze anos dedica os seus tempos livres a fazer rodilhas, tal como

Intervenção Comunitária.

Face à elevada adesão alcançada nas diversas temáticas, está já a ser preparado um novo ciclo de OficinaRIAs, que incidirá assim noutros conhecimentos e saberes.

As “Rodilhas” ou “Sogras”, são pequenas almofadas de forma circular, abertas no centro e desempenhou por muitos e bons anos um papel importantíssimo. Desde sempre na agricultura e na pesca, foram utensílios usados pelas mulheres na faina agrícola e piscatória, para “carregar à cabeça” grandes pesos, como era o caso “do barril da água quando se ia às noras”, “dos gigos de espigas”, “das cestas de lenha”, “das canastras carregadas de peixe do mar” ou “do leite”, entre outras coisas.

Quando não havia água distribuída ao domicílio, é evidente que as mulheres iam com o seu cântaro ou bilha aos poços ou pequenas fontes, e no regresso faziam um trabalho de equilíbrio impressionante, transportando a referida bilha ao alto e cheia de água na cabeça. As estradas não tinham também o conforto de hoje, eram em mato, areia ou pedra, pior do que os caminhos degradados no Bunheiro de hoje, a distância a percorrer era por vezes de centenas de metros

mais pequenas para ir à novena de S. Gonçalo, já como objecto decorativo, no qual era atada uma pada.

Que a necessidade aguça o engenho é bem verdade, e as rodilhas eram feitas de três tamanhos, consoante as funções a que se destinavam e os materiais utilizados na sua confecção, são tiras de trapos, lãs e linhas de bordar, entrançadas e bordadas. Contudo, as rodilhas de hoje nem sempre foram realizadas com os mesmos materiais e o único que se mantém, são as meias de mousse que são utilizadas para moldar a sua forma.

As Rodilhas eram feitas em casa, cada uma fazia geralmente a sua, ficando mais bonitas conforme o gosto de cada uma das mulheres e eram autênticas obras de manifestação de arte social.

O grupo de formandas, aprendeu assim com a artesã a executar as tradicionais rodilhas, com os materiais utilizados na sua confecção, que são tiras de trapos, lãs e linhas de bordar, entrançadas e bordadas, numa forma de reutilizar roupas velhas, restos de tecidos, fitas e galões.

Na aprendizagem, na primeira fase, os panos velhos foram aproveitados e cortados

ANEXO VIII - NOTÍCIA DAS *OFICINARIAS* NO JORNAL “O JORNAL DE ESTARREJA”



O jornal de **Estarreja**
Fundado a 12 de Abril de 1952

7

:: De 2 de março a 13 de abril ::

Projeto *OficinaRIA* promove partilha de saberes entre gerações na Murtosa

O Concelho da Murtosa vai receber, entre março e abril, as primeiras quatro oficinas do projeto “*OficinaRIA*”, que visa promover o envelhecimento ativo e a partilha de saberes entre as diferentes gerações.

São várias as actividades que vão ser levadas a cabo, como a cozedura de pão em forno tradicional a lenha, a confeção dos afamados rojões à lavrador, a feitura de rodilhas ou as boas práticas de actividade física. Estas são as primeiras propostas do projeto, que tem como objetivo demonstrar que não há limite de idade para vivenciar novas experiências, trocar conhecimentos, renovar habilidades e participar ativamente na sociedade.

Sugestivamente chamadas de “*OficinaRIAs*”, estas são ações de formação informais, que pretendem relembrar temáticas antigas, tradições e costumes locais, procurando o intercâmbio entre gerações, de onde possa resultar um enriquecimento mútuo e um fortalecimento do sentimento de pertença e de identidade.

Os formadores como os formandos podem ser jovens, adultos ou idosos. As *OficinaRIAs* vão decorrer entre as 10h às 12h. A participação nas “*OficinaRIAs*” é totalmente gratuita e aberta a formandos de todas as idades. As inscrições são limitadas. Os interessados podem inscrever-se, até à quarta-feira anterior à “*OficinaRIA*”, respectiva, na Câmara Municipal da Murtosa, na Junta de Freguesia do Bunheiro, pelo telefone 963 952 695 ou pelo e-mail oficinarias@gmail.com. Mais informações em www.cm-murtosa.pt. Este é um projeto promovido pela Câmara Municipal da Murtosa, em parceria com o Rancho Folclórico “Os Camponeses da Beira-Ria”, Agrupamento de Escolas da Murtosa e Universidade de Aveiro.

ANEXO IX - NOTÍCIA DAS *OFICINARIAS* NO JORNAL “O JORNAL DE ESTARREJA”

Projeto OficinaRIA promove partilha de saberes entre gerações na Murtosa

O Concelho da Murtosa vai receber, em março e abril, as primeiras quatro oficinas do projeto “OficinaRIA”, que visa promover o envelhecimento activo e a partilha de saberes entre as diferentes gerações.

A cozedura de pão em forno tradicional a lenha, a confeção dos afamados rojões à lavrador, a feitura de rodilhas ou as boas práticas de actividade física são as primeiras propostas do projeto, que pretende demonstrar que não há limite de idade para vivenciar novas experiências, trocar conhecimentos, renovar habilidades e participar ativamente na sociedade.

As sugestivamente chamadas “OficinaRIAs”, são ações informais de formação, que versam temáticas seleccionadas com base na história, tradições e costumes locais, com forte ligação à matriz social e cultural da Murtosa e da Região de Aveiro, procurando que do intercâmbio entre as diferentes gerações possa resultar um enriquecimento mútuo e um fortalecimento do sentimento de pertença e de identidade. Desta forma, tanto formadores como formandos podem ser jovens, adultos ou idosos.

As “OficinaRIAs” decorrerão das 10h às 12h e terão a seguinte calendarização:

2 Março

OficinaRia do pão cozido no forno tradicional a lenha

Formadora: Isabel Lopes

Local: Casa Museu Custódio Prato, no Bunheiro;

16 Março OficinaRia dos rojões

Formador: António Amador

Local: Casa Museu Custódio Prato, no Bunheiro;

23 Março

OficinaRia da importância da atividade física

Formador: Paulo Vidal

Parque Municipal da Saldida;

13 Abril

OficinaRia das rodilhas

Formadora: Domingas Figueiredo

Local: Casa Museu Custódio Prato, no Bunheiro

A participação nas “OficinaRIAs” é totalmente gratuita e aberta a formandos de todas as idades. As inscrições são limitadas. Os interessados podem inscrever-se, até à quarta-feira anterior à “OficinaRIA”, respectiva, na Câmara Municipal da Murtosa, na Junta de Freguesia do Bunheiro, pelo telefone 963 952 695 ou pelo e-mail oficinarias@gmail.com. Mais informações em www.cm-murtosa.pt

O projeto “OficinaRIA” é promovido pela Câmara Municipal da Murtosa, em parceria com o Rancho Folclórico “Os Camponeses da Beira-Ria”, Agrupamento de Escolas da Murtosa e Universidade de Aveiro, através da Dra. Inês Rodrigues, Técnica Superior de Serviço Social, no âmbito do seu mestrado em Ciências da Educação – Educação Social e Intervenção Comunitária.

ANEXO X - JUSTIFICAÇÃO DA NÃO INCLUSÃO DA REPORTAGEM DO PORTO CANAL

Rosa Cirne

De: Ana Vieira [Ana.Vieira@regiaodeaveiro.pt]
Enviado: terça-feira, 5 de Março de 2013 9:30
Para: Rosa Cirne de Almeida (CM Murtosa)
Assunto: transmissão da Peça de dia 2

Anexos: image001.png

Bom dia,

De acordo com a jornalista do Porto Canal, a peça da reportagem de dia 2 irá para o ar hoje, pelas 18 horas.

Assim que tiver o vídeo, envio de igual modo.

Cumprimentos,

Ana Vieira
RUCI - Comunidade Interurbana de Aveiro

[Descrição: Descrição: C:\Users\avieira\AppData\Roaming\Microsoft\Signatures\cirne\logo.png]

Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro - Baixo Vouga

Rua do Carmo, n.º 20, 1º - Apt 589
3800-127 Aveiro - Portugal
www.regiaodeaveiro.pt<<http://www.regiaodeaveiro.pt>>

T: (+351) 234 377 650
F: (+351) 234 377 659
E: geral@regiaodeaveiro.pt<<mailto:geral@regiaodeaveiro.pt>>

Não imprima esta mensagem! Pense na sua responsabilidade para com o Ambiente.
A informação contida nesta mensagem é confidencial e destina-se exclusivamente ao(s) seu(s) destinatário(s).

Rosa Cirne

De: Rosa Maria Cirne de Almeida [rosa.cirne@cm-murtosa.pt]
Enviado: sexta-feira, 5 de Abril de 2013 15:47
Para: 'januario.cunha@cm-murtosa.pt'
Cc: 'daniel.bastos@cm-murtosa.pt'; 'Joaquim Manuel dos Santos Baptista'
Assunto: Video do Festival da Lampreia

Eng.º Januário,
Coloquei na partilha de fotos uma pasta com a reportagem que o Porto Canal fez do festival da Lampreia.
À medida que os for recebendo, guardo-os lá.
Ligaram-me da CIRA a pedir desculpa, porque o vídeo que foi feito no dia 2 de Março - Oficina da Broa, desapareceu.
Foi dos poucos que já passou na televisão, mas o Porto Canal não sabe onde o colocou.
Rosa

ANEXO XI - RECEITA DA BROA DE MILHO COZIDA NO FORNO TRADICIONAL A LENHA



Broa de milho cozida no forno tradicional a lenha

Ingredientes:

½ Alqueire de farinha de milhoⁱⁱⁱ

60 gr Fermento de padeiro

1 kg Centeio / farinha de mistura

1 Mancheia de Sal (q.b.)

5 litros Água

Modo de preparação da massa

1 - Comece por aquecer cerca de 5 litros de água até ferver. De seguida, coloque na masseira a farinha de milho e vá mexendo com o mexão/colher de pau, à medida que vai adicionando a água, até que a farinha fique uniformemente escaldada. Deixe arrefecer a farinha entre uma a duas horas.

Dica: Antigamente as pessoas peneiravam a farinha antes de iniciar a confeção do pão. A farinha escaldada terá de ficar com um aspeto mais seco do que húmida, ou seja, poderão não ser necessários os 5 litros de água.

2 - De seguida, espalhe o sal pela “farinha escaldada” e misture com a ajuda do mexão. Quando o sal estiver totalmente envolvido, continue a mexer e a misturar a farinha de centeio. Dissolva o fermento num pouco de água morna (1/2 copinho) e comece a amassar a farinha com as mãos adicionando progressivamente o fermento dissolvido.

Dica: A massa deverá ficar com um aspeto macio.

Deixe a massa na masseira, devidamente aconchegada a um lado, durante cerca de uma hora, fazendo uma cruz e tapando com um pano. Quando a massa começar a “estalar” é o momento de a preparar para levar ao forno.

Dica: Segundo a tradição, aconchega-se a massa numa “bôla” e faz-se uma cruz, proclamando a seguinte oração: “ *S. Vicente te acrescente, S. João te faça pão, Em louvor de Deus e da Virgem Maria, Um Pai Nosso e uma Ave-Maria*”.

3 - Com o pão já "lêvedo", começa-se a fazer as “bôlas” com a ajuda de uma bandeja. Bandeja-se a massa até que tome a forma de “bôla”. Coloca-se na “pá” e leva-se ao forno. Repete-se o processo até terminar a massa da masseira.

4 - Deixe o pão a cozer cerca de uma hora, caso pretenda fazer “bôlas”, ou deixe para o dia seguinte, caso deseje fazer broa.

Sugestões para a preparação do forno

Para aquecer o forno deverá ser utilizada lenha de eucalipto para que o pão fique mais loiro.

O forno está pronto a levar o pão a cozer quando se verificar que as “padieiras” estão brancas.

As brasas deverão ser retiradas com um arrastador.

Antes de levar o pão ao forno é necessário varrer com um “ramalho” de loureiro ou buxo atado a um pau.

Receita de Custódia Rodrigues transmitida à Isabel Lopes no ano de 1974.

ANEXO XII - EXPLICAÇÃO DAS RODILHAS



Domingas Figueiredo, tem atualmente 87 anos, casou, teve quatro filhos e viveu sempre em S. Simão. Desde os quinze anos que dedica os seus tempos livres a fazer rodilhas tal como a mãe lhe ensinou. As primeiras rodilhas foram realizadas para uma novena ao S. Gonçalo.

Desde sempre as principais atividades económicas da Murtosa foram a agricultura e a pesca, sendo as rodilhas utensílios utilizados pelas mulheres Murtoseiras em ambas as atividades.

Antigamente, as rodilhas eram utilizadas na faina agrícola e piscatória para “carregar à cabeça” grandes pesos, como era o caso “do barril da água quando se ia à fonte”, “dos gigos de espigas”, “das cestas de lenha”, “das canastras carregadas de peixe do mar”, etc. As rodilhas eram feitas de três tamanhos, consoante as funções a que se destinavam. No Bunheiro era tradição as maiores destinarem-se ao transporte de grandes cargas, as médias para transporte de barris para ir à fonte e as mais pequenas para ir à novena de S. Gonçalo, já como objeto decorativo, no qual era atada uma pada.

As rodilhas de trabalho tinham duas funções fundamentais, por um lado, permitiam que a carga fosse distribuída por uma maior área da cabeça, e por outro, permitiam um aumento da estabilidade da carga transportada.

Contudo, as rodilhas que conhecemos hoje nem sempre foram realizadas com os mesmos materiais. O único material que se mantém são as meias de *mousse* que são utilizadas para moldar a forma das rodilhas.

Numa primeira fase, os panos velhos eram aproveitados e cortados em tiras a que se dava o nome de “farrapão”. O “farrapão” era colocado no interior da meia de *mousse* até “encher” e a rodilha era trabalhada com tiras de pano de lã virgem (podendo também ser usado fio de lã) de cores garridas variadas.

Numa segunda fase, o “farrapão” foi substituído pela lã de ovelha e a rodilha continuou a ser decorada com as mesmas tiras.

As rodilhas constituem assim um objeto de grande tradição. Atualmente começa a verificar-se uma valorização das mesmas mas como objeto decorativo e acessório de beleza.

ANEXO XIII - RECEITA DOS ROJÕES

Bunheiro, 16 de Março de 2013

Origem dos rojões:

Em tempos idos, até à chegada da luz elétrica, os lavradores do Bunheiro, Murtosa e arredores tinham a sua maneira própria de comer e de conservar os alimentos.

Comiam o que havia em casa. Todos criavam o porco, com restos, milho partido cozido, cabaça, batatas, couves, e matavam por altura da “Feira dos Sevados”, que tinha lugar em 15 de Novembro em Santo Amaro - Estarreja.

Era escolhida esta altura, por a temperatura ser mais baixa e não haver percalços com a carne. Dizia-se até que matar o porco fora do Inverno, era doença ou “desgoverno”.

Tudo se aproveitava do porco, até as tripas, que depois de bem lavadas serviam para encher as chouriças e até para comer.

A maior parte da carne, era conservada em sal (salgadeira de madeira). Era para comer no dia adia durante todo o ano; outra parte, era conservada em rojões, que eram usados, nas idas ao junco, nas idas ao S. Paio da Torreira, nas idas à Sr^a da Saúde de Serra...

Os rojões eram feitos na altura da matança do porco e conservados em Unto (banha), em azados de barro.

“Feitura” dos rojões;

1. A chaminé é limpa com um “basculho” feito de gilbardeiras num pau comprido.
2. Cortar a carne (magra e entremeada) em bocados com cerca de 150 gr, e temperar com sal grosso de um dia para o outro numa masseira de madeira.
3. Também se tempera a carne gorda, que será a primeira camada a colocar no tacho antes de ir para o lume, e que fará o unto (banha) onde os rojões serão feitos.
4. No dia seguinte, são postos ao lume em tachos que podem ser de alumínio, ferro ou cobre. Também pode ser em panelas de ferro fundido de 3 pernas.
5. Antes de pôr ao lume, que é aceso com caruma e mantido com achas finas, coloca-se cerca de 2/3 litros de água.

Quando são feitos em tachos, temos as trempes.

6. Durante a feitura, deve-se mexer (com o “ meixão” no máximo 3 vezes); ao fim da 1ª hora, ao fim da 2ª hora e ao fim da 3ª hora.

Sempre lume brando.

7. Os rojões estão prontos, ao fim de 4-5 horas, quando começam a ficar louros, o unto começa a ficar transparente e a libertar bolhas separadas
8. São guardados em azados de barro, cobertos com unto, que vai coagular “acolhar”, e assim os protege do bolor e do “ranso” /“renso”.

ANEXO XIV- REFEITA DA CALDEIRADA À PESCADOR PREPARADA DE FORMA TRADICIONAL



Caldeirada de enguias

“A caldeirada de antigamente, feita na borda da ria, era feita apenas com água e mais alguns condimentozinhos. Não se fazia quase que o ensopado como se faz hoje. Era uma caldeirada totalmente diferente. É isso que eu vos queria mostrar, como se fazia na altura, na borda da ria, a chamada caldeirada e, por outro lado, a caldeirada como atualmente se conhece (...). Mas são coisas totalmente diferentes.”

“Não existe uma receita com as quantidades certas, estas coisas têm de ser a gosto...”

António Salgado, 2013

Receita - Caldeirada de enguias à pescador de forma tradicional Murtoseira - “Na borda da Ria” - A chamada caldeirada à murtoseira

Ingredientes da caldeirada

- 2 ou 3 cebolas
- 2 a 4 folhas de louro
- 2 ou 3 ramos de hortelã
- Pão de unto depois de estar certa de 15 dias na salgadeira (quando se amanha e tira as tripas do porco, pancas de unto que estão encostadas às costelas)
- Açafrão

Modo de preparação da caldeirada:

1. Colocar uma ou duas cebolas cortadas às rodelas na panela. De seguida, as batatas, as enguias e no final mais uma cebola. Acrescentar folhas de louro;
2. Quem desejar colocar peixe branco (a gravalhada), deverá aguardar que a caldeirada levante uma fervura e só depois é que coloca o restante peixe. Antigamente chama-se ao peixe branco aos bordelhões e os robalinhos.
3. A título de curiosidade, muitas das vezes os pescadores quando faziam esta caldeirada nem colocavam batatas na caldeirada.
4. O açafrão é colocado depois na caldeirada levantar fervura.

Sugestão:

Depois do peixe estar cozido, verificar se o tempero está bom para a sopa. Numa malga à parte, colocar um pouco de sal e água da caldeirada, mexer bem e regar pela caldeirada. “Se a água está boa para a sopa, não consegue temperar, o peixe e as batatas, fica insonso. Depois é preciso regar com a moura.

ANEXO XV - RECEITA DAS CHOURIÇAS



Chouriças de carne fumada

“A matança do porco era realizada na maioria das vezes nos meses de maior frio (...) era uma forma de ter carne todo o ano (...). Antigamente não havia frigoríficos, nem maneira de conservar as carnes frescas (...) por isso, curavam-se as carnes através do sal e do fumo...”

Amélia Santas

Ingredientes para lavar as tripas:

- Sal
- Vinho branco
- Vinagre q.b.

Ingredientes para conservar as tripas:

- Sal

Ingredientes para tempero das chouriças de carne:

- Vinho branco
- Sal
- Alho
- Cravinho moído
- Colorau
- Pimenta
- Louro (opcional)

Preparação

Cortam-se as carnes da pá do porco, aparas e gorduras, em pedaços pequenos, que podem variar entre os 2 e os 3cm.

Misturam-se as carnes e gorduras e condimentam-se com os ingredientes acima indicados. A utilização destes condimentos, passada de geração em geração, é de extrema importância, uma vez que confere o paladar tão ao gosto das gentes marinhoas.

Esta mistura fica em repouso em recipientes próprios para o efeito (tradicionalmente de barro, embora hoje sejam utilizados recipientes de plástico ou inox), em locais frescos e pouco húmidos, sendo mexida duas vezes por dia - de manhã e à noite.

Após o período de repouso (até quatro ou cinco dias) procede-se ao enchimento da tripa delgada de porco (previamente cortada à medida e com uma das extremidades já atada) com fio denominado por “ fio das chouriças” ou “fio norte”, o qual tem uma resistência considerável. Antigamente, este era o fio que também era utilizado para cozer as velas dos barcos. Deixa-se ficar uma “ponta” do fio para depois atar a outra extremidade.

Desde longa data que as tripas são enchidas com o auxílio das “enchedeiras”.

Para evitar a formação de bolhas de ar, após o enchimento, pica-se a tripa com uma agulha ou alfinete. Depois deste processo, atam-se as extremidades das chouriças.

Tripa:

Na confecção de chouriças é utilizada a tripa delgada do porco. Ao conjunto das tripas dá-se o nome de “fato”.

Preparação da tripa: Depois de bem limpa, a tripa é colocada em sal e vinho (por um período de, aproximadamente, uma semana). As tripas podem-se conservar por um longo período de tempo desde que sejam congeladas. Quando se opta por congelar as tripas deve-se ter o cuidado de as colocar dentro de um saco de plástico.

Forma de atar: Antes de serem atadas, as tripas são viradas do avesso. De seguida, são dados dois nós na extremidade da tripa, deixando ficar um pouco de fio para logo que esta esteja cheia se possa atar a outra extremidade com dois nós simples.

Fumagem /Cura

Após o enchimento das tripas, estas são colocadas no fumeiro, penduradas pelo atilho. Quando se penduram as chouriças no fumeiro deve-se ter o cuidado de as separar cuidadosamente umas das outras para secarem corretamente. A fumagem deve ser lenta e feita com a utilização de lenha seca, não resinosa. A lenha mais utilizada é a de carvalho, pinheiro ou ramos de loureiro. Na freguesia do Bunheiro, as pessoas também utilizavam, para esse efeito, os “canulos”(caroços das espigas).

Conservação

Quando se verifica que as chouriças começam a “ficar sequinhas” devem-se retirar do fumeiro para não ficarem demasiado secas. Após este processo de fumagem segue-se a cura, em que as chouriças são colocados em locais frescos e arejados.

A Chouriça de Carne na gastronomia do concelho

As chouriças de carne resultaram da necessidade de conservar, para todo o ano, como “conduto”, a carne do porco, que, tradicionalmente, era abatido nos meses de maior frio.

Visto não ser um enchido muito seco devido aos pedaços de gordura existentes, era também tradição acompanhar a chouriça com a broa de milho e vinho tinto.

ANEXO XVI - EXPLICAÇÃO DOS CONCEITOS “MANUTENÇÃO” E “CONSERVAÇÃO” DE PASTELEIRAS



Conservação e manutenção de pasteleiras

Francisco Pereira

8 de Junho de 2013

Recuperar/ restaurar uma Bicicleta Antiga, é sempre um pedaço da história de alguém, de uma família, de uma empresa ou de uma época, que deve merecer um cuidadoso tratamento para se perpetuar no tempo.

O pequeno texto foi elaborado com base em algumas divulgações por curiosos na internet e pelo conhecimento que fui adquirindo ao longo do tempo. Irei falar de alguns conceitos, como por exemplo a diferença entre restauro e recuperação e dos vários cuidados a ter durante o seu processo.

❖ Restauração de bicicletas antigas (Pasteleiras):

Para que uma bicicleta seja considerada restaurada, todos os seus detalhes têm de ser originais de época, bem como a pintura e sua parte mecânica no padrão de fábrica.

É necessário que se tenha bem em mente o que se pretende fazer, pois uma pequena modificação, pode mudar todo o curso da restauração.

Já bem diferente é a recuperação de uma bicicleta, onde se pretende manter os traços dos anos, em evidência. Requer outro tipo de cuidado e não fica tão dispendioso.

Podem ser utilizadas várias técnicas e métodos, mas passará sempre por uma limpeza a fundo peça a peça e, posteriormente, uma montagem com todo o cuidado. Sim, requer um cuidado especial, porque grande parte das peças é antigo, estando o seu estado de conservação frágil e, para evitar a seu irremediável recuperação, teremos que nos rodear do máximo cuidado.

Algumas restaurações/ recuperações/ arranjos de bicicletas que presenciamos, são um atentado contra a história, não respeitando a originalidade dos seus componentes e pintura.

A este respeito, é bom não esquecer que a maioria dos utilizadores de bicicleta, apenas pretendem um meio de transporte, e não estão minimamente preocupados para a originalidade da sua bicicleta. Por outro lado, para uma oficina se preocupar com este tipo de coisas, seria extremamente caro e levariam o negócio “à ruína”, pois seria muito difícil repercutir nos seus clientes as horas de trabalho que tiveram e na compra de material original.

Somente se restaura uma bicicleta antiga, quando ela realmente perdeu toda a sua integridade. Possíveis tentativas de restauração em um modelo original em perfeita conservação podem não ter um final feliz e estragar a qualidade de uma bicicleta rara, ficando totalmente descaracterizada. Uma pintura bonita e uma nova cromagem não equivalem a qualidade do original.

Os verdadeiros conhecedores do assunto, preferem manter o original, dando mais valor à conservação do padrão de uma época e principalmente pela manutenção da história do veículo.

A desmontagem deve ser feita “passo a passo”, com notas e fotografias, separando todos os componentes. À medida que procedemos á desmontagem, é fundamental tirar fotografias e notas, efectuando uma observação minuciosa para conseguirmos detetar o ano, a marca e modelo da bicicleta.

É fundamental efetuar uma relação de tudo que está em bom e mau estado. As peças que não se encontram em perfeitas condições devem ser recuperadas, ou em último caso trocadas por peças de mesma marca e procedência para que a bicicleta volte a ficar perfeita.

Muitas das peças são muito difíceis de encontrar e, grande parte delas já não existem havendo a necessidade de recorrermos ao seu fabrico.

❖ **Marca e Nacionalidade:**

O primeiro passo é confirmar a marca e nacionalidade.

É usual existirem emblemas ou gravações na testa do quadro, ou no guiador, mas também em outros locais, com o nome da fábrica. Existe sempre um vestígio do local de fabricação, pelo que a fase da desmontagem é crucial para a identificação. A própria pintura, se estiver boa e original, ajuda neste caso. Existem determinados padrões que indicam sua nacionalidade, como é o caso da bicicleta inglesa.

Cada bicicleta é uma história diferente, com uma marca diferente e acessórios diferentes, tornando-se difícil de localizar tanto a marca, como a nacionalidade, bem como caracterizá-la no tempo. É um trabalho muitas vezes difícil mas não impossível de se fazer. Conferir todas as marcações que a bicicleta possa apresentar: emblemas, quadro e forquilha, tipos de punho, cubos, pedais, peças internas, etc... tudo facilitará para se chegar ao objectivo final.

❖ **Pintura:**

Na restauração a pintura é um elemento chave na caracterização da bicicleta pasteleira. A elegância e charme destas "máquinas" é basicamente a pintura filetada e para isto, temos que conseguir uma boa qualidade.

Devemos sempre que possível, manter a cor original e posteriormente procedermos à filetelagem ou (traçar) à mão livre para que apresente o mesmo padrão de época.

Nunca devemos dar um "toque pessoal" na pintura de sua bicicleta antiga, pois após restaurada ela deve ficar exactamente com o padrão fábrica! Caso contrário, não será uma restauração!"

Os decalques devem ser copiados perfeitamente dos modelos originais, pois uma vez que a bicicleta foi envernizada, caso o decalque esteja errado, somente poderá ser corrigido com nova pintura. Alerta-se para muitos decalques e pinturas de marcas com erros grosseiros, dando um péssimo acabamento.

A aplicação do verniz é para envernizar a pintura, para que ela fique protegida contra riscos entre outras coisas. Além de tudo, protege os decalques que no polimento posterior, podem ser arrancadas do quadro pela acção da massa abrasiva.

❖ Cromagem:

Paralelamente à pintura, alguns componentes devem ser cromados. Com todas as peças recuperadas, pintura e cromados, faz-se a montagem final com extremo cuidado e atenção.

Deve ser feita por profissional que trabalhe com antiguidades, pois cubos, guidador e demais peças, normalmente têm gravações em baixo relevo (marca do fabricante e às vezes ano de fabricação) e que não podem ser apagadas, pois são os atestados de originalidade da bicicleta.

As peças devem ser preparadas anteriormente para tal, como por exemplo guidador (caso esteja estragado), pedaleira (caso esteja suavemente torto), coroa (sujeita a troca de dentes) etc...

Tudo deve ser levado diretamente à cromagem, examinado, polido e caso tenha algum defeito, deve ser corrigido antes do banho final, para que não fiquem vestígios ou defeitos posteriores.

Só devemos cromar o que realmente de fábrica era cromado, pois se efetuarmos cromados “extra”, estamos a descaracterizar o original. Os cromados com facilidade ganham ferrugem requerendo um especial tratamento e cuidado com a aplicação regular de óleo.

❖ Acessórios:

Exemplos: punhos, guarda-saias, grupo gerador, etc.:

Um adequado acessório pode tornar a bicicleta sempre mais bonita, variando muito o gosto do seu dono. Um acessório correto, pode transformar uma simples bicicleta numa peça estupenda, como também a pode depreciar e estragar.

Um acessório mal utilizado é a prova de que não houve a pesquisa suficiente para o restauro.

❖ **Montagem:**

É a última parte e a mais crítica depois da pintura, devendo existir um grande cuidado para evitar riscos na pintura.

A afinação final sempre após algumas horas de rodagem, para que todas as peças estejam bem assentes.

Seguem dois exemplos de recuperação com técnicas distintas.

Uma bicicleta Phillips, totalmente limpa de ferrugem, desmontada peça a peça, parafuso a parafuso, colocados acessórios originais e pronto...aí está:



Outra, esta uma raleigh (era do meu avô), mantendo na mesma o estado original, mas utilizando outra técnica de preservação. Também desmontada peça a peça, colocados acessórios originais e ...aí está!



Este último exemplo é o restauro de uma raleigh, com travões de cinta. Foi toda pintada (algumas peças foram feitas por já não se conseguir no mercado - essencialmente acessórios travões) e montada com peças originais. Linda!



ANEXO XVII - EXEMPLO DE UM QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO



Total de horas de formação: aproximadamente 150 minutos

Data: 02-03-2013

Formadora: Isabel Lopes

Questionário de avaliação da *OFICINARIA*

1. Avaliação global da *OFICINARIA*:

		1	2	3	4	5	
1.1 De uma forma geral, a <i>OFICINARIA</i> foi agradável?	Pouco						Muito
1.2 Os objetivos propostos foram cumpridos?	Minimamente cumpridos						Totalmente cumpridos
1.3 Os conhecimentos transmitidos corresponderam às suas expectativas?	Minimamente						Totalmente
1.4 Recomendará futuramente esta <i>OFICINARIA</i> ?	Nunca						Sempre

2. Avaliação dos conhecimentos adquiridos:

	Muito	Bastante	Razoável	Pouco	Nada
2.1 A <i>OFICINARIA</i> foi ao encontro das suas expectativas?					
2.2 A <i>OFICINARIA</i> proporcionou-lhe uma nova experiência?					
2.3 As diferentes fases da <i>OFICINARIA</i> foram do seu interesse?					

3. Avaliação do desempenho da formadora Isabel Lopes:

	Muito	Bastante	Razoável	Pouco
3.1 Clareza na comunicação				
3.2 Capacidade de motivação do grupo				
3.3 Capacidade de ouvir/perceber os formandos				
3.4 Relacionamento interpessoal com os formandos				

5. Avaliação do suporte administrativo

	Muito mau	Mau	Razoável	Bom
4.1 Qualidade de documentação facultada				
4.2 Qualidade do espaço				
4.3 Duração da Formação				
4.4 Horário da Formação				

5. De que forma poderemos melhorar as futuras *OFICINARIAS*?**6. Sugestões de outros temas para futuras *OFICINARIAS*?****7. Deixe um comentário final:**

ANEXO XVIII - EXEMPLAR DE UMA FICHA DE INSCRIÇÃO



Nome:

Morada:

Código Postal:

Concelho:

Data de nascimento: - - -

Contacto:

e-mail:

Profissão:

Habilitações Académicas:

Como tomou conhecimento da OficinaRIA?

Assinatura:

Data da inscrição: - -

No dia da *OficinaRIA* deverá fazer-se acompanhar do seguinte destacável:



Inscrição nº 1



Nome:

Para eventuais esclarecimentos contacte:
oficinarias@gmail.com ou 963952685

Organização



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis



Escola Básica com Secundário
Padre António Moraes da Fonseca

ANEXO XIX - OBJETIVOS DA OFICINARIA DOS ROJÕES



16 de Março de 2013 - OficinaRia dos rojões

Objetivos:

- Promover o *Envelhecimento Ativo* e o encontro entre gerações;
- Reconhecer as tradições e os costumes da confeção dos rojões na Murtosa;
- Identificar e manusear os utensílios utilizados durante a confeção dos rojões;
- Identificar as etapas necessárias para a confeção dos rojões;
- Recriar os tempos em que era tradição fazer os rojões após a “matança” do porco.

Após a produção e confeção dos rojões, será possível a degustação dos mesmos.

Formador: António Amador da Silva

Destinatários: público em geral

Horário: 10h00 -12h30

Local: Casa Museu Custódio Prato

A participação nos workshops é gratuita.

ANEXO XX - OBJETIVOS DA *OFICINARIA* DA IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA



23 de Março de 2013 - *OficinaRia* da importância da atividade física;

Objetivos:

- Promover o *Envelhecimento Ativo* e o encontro entre gerações;
- Reconhecer a importância da realização de atividade física regularmente;
- Identificar os benefícios da atividade física nas diferentes faixas etárias;

Após a produção e confeção dos rojões, será possível a degustação dos mesmos.

Formador: Paulo Vidal

Destinatários: público em geral

Horário: 10h00 -12h00

Local: Parque Municipal da Saldida

A participação nos workshops é gratuita.

ANEXO XXI - OBJETIVOS OFICINARIA DAS RODILHAS



13 de Abril de 2013 - OficinaRia das rodilhas

Objetivos:

- Promover o *Envelhecimento Ativo* e o encontro entre gerações;
- Reconhecer as tradições e os costumes na construção de rodilhas;
- Identificar e manusear os utensílios utilizados durante a construção de rodilhas;
- Verificar e experienciar as etapas necessárias para a construção de rodilhas.

No final da *OficinaRia* todas as formandas poderão ficar com a sua rodilha para recordação.

Formador: Domingas Figueiredo

Destinatários: público em geral

Horário: 10h00 -12h30

Local: Casa Museu Custódio Prato

A participação nas "*OficinaRias*" é totalmente gratuita e aberta a formandos de todas as idades. As inscrições são limitadas. Os interessados podem inscrever-se, até à quarta-feira anterior à "*OficinaRia*", respectiva, na Câmara Municipal da Murtosa, na Junta de Freguesia do Bunheiro, pelo telefone 963 952 695 ou pelo e-mail OficinaRia@gmail.com.

O projeto "*OficinaRias*" é promovido pela Câmara Municipal da Murtosa, em parceria com o Rancho Folclórico "Os Camponeses da Beira-Ria", Agrupamento de Escolas da Murtosa e Universidade de Aveiro, através da Inês Rodrigues, Técnica Superior de Serviço Social, no âmbito do seu Mestrado em Ciências da Educação – Educação Social e Intervenção Comunitária.

ANEXO XXII - OBJETIVOS DA *OFICINARIA* DAS CHOURIÇAS DE VINHO



11 de Maio – OficinaRia das chouriças de Vinho

Objetivos:

- Promover o *Envelhecimento Ativo* e o encontro entre gerações;
- Reconhecer a receita das chouriças de carne apresentada como uma transmissão de conhecimentos entre gerações;
- Difundir as tradições e os costumes da confeção das chouriças de carne na Murtosa;
- Identificar e manusear os utensílios utilizados durante a confeção das chouriças;
- Identificar as etapas necessárias para a confeção das chouriças;
- Recriar os tempos em que era tradição fazer as chouriças de carne após a “matança” do porco.

Após a preparação das chouriças, será possível a degustação destas previamente confeccionadas.

Formadora: Maria Amélia Santas

Destinatários: Público em geral

Horário: 10h00 -12h30

Local: Casa Museu Custódio Prato

A participação nos workshops é gratuita.

ANEXO XXIII - OBJETIVOS DA OFICINARIA DO PÃO



Objetivos:

- Promover o Envelhecimento Ativo e o encontro entre gerações;
- Reconhecer a receita da broa de milho no forno tradicional a lenha apresentada como uma transmissão de conhecimentos entre gerações;
- Difundir as tradições e os costumes da confeção da broa de milho na Murtosa;
- Identificar e manusear os utensílios utilizados durante a confeção da broa de milho;
- Identificar as etapas necessárias para a confeção da broa de milho;
- Recriar os tempos em que era tradição fazer a broa em casa para toda a família

Durante a confeção do pão será possível a degustação do mesmo previamente confeccionado. Haverá também a possibilidade dos participantes levarem para casa a uma bola confeccionada durante a OficinaRia.

Formadora: Isabel Lopes

Destinatários: Público em geral

Horário: 10h00 -13h00

Local: Casa Museu Custódio Prato

A participação nos workshops é gratuita.

ANEXO XXIV - OBJETIVOS DA OFICINARIA DA CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO DE PASTELEIRAS



8 de Junho de 2013 - OficinaRia da conservação e manutenção de pasteleiras

Objetivos:

- Promover o *Envelhecimento Ativo* e o encontro entre gerações;
- Reconhecer a evolução das bicicletas desde o início do século XIX;
- Constatar as principais peças que constituem a bicicleta;
- Identificar e manusear os utensílios utilizados durante a conservação e manutenção das bicicletas;
- Verificar e experienciar as etapas necessárias para montar uma bicicleta;
- Promover o convívio entre aqueles que apreciam “a pasteleira”.

Formador: Francisco Pereira

Destinatários: público em geral

Horário: 14h00-18h00

Local: Casa Museu Custódio Prato

A participação nas “OficinaRias” é totalmente gratuita e aberta a formandos de todas as idades. As inscrições são limitadas. Os interessados podem inscrever-se, até à quarta-feira anterior à “OficinaRia”, respectiva, na Câmara Municipal da Murtosa, na Junta de Freguesia do Bunheiro, pelo telefone 963 952 695 ou pelo e-mail OficinaRia@gmail.com.

O projeto “OficinaRias” é promovido pela Câmara Municipal da Murtosa, em parceria com o Rancho Folclórico “Os Camponeses da Beira-Ria”, Agrupamento de Escolas da Murtosa e Universidade de Aveiro, através da Inês Rodrigues, Técnica Superior de Serviço Social, no âmbito do seu Mestrado em Ciências da Educação – Educação Social e Intervenção Comunitária.

ANEXO XXV - OBJETIVOS DA OFICINARIA DA CALDEIRADA DE ENGUIAS



Objetivos:

- Promover o *Envelhecimento Ativo* e o encontro entre gerações;
- Reconhecer a receita da caldeirada de enguias apresentada como uma transmissão de conhecimentos entre gerações;
- Difundir a tradição e os costume da confeção da caldeirada de enguias na Murtosa;
- Identificar as etapas necessárias para a confeção da caldeirada de enguias;
- Recriar os tempos em que era tradição fazer a caldeirada de enguias na borda da ria;

Como forma de enaltecer e divulgar a gastronomia Murtoseira, depois da confeção da caldeirada de enguias será possível a degustação de uma verdadeira caldeirada à pescador, preparada de forma tradicional.

Formadora: António Salgado

Destinatários: Público em geral

Horário: 10h00 -12h30

Local: Sede da Associação dos Amigos da Ria e do Barco Moliceiro

A participação nos workshops é gratuita.

ANEXO XXVI - EXEMPLAR DO CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certificado de participação



Certifica-se que *Juan Ant3nio dos Santos Matos* participou na **OficinaRia da broa de milho no forno tradicional a lenha**, no dia 25 de Maio de 2013, que se realizou na Casa Museu Cust3dio Prato. A *OficinaRia* foi dinamizada pela formadora Isabel Lopes e teve a duraç3o de tr3s horas.

Murtosa, 25 de Maio de 2013

Inês Tavares Rodrigues
(Promotora do projeto)
Murtoza)

Joaquim Manuel dos Santos Baptista
(Presidente da Câmara Municipal da

Organização



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis



ANEXO XXVII - LISTA DE INSCRITOS NA *OFICINARIA* DO PÃO COZIDO NO FORNO TRADICIONAL A LENHA

Lista de Inscritos

2 Março - *OficinaRia* do pão cozido no forno tradicional a lenha

1. Adriano Álvaro Carneiro Coutinho
2. Rosalina Maria Melo Colheitas Coutinho
3. Maria Aurora Pinho Tavares Sousa
4. Glória Marisa Fidalgo Ferreira dos Santos
5. Ana Paula Rendeiro
6. Fátima de Jesus da Silva Arêde
7. Carla Maria Tavares Cruz
8. João Miguel Tavares Garrido
9. Dina Patrícia Constantino Maia
10. Ana Catarina da Silva Padinha
11. Adosinha da Silva Fidalgo Santos
12. Faustina Isabel Oliveira Rodrigues
13. Sofia Tavares Ruela
14. Rosa Maria Cirne de Almeida
15. Rosa de Fátima Sousa Cirne

ANEXO XXVIII - LISTA DE FORMANDOS INSCRITOS NA OFICINARIA DOS ROJÕES

Lista de Inscritos

16 Março - *OficinaRia* dos rojões

1. Manuel José Cirne Pinho
2. Maria Rosália de Sousa Henriques
3. Maria Luiza Paiva da Silva
4. João Miguel Tavares Garrido
5. Domingos Tavares de Sousa
6. Adriano Álvaro Carneiro Coutinho
7. Rosalina Maria Melo Colheitas Coutinho
8. Maria Aurora Pinho Tavares Sousa
9. Elvira de Oliveira Tavares Ruela Esteves
10. Sandra Cristina da Silva Teixeira de Pinho
11. Ana Elizabete de Jesus da Costa Oliveira
12. Ana Carolina de Oliveira da Silva
13. José Manuel Miranda da Cunha
14. Joana Filipa Peres Henriques de Melo
15. Francisco Libório Mendes
16. Fátima de Jesus da Silva Arêde
17. Ana Paula de Oliveira Rendeiro
18. Manuel da Cunha Soares

ANEXO XXIX - LISTA DE INSCRITOS NA OFICINARIA DA IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA

Lista de Inscritos

23 Março - *OficinaRia* da importância da atividade física

1. Catharina Tavares Rodrigues
2. Maria Rosália de Sousa Henriques
3. Maria Luísa Paiva da Silva
4. Ana Carina Sousa Silva
5. Cátia Sofia do Patrocínio dos Santos
6. Carla Sofia Almeida Soares
7. Ana Paula da Silva Acabou
8. Maria Manuela Almeida Viana
9. Rui António Gonçalves Pereira
10. Celso Manuel Araújo Lameiras
11. Rodrigo Almeida Pericão Pinto Lopes
12. Miguel Ângelo dos Reis Pratas
13. Sandra Cristina Matos Anacleto
14. Maria Aurora Pinho Tavares Sousa
15. Faustina Isabel Oliveira Rodrigues
16. Ana Cristina Amador Oliveira
17. Catarina Fernandes de Lemos
18. José Manuel Miranda da Cunha
19. Ana Alexandra Pereira de Matos
20. Isabel Pereira de Matos
21. Miguel Tavares Abreu Freire
22. António David Rufino Ramos

23. Catarina Lopes Rufino

24. João Martinho Tavares de Sousa

ANEXO XXX - LISTA DE INSCRITOS NA *OFICINARIA* DAS RODILHAS

Lista de Inscritos

13 de Abril - OficinaRia das rodilhas

1. Fernanda Maria Santos Silva
2. Maria Rosália de Sousa Henriques
3. Maria Luisa Paiva da Silva
4. Ana Carolina Oliveira da Silva
5. Ana Elizabete de Jesus da Costa Oliveira
6. Maria Aurora Pinho Tavares Sousa
7. Maria Alice da Silva Pereira
8. Maria Regina Dias Antão
9. Ana Cristina Amador Oliveira
10. Patrícia Maria Tavares Carriço
11. Maria da Luz Tavares Paiva
12. Marta Tavares Rodrigues
13. Etelvina Maria de Almeida Paula Figueira
14. Maria do Rosário Tavares de Sousa Antunes de Azevedo
15. Elvira de Oliveira Tavares Ruela Esteves
16. Ana Regina Dias Peres
17. Maria Natividade Tavares Amaro

ANEXO XXXI - LISTA DE INSCRITOS NA *OFICINARIA* DA BROA DE MILHO

Lista de Inscritos

25 de Maio de 2013 - *OficinaRia* da broa de milho

1. Juan António dos Santos Matos
2. Maria Luísa Paiva Silva
3. Etelvina Maria de Almeida Paula Figueira
4. Catharina Tavares Rodrigues
5. Ana Elizabete de Jesus da Costa Oliveira
6. Ana Carolina Oliveira da Silva
7. Sandra Cristina da Silva Teixeira de Pinho
8. Raquel Daniela de Sousa Lopes
9. Fernanda Isabel Rodrigues Almeida
10. Elisabete Ruela Silva
11. Blandina das Neves Cascais Baptista
12. Maria Alice da Silva Pereira
13. Maria da Luz Tavares Paiva
14. Elvira de Oliveira Tavares Ruela Esteves
15. Cátia Daniela Lopes Vilar
16. Inês Silva Lopes
17. Dorinda da Silva Resende

ANEXO XXXII - LISTA DE INSCRITOS NA *OFICINARIA* DA MANUTENÇÃO E CONSERVAÇÃO DE PASTELEIRAS

Lista de Inscritos

8 de Junho de 2013 - *OficinaRia* da manutenção e conservação de pasteleiras

1. Juan António dos Santos Matos
2. Fátima de Jesus da Silva Arêde
3. Maria Isméria de Oliveira Barbosa
4. Manuel da Cunha Soares
5. Daniel Henriques de Bastos
6. Maria Alice da Silva Pereira
7. Albano Amador Esteves
8. Maria Aurora Pinho Tavares Sousa
9. Francisco Miguel Lopes Pereira
10. Rui Gabriel Lopes Bártolo
11. Pedro Rafael Lopes Pereira
12. Sérgio Manuel Tavares Cirne - desistiu
13. José Miguel Oliveira Rodrigues
14. Rui Alexandre de Oliveira Pais
15. José Manuel Miranda da Cunha

ANEXO XXXIII - LISTA DE INSCRITOS PARA A *OFICINARIA* DA CALDEIRADA DE ENGUIAS

Lista de Inscritos

22 de junho de 2013 - *OficinaRia* da caldeira de enguias

1. Maria Rosália de Sousa Henriques
2. Juan António dos Santos Matos
3. Rogério Paulo Anunciação Castro
4. Etelvina Maria de Almeida Paula Figueira
5. Maria Isméria de Oliveira Barbosa
6. Maria do Carmo Valente Moutinho
7. Paula Alexandra Oliveira Pires
8. Elsa Cármen Vieira Mostardinha
9. Lurdes Maria Tavares Cirne
10. João Miguel Tavares Garrido
11. João Gabriel Tavares Cirne
12. Catharina Tavares Rodrigues
13. Maria Aurora Pinho Tavares Sousa
14. Vítor Manuel Rodrigues da Silva Couto
15. José Miguel Oliveira Rodrigues
16. Maria Cecília Rodrigues de Almeida

ANEXO XXXIV - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Termo de consentimento informado

Inês Tavares Rodrigues, Técnica de Serviço Social, vem por este meio solicitar a sua participação no seu trabalho de investigação acerca do “*Envelhecimento Ativo* e encontro entre gerações”, com vista à realização do Projeto para obtenção do grau de Mestre, no âmbito do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária a decorrer no Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Objetivos

- (i) Promover o *Envelhecimento Ativo* valorizando o intercâmbio de conhecimentos;
- (ii) Valorizar os conhecimentos e a troca de experiências entre as diferentes gerações;
- (iii) Divulgar a cultura e algumas das tradições do concelho da Murtosa;

Convidamo-lo(a) assim a participar, declarando que:

- Foi informado(a) acerca dos objetivos do projeto;
- Autorizou que fosse gravada a entrevista e utilizado o seu nome;
- Compreendeu que tem o direito de colocar qualquer questão agora e no decurso da entrevista;
- Compreendeu que é livre de desistir a qualquer momento;
- Foi informado(a) acerca da total liberdade para recusar ou aceitar a participação neste estudo de forma livre e esclarecida.

Para os devidos efeitos declaro consentir a minha participação.

Data: __/__/__ Assinatura: _____

ANEXO XXXV - GUIÕES DAS ENTREVISTAS

Formadores

1. Em que OficinaRias assumiu o papel de formador?
2. Como reagiu quando recebeu o convite para participar na OficinaRia como formador(a)? Já tinha participado nalguma iniciativa semelhante?
3. Quando é que aprendeu o ofício que transmitiu na OficinaRia?
4. Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?
5. Qual o interesse deste tipo de projetos (em geral)?
6. Como avalia o convívio entre as diferentes gerações durante a(s) OficinaRia(s)?
7. Como avalia a(s) OficinaRia(s) propriamente dita(s)?
8. Na sua perspectiva, indique um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.
9. Que sugestões dá de forma a melhorar este tipo de iniciativas?
10. Este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Formandos

1. Como tomou conhecimento das *OficinaRias*?
2. Participou numa ou várias OficinaRia(s)? Qual/quais?
3. Qual o interesse deste tipo de projetos (em geral)?
4. Como avalia o convívio entre as diferentes gerações durante a(s) OficinaRia(s)?
5. Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?
6. Como avalia a(s) OficinaRia(s) propriamente dita(s)?
7. Na sua perspectiva, indique um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.
8. Após ter participado na(s) OficinaRia(s), já experimentou fazer novamente aquilo que aprendeu? Porquê?
9. Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?
10. Este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Vice-Presidente da CMM

1. Como é que a Câmara Municipal da Murtosa acolheu a proposta de apoiar o Projeto das *OficinaRias*?
2. De que forma é que a CMM apoiou as *OficinaRias*?
3. Já existem iniciativas camarárias com o objetivo de promover o Envelhecimento Ativo e o encontro entre gerações?
4. Quais são as maiores dificuldades sentidas pela Câmara em dinamizar iniciativas que promovam o Envelhecimento Ativo e/ou encontro entre gerações?
5. Como avalia a(s) OficinaRia(s) propriamente dita(s)?
6. Na sua opinião, este tipo de projetos deve ter continuidade?
7. Qual foi, na sua opinião, a expressividade deste projeto no Município da Murtosa?
/ Como avalia a receptividade da comunidade a esta iniciativa?
8. Relativamente aos temas selecionados para as *OficinaRias*, entende que foram representativos do município ou existem outras áreas que deveriam ter sido incluídas?
9. Na sua perspectiva, indique um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.
10. Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?
11. Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

Representante do Rancho Folclórico os Camponeses da Beira Ria

1. Como é que o Rancho Folclórico Os Camponeses da Beira Ria acolheu a proposta de apoiar o Projeto das *OficinaRias*?
2. Já existem iniciativas no Rancho Folclórico os Camponeses da Beira Ria com o objetivo de promover o Envelhecimento Ativo e o encontro entre gerações?
3. Como avalia a(s) OficinaRia(s) propriamente dita(s)?
4. Na sua opinião, este tipo de projetos deve ter continuidade?
5. Este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?
6. Relativamente aos temas selecionados para as *OficinaRias*, entende que foram representativos do município ou existem outras áreas que deveriam ter sido incluídas.
7. Na sua perspectiva, indique um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.
8. Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?
9. Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

ANEXO XXXVI - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Segue-se o registo das dezasseis entrevistas integralmente transcritas. Os critérios utilizados para o perfil dos entrevistados foram: o género, a idade, o concelho onde residem, as habilitações literárias, a profissão e se eram formandos ou formadores das *OficinaRias*. Através do termo de consentimento informado, todos os participantes autorizaram que fosse gravada a entrevista e utilizado o seu nome. De forma a facilitar a identificação, todos os entrevistados foram numerados de 1 a 16. Conforme o sexo foi anexada a letra maiúscula “M” ou “F”, masculino ou feminino respetivamente, e ainda “P” para entrevistados que participaram como formandos, “O” para os que participaram como formadores e “D” para dirigentes.

Caraterização do 1º Entrevistado - 1MD

Daniel Bastos, residente no concelho da Murtosa, freguesia do Bunheiro, tem 56 anos e concluiu a Licenciatura Engenharia civil e Matemática. Atualmente exerce funções de Engenheiro Civil na Câmara Municipal da Murtosa e é Presidente da Junta de Freguesia do Bunheiro. Daniel Bastos foi selecionado para ser entrevistado uma vez que é um dos elementos da Direção do Rancho Folclórico *Camponeses da Beira-Ria*, cedendo o espaço da Casa Museu Custódio Prato, espaço onde decorreu a primeira e segunda edição da *OficinaRia* da broa de milho no forno tradicional a lenha, a *OficinaRia* dos Rojões, a *OficinaRia* das Rodilhas e a *OficinaRia* das chouriças de carne fumadas.

Daniel Bastos esteve presente em todas as *OficinaRias*, expeto na da “*OficinaRia* da caldeirada de enguias”, disponibilizando-se para prestar o apoio logístico necessário em cada ação.

Para além da sua presença nas *OficinaRias*, prestou também um apoio incansável na emissão dos certificados entregues a todos os participantes, na gestão de algumas das inscrições dos participantes realizadas na Junta de Freguesia e ainda no primeiro contacto com alguns dos formadores.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 16 minutos, foi realizada nas instalações da Câmara Municipal da Murtosa, dia 18/07/2013, após horário laboral. A atitude do entrevistado pautou-se pela total disponibilidade e colaboração. O participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Engenheiro Daniel, representante do Rancho *Camponeses da Beira Ria*, na sua opinião, como é que o Rancho acolheu a ideia de apoiar o projeto das *OficinaRias*?

Resposta: Em devida altura, tu (Inês Rodrigues) falaste connosco, falaste comigo, portanto como Vice-Presidente da Direção do Rancho Folclórico e expuseste a ideia do projeto e em que é que constava. E, pessoalmente, vi que o assunto se enquadrava muito bem, quer no âmbito da Casa Museu, quer no próprio Rancho Folclórico e vi de imediato com bons olhos que era de bom-tom nós acolhermos esse projeto. Pronto, e depois levei o caso a uma reunião de Direção e todos foram unânimes em colaborar contigo nesse projeto, abrindo e franqueando as portas e colaborando naquilo que estivesse ao nosso alcance para que o projeto fosse concretizado.

Pergunta: Já existem iniciativas no Rancho Folclórico *Camponeses da Beira Ria* com o objetivo de promover o *Envelhecimento Ativo* e o encontro entre gerações (embora não se aplicando este termo mais técnico)?

Resposta: Sim, isto do *Envelhecimento Ativo* é um conceito inovador, mas já é por nós (Rancho) tida em conta. Existem algumas iniciativas que temos levado a cabo. Se nós analisarmos, têm existido algumas delas, onde se tem conseguido pessoas de várias gerações, em que, em conjunto, trabalham; em que, em conjunto, colaboram; em que, de alguma forma, há uma passagem das experiências de uns para outros, de umas gerações para outras. Mas este projeto que tu nos propuseste foi algo diferente. Já numa ou noutra coisa tínhamos feito uma coisa parecida, numa ou noutra. O caso, por exemplo, do cozer do pão, nós já tínhamos feito lá, na Casa Museu, o cozer do pão, mas outras, por exemplo, os rojões, nós fazemos, mas nunca naquele espírito mais pedagógico de ensinar outros a que venham também a fazer. Não é? Por exemplo, na questão das rodilhas, nós já fizemos lá uma sessão para os nossos elementos do rancho com as rodilhas. Mas era num círculo, vamos dizer, um bocado fechado, mais restrito, mais para os nossos elementos, nunca naquela marcante universalidade um bocado virado para o exterior, para quem não se inscrevesse, quem quisesse participar. Portanto, isto foi realmente uma iniciativa um bocado diferente que de alguma forma veio colmatar uma necessidade que existia de organizar eventos com esta natureza.

Pergunta: Então como avalia as *OficinaRias* propriamente ditas?

Resposta: Ora, de oito números, eu estive em sete. Não pude estar no último, para pena minha, até porque era um de gastronomia que eu aprecio muito, que era as enguias, mas porque colidia com uma outra atividade, não tive mesmo oportunidade para estar presente. Mas também sei que correu muito bem. Agora em termos genéricos, de tudo o que eu vi nas outras sessões, acho que foi espetacular. Acho que se conseguiu alcançar os objetivos, tivemos numas sessões mais, noutras menos a tal convivência intergeracional. Nuns notava-se mais do que noutros, mas no âmbito geral, acho que esteve muito bom. Conseguiu-se ali trazer malta muito novinha, conseguiu-se lá colocar pessoas assim de meia-idade e conseguiu-se trazer também pessoas mais experientes, para não dizer com mais idade e criou-se um ambiente espetacular, de colaboração, de partilha, entre distintas idades, classe económica, formação académica. Também se conseguiu, porque havia ali uma riqueza muito grande em termos de habilitações académicas, desde o mais elementar, uma quarta classe, até professores universitários que por ali passaram. Portanto, pessoas com doutoramentos e que ali nada se notava senão a partilha. O entusiasmo de aprender aquela atividade concreta daquele dia.

Pergunta: Então na sua opinião, este tipo de projetos deve ter continuidade?

Resposta: Sem dúvida alguma que este projeto deve ter continuidade no futuro. Claro, vendo nós que temáticas abordar, etc., mas sem dúvida nenhuma que deve ter continuidade. E devemos-lhe dar uma sequência, não deve ficar por aqui porque, de alguma forma, criou-se ali, de quinze em quinze dias, às vezes de três em três semanas, uma certa dinâmica que agora fica um bocadinho paralisada, parada. Acho que pode não ser com esta periodicidade, não tem de ser, pode ser uma vez de mês a mês, pode ser uma vez de dois em dois meses, mas criar assim alguma coisa que dê continuidade a este projeto, acho muito bem. Porque há aí muitas outras coisas que nós devemos com o grupo Folclórico investigar, preservar, dar a conhecer, divulgar às outras pessoas, para que não se percam, porque são riquezas de grande valor dos nossos antepassados. Se não forem este tipo de coisas, elas acabam por se perder no tempo. Se não forem este tipo de organizações que de alguma forma divulgue e preserve, através de uma gravação, através de fotografia, através de um texto, isto pode-se perder, como já são/hão de ter perdido muitas.

Pergunta: Este projeto é realmente importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Resposta: Sim. Para além da divulgação que se fez daquelas artes a cada uma das quinze, dezasseis, dezassete pessoas. Para além dessas pessoas, houve muitas outras que depois que tiveram conhecimento através da informação que foi sendo dada, da divulgação dessas ações. Ficaram registos, quer fotográficos, quer em termos de vídeo, quer até escritos. Ficaram registos dessas artes, desses trabalhos que lá se fizeram e isso é um maior enriquecimento, é aquilo que vai perpetuar e vai fazer com que as coisas não se percam. Com isto conjugado, nós temos a garantia de que essas coisas não se vão perder.

Pergunta: Relativamente aos temas selecionados para as *OficinaRias*, entende que foram representativos do município ou existiriam outros temas que deveriam ter sido incluídos?

Resposta: Ora bem, a todo o tempo nós poderemos lembrar de mais algum e dizer este também podia ser incluído, mas estamos sempre a tempo, numa nova edição que se faça, estamos sempre a tempo de a incluir. É certo que umas mais que outras criam nas pessoas mais entusiasmo. Por exemplo, nós tivemos algumas que as inscrições foram muito rápidas e outros que andaram mais um bocado assim no tempo, até quase ao dia. Mas houve ali algumas atividades que rapidamente se esgotaram. Talvez pelo entusiasmo que elas criaram, não quer dizer que as outras ações não tivessem tido tanta importância como aquelas, é só que é esse tal entusiasmo que cria nas pessoas. Agora pode existir e com certeza que há, há de certeza outras áreas, outros trabalhos, podem provocar menos entusiasmo por parte dos participantes, mas que são riquezas do nosso património que são e que devem ser preservadas, devem, tal como as outras. Um com mais entusiasmo e outras com menos por parte dos eventuais participantes.

Pergunta: Eng.^o Daniel, gostaria agora que enumerasse um aspeto que tenha corrido bem e outro que tenha corrido menos bem.

Resposta: Ora bem, isso é colocar uma questão para a qual eu não tinha nem sequer pensado um bocadinho nela. Mas assim de repente, eu já referi um que para mim é dos mais ricos, dos mais positivos, um era esse tal convívio entre pessoas de diferentes gerações, diferentes culturas, diferentes habilitações, uma da quarta classe, outras de doutoramentos, de professores universitários. Este convívio foi espetacular. A partilha, aquilo que se notou é que eram pessoas iguais a aprender uma coisa nova. Todos se colocaram no mesmo nível de alunos/formandos. Agora veio-me assim à cabeça uma e

eu não sei se ela é menos positiva, mas pronto, à falta de outra, indico esta. Porque eu estou a dizer, não sei se ela é negativa, porque também tem aspetos muito positivos, que foi assim, nós tivemos algumas pessoas que praticamente participaram nas sessões todas. Ora bem, isto é negativo? Se calhar não é tanto. Vamos dizer se não tivessem participado em todas, se calhar tinham dado a possibilidade de outros terem participado nalgumas, mas, por outro lado, se elas participaram é porque lhes tocou, é porque tendo participado na primeira acharam que aquilo que era muito bom e que era positivo. Então, ao longo de cada sessão inscreviam-se. Portanto, acabou por existir um núcleo duro de pessoas que foram comuns nas sessões praticamente todas. Mas que eu vou dizer assim, que nem considero sequer isso um aspeto negativo. Fica assim uma meia jorna, não é propriamente negatividade.

Pergunta: Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

Resposta: Sem dúvida nenhuma, porque é assim, realmente o próprio espírito de *OficinaRia* é um espírito de *workshop*, é um espírito de onde as pessoas devem ser levadas à participação. Onde deve ser dada às pessoas a oportunidade de experimentarem, de colocarem a mão e com as suas próprias mãos fazerem o trabalho ou a parte do trabalho que lhes foi solicitada. E isso aconteceu, aconteceu nas várias atividades, nos vários temas que foram abordados em cada um dos sábados isso aconteceu. Foi sempre posta essa possibilidade, foi dada sempre essa possibilidade às pessoas e as pessoas aproveitaram. As pessoas estiveram lá, como costumamos dizer, a pôr a mão na massa, a ver como e a experimentar, a colocar os seus dedos, as suas mãos, a sentirem a massa e isso acho que não se pode traduzir por palavras. O sentir das pessoas é completamente diferente daquilo que dizer olha é macio, é morno. A pessoa, ao sentir, guarda muito melhor essa recordação.

Pergunta: Que sugestões daria por forma a melhorar as *OficinRias*?

Resposta: Eu não tenho propriamente assim noção de necessidade de melhoria. Eu achei que as atividades estiveram todas elas muito boas. Como eu disse, umas criando uma maior emoção às pessoas, outras menos, no geral elas foram todas muito boas. Agora poderá depender um bocadinho de novas temáticas, temos também aí uma situação dessas, temos que pensar o que é que vamos, agora, possibilitar às pessoas, propor às pessoas, para se fazer e em face de cada uma das temáticas, poder-se-á encontrar alguma forma de abordar esse assunto. Mas para já não estou assim a ver nada

Caraterização do 2º Entrevistado - 2MP

João Garrido, residente no concelho da Murtosa, Freguesia do Bunheiro, tem 33 anos e concluiu a Licenciatura de Computadores e Informática. Técnico de Informática e Eletrónica desde 2005, trabalha num estabelecimento próprio de Informática. João Garrido participou “*OficinaRia* da broa de milho no forno tradicional a lenha”, na “*OficinaRia* dos rojões”, na “*OficinaRia* das chouriças de carne fumadas” e na “*OficinaRia* da caldeirada de enguias”.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 5 minutos, foi realizada no seu estabelecimento comercial no Bunheiro, dia 24/07/2013, após horário laboral. No momento em que foi convidado a participar na entrevista, mostrou logo grande receptividade e vontade de expressar o seu testemunho. O participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: João Miguel como tomaste conhecimento da existência das *OficinaRias*?

Resposta: Penso que foi através do *facebook*.

Pergunta: Participaste numa ou várias *OficinaRias*?

Resposta: Participei em várias.

Pergunta: Quais?

Resposta: Na *OficinaRia* da broa de milho, na das chouriças, na da caldeirada de enguias e participei também na dos rojões.

Pergunta: Na tua opinião qual o interesse deste tipo de projetos em geral?

Resposta: Então, o interesse de uma forma geral é mesmo o convívio entre as pessoas das várias idades e a passagem do próprio conhecimento e das experiências.

Pergunta: Como avalias o convívio entre as diferentes gerações durante as *OficinaRias*?

Resposta: Bom. Houve interação. Houve partilha.

Pergunta: Consideras esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

Resposta: Acho que sim, não quer dizer que depois cheguem a casa e façam logo o que aprenderam nas *OficinaRias*. Mas fica lá a base do conhecimento e depois é só uma questão depois de experimentar. Se tiver dificuldades, volta a pedir ajuda ou a quem participou ou também ao próprio formador. O ambiente informal também é aspeto que até facilita. As pessoas não ficam tão inibidas e absorvem melhor o conhecimento e até têm mais à vontade para fazer certo tipo de perguntas. Por isso, acho que o ambiente informal até facilita a apreensão de conhecimentos e a partilha de experiências.

Pergunta: Como avalias as *OficinaRias* propriamente ditas?

Resposta: Qual é a escala? Muito bom, a escala se for de um a vinte levas um dezoito.

Pergunta: Na tua perspetiva, gostava que indicasses um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.

Resposta: Um menos bem..., não vejo assim nada menos bem. Eu fiz logo a crítica quando foi na *OficinaRia* do pão, que tivemos muito tempo morto. Mas isso não tem que ver com a *OficinaRia* em si, tem que ver com o tempo morto que a gente estava ali enquanto o pão estava no forno. Mas isso foi corrigido depois nas outras.

Pergunta: E um aspeto que tenha corrido bem?

Resposta: Um aspeto que tenha corrido bem foi mesmo o convívio e umas horas bem passadas, um tempo bem passado.

Pergunta: Após teres participado nas *OficinaRias*, já experimentaste a fazer novamente aquilo que aprendeste? Porquê?

Resposta: Ainda não, por uma questão de tempo. Mas tenho vontade, mas ainda não tenho tido oportunidade.

Pergunta: Que sugestões darias de forma a melhorar este tipo de iniciativas?

Resposta: Agora assim... Meu Deus. Não sei.

Pergunta: Este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Resposta: Claro, que é. É importante para a comunidade em geral, por causa da transmissão de valores e do tal conhecimento. Lá está, é bom terem participado gerações mais novas, porque algumas não tinham conhecimento de certos pormenores. Afinal há coisas que se fazem aqui na Murtosa e que as pessoas às vezes desconhecem.

Caraterização do 3º Entrevistado- 3MP

José Rodrigues, residente no concelho da Murtosa, freguesia do Bunheiro, tem 23 anos e concluiu o 12º ano. Serralheiro de Bancada, José Rodrigues trabalha numa empresa de fabrico de moldes. Participou como formando na OficinaRia da “Conservação e manutenção de pasteleiras” e na OficinaRia da “Caldeirada de enguias”. Para além da participação nestas duas *OficinaRias*, colaborou em todas as *OficinaRias* na receção dos participantes, na distribuição da informação disponibilizada, no controlo da receção das avaliações de cada ação e ainda na entrega dos certificados.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 7 minutos, foi realizada no seu domicílio no Bunheiro, dia 15/07/2013, após horário laboral. Durante a entrevista, mostrou total disponibilidade em responder às questões colocadas uma vez que acompanhou de perto todas as *OficinaRias*. O participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: José, como tomou conhecimento das *OficinaRias*?

Resposta: Através da Coordenadora deste projeto.

Pergunta: Participou numa ou várias?

Resposta: Participei em duas.

Pergunta: Quais?

Resposta: Das bicicletas e a das enguias.

Pergunta: Na sua perspetiva, qual o interesse neste tipo de projetos em geral?

Resposta: Acho que, no geral, isto é um projeto que poderá ter futuro tendo em conta que existe um encontro de várias idades, várias culturas, escolaridades totalmente diferentes e tudo isto é enriquecedor para cada um, tanto para uma pessoa mais velha como uma pessoa mais jovem. Há conhecimentos que os jovens têm que os mais velhos não têm e há conhecimentos que os mais velhos têm que os jovens nunca tiveram, não é? E esta troca de conhecimentos é realmente interessante.

Pergunta: Como é que avalia o convívio entre as diferentes gerações durante as duas *OficinaRias*?

Resposta: Acho que foi um convívio saudável, considerando que houve sempre respeito quer das diversas idades, quer dos sexos. Às vezes, também existe uma discrepância de sexos. Acho que tudo correu bem, o convívio foi bastante positivo. Houve momentos de alegria, momentos de divertimento, momentos mais sérios em que notava-se que havia a necessidade de querer aprender. Acho que, no geral, foi mesmo bom e saudável.

Pergunta: Então, considera que esta forma de transmissão de conhecimentos é válida?

Resposta: Claro que sim, é uma forma se calhar mais informal do que propriamente formal e realmente, às vezes, nestas conversas, nestas partilhas, é mais fácil as pessoas captarem a informação do que propriamente num contexto muito formal em que apenas é debitada matéria ou informação e as pessoas começam a entrar num regime monótono que acabam por não absorver a informação.

Pergunta: Na sua perspetiva, gostaria que me indicasse um aspeto que tenha corrido melhor e um que tenha corrido menos bem.

Resposta: É assim, olhando, por exemplo, para a OficinaRia das bicicletas, eu acho que um aspeto que correu menos bem, se calhar, terá sido a preocupação do formador em atingir o seu objetivo final que era realmente a montagem da bicicleta e depois se calhar não foi muito próximo de todos os formandos. É lógico que aqueles formandos que se aproximavam daquele objetivo acabavam por estar mais próximos. Mas mesmo assim, não considero um aspeto assim menos. Acho que foi só uma questão até de tempo. Um aspeto bom acho que terá sido se calhar os conhecimentos que eu adquiri nesta OficinaRia. Porque realmente havia coisas que eu desconhecia, eu que tenho um certo interesse na reconstrução e restauração de bicicletas antigas, já que tenho algumas bicicletas antigas e outras mais recentes que necessitam de manutenção e aqui adquiri bons conhecimentos, somando aqueles que já tinha como é óbvio.

Pergunta: Referiu anteriormente que tinha participado em duas *OficinaRias*.

Resposta: Certo.

Pergunta: Após ter participado nestas duas *OficinaRias* já experimentou fazer novamente aquilo que aprendeu?

Resposta: É assim, na questão das bicicletas já fazia há bastante, há bastantes anos, aliás acho que desde que me lembro de ser pessoa já ajudava o meu avô nestes aspetos. É uma coisa que faço regularmente, como é óbvio as bicicletas precisam de manutenção e faço regularmente. A questão das enguias, como também foi há relativamente pouco tempo, ainda não senti necessidade de repetir e também porque o custo das enguias não é assim tão baixo, quer algum orçamento prévio.

Pergunta: Então que sugestões daria para melhorar futuras *OficinaRias*?

Resposta: É assim, neste momento estas *OficinaRias* surgiram num contexto de um projeto de mestrado, certo? Como tal, era do interesse da pessoa responsável que elas fossem executadas, logo os cargos ficaram grande parte a seu cargo. No entanto, tendo em conta que isto é um bom projeto e que, acho que é opinião da maior parte dos participantes, devia ser realmente remunerado, devia haver um custo, não digo para ser muito lucrativo, mas pelo menos para cobrir as despesas e talvez algum pagamento pelo tempo dispensado e pela iniciativa. Acho que seria assim uma gestão boa e era não para com este projeto, porque realmente, vêm para a zona pessoas de fora, conhecem aqui o nosso ambiente, vivem, fazem os convívios juntamente connosco, o que é muito bom e realmente a nível de idades também existe uma troca de informação que é muito gratificante.

Pergunta: Entende, então, que este projeto é importante para o município da Murtosa?

Resposta: Claro que sim. Agregado a tantos projetos que este município tem, acho que é mais um bom projeto, mais uma boa iniciativa para haver convívio, haver conhecimento, haver enriquecimento de cultura e fazer *OficinaRias* se calhar com outros temas seria mais uma vantagem deste projeto e mais um ponto a favor do concelho da Murtosa.

Caraterização do 4º Entrevistado - 4MP

Pedro Pereira reside recentemente no Concelho do Porto, freguesia de Areosa, tem 19 anos e concluiu o 12º ano. Atualmente frequenta a Licenciatura de engenharia metalúrgica e de matérias. Pedro participou na “OficinaRia da conservação e manutenção de pasteleiras”, dinamizada pelo seu pai.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 3 minutos, foi realizada no seu domicílio, dia 15/07/2013. O participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Pedro, como tomaste conhecimento das *OficinaRias*?

Resposta: Tomei conhecimento das *OficinaRias* pela internet e também por alguns cartazes que vi afixados por cafés e nalguns espaços culturais e públicos.

Pergunta: Participaste numa ou várias *OficinaRias*?

Resposta: Participei numa.

Pergunta: Quais?

Resposta: Na OficinaRias das pasteleiras.

Pergunta: Na tua opinião, achas que este tipo de projetos, de uma forma geral, tem interesse?

Resposta: Sim, acho que é bastante importante para o nosso Município, não só para promover o nosso Município, mas também para as pessoas se encontrarem e conviverem todas juntas.

Pergunta: Na OficinaRia que participaste, como avalias o convívio entre as diferentes gerações?

Resposta: Acho que foi bastante bom, as pessoas transmitiram conhecimentos umas às outras. Estiveram juntas, partilharam conhecimentos, foi um relacionamento bastante bom e acho que bastante importante.

Pergunta: Consideras esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

Resposta: Sim, bastante válida. Não só para os mais velhos transmitirem alguns conhecimentos, mas também os mais novos transmitiram os seus conhecimentos aos mais velhos.

Pergunta: Como avalias então a OficinaRia propriamente dita?

Resposta: Bastante interessante.

Pergunta: Na tua perspetiva, gostaria que indicasses um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.

Resposta: Um aspeto bastante bom talvez seja esse mesmo convívio entre as gerações e a partilha dos conhecimentos. Um aspeto negativo, não sei, não tenho assim nenhum aspeto negativo assim relevante. Acho que correu tudo dentro da normalidade.

Pergunta: Após ter participado na OficinaRia, já experimentaste a fazer novamente aquilo que aprendeste?

Resposta: Sim, já tinha algum conhecimento através do meu pai, mas também, claro, que experimentei fazer algumas coisas em casa.

Pergunta: Que sugestões darias de forma a melhorar as *OficinaRias*?

Resposta: Acho que as *OficinaRias* estavam bastante bem organizadas e por forma a cativarem as pessoas. Acho que estavam bastante bem.

Pergunta: No início, referiste a importância deste projeto para o Município da Murtosa, porque é que este projeto é importante para o Município?

Resposta: Sim. Porque por exemplo, na OficinaRia que participei, da conservação e manutenção das pasteiras, acho que para além de promover o Município da Murtosa, promove também o grande projeto da Murtosa Ciclável. Esta OficinaRia das bicicletas, acho que ainda veio enaltecer mais esse projeto e promover a Murtosa na sociedade.

Caraterização do 5º Entrevistado - 5MD

Januário Cunha, residente no Concelho da Murtosa, freguesia do Monte, tem 36 anos e concluiu a Licenciatura de Engenharia Eletrónica e Telecomunicações. Atualmente exerce funções de Vice-Presidente na Câmara Municipal da Murtosa e é o responsável pelo pelouro da Cultura. Foi selecionado para ser entrevistado por ter sido o representante da Câmara Municipal que, desde o início do projeto, apoiou e acompanhou todas as *OficinaRias* desde a fase embrionária do projeto até à materialização do mesmo.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 15 minutos, foi realizada nas instalações da Câmara Municipal da Murtosa, dia 18/07/2013, durante o horário laboral. A participação do entrevistado foi de completa cooperação e grande abertura. O participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Engenheiro Januário Cunha - Vice-presidente da Câmara Municipal da Murtosa, como é que a Câmara Municipal da Murtosa acolheu a proposta de apoiar o Projeto das *OficinaRias*?

Resposta: Acolheu muito bem, principalmente porque a proposta que nos foi feita, foi feita de uma forma muito consistente, muito bem elaborada e nós entendemos que efetivamente preconizava um conjunto de princípios que nós próprios pretendemos implementar e que, na medida do possível, temos vindo a implementar na nossa política e na nossa estratégia. Portanto, a proposta foi muito boa e nós acolhemo-la.

Pergunta: De que forma é que a Câmara Municipal da Murtosa apoiou as *OficinaRias*?

Resposta: Ora bem, a Câmara Municipal apoiou essencialmente o projeto de duas formas. A primeira, ajudou a dar-lhe corpo, no sentido da materialização, apoio logístico essencialmente. O apoio financeiro foi muito relativo e sinceramente com pouco significado. A Câmara Municipal apoiou essencialmente na divulgação. Portanto o apoio baseou-se nesses pilares, a logística, a ajuda na materialização e depois na divulgação pelos canais habituais do município.

Pergunta: Já existem iniciativas da Câmara Municipal com o objetivo de promover o *Envelhecimento Ativo* e o encontro entre gerações?

Resposta: Já foi feito anteriormente, em vários fóruns. As *OficinaRias* acabam por ser precursoras de uma ação estratégica que a Câmara Municipal quer implementar com aquilo que nós chamamos o nosso Centro Intergeracional. E de facto, as *OficinaRias* acabaram por ser um belo laboratório do que poderá ser também a Câmara Municipal per si em termos de promoção de *Envelhecimento Ativo*, falo muito em articulação com as instituições locais, nomeadamente com os Centros Sociais e a Santa Casa. Muitas das vezes, colocando à disposição dessas instituições um conjunto de valências, um conjunto de equipamentos, desde equipamentos desportivos até à logística associada a um conjunto de coisas que de facto promovem esse *Envelhecimento Ativo*. Portanto, o Município da Murtosa tem essa preocupação naturalmente, falo sempre em articulação com as Instituições.

Pergunta: Quais são as maiores dificuldades sentidas pela Câmara em dinamizar iniciativas que promovam o *Envelhecimento Ativo* e/ou encontro entre gerações?

Resposta: Eu não creio que elas são grandes dificuldades. Muitas das vezes, a maior de todas, curiosamente, não é tanto a existência ou não de recursos, ou a existência ou não de vontades, tem sobretudo a ver com a necessidade de puxar, digamos assim, uma determinada faixa etária para um conjunto de atividades. Ou seja, dito de uma forma mais simples, convencer, digamos assim, o público-alvo a participar nas coisas. Porque de facto há um conjunto de iniciativas, sejam elas promovidas pela Câmara Municipal per si ou por outras Instituições. Estou a lembrar-me de exposições, de feiras e outros que tais. Estas ações são momentos em que as pessoas, por exemplo, podem mostrar o que fazem. São boas iniciativas promovidas, como eu já disse atrás, pelas instituições. Às vezes, agarrar o público-alvo e convencer o público-alvo de que aquilo é bom, para eles, per si e também para a comunidade às vezes, é que pode ser a maior dificuldade. Mas ainda assim, eu acho que se tem feito caminho, as pessoas estão cada vez mais despertas para isso. Felizmente, hoje, o *Envelhecimento Ativo* é uma realidade, as pessoas felizmente chegam a idades avançadas, nós temos vários casos de pessoas que já são centenárias. Pessoas que chegam a uma idade avançada com capacidade física e com saúde, e com capacidade intelectual, que lhes permite fazer um conjunto de tarefas. Aliás, nós estamos num município, pelas características que tem, que desde há muito que se pratica o conceito do *Envelhecimento Ativo*. As pessoas desde sempre, com muita idade cuidam do seu quintal, têm as suas coisas, portanto, até muito tarde, mesmo já no

limite, no limite já das forças, das capacidades, é que as pessoas abdicam de fazer as suas tarefas. Muito associado à questão da agricultura mas também por exemplo à pesca, é muito comum ver pessoas com alguma idade praticá-la. Hoje há outras atividades naturalmente, nomeadamente a parte física obviamente muito trabalhada, no sentido do lazer, da saúde. Eu acho que devem ser sempre atividades em prol da qualidade de vida das pessoas.

Pergunta. Relativamente ao projeto *OficinaRias* propriamente dito, como o avalia?

Resposta: Eu acho que só pode ter uma palavra para as avaliar que é “sucesso absoluto”. A perceção que nós tivemos foi a melhor, o feedback que nos chega é o melhor, a perceção que nós próprios temos é essa. Porque participamos ativamente na concretização das *OficinaRias*, mas sobretudo esse impacto muito positivo que teve na população, que teve na comunicação social, enfim, eu acho que a avaliação é mesmo de sucesso, não pode ser outra.

Pergunta: Então, na sua opinião, este tipo de projetos deve ter continuidade?

Resposta: Não há dúvida nenhuma. Aliás, eu espero muito bem, e a Câmara Municipal tem essa disponibilidade para apoiar como sempre o fez, de termos o terceiro, o quarto, o quinto e por aí fora... vários ciclos de *OficinaRias*, até porque há muitas temáticas que podem ser ainda trabalhadas - não há dúvida.

Pergunta: Relativamente aos temas selecionados para as *OficinaRias*, entende que foram representativos do município ou existem outras áreas que deveriam ter sido incluídas?

Resposta: Sim, claro que sim. Muito, muito, tem muito que ver com a identidade local. Tem muito que ver com o sentir das pessoas, um conjunto de atividades que são algumas muito intrínsecas ao povo murtoseiro. Eu acho que teve uma representatividade muito boa, até uma representatividade se quisermos territorial, apesar da esmagadora maioria das *OficinaRias* terem acontecido na Casa Custódio Prato. As iniciativas que foram desenvolvidas tiveram uma amplitude territorial ao nível do município muito grande. E depois cobriram áreas, desde a promoção da saúde, o bem-estar físico até àquela que é, uma das grandes *coqueluches* hoje na Murtosa, que tem que ver com as bicicletas, principalmente as bicicletas antigas.

E depois algo que é extremamente importante que é a parte gastronómica naturalmente, quer dizer, há ali uma matriz de identidade muito associada a um conjunto de valores gastronómicos, já para não falar do artesanato também naturalmente. Portanto, eu acho que foi muito abrangente e muito bom.

Pergunta: Na perspetiva do Januário, gostaria que me indicasse um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.

Resposta: As *OficinaRias* correram muito bem. Uma das coisas que eu mais gostei, muito sinceramente, e tocou-me particularmente, foi perceber a satisfação dos formadores. Os formadores na sua maioria eram pessoas já com alguma idade. Quase que lhes causou espanto porque é que foram convidados. Devem se ter interrogado porque é que me estão a convidar agora para eu fazer isto, eu nunca fiz isto... As pessoas sentem-se valorizadas e perceberem o valor que a comunidade lhes dá, eu acho que isso foi o grande *must* digamos assim. E também a satisfação generalizada.

Ponto negativo, não é fácil encontrar um ponto negativo. O ponto negativo está associado a uma contingência, a um constrangimento que as *OficinaRias* forçosamente têm que ter, sob pena de não conseguirmos de alguma forma atingir o objetivo. Não conseguir, por exemplo, que todo o grupo consiga meter a mão na massa, que é o número limitado de inscrições. Aconteceu com muita frequência terem que ser recusadas inscrições num conjunto de *OficinaRias*, porque se tinha atingido o número limite. Mas percebe-se porque é que se tem que ter um número limite, porque se não, não era exequível a *OficinaRia*, como o modelo que ele foi defendido. Portanto, a haver um aspeto negativo, se calhar seria esse, que não conseguimos de alguma forma tornear, ou de forma alguma, que é efetivamente fazer com que as *OficinaRias* cheguem a toda a gente que gostaria de as frequentar. Naturalmente que há uma forma de minorar esse facto que é repetir *OficinaRia* e, eventualmente, penso que isso poderá acontecer no futuro.

Pergunta: Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

Resposta: Sim, aliás, é o melhor modelo. Para este conceito é um modelo que funciona muito bem. As *OficinaRias* serviram efetivamente para transmitir conhecimento. Isso foi-nos transmitido a nós pelas pessoas que participaram e que efetivamente aprenderam num contexto de absoluta informalidade. Então, o modelo é mais do que válido. Portanto, é esse o modelo que deve ser usado.

Pergunta: Para terminar, que sugestão daria por forma a melhorar futuras *OficinaRias*?

Resposta: Às vezes diz-se que em equipa que ganha não se mexe, não é? Como temos um bom modelo, podemos eventualmente polir algum bocadinho, eventualmente passaria sempre por diversificar ainda mais a temática, fazer, se calhar, alguma auscultação, aliás foi uma das coisas que foi perguntada às pessoas que participaram. Portanto, eu acho que o caminho é muito por aí, diversificar e eventualmente termos o cuidado de fazer duas coisas. A primeira é tentar descentralizar as *OficinaRias* e conseguir levá-las a ter uma abrangência ainda maior ao nível do território e depois conseguir que elas cheguem ao máximo número de pessoas.

Por vezes, não é fácil. É muito fácil a alguém, que participe numa *OficinaRia*, ficar com vontade de participar nas que vêm a seguir. Qual é o problema, entre aspas, associado a isto? É que depois não conseguimos ter pessoas, às vezes, novas, digamos assim, que nunca participaram e gostariam eventualmente de participar. Eu estou quase tentado e, fugindo um bocadinho aqui à última pergunta, estou quase tentado a pensar que quem sabe se isto não será também um belo embrião eventualmente para um conjunto de formações que podem ser utilizadas numa Universidade Sénior, como acontece noutros sítios. Efetivamente, existe um círculo de saberes muito baseados no conceito de *OficinaRia* e que podem, literalmente, como se de um currículo, um plano curricular se tratasse, poder ser transportado para estas tais Universidades.

Portanto, em resumo, a satisfação é total e absoluta. Eu disse-o com muita frequência e repito, para que fique registado, esta iniciativa foi daquelas que a Câmara ajudou a promover, portanto, associada a um conjunto de outras atividades e associada naturalmente à promotora mor que que é minha amiga. Provavelmente foi daquelas com maior sucesso e que cujo investimento e o capital foi do mais residual. O que só prova que as melhores coisas são aquelas que se fazem simples. E sobretudo são aquelas que vão buscar e retirar às pessoas aquilo que elas têm de melhor, que é aquele saber ancestral que possuem, que foi passado de geração em geração. No fundo, esse era o grande objetivo das *OficinaRias*, foi amplamente atingido.

Caraterização do 6º Entrevistado - 6MO

António Salgado, residente no Concelho da Murtosa, freguesia Murtosa, tem 58 anos e concluiu o 4º ano de escolaridade. Participou no projeto como formador da “OficinaRia da confeção da caldeirada de enguias”. Atualmente, é um dos Confrades e Cozinheiro da confraria Gastronómica “O Moliceiro”, sediada no Município da Murtosa, onde foi realizada a OficinaRia supracitada.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 15 minutos, foi realizada em sua casa, dia 18/07/2013, durante o horário pós laboral. O entrevistado demonstrou grande entusiasmo ao responder às questões colocadas, respondendo sucintamente a cada resposta. O participante antes de iniciar a entrevista assinou o consentimento informado.

Pergunta: António Salgado, em que OficinaRia assumiu o papel de formador?

Resposta: Na caldeirada de enguias.

Pergunta: Como reagiu quando recebeu o convite para participar na OficinaRia como formador?

Resposta: Recebi com muito gosto e fiz isso, pronto, com muito prazer e sempre pronto, quando for preciso alguma coisa, é contar comigo.

Pergunta: Já tinha participado nalguma iniciativa semelhante?

Resposta: Numa iniciativa destas não, já tenho feito muita caldeirada de enguias, mas através da confraria para eventos, mas nunca para ensinar aos outros. Isso foi a primeira vez.

Pergunta: Quando é que aprendeu a fazer a caldeirada de enguias tal como transmitiu na OficinaRia?

Resposta: Aprendi a fazer a caldeirada de enguias como disse lá na altura porque trabalhei dos catorze anos até aos dezoito anos aqui na ria, na arte do chichorro e da segunda à sexta-feira a gente cozinhava e comia e dormia na bateira e foi com os mais velhos que eu aprendi a fazer isso, porque foram quatro anos a fazer isso.

Pergunta: Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

Resposta: Eu acho que sim, eu acho que sim e a prova disso é que houve lá pessoas que foram lá, por exemplo, e que nunca amanharam uma enguia. E penso que gostaram de ver como é que se amanhavam as enguias, porque não é só comer as enguias, também faz falta amanhá-las e prepará-las, pronto. E eu penso que sim, penso que as pessoas que gostaram de aprender.

Pergunta: Na sua opinião, este tipo de projetos de uma forma geral têm interesse?

Resposta: Eu acho que sim, eu acho que sim, porque passamos os conhecimentos que temos às gerações mais novas. Porque se não há coisas que se perdem, que, enfim, como foi o caso da broa ou fazer rojões, hoje há muita gente que não sabe fazer isso, não é? Ou caldeiradas de enguias e outras coisas mais, não é? Que se possa fazer, portanto acho que é bom que os mais novos comecem a aprender também a fazer isso.

Pergunta: Na perspetiva do António, como formador, gostaria que me indicasse um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.

Resposta: Eu acho que correu tudo bem. Vi as pessoas com entusiasmo desde o amanhar das enguias, toda a gente quis amanhá-las, toda a gente quis aprender. Eu acho que correu bem, eu não encontrei nenhum aspeto que tivesse corrido menos bem.

Pergunta: Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?

Resposta: Melhorar não sei em que sentido. Acho que correu tudo bem. O local foi o ideal para fazer isso e penso que correu tudo bem, não sei, pelo menos ninguém levantou nenhum problema.

Pergunta: Julga que este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Resposta: Claro que sim, é importante e eu acho que até devia continuar, com outras ações... Enfim, dentro do que é o conhecimento dos murtoseiros, transmitir isso aos mais novos, portanto eu acho que sim, que devia continuar.

Caraterização do 7º Entrevistado - 7MO

António Amador, residente no concelho da Murtosa, freguesia do Bunheiro, tem 58 anos e concluiu a Licenciatura em Medicina. Participou no projeto como formador da “OficinaRia da confeção dos rojões”. Para além de exercer a profissão de Médico de Medicina geral e familiar, assume a coordenação do Concelho Técnico da Federação do Folclore Português - Zona Vareira e é um dos elementos fundadores do Rancho Folclórico os Camponeses da Beira Ria ainda no ativo.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 10 minutos, foi realizada em sua casa, dia 16/07/2013, após horário laboral. A atitude do entrevistado pautou-se pela total disponibilidade e colaboração. Demonstrou também grande entusiasmo durante o seu discurso. O participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: António, em que OficinaRia assumiu o papel de formador?

Resposta: Foi na OficinaRia da feitura dos rojões.

Pergunta: Como reagiu quando recebeu o convite para participar nesta OficinaRia como formador?

Resposta: Eu reagi bem porque eu gosto muito de fazer rojões. Agora como formador, parecia que era um professor. Não, eu fiz os rojões muito naturalmente, sem estar como formador, nem professor, que para professor eu não tenho jeito.

Pergunta: Já tinha participado nalguma iniciativa semelhante?

Resposta: Sim, também lá na Casa Museu, mas foi a nível daqueles trabalhos de fazer corda, de fazer esteira. Não se chamava OficinaRia, mas em fazer corda, esteira, cestos. Eu participei nessas ações de formação e também como formador. A nível de rodilhas não sei, mas de esteiras eu também participei como formador.

Pergunta: E quando é que aprendeu a fazer os rojões tal como transmitiu na OficinaRia?

Resposta: Ui! Aquilo foi há muitos anos! Eu era meio cachopo, porque foi com as minhas duas avós. Com a avó de casa, eu ainda era relativamente pequeno, mas aprendi muito com ela. Depois com a avó, com a “outra avó”, como eu lhe chamava, que foi logo a seguir, eu tinha para aí uns quinze anos, quando fiz a primeira vez rojões sozinho.

Pergunta: E a forma como transmitiu como se fazem os rojões típicos da Murtosa, considera que é uma forma de transmissão de conhecimentos válida?

Resposta: Sem dúvida que é a melhor maneira de transmitir este tipo de saberes. Porque as pessoas sentem-se à vontade para perguntar, para nos tratar “tu cá tu lá”, não estar com “ai aquele é o que sabe”, a gente tem que tratar salamaleques, não! É a melhor maneira, porque as pessoas estão totalmente à vontade, estão perfeitamente à vontade e eu pude constatar isso. Para perguntar, porque é que é assim, e se não fosse assado, pronto, estão à vontade, acho que é mesmo, mesmo a melhor maneira de transmitir este tipo de saberes.

Pergunta: Na sua perspetiva, qual o interesse deste tipo de projetos em geral?

Resposta: Tem interesse para a comunidade, porque é assim, nós somos uma comunidade da aldeia, somos uma comunidade ainda com muitos resquícios do antigamente, mas muita da nossa gente sobretudo a mais nova, mas mais nova já para aí com quarenta, cinquenta anos, já não sabe nada destas coisas. Já não se sabe como é que se faz, mesmo sendo uma comunidade da aldeia. Portanto, isto tem sempre muito, muito interesse, não só esta dos rojões, mas todas as outras, porque tem sempre, sempre muito interesse, isto é muito o papel dos grupos folclóricos, é obrigação. Neste caso, não é o grupo folclórico que está a fazer isso, mas a nível de grupos folclóricos é uma obrigação que eles têm de poder, de não deixar que... estes saberes morram de vez. E tu aqui estás a assumir um bocado, e muito bem e com todo o mérito, um bocadinho esse papel que nós achamos que é dos grupos folclóricos, porque tu é que pensaste e tiveste a ideia destas *OficinaRias*, sem dúvida são o melhor que pode acontecer a uma comunidade para não perder as raízes, não perder a sua identidade e ouve-se dizer muitas vezes, e é verdade, um povo que não saiba do seu passado não tem futuro nenhum... e não! Isso diz-se, mas diz-se porque é verdade, não é por ser politicamente correto, não, não é nada disso. Um povo esquecer do seu passado não tem futuro... ou

uma comunidade não tem futuro nenhum. E tu estás de parabéns porque estás a ajudar a que não se perca a entidade de um povo.

Pergunta: Como avalia o convívio entre as diferentes gerações durante a *OficinaRia* da confeção dos Rojões?

Resposta: Eu gostei muito de ver aquela gente toda ali a interligar-se e a poder estar de uma forma tão, tão informal. Muito informal, mas com muito valor porque as pessoas estiveram à vontade para tudo.

Pergunta: Na perspetiva do António, gostaria que me indicasse um aspeto que tenha corrido bem.

Resposta: Eu, sinceramente, eu não acho ... não tomei conta assim de alguma coisa que tivesse corrido mal, a sério que não. Não... não... não me apercebi de nada que tivesse corrido mal. Então, até aquela história de vir tirar os rojões ao tacho para levar para comer... Então aquilo... Foi tão natural, tão natural, eu não achei que alguma coisa corresse mal, a sério que não.

Pergunta: E um aspeto que tenha corrido melhor.

Resposta: Foi tudo muito genuíno. Naquela manhã, olha eu gostei muito de ver aquelas pessoas, mesmo algumas que nunca me tinham visto, a falar comigo assim tão descontraidamente... Aquilo que mais me marcou foi isso. Sabes que eu sou uma pessoa assim, que gosto muito de interagir com tudo e com todos e havia pessoas que eu nunca tinha visto, nem elas a mim, e que a gente... Que a gente falava uns com os outros como se se conhecesse há muito... Há muitos anos. Isso foi das coisas que mais me marcaram.

Pergunta: Que sugestões daria por forma a melhorar futuras *OficinaRias*?

Resposta: Melhorar, eu não sei bem como é que iria melhorar aqui. Agora... no futuro eu acho que este tipo de iniciativas não devia morrer aqui, ficar aqui. Não devia, porque eu agora, depois de ver estas tuas iniciativas, vou dizer uma coisa, eu acho que tu também, a par dos grupos folclóricos, tens obrigação, já que te meteste nesta, numa de fazer isto... e fizeste e fizeste muito bem, então se tu fizeste muito bem, passas a ter a obrigação de não deixar morrer muitas outras coisas que possas estar a ver ao longe... nem todos veem

a mesma coisa e, às vezes, uma coisa que a mim não me surge, pode a ti ou a outra pessoa surgir e depois quando...se diz olha falta isto, ai pois falta, falta... É esta ligação entre nós todos que vai fazer com que não deixemos morrer estas coisas. E tu já tens obrigação também.

Pergunta: Afirmou anteriormente que estes projetos devem ter continuidade. Então, qual é efetivamente a importância do projeto para o município da Murtosa?

Resposta: Não só o município da Murtosa porque tinha aí gente que não era da Murtosa. E também foi importante para elas e notou-se bem que foi importante, isto eu estou a ver na OficinaRia dos rojões, mas penso que as participações foram iguais em todas as *OficinaRias*, portanto é importante para uma região, não é só para o município da Murtosa. Para esta região, claro que com mais evidência no município da Murtosa, porque estamos nele... Agora porquê? Então porque nós temos esta sina, nós herdamos esta obrigação de não deixar morrer a nossa identidade. Primeiro como Murtoseiros, Bunheirenses... Bunheirões como diz o povo, e Murtoseiros. E depois da zona centro e depois como portugueses. Eu tenho a experiência do grupo folclórico e, quando a gente vai, por exemplo, para o estrangeiro, é uma coisa que não se entende, como é que eles, que não percebem o que nós dizemos, conseguem perceber o que é que nós estamos a fazer. Eles conseguem entender o que é que quer dizer ... porque é que aquela dança é assim dançada. Eles conseguem entender isso tudo... Portanto, é isso, nós temos esta obrigação, nós temos... e depois não é uma obrigação que... seja assim, ah, porque ele ganha para isto ou ela ganha para isto, não, é uma obrigação moral, cívica... e sentimental que nós temos. Se nós somos "Bunheirões", Bunheirenses, Murtoseiros, temos obrigação de não deixar morrer as tradições do Bunheiro e da Murtosa. Temos obrigação... ou então a gente... a gente alheia-se de tudo e somos uns anormais e há muitos anormais por aí fora, mas pronto... Agora nós, que temos conhecimento de tudo isto, temos esta obrigação e temos obrigação de, no pouco tempo que temos na nossa vida, arranjar um bocadinho de tempo para isso. E temos que o ter e está provado que o temos e conseguimos arranjar, porque está provado que se foi possível fazer estas *OficinaRias*, com pessoas totalmente diferentes e que nunca ninguém repetiu em ser formador e todos tiveram tempo para fazer isso. Então se tiveram tempo para fazer isso, têm tempo para fazer muito mais!

Caraterização do 8º Entrevistado -8MO

Francisco Pereira, residente no concelho da Murtosa, freguesia do Bunheiro, tem 50 anos e concluiu a Licenciatura Gestão Bancária, exercendo a profissão. Participou no projeto como formador da “OficinaRia da conservação e manutenção de pasteiras”. Para além de exercer a profissão de Bancário, é um dos sócios dos “Amigos das pasteiras”.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 15 minutos, foi realizada no seu domicílio, dia 15/07/2013, após horário laboral. A atitude do entrevistado pautou-se pela total recetividade e cooperação. O participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Francisco, em que OficinaRia assumiu o papel de formador?

Resposta: Foi na OficinaRia das pasteiras, bicicletas antigas, que são muito características aqui da Murtosa.

Pergunta: Como reagiu quando recebeu o convite para participar na OficinaRia como formador?

Resposta: Por um lado fiquei contente pelo tema, porque é um hobby que me apaixona, que eu passo os meus sábados e domingos de volta, mas por outro lado, também fiquei preocupado, porque recuperar uma pasteira tem tantos pormenores e tantas etapas que para mim começou a tornar-se difícil dizer como é que eu num bocadinho de tempo vou conseguir transmitir um tão grande número de pormenores às pessoas que irão participar, sem conhecer muito bem as pessoas que iriam participar no início. Mas depois fui construindo e preparando o trabalho e começaram a surgir naturalmente algumas ideias e a construir uma sequência de trabalho que se concretizou.

Pergunta: Muito bem, o Francisco já tinha participado nalguma iniciativa semelhante?

Resposta: É assim, de uma forma formal como foi esta iniciativa promovida por ti, não. De uma forma informal, com grupos de amigos, isso é todas as semanas. Todas as semanas, nós partilhamos conhecimentos. Eu fiz isto desta maneira, eu fiz isto daquela, experimenta assim e arranja-me aquela peça e arranja-me outra. Há um grupo de

peessoas aqui na Murtosa, e não só, que gostam da recuperação das pasteleiras e trocamos ideias, ensinamentos e como é que estamos a evoluir num projeto que temos e recebemos muitas opiniões, muitas sugestões de outras pessoas, mas de uma forma informal. De uma formal como foi esta, nunca tinha participado, nem nunca pensava participar. Foi muito interessante.

Pergunta: Já agora, quando é que o Francisco aprendeu este ofício da conservação e manutenção de pasteleiras que transmitiu na OficinaRia?

Resposta: É assim, nós mais velhos, que tínhamos uma bicicleta, quando aparecia um furo, saía o cadeado, aparecia um problema, nós tínhamos que nos desenrascar, tínhamos que arranjar a bicicleta, porque levar à oficina ficava caro. Também, se calhar, por ter uma oficina aqui perto de casa; se calhar, por ter aqui também a oficina perto ficou sempre o gosto também ver a fazer e também aprendi e também quis fazer. Portanto, desde muito pequenino que toda a gente sabia remendar uma bicicleta e fazer pequenas reparações. Esta situação da bicicleta propriamente dita, de recuperar, já foi agora bastante mais tarde. Não posso precisar, mas para aí em dois mil e oito, dois mil e nove, quando fui buscar uma bicicleta antiga que tinha, com a qual eu comecei a trabalhar e os meus filhotes me entusiasmaram de pôr a bicicleta a andar e foi aí que tudo começou, e as bicicletas em casa, que estavam arremessadas, começaram a ganhar vida.

Pergunta: Portanto, considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

Resposta: Eu acho que não só é válida, como é a melhor forma das pessoas irem fazendo, aprendendo fazendo. E notou-se, em grande parte das pessoas, o entusiasmo por fazer pequenas coisas pequenas, pequenos trabalhos que se faziam nas oficinas de bicicletas. E a forma de ir aprendendo, fazendo, acho que neste contexto de transmissão de conhecimentos que este projeto proporcionou, acho que é a forma excelente das pessoas conviverem, partilharem e, de uma forma informal, colocarem as questões, desde as pessoas com um nível de formação mais básica até à mais elevada, conseguir partilhar os conhecimentos, uns pela experiência, outros pelo conhecimento, partilhar experiências de uma forma enriquecedora para o crescimento enquanto cidadãos, enquanto comunidade, não tenho qualquer dúvida disso.

Pergunta: Qual o interesse deste tipo de projetos em geral?

Resposta: Eu confesso que quando vi o primeiro anúncio da primeira iniciativa, a primeira leitura que fiz foi com alguma apreensão. No segundo momento, pensei: “Cá está uma excelente ideia! Uma excelente ideia de partilha de saberes de pessoas mais velhas, de costumes e usos de uma terra!” Partilhar com as pessoas que não são da terra, as pessoas mais novas, as pessoas que mesmo sendo da terra e sendo mais velhas, que não tiveram as mesmas vivências, porque são de outras famílias, com outra formação, que não tiveram convivência com a agricultura, por exemplo, com o pão, com as chouriças, com as rodilhas... Nestas iniciativas, poderão partilhar, poderão aperceber-se como é que se fazia, ter um contacto com a realidade, fazer. E isso é extraordinário e enriquecedor para uma comunidade e para um concelho, para se perpetuar no tempo aquilo que se fazia. É história, somos nós e isso é fundamental.

Pergunta: Como avalia a OficinaRia propriamente dita?

Resposta: Acho que é um projeto que a Câmara, a Inês, uma organização, uma coletividade ou uma entidade, o devia agarrar e dar-lhe continuidade. Não diria desta forma tão intensa, porque aqui está em causa uma pessoa que se dedicou a isto, que é a Inês, porque também tem um objetivo de um trabalho de um curso e tem timings para concluir, mas diria eu que é um complemento, é um complemento que de alguma forma a Câmara Municipal também já tem vindo a fazer com algumas iniciativas que promovem essa partilha. As *OficinaRias* são ações desenvolvidas de uma forma muito mais partilhada, de uma forma mais íntima, não é? A Câmara proporciona para a comunidade em geral. Nas ações da Câmara é impossível todas as pessoas poderem praticar, é mais para ver, para divulgar, para perpetuar no tempo o que um povo fazia. Aqui havia uma forma mais enriquecedora, onde as pessoas podem pôr a mão na massa, dizer: “Olha, era assim que se fazia!” E com o tempo vai dizer: “Eu participei nisto, eu aprendi a fazer, era assim que se fazia.” Portanto, acho que as duas coisas complementam-se e eu avalio de uma forma muito positiva, acho que se devia organizar um grupo de pessoas amigas, uma entidade, para perpetuar estas iniciativas. De todas as pessoas, daquilo que eu ouvi, as referências que foram efetuadas foram que as *OficinaRias* não deviam terminar.

Pergunta: Na sua perspectiva, gostaria que me indicasse um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.

Resposta: Eu não consigo apontar aspetos negativos do projeto, porque se poderá haver um ou outro aspeto que tenha corrido menos bem, foi numa situação pontual. Daquilo que eu penso, do que eu verifiquei, do que eu pude observar e fui acompanhando de alguma forma todas as iniciativas que foram efetuadas, acho que foram todas positivas. Sentia-se no rosto das pessoas, na alegria com que elas estavam. Portanto, eu não consigo apontar um aspeto negativo do projeto. Podia ser mais divulgado, talvez. Podia ser divulgado em outros meios, se calhar, para outras pessoas se aperceberem melhor e neste meio rural às portas da missa, das igrejas para chamar mais gente. Mas também como isto era uma coisa tão familiar, com um grupo tão restrito, se houvesse também muitas inscrições, também de alguma forma ia ser complicado gerir o número de inscrições. Portanto, como era uma coisa que tinha que ser limitada, não podia ser para a comunidade em geral. Tinha que haver ali alguma contenção na forma de fazer as coisas e poderia ser negativo, depende do objetivo que tenhamos para o projeto. Como o objetivo do projeto é juntar ali pessoas para poderem participar, não podia ser muita gente, porque senão era impossível coordenar o número de pessoas, portanto acho que esteve bastante bem.

Aspetos a melhorar, poderei falar no meu caso, alguns aspetos que eu logo no próprio dia verifiquei que poderia ter feito de forma diferente. Podia ter idealizado de uma forma diferente, mas isso são aspetos a melhorar, são, numa próxima, numa outra iniciativa que se faça. Mas eu acho que o projeto em si, todo ele só tem aspetos positivos, há melhorias pontuais, há melhorias como em tudo.

Pergunta: Que sugestões daria por forma a melhorar este tipo de iniciativas?

Resposta: Sugestão para melhorar? Já disse tanta coisa para melhorar, acho que aquilo que devemos fazer, do meu ponto de vista, para melhorar esta iniciativa é dar-lhe continuidade. Essa para mim é a grande melhoria.

Pergunta: Este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Resposta: Para o Município não sei, mas para as suas gentes é. Sem dúvida, há gentes que se reveem no concelho, no município, não é? Porque somos uma comunidade, eu não tenho dúvidas que sim. É a nossa história que está ali retratada, os nossos usos e costumes fazem parte da nossa história. Se eu conhecer a história de um povo, conheço-me melhor a mim, porque sou também desse povo. Portanto, são iniciativas para um município dar continuidade, pois tiveram uma pessoa que teve uma ideia que foi acarinhada, foi espetacular, fica gravado, fica registado, fica filmado, fotografado, escrito, iniciativas da história de um povo, sem dúvida nenhuma que é importante para todas as pessoas.

Caraterização da 9ª Entrevistada -9FO

Amélia Santas, residente no concelho da Murtosa, freguesia do Bunheiro, tem 76 anos e concluiu a 4ª classe. Participou no projeto como formadora da “OficinaRia das chouriças”. Apesar de se encontrar reformada, afirma com alegria que desde os 13 anos começou a servir para uma senhora e desde aí sempre matou porcos e fez chouriças. A entrevistada chega até a mostrar um “caderno de acentos” onde registou os porcos que matava. A título de curiosidade, Amélia no ano de 1994 matou 1024 porcos

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 15 minutos, foi realizada no domicílio da promotora do projeto, dia 28/07/2013. A atitude da entrevistada pautou-se pela timidez e insegurança, uma vez que nunca tinha sido entrevistada e estava com medo de “falhar”. A participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Amélia, em que OficinaRia assumiu o papel de formadora?

Resposta: Foi das chouriças na Casa Museu Custódio Prato. Por acaso a primeira vez que eu lá entrei.

Pergunta: Como reagiu quando recebeu o convite para participar na OficinaRia como formadora?

Resposta: Fiquei assim indecisa. Fiquei indecisa.

Pergunta: E porquê?

Resposta: Porque eu nunca tinha participado nessas coisas, eu não sabia se me ia safar bem no meu trabalho. Tinha um bocadinho de receio, mas com Deus foi-se para a frente. Primeiro disse-te que não e depois sim. Olha, quando se diz sim e depois se diz não é que as pessoas não ficam muito contentes, mas agora eu disse não e depois disse sim, acho que que correu bem.

Pergunta: Quando é que aprendeu o ofício de fazer as chouriças?

Resposta: Ai, eu comecei com catorze anos a aprender. Embora não tinha a responsabilidade de as fazer. A senhora onde eu estava antigamente dizia-se a servir, agora é empregada..., matava os porcos lá em casa, mas legal e o veterinário vinha fazer a inspeção.. Entretanto, o senhor adoeceu, eu tinha feito catorze anos há pouco e depois não havia quem matasse o porco e eu enchi-me de coragem e disse à senhora como é que a gente não mata o porco? Vamos levantar de madrugada e matamos. Aí, vai-se dizer ao senhor Fernando, era Fernando, que vinha buscar o porco. A gente mata o porco cedo, à hora, quando o veterinário vier o porco há de estar morto.

E eram dois porcos, mas ao menos se matasse um já dava para as primeiras encomendas. Matamos esse, matamos outro, arranjam tudo, correu tão bem! Olha, nunca mais o velhinho veio matar. Ele tinha a bronquite e fiquei eu sempre a matar. E depois as chouriças, nós preparávamos, ela e eu, sempre ali. Depois, passados aí uns dois anos, ela já me pôs sozinha... A orientar tudo e ficavam tão boas... Ela era esquisita, queria a carne toda cortada do mesmo tamanho, não queria bocados maiores que outros.

E eu ainda hoje procuro fazer isso, porque a carne indo com o mesmo tamanho vai para a calda, para ficar toda temperadinha ao mesmo tempo. A carne chupa aquela calda e depois elas ficam que é uma maravilha.

Pergunta: A Amélia já tinha participado nalguma iniciativa semelhante?

Resposta: Não. Eu andava pelas casas a matar e era eu que as temperava. Nalgumas casas cheguei a enchê-las, noutras casas não. Pronto, as pessoas sabiam que se eu fosse enchê-las que depois me davam uma ou duas. Então, eu tinha a responsabilidade das chouriças, porque quem tempera a carne tem responsabilidade. Quando as pessoas deixam os bocados grandes isso é lá com elas.

Pergunta: Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida, ou seja, acha que as pessoas chegaram mesmo a aprender a fazer as chouriças?

Resposta: Elas ficam com aquela ideia porque são adultas e já são responsáveis. Mas se fosse assim umas três ou quatro vezes era muito melhor. Mas, pronto, já dá para aprender alguma coisa... sempre é melhor do que nada.

Agora as pessoas não matam porcos conforme matavam antigamente. As chouriças que elas compram é uma carne gorda e um bocado de carne magra e depois eles moem

aquilo tudo e misturam aquilo tudo. As pessoas não comem chouriças como as que eu fiz. E se as pessoas que não matam e querem fazer chouriças até as podem congelar, porque elas são boas. Não se compara com aquilo que se compra. De maneira nenhuma. Aquilo que compram é carne moída para não se ver os bocados brancos. Portanto, eu quando quero fazer, quero chouriças, se não tenho carne, vou eu a talhos da minha confiança e eu vou lá e vejo. Às vezes, até ajudo a desmanchar, o que agente chama a “espranchar”, mas não é, é “desmanchar”. Ajudo e trago dois quilos de carne e já dá muita chouriça e faço em casa. Eu não compro chouriças, nem eu, nem a minha filha. Eu tenho um fumeiro, ponho lá.

Pergunta: Muito bem. E como é que a Amélia sentiu o convívio entre as diferentes gerações?

Resposta: Estavam pessoas de diferentes idades, pessoas com quem eu nunca tinha lidado, mas gostei imenso e acho que elas também gostaram de mim, porque elas estavam a acompanhar e ainda encheram chouriças. Ainda apertaram as tripas, só que eu apertava as tripas assim com facilidade e elas não. Eu estava sempre a ver segunda vez, não fosse depois elas desamarrarem-se. Mas aquilo correu muito, muito bem! Gostei muito, faz outro! Naquela manhã, não se notou a diferença, nem de classe. Era tudo igual. Era tudo igual, nós estávamos lá a fazer chouriças, não estávamos lá a fazer outra coisa, estávamos para aquilo. Eu sei que estive lá pessoas de todas as categorias, eu tinha a quarta classe, mas para fazer as chouriças é a prática que conta.

Eu avalio desta maneira - foi uma ideia boa que a Inês teve. Eu trato Inês, porque eu vi-te ali a crescer desde pequenina. A ideia foi boa, porque despertou atenção, muitas nem sabiam como aquilo era feito. Pensavam que era ir ao supermercado comprar duas chouriças e vir embora para casa. Não é, as pessoas não comem daquilo. Não comem, eu sei que é verdade.

Pergunta: Gostava que a Amélia me indicasse na sua perspetiva, um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.

Resposta: Eu acho que correu bem em tudo, até no virar as tripas. Elas a rirem-se por a tripa ir a crescer, isso correu tudo muito bem. Eu não notei nada de negativo. Olha que trabalhou-se bem. E pô-las ao fumo ali também.

Pergunta: Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?

Resposta: Ai, não há sítio melhor que aquele, agora com estes dias de muito calor, não, mas quando for os dias mais fresquinhos que vêm já aí, primeiro de agosto, primeiro de inverno. Portanto, o primeiro de agosto já está a chegar e eu acho que não era mau. Quem não fizer trinta chouriças, faz vinte ou quinze, que aquilo foi muita carga.

Eu nunca pensava render tanto, mas foi bota, bota, bota! Fez-se muito trabalho em pouco tempo. Houve lá algumas que encheram também, só que eu não me responsabilizei serem elas a apertar sem eu estar a dizer e “é assim, é assado”. E portanto, para outra vez, elas já têm o olhinho mais aberto.

Pergunta: Na sua opinião, este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Resposta: É sim, sim senhora! Não deixar morrer um costume bom, porque quem matava um porco antigamente, aqueles bocadinhos de carne pequeninos eram todos aproveitados. As pessoas ou tinham de a pôr para guisar ou para o cão ou para as chouriças. E então, eu quando eu comecei a andar assim pelas casas a matar, eu dizia: “Ó mulher, este bocadinho mais este bocadinho, se forem para as chouriças, aproveita-se tudo. Elas habituaram-se às chouriças e depois todas as migalhinhas eram para as chouriças. Mas isto palavra de honra. Elas habituaram-se e depois queriam só chouricinhas da Amélia. Aquilo guisado “estrafalhava-se” tudo. A minha patroa, onde eu aprendi, dizia que quem faz chouriças é como um mealheiro... a velhinha dava-me essa instrução. “- A gente se botar nem que seja - eu digo botar porque é. Ela dizia-me - a gente se botar para um mealheiro uns cinco tostões amanhã, cinco tostões já lá tem dez.” E a gente para uma tripa pôs um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, nove, dez migalhas, faz uma chouriça, fica ali amarradinha. Compreendes? A velhinha estava a falar e a trabalhar comigo, mas estava assim sempre a ensinar alguma coisa. Ninguém se engane que a gente não aprende com os mais velhos, nem os mais velhos aprendem com os mais novos. Andamos sempre a aprender. Sempre a aprender, sempre. Eu gostei muito! Eu sou franca, não estava à minha vontade, porque nunca lá tinha ido. Só lá fui de manhã, com o Engenheiro Daniel preparar. E ele dizia: “- Aí dois paus chegam.” E eu tinha levado mais um e ele foi preciso.

Caraterização da 10ª Entrevistada - 10FP

Patrícia Carriço, residente no concelho da Murtosa, freguesia do Bunheiro, tem 21 anos e concluiu o 9ºano de escolaridade. Atualmente trabalha como talhante e operadora de caixa no Mini Preço no Bunheiro e participou na “OficinaRia das rodilhas”.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 7 minutos, foi realizada no domicílio da promotora do projeto, dia 16/07/2013. A participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Patrícia, como tomou conhecimento das *OficinaRias*?

Resposta: Através da internet, entre amigos, ficamos a saber, cartazes expostos.

Pergunta: Participou numa ou várias *OficinaRias*?

Resposta: Apenas numa, por infelicidade. Devido a questões laborais, só me foi permitido participar numa.

Pergunta: Em qual participou?

Resposta: Na das rodilhas. Foi muito engraçado, muito dinâmico, a formadora foi excecional mesmo.

Pergunta: Na sua opinião, qual o interesse deste tipo de projetos de uma forma geral?

Resposta: Todo o interesse. Tudo o que envolva várias gerações, que permita o conhecimento de pessoas mais velhas com jovens que é sempre tão difícil, visto que os jovens normalmente nunca querem tanto ter esse convívio. É muito relevante, porque assim conhecemos novas pessoas, no meu caso conheci pessoas que não tinha tanta interação e aprendemos coisas muito importantes, mesmo revitalizantes até.

Pergunta: E como é que avalia o convívio entre estas diferentes gerações durante a OficinaRia em que participou?

Resposta: Eu avalio de uma forma muito positiva.

Pergunta: Após esta experiência de ter participado na OficinaRia das Rodilhas, considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

Resposta: Eu acho que sim...

Pergunta: E porquê?

Resposta: Saímos de um contexto de sala, em que há uma apresentação. Como se costuma a dizer, a brincar também se aprende e assim é uma forma descontraída, captamos o interesse, neste caso captaram a mim e aos outros o interesse em que nós aprendemos de uma forma tão descontraída, que quando chegamos no fim reparamos, não afinal eu sempre aprendi, não foi uma coisa de seca, não foi uma coisa chata, foi uma coisa mesmo a brincar, a rirmos, todos nós aprendemos, tanto eu como neste caso a formadora que também aprendeu e esteve connosco e houve um momento de total liberdade.

Pergunta: Falamos há pouco tempo da importância deste tipo de projetos de uma forma mais geral. Agora, especificando o projeto *OficinaRias*, como é que avalia esta iniciativa?

Resposta: Eu acho que é uma forma positiva, porque foi um início. Quando vimos os cartazes e tudo, não tínhamos bem a perceção de como iria ser, visto que era uma coisa totalmente nova, mas com o evoluir da primeira, a segunda e a terceira, - eu infelizmente só participei numa - mas tive relatos de outras e de como se passou e, de todos os relatos que ouvi, foi tudo de uma forma muito positiva. Por isso, eu acho que devia continuar até porque ensina-nos coisas e aprendemos mais a fundo coisas que se calhar nunca pensamos vir a aprender e é muito positivo, porque eu acho que, de uma maneira geral, a gente gostou, pelo menos do que eu ouvi, e as *OficinaRias* levam-nos a algo prático até, que não é preciso muito tempo, mas de uma forma curta aprendemos o essencial e de uma forma divertida também.

Pergunta: Gostaria que me indicasse, na sua perspectiva, um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.

Resposta: Não, não houve muito tempo para a gente terminar. Houve raparigas e mulheres que não conseguiram. Mas não se pôde se estender muito no tempo. Foi só isso, não conseguimos terminar. Mas agora já sabemos como fazer e como terminar em casa, por isso não é assim um aspeto tão negativo.

Pergunta: E um aspeto que tenha corrido bem?

Resposta: Mesmo bem? Sem dúvida a interação entre as formandas e a formadora. Foi excepcional mesmo, o convívio entre as pessoas, a dinâmica, isso aí eu acho que é o melhor, mesmo a interação entre as várias gerações, que é o que é pretendido.

Pergunta: Após ter participado nesta OficinaRia já voltou a executar aquilo que aprendeu?

Resposta: Acabei a minha rodilha, mas ainda não tive oportunidade de fazer uma nova, mas com certeza que um dia assim irei fazer uma, de certeza.

Pergunta: Que sugestões?

Resposta: Ora, eu acho que está bem como está, mas tudo o que está bem também pode-se melhorar. Mas, sinceramente, agora não me recorda de nada.

Pergunta: Referiu a questão da gestão do tempo. Poderá ser considerada como uma sugestão de melhoria para o futuro?

Resposta: Exato, era, se calhar estender um pouco mais no tempo. Seria um bocadinho mais dispendioso em termos de tempo, mas a fazer alongar um bocadinho mais para estas coisas.

Visto que a nossa formadora já não se encontra entre nós, mas foi uma pessoa que dedicou o seu tempo a ensinar-nos, apesar de já ter falecido, deixou um ensinamento que para ela era vital, era o que fazia da vida dela, era o que mais lhe dava prazer. E sem dúvida que ela ficou muito contente, que tive oportunidade de falar com ela dias depois e mesmo antes de dela nos ter deixado, ela continuava a dizer com os olhinhos a brilhar e

um sorriso na cara que tinha sido uma coisa que adorou, ensinar àquelas criancinhas - que nós, comparados com ela, éramos umas criancinhas, - ensinar-nos algo que ela fez durante toda a vida e que foi o ganha-pão dela e que ajudou a alimentar também os filhos dela. Por isso, eu acho que foi sem dúvida excepcional.

Pergunta: Na sua opinião este projeto é então importante para o município da Murtosa?

Resposta: Eu acho que sim. É e continua a ser porque dinamiza o nosso município e leva a conhecer coisas de nós, como agora estou me a lembrar da caldeirada de enguias, é uma coisa tão típica nossa e muitos de nós não sabemos fazer, por isso é uma maneira de darmos a conhecer a nós próprios o que é nosso.

Caraterização da 11ª Entrevistada -11FP

Fátima Arede, residente no concelho da Murtosa, freguesia do Bunheiro, tem 36 anos e concluiu o Bacharelato em Engenharia Florestal. Atualmente, trabalha como Engenheira Florestal em duas empresas em *part time* e participou na “*OficinaRia* do pão de broa”, “*OficinaRia* dos rojões”, na “*OficinaRia* das rodilhas” e na “*OficinaRia* da conservação e manutenção de pasteiras”.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 8 minutos, foi realizada no domicílio da promotora do projeto, dia 17/07/2013. A atitude da entrevistada pautou-se pelo entusiasmo demonstrado através de gestos e atitudes corporais que mostraram confiança no seu discurso. A participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Fátima, como tomaste conhecimento das *OficinaRias*?

Resposta: Tomei conhecimento através da internet, mais especificamente do *Facebook*.

Pergunta: Participaste numa ou várias *OficinaRias*?

Resposta: Participei em várias.

Pergunta: Quais?

Resposta: Participei na da broa, na dos rojões, na das rodilhas... gostava de ter participado na das chouriças, mas infelizmente não pude. Participei também na das bicicletas, no arranjo das pasteiras.

Pergunta: Qual o interesse deste tipo de projetos em geral?

Resposta: Eu acho que é muito importante. É muito importante por vários motivos, primeiro precisamente pelo motivo do encontro de gerações, isso é fundamental, principalmente porque nós andamos... parece que anda todo o mundo às avessas, uns com os outros e os jovens não querem saber dos mais velhos, os mais velhos não têm

paciência para os mais novos e é bom que se encontrem. Segundo eu acho que o mais importante é mesmo a transferência dos valores, dos conhecimentos. De coisas que nós ficámos surpreendidos, às vezes, de saber que afinal aquela determinada coisa faz-se desta forma ou que a outra se faz de outra forma. Às vezes, escapa-nos o conhecimento de como é que determinadas tradições acontecem ou são, e isso é importante.

Pergunta: Como avalia o convívio entre as diferentes gerações durante as *OficinaRias*?

Resposta: Foi muito bom, foi muito positivo e foi engraçado ver até nas diferentes *OficinaRias* os diferentes níveis de encontros que existiam. Porque havia *OficinaRias* que interessavam talvez, agora falando especificamente das pasteleiras, poderiam potencialmente interessar mais a homens, mas também foram concorridas, participadas por mulheres. Noutras *OficinaRias*, que por exemplo poderiam ter mais interesse para pessoas de uma idade, mas que foram participadas também por pessoas muito jovens, o caso das rodilhas, por exemplo, que foi muito positivo e tudo o resto. E depois, e não é só a questão do encontro entre os mais jovens e pessoas de mais idade, é também o encontro entre pessoas de diferentes níveis, diferentes níveis... eu não queria dizer sociais, mas... diferentes interesses, diferentes profissões... e tudo isso junto engrandece as *OficinaRias*.

Pergunta: Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

Resposta: Sim, sim, sim... É muito positiva, até pelas pessoas que transmitiram os conhecimentos, que isso achei fantástico, são as pessoas que não estão habituadas a ensinar, logicamente, porque não faz parte do dia-a-dia delas ensinar e que se vêm ali numa situação em que estão a transmitir aquilo que sabem. Isso é muito agradável, porque é muito genuíno. As pessoas transmitem os seus conhecimentos de uma forma muito genuína, muito, muito, não é “tu cá, tu lá”, mas natural, estamos todos ali a participar numa coisa que para eles é natural e que para nós também acaba por ser muito agradável.

Pergunta: Na tua perspetiva, gostaria que me indicasses um aspeto que tenha corrido bem.

Resposta: Ai, o convívio! O convívio entre pessoas foi fantástico. Para além daquilo que nós fomos lá aprender, que é uma mais-valia sem dúvida, o convívio entre as pessoas e depois aquela situação das pessoas se lembrarem da infância, de como faziam na infância, de como os avós faziam, de dizerem em minha casa era assim e de trocarem impressões e de falarem em relação àquilo que estava a acontecer, isso é muito bom, muito positivo.

Pergunta: Gostaria que me indicasses agora um aspeto que tenha corrido menos bem.

Resposta: Ah, Inês, não sou capaz de identificar um aspeto que tenha corrido menos bem. Eu acho que correu tudo, tudo lindamente. Não, não, não, não consigo identificar assim uma coisa que tenha corrido menos bem. É porque até aquilo que podia ter corrido menos bem, que era, por exemplo, o caso de inicialmente nós quando vemos a *OficinaRia* a funcionar, vai funcionar desde as dez até às onze horas, suponhamos, acaba por não acontecer porque as pessoas veem que precisam de mais tempo, gostam de estar ali, acabam por demorar mais tempo, mas de uma forma também natural, porque gostam de estar ali. E enquanto se aquilo tivesse limitado àquele tempo que realmente era o tempo que devia demorar, não era a mesma coisa.

Pergunta: Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?

Resposta: Eu acho que as coisas quando correm bem não precisam de ser melhoradas. E isto foi um exemplo de uma coisa que correu bem, que correu bem desde o princípio, que se nós começamos a introduzir também muitas coisas nisto, isto acaba por perder também a genuinidade, a autenticidade. Correu bem, está a correr bem, é deixar estar como está.

Pergunta: Após teres participado nas *OficinaRias*, já experimentaste fazer novamente aquilo que aprendeste? Porquê?

Resposta: Olha, eu experimentar, experimentar, confesso que ainda não experimentei, mas a receita da broa já dei a muita gente. Já disse a várias pessoas: “- Olha, participei na *OficinaRia* da broa.”, “- Ai é?Então dá-me a receita, dá-me a receita.” Já dei a várias pessoas. E também já tive numa situação de uma pessoa que trabalha em artes manuais e eu falei com ela e disse que eu aprendi a fazer rodilhas. “- A sério? Tens que me dizer como é, tens que me mostrar.” Já levei a minha rodilhazinha para ela ver como é que se fazia. É bom, é bom, nós acabamos por mesmo que não façamos nós próprios, a curto prazo, acabamos por também transmitir às outras pessoas o gosto daquilo que aprendemos, é muito bom.

Pergunta: Fátima, então, na tua opinião, este projeto é ou não importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Resposta: Sim, claro, claro, claro que sim, claro que sim. Primeiro, porque junta as pessoas. Isso é muito importante, juntar as pessoas num convívio agradável, juntar as pessoas de diferentes idades, juntar as pessoas de diferentes áreas profissionais e de interesse. Eu acho que só o facto de juntar as pessoas, já é positivo, e depois o facto de ser uma coisa que está relacionada com os nossos valores, com as nossas tradições, coisas que potencialmente podem-se perder ao longo do tempo, é outra mais-valia sem dúvida.

Caraterização da 12ª Entrevistada - 12FP

Maria Aurora, residente no concelho de Estarreja, freguesia de Veiros, tem 55 anos e concluiu o 9ºano. Atualmente, é reformada e participou em todas as *OficinaRias*.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 5 minutos, foi realizada no seu domicílio, dia 26/07/2013. A atitude da entrevistada pautou-se por uma atitude positiva e de grande convicção. A participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Maria Aurora, como tomou conhecimento das *OficinaRias*?

Resposta: Olhe, tomei conhecimento através da minha filha que viu no facebook.

Pergunta: Participou numa ou várias *OficinaRias*?

Resposta: Em todas.

Pergunta: Na sua opinião, qual o interesse deste tipo de projetos em geral?

Resposta: Olhe, é assim, na minha opinião foi uma coisa muito boa, porque fez-nos lembrar as coisas que os nossos avós, os nossos bisavós faziam. Porque hoje já não há quem faça praticamente essas coisas. No convívio, foi muito bonito. O convívio, porque estavam pessoas de várias idades, dos dois sexos, masculino e feminino, e, pronto, acho que foi uma coisa muito interessante.

Pergunta: Como avalia então o convívio entre as diferentes gerações durante as *OficinaRias*?

Resposta: Muito positivo mesmo, mesmo muito positivo. Muita partilha, muita convivência, as pessoas muito interessadas, mesmo as mais novas em participar. Aprendemos umas com as outras, uns com os outros.

Pergunta: Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

Resposta: Olhe, eu acho que sim, porque as pessoas que nos estavam a ensinar também souberam explicar tudo o que iam fazendo, iam explicando e, por isso, mais ou menos, ficamos com uma ideia geral das coisas, como se fazia.

Pergunta: Como avalia as *OficinaRias* propriamente ditas?

Resposta:Foi bom, foi muito bom mesmo. Fomos bem acolhidos.

Pergunta: Na sua perspetiva, gostaria que me indicasse um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.

Resposta: Olhe, eu gostei muito de aprender as rodilhas, foi uma coisa muito bonita, que era a única coisa que eu não sabia fazer. Menos bem, não tive nada, não. Não teve nada mesmo, mesmo.

Pergunta: Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?

Resposta: Olha, era aprender a fazer as regueifas. Aquilo foi tudo tão bem feito que acho que não sei qual é que seria a seguir, não tenho ideia mesmo, não tenho.

Pergunta: Este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Resposta: Olhe, é importante, porque assim também não se perde a tradição. Os outros conselhos deviam de fazer a mesma coisa, porque não é só cá na Murtosa que há coisas que devem ser divulgadas, mas nos outros concelhos também. Por isso, a Murtosa está a apostar muito bem naquilo que está a ensinar. É um concelho que está a evoluir muito e gosta de apresentar coisas antigas e de qualidade.

Pergunta: A Maria Aurora após ter participado nas *OficinaRias* já experimentou fazer em casa aquilo que aprendeu?

Resposta: Olhe, é assim, o que eu fiz em casa foi, mais o meu marido, a broa, fiz os rojões e fiz chouriças. E as enguias, mas as enguias já conhecia a maneira de as fazer. Os rojões também, mas aprendi de uma maneira diferente, que eu não punha água, punha banha. E com a água ficou de outra maneira. Foi o Doutor Amador que nos ensinou. Agora a única coisa que eu ainda não fiz foi as rodilhas, mas vou fazer, tenciono fazer um tapete como se faz as rodilhas, para mim as rodilhas chamou-me muito a atenção, mas foi mesmo, as rodilhas foi aquilo que mais... que me tocou mesmo. Não sei se foi por aquela senhora já ter aquela idade e estar tão ativa como estava e a saber fazer. Ela soube ensinar, porque há pessoas que não sabem ensinar, não é? Mas ela soube ensinar o que estava a fazer. Ela deixou-nos o testemunho de uma prática que fez durante a vida toda. A senhora durou tão pouco tempo depois daquilo, mas ensinou, deixou alguma coisa para se a gente quisesse continuar, se a gente quiser continuar já sabe.

Caraterização da 13ª entrevistada - 13FP

Etelvina Figueira, residente no concelho da Murtosa, freguesia do Bunheiro, tem 48 anos de idade e concluiu o Doutoramento em Biologia. Atualmente é Professora na Universidade de Aveiro e participou na “OficinaRia das Rodilhas, na “OficinaRia da broa de milho no forno tradicional a lenha” e na “OficinaRia da caldeirada de enguias”.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 16 minutos, foi realizada no domicílio da promotora do projeto, dia 24/07/2013. A atitude da entrevistada pautou-se por uma atitude de grande disponibilidade e entusiasmo. A participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Etelvina, como tomou conhecimento das *OficinaRias*?

Resposta: Eu tomei conhecimento das oficinas quando, nas férias da Páscoa, fui à mercearia e estava lá um prospeto a fazer publicidade e eu penso que era o primeiro ciclo de *OficinaRia*. Houve alguns temas em que eu mostrei interesse. Alguns já tinham passado que eu gostava de ter feito, como era o fabrico do pão. Eu gostava de ter aprendido, mas esse já tinha passado. E depois participei noutros a seguir, que eu também achei interessantes.

Pergunta: Em que *OficinaRias* participou?

Resposta: Portanto, participei... o primeiro que eu participei foi na OficinaRia das rodilhas, depois na OficinaRia da broa e também na das enguias, penso que foram os três em que eu participei.

Pergunta: Etelvina, na sua opinião, qual o tipo de interesse neste tipo de projetos de uma forma geral?

Resposta: Este tipo de projetos alia o conhecimento tradicional, que já se está a perder, em muitos sítios e muitos conhecimentos já se perderam. Portanto, o importante é manter as tradições, mantermos os conhecimentos, não é? Porque, muitas vezes, nós até herdamos e temos em casa determinados artefactos, mas depois queremos reproduzir e não conseguimos, achamos bonito, ok, até gostávamos de fazer uma coisa parecida e não temos a técnica, digamos assim, para os fazer. Eu aprendi um bocado na OficinaRia das rodilhas. Eu já tinha visto rodilhas e, por acaso, já tinha estado a pensar como é que aquilo se poderia fazer e se eu me pusesse a fazer sozinha, ia fazer de uma maneira muito mais complicada do que realmente a formadora ensinou,, não é? Foi muito mais fácil. E achei interessante. Depois o que eu acho é que há muito deste conhecimento que pode ser utilizado de uma maneira mais moderna e criar peças que podem ser utilizadas dia-a-dia, não é? Podem até servir como uma fonte de ganho para certas pessoas que até agora, nesta fase, atravessam uma crise, poderão ter uma fonte de rendimento, não é? Ou pelo menos de um complemento de rendimento e podem criar peças muito bonitas que poderão ter uma raiz artesanal, não é? Mas que depois podem evoluir para outro tipo de técnica. A técnica está lá, não é? As peças podem evoluir um bocadinho, mas acho que a técnica está lá. Em relação à broa, eu por acaso há anos que queria aprender a fazer broa e nunca se proporcionou eu arranjar alguém que me ensinasse. Portanto, para mim ter esta OficinaRia da broa foi mesmo o ideal. Agora tenho é um bocadinho de dificuldade em arranjar os ingredientes tradicionais, porque agora já quase ninguém faz broa, portanto, também é um bocado difícil arranjar os ingredientes. Eu já tentei fazer com farinha de milho integral que comprei no supermercado, mas não fica tão bem.

Pergunta: E como é que avalia o convívio entre as diferentes gerações nas *OficinaRias* que participou?

Resposta: É assim, embora more aqui na Murtosa há quase vinte anos, como eu trabalho fora, não conheço a maior parte das pessoas, conheço os meus vizinhos e alguma da família que mora aqui no Bunheiro, mas não conheço a maior parte das pessoas. E por acaso foi interessante porque consegui contactar diretamente com as pessoas, até com pessoas um bocadinho mais velhas do que eu, não é? E achei interessante naqueles momentos das *OficinaRias* que nós tínhamos de espera. Aproveitávamos para dialogar um bocadinho uns com os outros e, portanto, eu achei interessante porque, às vezes, estava relacionado com a OficinaRia, outras vezes não estava, mas, portanto, o tipo de

informação que trocávamos, as conversas que tínhamos, achei interessante, deu para eu ter alguma informação sobre as pessoas que moram cá. Às vezes, fazemos uma ideia diferente das pessoas que cá moram e achei interessante e pronto, fiquei também a conhecer algumas pessoas que não conhecia.

Pergunta: Muito bem. E considera que esta forma de transmissão de conhecimentos é válida?

Resposta: Pronto, eu acho que já respondi parcialmente a esta questão, não é? Quando eu falei da parte das rodilhas. Obviamente que normalmente, quando vejo uma peça que goste, tento sempre ver se conseguiria fazer. Acho que as técnicas em si, pelo menos nas *OficinaRias* que eu participei, foram muito explícitas. Portanto, foi dada também informação escrita que complementa muito bem e portanto essa informação, aliada depois à prática, é muito melhor. Ver fazer na prática não tem nada a ver com o ler uma receita ou ler a ordem que se faz determinado trabalho. Eu acho que é muito importante, porque há pormenores que são importantes e que só vendo e só executando é que conseguem aprender. Também nos davam oportunidade de nós executarmos o que também é importante. Nós próprios executarmos e vemos onde é que temos as dificuldades, só é mesmo possível se realmente fizermos as coisas. Portanto, eu achei que as *OficinaRias* foram bem elaboradas, o esquema em si foi bastante bem elaborado e, por isso, foram muito proveitosas. A maior parte das pessoas se quiser reproduzir em casa o que fez, eu acho que consegue.

Pergunta: Como avalia então as *OficinaRias* em que participou?

Resposta: Já fui falando, mas realmente achei que foi uma ideia muito boa. Ainda foi a tempo de arranjar pessoas que ainda saibam fazer as coisas da maneira tradicional e que as possam transmitir, não é? A Senhora Domingues faleceu e, portanto, se fosses fazer uma nova OficinaRia, já teria que se arranjar outra pessoa que pudesse dar a formação. Se calhar até se arranjaria, mas estas tradições estão-se a perder exatamente porque as pessoas que sabem fazer estão a desaparecer ou deixam depois de conseguir fazer, porque já não conseguem ver bem ou por outro motivo qualquer. Isto está-se a perder e eu acho que está no momento certo de fazer este tipo de projetos. Quer seja na Murtosa, quer seja noutra lado qualquer, não é?

Pergunta: Na sua perspectiva, gostava que me indicasse um aspeto que tenha corrido bem durante as *OficinaRias* que participou.

Resposta: Eu acho que a parte melhor do projeto foi a ideia do projeto e depois conseguirem concretizar. As *OficinaRias* foram bem idealizadas, a Inês é uma pessoa que já tem uma noção para fazer um trabalho deste tipo é uma pessoa que já tem a noção do que é que é necessário para que se atinja o sucesso, não é? E, portanto, toda aquela preparação da informação das pastas da parte teórica, quer depois o acompanhamento. A Inês também estava sempre, quando via alguém que achava que não estava a perceber tão bem, tentava também puxar a pessoa e esclarecer e ver se a pessoa estava mesmo a perceber, se precisava de ajuda e ia também fazendo perguntas aos formadores, quando achava que não tinham sido bem explícitos e, portanto, eu acho que funcionou muito bem. O tempo que marcaram foi sempre o tempo ideal, portanto, normalmente cumpriu-se sempre e nunca se passou muito além do prazo, portanto eu acho que estava perfeito. Portanto foi um trabalho muito profissional.

Pergunta: Na perspectiva de melhorar futuras *OficinaRias*, gostaria que me indicasse um aspeto que tenha corrido menos bem.

Resposta: Eu acho que em situações futuras, se calhar na altura em que nós fizemos as inscrições, aquela informação entregue em suporte de papel já poderia ter sido fornecida de modo a dar às pessoas tempo, por exemplo, para lerem com cuidado e tal. Porque quem está habituado a ler com frequência e perceber os assuntos, portanto a mim, eu penso que a mim não me fez assim tanta falta isso, mas pessoas que já são de alguma idade ou miúdos mais pequenos e tal, se calhar ter essa informação com um bocadinho de antecedência, ou no dia anterior ou dois dias antes, permitiria lerem a informação, apontarem algumas dúvidas que tivessem, ou seja, preparar também a sua participação. Eu não achei realmente que me fizesse muita falta, mas acho que se calhar para algumas pessoas isso teria facilitado, não sei, digo eu.

Pergunta: Como referiu anteriormente, após ter participado nas *OficinaRias*, já experimentou fazer novamente aquilo que aprendeu, como correu?

Resposta: Como eu já disse há pouco, eu já experimentei fazer a broa. Como não tinha então a farinha de milho tradicional, comprei farinha de milho integral no supermercado e tentei fazer em casa. E não ficou, pronto, não ficou tão boa. Comeu-se, não estou a dizer que não tenha ficado boa ao ponto de não se poder comer. As pessoas até mais ou menos gostaram. Mas eu que já tinha comido da outra, a que nós fizemos e claro que não ficou tão boa não, isso é verdade.

Pergunta: Já foi referindo algumas sugestões de forma a melhorar este tipo de iniciativas. Gostaria de enumerar mais alguma?

Resposta: O projeto tal como cada OficinaRia foi projetada, eu acho que foi projetada com muito cuidado e acho que globalmente eu não mudaria nada, acho que está bem como está. A não ser aquele aspeto que eu referi da documentação que poderia ser entregue um bocadinho mais cedo. Acho que fora isso... o que está... está muito bom e, portanto, não vejo assim maneira de melhorar. Ou seja, que qualquer alteração fosse melhorar substancialmente, porque eu acho que realmente foi muito bem conseguido e os resultados também foram bastante bons.

Pergunta: Então, este projeto é ou não importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Resposta: Acho que para as pessoas que participaram, penso que sim. Para o Município diretamente, não sei se foi importante. Mas pelo menos o número de pessoas do Município que tem agora conhecimentos de técnicas antigas, acho que aumentou. Portanto, o risco de determinados saberes que eram caraterísticos desta zona, penso que o risco de desaparecer diminuiu substancialmente.

Caraterização da 14ª entrevistada - 14FP

Sandra Pinho, residente no concelho de Espinho, tem 33 anos e concluiu a Licenciatura. Atualmente, é Técnica de Contabilidade na Câmara Municipal de Espinho e participou na “*OficinaRia* dos rojões” e na segunda edição da “*OficinaRia* da broa de milho no forno tradicional a lenha”.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 7 minutos, foi realizada no domicílio da entrevistada, dia 30/07/2013. A atitude da entrevistada pautou-se por uma atitude de grande empatia com a entrevistadora. A participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Sandra, como tomou conhecimento das *OficinaRias*?

Resposta: Através de uma colega minha da Murtosa e depois fui ver no *site* Câmara Municipal da Murtosa.

Pergunta: Participou numa ou várias *OficinaRias*?

Resposta: Em duas.

Pergunta: Quais?

Resposta: A primeira foi dos rojões e a segunda foi da broa. Na broa, mas da segunda edição.

Pergunta: Na sua opinião, este tipo de projetos em geral tem interesse?

Resposta: Eu acho que sim, é uma mais-valia para as pessoas, até porque há uma transmissão dos conhecimentos das pessoas mais velhas do que nós, não é? No nosso dia-a-dia, nós até temos tudo feito. E há muitas situações em que nós não sabemos como é que é feito. E depois, por exemplo, quando eu fui na segunda edição da broa, eu via lá muitas crianças pequeninas, não é? Muitas delas nunca tiveram o contacto, quando vão à padaria, por exemplo, a broa já está feita, não é? Não sabem como é o processo todo de confeção do pão.

Pergunta: Nas *OficinaRias* em que participou, como avalia o convívio entre as diferentes gerações?

Resposta: Existiu convívio. Nos rojões existiu, na parte almoço, digamos assim. E depois também no decorrer da ação há sempre uma interação entre os colaboradores que lá estão, não é? Acabamos por nos conhecermos um bocadinho, apesar de sermos de zonas diferentes. Apesar de ser uma pessoa de fora do grupo e que não conhecia ninguém praticamente, convivi com outras pessoas de diferentes idades. E houve aqueles mais pequenitos que estavam ali um bocadinho só para a participação e verem como é feito. Mas aquelas pessoas assim mais velhas um bocadinho do que eu, elas, cada vez que se estava numa etapa diferente da *OficinaRia*, diziam como é que tinham feito e como é que faziam em casa, ou como é que inicialmente faziam de maneira diferente.

Sim, houve partilha de conhecimentos entre as pessoas.

Pergunta: Como avalia as *OficinaRias* propriamente ditas?

Resposta: Foi interessante e bem construída, até porque eu nunca tinha participado em nenhuma e foi a primeira vez.

Pergunta: Na sua perspetiva, gostaria que me indicasse um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.

Resposta: Correu bem, correu bem. Gostei das duas. Tanto um, como o outro, os formadores foram claros, não é? E deram todos os passos necessários para nós percebermos e conseguirmos fazer quando estamos em casa, não é? Fora dali. Um aspeto menos bom, se calhar, foi o espaço, porque era um espaço pequeno para o número de pessoas que lá estavam.

Pergunta: Após ter participado nas *OficinaRias*, já experimentou fazer novamente aquilo que aprendeu? Como correu?

Resposta: Os rojões já. Correu bem, agora a broa ainda não, mas vou tentar certamente. Porque dá mais trabalho.

Pergunta: Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?

Resposta: Sim. Acho que a duração devia de ser mais prolongada, em vez de ser só, portanto, aquelas cinco horas, mais ou menos, ou quatro horas da parte da manhã, acho que se devia prolongar mais o tempo de duração.

Pergunta: Apesar de não residir na Murtosa, na sua opinião, este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Resposta: Eu acho que sim. Eu acho que é uma iniciativa muito produtiva, digamos assim. Acho que havia de haver mais municípios a fazer isso, porque, por exemplo, eles centram-se muito nas atividades musicais, não é? Para dar animação às pessoas e podiam mais fazer outro tipo de iniciativas que interagisse mais com as pessoas das suas localidades. É o meu caso, não é? Fui de Espinho à Murtosa para ir participar nestas iniciativas e eu aqui em Espinho até nunca tinha participado em nenhuma.

Caraterização da 15ª entrevistada - 15FP

Ana carolina, residente no concelho de Estarreja - freguesia de Beduído, tem 12 anos e concluiu o 6º ano de escolaridade. A Ana Carolina participou na “OficinaRia das chouriças”, na “OficinaRia das rodilhas” e na “OficinaRia dos rojões”.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 3 minutos, foi realizada no domicílio da promotora do projeto, dia 25/07/2013. A atitude da entrevistada pautou-se por alguma timidez, uma vez que nunca tinha participado numa entrevista. A participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Ana Carolina, como ficaste a saber que iam existir as *OficinaRias*?

Resposta: A minha mãe viu na internet.

Pergunta: Participaste numa ou várias *OficinaRias*?

Resposta: Em várias.

Pergunta: Quais?

Resposta: Nas rodilhas, nos rojões e nas chouriças.

Pergunta: Na tua opinião, achas que estes projetos de uma forma geral são importantes?

Resposta: Sim. Porque podemos aprender coisas, pronto, podemos aprender a fazer mais coisas que se calhar nós nunca conseguiríamos fazer.

Pergunta: E como é que tu avalias o convívio entre as diferentes gerações nas *OficinaRias* que participaste?

Resposta: Estávamos sempre todos reunidos e não havia diferentes grupinhos, pronto. Conseguimos falar todos. Não houve problemas.

Pergunta: Consideras esta forma de transmissão de conhecimentos válida? Ou seja, achas que as pessoas conseguem mesmo aprender nas *OficinaRias*?

Resposta: Sim, muito.

Pergunta: Como avalias as *OficinaRias* em que participaste? Correram bem? Correram mal? Gostaste?

Resposta: Gostei de tudo

Pergunta: Na tua opinião, gostava que me indicasses algo que, para ti, tenha corrido bem e algo que tenha corrido menos bem.

Resposta: Eu gostei mesmo de todos.

Pergunta: Já experimentaste fazer alguma coisa daquilo que aprendeste nas *OficinaRias*?

Resposta: Continuo a fazer as rodilhas, ainda vou na primeira.

Pergunta: Gostavas de dar alguma sugestão para melhorar as *OficinaRias*?

Resposta: Por mim, estava bem como estava.

Pergunta: Este projeto é importante para as pessoas? Para o Município da Murtosa? Porquê?

Resposta: É muito importante, podemos aprender mais.

Caraterizaçãoda 16ª entrevista- 16FO

Isabel Lopes, residente no concelho da Murtosa - freguesia do Bunheiro, tem 63 anos, concluiu o 4º ano de escolaridade e atualmente é doméstica. A Isabel participou como formadora na primeira e segunda “OficinaRia do pão cozido no forno tradicional a lenha”.

Condições de realização da entrevista

A entrevista, de cerca de 6 minutos, foi realizada no domicílio da formadora, dia 07/10/2013. A atitude da entrevistada pautou-se por grande entusiasmo e disponibilidade em responder às questões. A participante, antes de iniciar a entrevista, assinou o consentimento informado.

Pergunta: Em que OficinaRias assumiu o papel de formadora?

Resposta: Na do pão.

Como reagiu quando recebeu o convite para participar na OficinaRia como formadora?

Resposta: Reagi, pronto, com muita alegria, porque gosto de ensinar aquilo que sei aos outros.

Pergunta: Já tinha participado nalguma iniciativa semelhante?

Resposta: Não, não.

Pergunta: Quando é que aprendeu o ofício de fazer o pão de broa que transmitiu na OficinaRia?

Resposta: Em mil novecentos e setenta e quatro, eu não me esqueço.

Pergunta: Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?

Resposta: Eu considero muito útil para os nossos. Pronto, as outras pessoas que vêm agora a seguir a nós ficam com o conhecimento de como é que as coisas se fazem. Nós devemos transmitir uns aos outros. Eu acho que sim, desde que as pessoas tenham interesse. Se elas quiserem aprender e ter interesse que se deve continuar. Porque ninguém nasce ensinado e a gente deve transmitir aos outros aquilo que já nos transmitiram a nós.

Pergunta: Como avalia o convívio entre as diferentes gerações durante as duas *OficinaRias* que dinamizou?

Resposta: Ai, eu avaliei, pronto, muito bom. Quer dizer, achei que as pessoas tiveram uma participação mesmo entusiasmada em aprender. Com aquele gosto de aprenderem. Eu achei que foi muito bom. - Eu... ao meu ver não é? - A perguntarem e a quererem saber e, pronto, achei que elas estavam mesmo interessadas, interessadas em aprender e partilhar para saber como é que se faziam as coisas e a perguntarem, se havia alguma coisa que elas tinham dúvidas, perguntavam.

Pergunta: Como formadora das *OficinaRias* do pão de broa, como é que avalia estas duas ações?

Resposta: Pronto, exato, eu acho que foi muito bom, o local também é um sítio ideal, com as condições necessárias para se fazer aquilo que já vem... conforme era mesmo antigamente. Sim conforme...era mesmo feito antigamente. Porque não foi feito numa coisa agora moderna. Foi mesmo feito conforme era antigamente. Não saiu nada fora do tradicional.

Pergunta: Na sua experiência, gostava que me indicasse um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.

Resposta: Eu não tenho nenhuma que corresse menos bem. Não. Acho que correu mesmo, mesmo bem, porque as pessoas aderiram muito e todas aquelas pessoas que estiveram lá, eu senti nelas, elas terem o interesse e de querer saber e de querer aprender. Por isso, eu não sou capaz de dizer menos bem. Não tenho, não tenho nenhuma que diga menos bem.

Pergunta: Que sugestões daria por forma a melhorar este tipo de iniciativas?

Resposta: Não há, não há, acho que o que está que foi tudo. Não tem que melhorar mais nada.

Pergunta: Então, na sua opinião, este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?

Resposta: Eu penso que sim. Eu acho que no meu ver e na minha maneira de ver as coisas, eu acho que é muito necessário e por mais nós somos... vivemos numas aldeias que temos agricultura e, por isso, acho que isso fica tudo ligado, porque a gente cultiva o milho, “apavoa”... pronto...Acho que já faz parte da nossa tradição e a nossa maneira de viver, porque nós até estamos a entrar... a entrar... assim num mundo em que se calhar vamos precisar de continuar com essas coisas antigas. E que se nós estivermos habituadas, ou seja, que essas pessoas se foram adaptando, já não vai ser tão difícil para as pessoas. Porque antigamente, pronto, as pessoas governavam-se. O pãozinho coziam em casa, porque semeavam a terra e tinham o milho, coziam o pãozinho em casa, criavam a galinha, o galo e o porco e a porca e semeavam as batatas e não sei o quê... e nós... quer dizer se as coisas, o governo continuar conforme está a fazer, vai ser muitas coisas que vai ser assim, que vai ter que continuar, vai ter que continuar assim.

ANEXO XXXVII- ANÁLISE DE CONTEÚDO

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
Iniciativas anteriores às <i>OficinaRias</i>	Promover o <i>Envelhecimento Ativo</i> e o encontro entre gerações	Rancho Folclórico os <i>Camponeses da Beira Ria</i>	“Já numa ou noutra coisa tínhamos feito uma coisa parecida, [...] na Casa Museu, [...] mas nunca naquele espírito mais pedagógico de ensinar outros a que venham também a fazer.” (1MD)	O Rancho Folclórico dos <i>Camponeses da Beira Ria</i> e a Câmara Municipal já realizam ações pontuais que promoviam o <i>Envelhecimento Ativo</i> e o encontro entre gerações, nomeadamente através de fóruns, exposições e feiras. Contudo, era direcionado apenas para um número limitado de participantes.
		Câmara Municipal da Murto	“Já foi feito anteriormente, em vários fóruns. [...] de facto há um conjunto de iniciativas, sejam elas promovidas pela Câmara Municipal per si ou por outras Instituições. Estou a lembrar-me de exposições, de feiras e outros que tais. Estas ações são momentos em que as pessoas, por exemplo, podem mostrar o que fazem. São boas iniciativas promovidas [...].”(5MD)	

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
Divulgação do projeto	Meios de divulgação	Câmara Municipal da Murtosa	<p>“Através de uma colega minha da Murtosa e depois fui ver no site da Câmara Municipal da Murtosa.” (14FP)</p> <p>“ [...] (a CMM) ajudou a dar-lhe corpo, no sentido da materialização, apoio logístico essencialmente. [...] apoiou essencialmente na divulgação.” (5MD)</p>	A CMM deu apoio logístico, essencialmente na divulgação através da página Oficial do município e na impressão dos cartazes.
		Internet	<p>“A minha mãe viu na internet.” (15FP)</p> <p>“Penso que foi através do Facebook” (2MP) “[...] através da internet, mais especificamente do <i>Facebook</i>” (11FP)</p>	A internet (nomeadamente através do Facebook) foi um meio de difusão de informação utilizado na divulgação das <i>OficinaRias</i> .
		Coordenadora do projeto	<p>“Através da Coordenadora deste projeto.” (3MP)</p>	A coordenadora do projeto contribuiu para a divulgação das <i>OficinaRias</i> .
		Cartazes	<p>“[...] vi afixado por cafés, e nalguns espaços culturais e públicos”(4PM)</p> <p>“[...] fui à mercearia e estava lá um prospeto a fazer publicidade”(13FP)</p>	Os cartazes foram um meio de publicitação utilizado na divulgação das <i>OficinaRias</i> .
		Outros	<p>“Através da internet, entre amigos, ficamos a saber, cartazes expostos” (10FP)</p>	Os amigos foram um meio de difusão de informação utilizado na divulgação das <i>OficinaRias</i> .

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
Promoção do <i>Envelhecimento Ativo</i> , valorizando o intercâmbio de conhecimentos	Determinantes do <i>Envelhecimento Ativo</i> (de acordo com OMS, 2005)	Cultura	<p>“[...] (os temas selecionados) tem muito que ver com a identidade local. Tem muito que ver com o sentir das pessoas, um conjunto de atividades que são algumas muito intrínsecas ao povo murtoseiro” (5MD)</p> <p>“ [...] dinamiza o nosso município e leva a conhecer coisas de nós [...] estou me a lembrar da caldeirada de enguias, é uma coisa tão típica nossa e muitos de nós não sabemos fazer [...].” (10FP) [...] o número de pessoas do Município que tem agora conhecimentos de técnicas antigas acho que aumentou. Portanto o risco de determinados saberes que eram caraterísticos desta zona desaparecer diminuiu substancialmente.” (13FP)</p> <p>“[...] e depois o facto de ser uma coisa que está relacionada com os nossos valores, com as nossas tradições, coisas que potencialmente podem-se perder ao longo do tempo é outra mais-valia sem dúvida.” (11FP)</p>	As <i>OficinaRias</i> contribuíram para o intercâmbio de conhecimentos relacionados com a identidade local, bem como para que muitos dos conhecimentos e tradições não se perdessem.

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Género	<p>“Às vezes também existe uma discrepância de sexos, acho que tudo correu bem, o convívio foi bastante positivo.” (3MP)</p> <p>“No convívio foi muito bonito, [...] porque estavam pessoas de várias idades, dos dois sexos, masculino e feminino, e pronto acho que foi uma coisa muito interessante.” (12FP)</p> <p>“Porque havia <i>OficinaRias</i> que interessavam talvez, agora falando especificamente das pasteleiras, poderiam potencialmente interessar mais a homens, mas também foram concorridas, participadas por mulheres.” (11FP)</p>	Interação entre ambos os sexos, embora algumas das <i>OficinaRias</i> fossem mais “direcionadas” para um dos sexos.
		Determinantes económicos	<p>“As pessoas [...] com muita idade cuidam do seu quintal, têm as suas coisas, portanto, até muito tarde, mesmo já no limite, no limite já das forças, das capacidades, é que as pessoas abdicam de fazer as suas tarefas. Muito associado à questão da agricultura mas também por exemplo à pesca, é muito comum ver pessoas com alguma idade praticá-la (5MD)</p> <p>“Provavelmente foi daquelas com maior sucesso e que cujo investimento e o capital foi do mais residual. O que só prova que as melhores coisas são aquelas que se fazem simples.”(5MD)</p>	Sendo a Murtosa um concelho que depende economicamente sobretudo da agricultura e da pesca, o quotidiano das pessoas, nomeadamente das que possuem mais idade, está muito relacionado com estas duas áreas do setor primário.

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Determinantes sociais	<p>“eu já referi um (aspeto positivo) que para mim é dos mais ricos, dos mais positivos, um era esse tal convívio entre pessoas de diferentes gerações, diferentes culturas, diferentes habilitações, uma da quarta classe, outras de doutoramentos, de professores universitários. [...] aquilo que se notou é que eram pessoas iguais a aprender uma coisa nova. Todos se colocaram no mesmo nível de alunos/formandos)” (1MD) “tudo isto é enriquecedor[...] porque realmente vêm para a zona pessoas de fora, conhecem aqui o nosso ambiente, vivem, fazem os convívios juntamente connosco, o que é muito bom” (3MP) “foi um relacionamento bastante bom e acho que bastante importante.”(4MP) “aquilo é bom, para eles, per si e também para a comunidade” (5MD)</p>	<p>Os participantes das <i>OficinaRias</i> possuíam diferentes idades, habilitações literárias e <i>status</i>. O que se constatou é que estas determinantes influenciaram de forma positiva o funcionamento das <i>OficinaRias</i>.</p>

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Ambiente físico	<p>“nós estamos num município, pelas características que tem, que desde há muito que se pratica o conceito do <i>Envelhecimento Ativo</i>.” (5MD)</p> <p>“pessoalmente vi que o assunto se enquadrava muito bem, [...] no âmbito da Casa Museu” (1MD)</p> <p>“Partilhar (através destas iniciativas) com as pessoas que não são da terra, a pessoas mais novas, a pessoas que mesmo sendo da terra e sendo mais velhas, que não tiveram as mesmas vivências, porque são de outras famílias com outra formação, que não tiveram convivência com a agricultura, por exemplo” (8MO)</p>	Ambiente favorável para a implementação do projeto, nomeadamente pela interação que existe entre os diferentes agentes sociais (Associações, Coletividades, IPSS's) e infra-estruturas.

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Determinantes pessoais	<p>“ [...] fiquei contente pelo tema, porque é um <i>hobbie</i> que me apaixona [...] (8MO)</p> <p>“Fiquei assim indecisa [...] Porque eu nunca tinha participado nessas coisas, mas, com Deus, foi-se para a frente [...] Eu gostei muito, eu sou franca, não estava à minha vontade, porque nunca lá tinha ido.” (9FO</p> <p>“Recebi com muito gosto e fiz isso pronto com muito prazer e sempre pronto, quando for preciso alguma coisa é contar comigo.”(6MO)</p> <p>“Eu reagi bem, porque eu gosto muito de fazer rojões.” (7MO)</p>	O entusiasmo de cada participante contribuiu para um envolvimento ainda maior entre todos os participantes.

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Determinantes comportamentais	<p>“Às vezes, agarrar o público-alvo e convencê-lo de que aquilo é bom para eles, per si e também para a comunidade, às vezes, é que pode ser a maior dificuldade [...] Mas ainda assim eu acho que se tem feito caminho, as pessoas estão cada vez mais despertas para isso.” (5MD)</p> <p>“Portanto, pessoas com doutoramentos e que ali nada se notava senão a partilha. O entusiasmo de aprender aquela atividade concreta daquele dia.” (1MD) “ a gente falava uns com os outros como se se conhecesse há muito... Há muitos anos. Isso foi das coisas que mais me marcaram. (7MO)</p>	União de esforços para mobilizar a alteração de comportamentos em prol de um <i>Envelhecimento Ativo</i> .

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Serviços sociais e de saúde	<p>“E de facto as <i>OficinaRias</i> acabaram por ser um belo laboratório [...] em termos de promoção de <i>Envelhecimento Ativo</i>, falo muito em articulação com as instituições locais, nomeadamente com os Centros Sociais e a Santa Casa. Muitas das vezes colocando à disposição dessas instituições um conjunto de valências, um conjunto de equipamentos, desde equipamentos desportivos até à logística associada [...] que de facto promovem esse <i>Envelhecimento Ativo</i>. Portanto, o Município da Murtosa tem essa preocupação naturalmente, falo sempre em articulação com as Instituições”. “[...] Hoje há (na Murtosa) outras atividades naturalmente, nomeadamente a parte física obviamente muito trabalhada, no sentido do lazer, da saúde.” (5MD)</p>	<p>As <i>OficinaRias</i> poderão ter funcionado como um projeto-piloto para, no futuro, ser intensificada a relação com os serviços sociais (p. e. IPSS’s) e de saúde (p. e. Unidades de Saúde Familiar). Articulação e intensificação entre os serviços sociais e de saúde sempre em prol da promoção do <i>Envelhecimento Ativo</i>.</p>

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Saúde	<p>“o <i>Envelhecimento Ativo</i> é uma realidade, as pessoas felizmente chegam a idades avançadas, nós temos vários casos de pessoas que já são centenárias. Pessoas que chegam a uma idade avançada com capacidade física e com saúde, e com capacidade intelectual, que lhes permite fazer um conjunto de tarefas” (5MD)</p>	Referência à saúde relacionada com a qualidade de vida.
	Oportunidades	Participação	<p>“Porque eu nunca tinha participado nessas coisas” (9FO)</p> <p>“Aqui havia uma forma mais enriquecedora, onde as pessoas podem por a mão na massa, dizer olha era assim que se fazia. E com o tempo vai dizer eu participei nisto, eu aprendi a fazer, era assim que se fazia.” (8MO)</p> <p>“ [...] (participei) na das rodilhas (21 anos), foi muito engraçado, muito dinâmico, a formadora (86 anos) foi excepcional mesmo.” (10FP)</p> <p>“ [...] (participei) em todas (as <i>OficinaRias</i>)”. (11FP)</p> <p>“Ora, de oito números (<i>OficinaRias</i>) eu estive em sete. (1MD)</p>	A participação quer dos formadores, quer dos formandos contribuiu para o reconhecimento e importância que cada um tem na sociedade.

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Segurança	<p>“Estavam pessoas de diferentes idades, pessoas com quem eu nunca tinha lidado mas gostei imenso e acho que elas também gostaram de mim porque elas estavam a acompanhar e ainda encheram chouriças.” (9FO)</p> <p>“[...] a gente falava uns com os outros como se conhecesse há muito... Há muitos anos. Isso foi das coisas que mais me marcaram.” (7MO)</p>	<p>As <i>OficinaRias</i> foram um espaço onde existiu respeito, (dignidade) e os participantes sentiam que estavam rodeados por pessoas “que os tratavam bem” (proteção).</p>
		Autonomia	<p>“[...] as pessoas felizmente chegam a idades avançadas, nós temos vários casos de pessoas que já são centenárias. Pessoas [...] com capacidade física e com saúde, e com capacidade intelectual, que lhes permite fazer um conjunto de tarefas. (5MD)</p> <p>“apesar (da formadora) de já ter falecido (86 anos) deixou um ensinamento que para ela era vital, era o que fazia da vida dela, era o que mais lhe dava prazer. [...] que tive oportunidade de falar com ela dias depois e [...] continuava a dizer com os olhinhos a brilhar e um sorriso na cara que tinha sido uma coisa que adorou [...] ensinar-nos algo que ela fez durante toda a vida e que</p>	<p>Existência de pessoas no Município autónomas/ independentes nas suas Atividades de Vida Diária (AVD's) e ainda capazes de tomarem as suas próprias decisões.</p>

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
			<p>foi o ganha-pão dela e que ajudou a alimentar também os filhos dela.” (10FP)</p> <p>“Não sei se foi por aquela senhora já ter aquela idade e estar tão ativa como estava e a saber fazer. Ela soube ensinar, porque há pessoas que não sabem ensinar não é? Mas ela soube ensinar o que estava a fazer. Ela deixou-nos o testemunho de uma prática que fez durante a vida toda. A senhora durou tão pouco tempo depois daquilo mas ensinou, deixou alguma coisa para se a gente quisesse continuar, se a gente quiser continuar já sabe. (10FP)</p>	
	Conceitos chave	Independência	Não há referências.	Não há referências.
		Expetativa de vida saudável	“Há que incentivar o uso do material desportivo existente divulgá-lo com estas ações. É sempre bom termos acesso a estas oportunidades (de praticar exercício físico), espaços e poder aproveitá-los.” (12PF)	A seleção das temáticas também teve por base a promoção de hábitos saudáveis.

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Qualidade de vida	<p>“Eu acho que (a seleção das temáticas) teve uma representatividade muito boa. [...] desde a promoção da saúde, o bem-estar físico até àquela que é, uma das grandes coqueluches hoje na Murtosa, que tem que ver com as bicicletas, principalmente as bicicletas antigas. E depois algo que é extremamente importante que é a parte gastronómica [...]” (5MD)</p>	<p>A seleção das temáticas também teve em consideração a preocupação com a promoção do bem-estar físico, mental, psicológico, emocional, bem como o fomentar relacionamentos sociais.</p>
	Valorização do intercâmbio de conhecimentos	Conhecimentos ancestrais	<p>“ [...] na minha opinião foi uma coisa muito boa porque fez-nos lembrar as coisas que os nossos avós, os nossos bisavôs faziam. Porque hoje já não há quem faça praticamente essas coisas. [...] Aprendemos umas com as outras, uns com os outros.” (11FP)</p> <p>“mas estas tradições estão-se a perder exatamente porque as pessoas que sabem fazer estão a desaparecer ou deixam depois de conseguir fazer porque já não conseguem ver bem ou por outro motivo qualquer [...]” (13FP)</p> <p>“Se não forem este tipo de coisas elas acabam por se perder no tempo” (1MD)</p>	<p>O intercâmbio de conhecimentos valorizou conhecimentos ancestrais que estavam em vias de desaparecerem.</p>

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Vertente prática	<p>“As <i>OficinaRias</i> são ações desenvolvidas de uma forma muito mais partilhada de uma forma mais íntima. [...] acho que é a forma excelente das pessoas conviverem, partilharem e de uma forma informal colocarem as questões, [...], conseguir partilhar os conhecimentos, uns pela experiência outros pelo conhecimento.” (8MO)</p> <p>“[...] acho que o ambiente informal até facilita a apreensão de conhecimentos e a partilha de experiências.” (2MP)</p> <p>“os (formadores) deram todos os passos necessários para nós percebermos e conseguirmos fazer quando estamos em casa [...]”(14FP)</p> <p>“As pessoas tiveram lá, como costumamos dizer, a por a mão na massa. [...] As pessoas ao sentir guardam muito melhor essa recordação.” (1MD)</p> <p>“Eu acho que correu bem em tudo, até no virar as tripas [...] elas a rirem-se por a tripa ir a crescer, isso correu tudo muito bem. ” (9FO)</p> <p>“Sentia-se no rosto das pessoas, na alegria com que elas estavam.” (8MO)</p> <p>“Para este conceito é um modelo que funciona muito bem. As <i>OficinaRia</i> serviram efetivamente para transmitir conhecimento [...]. Então o modelo é mais do que válido” (5MD)</p>	<p>O intercâmbio de conhecimentos foi reforçado pela vertente prática que as <i>OficinaRias</i> propiciaram. Um dos aspetos peculiares de todas as ações foi o ambiente informal que facilitou a aquisição de conhecimentos e a partilha.</p>

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
Valorização dos conhecimentos e da troca de experiências entre as diferentes gerações	Intercâmbio de experiências entre diferentes gerações	Convívio e partilha	<p>“Um aspeto bastante bom talvez seja esse mesmo convívio entre as gerações e a partilha dos conhecimentos.” (4MP)</p> <p>“O interesse de uma forma geral é mesmo o convívio entre as pessoas das várias idades e a passagem do próprio conhecimento e das experiências. Houve interação. Houve partilha.” (2MP)</p> <p>“Sem dúvida a interação entre as formandas e a formadora. Foi excecional mesmo, o convívio entre as pessoas, a dinâmica, isso aí eu acho que é o melhor, mesmo a interação entre as várias gerações que é o que é pretendido.” (10FP)</p>	<p>Durante a partilha de experiências, viveram-se momentos de grande convívio e partilha.</p>

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Presença de diferentes gerações	<p>“[...] no âmbito no geral acho que esteve muito bom. Conseguiu-se ali trazer malta muito novinha, conseguiu-se lá colocar pessoas assim de meia-idade e conseguiu-se trazer também pessoas mais experientes, para não dizer com mais idade” (1MD)</p> <p>“Ninguém se engane que a gente não aprende com os mais velhos, nem os mais velhos aprendem com os mais novos. Andamos sempre a aprender. Sempre a aprender, sempre. Eu gostei muito (idosa de 72 anos) eu sou franca” (9FO). “[...] (a transmissão de conhecimentos foi) “bastante válida. Não só para os mais velhos transmitirem alguns conhecimentos mas também os mais novos transmitiram os seus conhecimentos aos mais velhos. (4MP)</p> <p>“[...] achei que foi uma ideia muito boa. Ainda foi a tempo de arranjar pessoas que ainda saibam fazer as coisas da maneira tradicional e que as possam transmitir não é?” (13FP)</p>	<p>Inscreveram-se nas <i>OficinaRias</i> pessoas de diferentes idades, desde os mais novos aos mais velhos. Este intercâmbio de experiências foi apreciado pelos participantes.</p>

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Satisfação em partilhar	<p>“Reagi pronto com muita alegria porque gosto de ensinar aquilo que sei aos outros. “eu senti nelas (as formandas) elas terem o interesse e de querer saber e de querer aprender”(16FO)</p> <p>“Uma das coisas que eu mais gostei, muito sinceramente, e tocou-me particularmente, foi perceber a satisfação dos formadores [...] Quase que lhes causou espanto porque é que foram convidados” (5MD)</p> <p>“sem dúvida são o melhor que pode acontecer a uma comunidade para não perder as raízes, não perder a sua identidade”(7MO)</p>	A partilha espontânea contribui para a satisfação dos participantes.
Divulgar a cultura e algumas das tradições do concelho da Murto		Comunicação social	<p>“[...] só pode ter uma palavra para as avaliar que é sucesso absoluto [...]sobretudo esse impacto muito positivo que teve na população, que teve na comunicação social[...]” (5MD)</p>	As <i>OficinaRias</i> foram notícia em diversos órgãos de comunicação social, nomeadamente na rádio, no jornal e na televisão (Local e Porto Canal).

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
	Recursos	Espólio documental	<p>“Ficaram registos, quer fotográficos, quer em termos de vídeo, quer até escritos, ficaram registos dessas artes, desses trabalhos que lá se fizeram e isso é um maior enriquecimento, é aquilo que vai perpetuar e vai fazer com que as coisas não se percam. [...] Se não forem este tipo de organizações que de alguma forma divulgue e preserve, através de uma gravação, através de fotografia, através de um texto isto por se perder, como já são/hão de ter perdido muitas”.(1MD)</p> <p>“[...] fica gravado, fica registado, fica filmado, fotografado, escrito, iniciativas da história de um povo” [...] (8MO)</p>	<p>Para além da divulgação da cultura e de tradições durante as <i>OficinaRias</i>, foi possível recolher um número significativo de fotografias, vídeos e registos escritos dos temas desenvolvidos</p>

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
	Estratégia	Promoção do município	<p>“ [...] na <i>OficinaRia</i> que participei da conservação e manutenção das pasteiras acho que para além de promover o Município da Murtosa, promove também o grade projeto da Murtosa Clicável. Esta <i>OficinaRia</i> das bicicletas acho que ainda veio enaltecer mais esse projeto e promover a Murtosa.” (4MP)</p> <p>“Os outros concelhos deviam de fazer a mesma coisa porque não é só cá na Murtosa que há coisas que devem ser divulgadas, mas nos outros concelhos também. Por isso na Murtosa, a Murtosa está a apostar muito bem naquilo que está a ensinar. É um concelho que está a evoluir muito e gosta de apresentar coisas antigas e de qualidade.” (12FP)</p> <p>“Acho que havia de haver mais municípios a fazer isso [...].Para dar animação às pessoas e podiam fazer outro tipo de iniciativas que interagisse mais com as pessoas das suas localidades. É o meu caso não é? Fui de Espinho à Murtosa para ir participar nestas iniciativas e eu aqui em Espinho até nunca tinha participado em nenhuma.” (14FP)</p> <p>“Fazer uma divulgação de concelho a concelho de forma a trazer pessoas de fora à nossa terra e promover o turismo local. (Q107)</p> <p>“Adorei este evento. Foi uma nova experiência de uma região que não conhecia.” (Q62)</p>	Exemplo a seguir por outros concelhos.

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
Avaliação das <i>OficinaRias</i>	Avaliação global	Formadores	<p>“[...] é extraordinário e enriquecedor para uma comunidade e para um concelho [...]” (8MO)</p> <p>“Foi tão natural, tão natural, eu não achei que alguma coisa corresse mal a sério que não.” (7MO)</p> <p>“eu não encontrei nenhum aspeto que tivesse corrido menos bem.” (6MO)</p>	<p>Na avaliação do projeto em geral e nas <i>OficinaRias</i> em particular, verifica-se que existe unanimidade nas respostas. Avaliação global: bastante positiva.</p>
		Participantes	<p>“interessante e bem construída” (14FP)</p> <p>“Muito bom, a escala se for de um a vinte levas um dezoito.” (2MP)</p> <p>“Não, não, não, não consigo identificar assim uma coisa que tenha corrido menos bem” (11FP)</p>	
		Dirigentes	<p>“[...] em termos genéricos de tudo o que eu vi nas outras sessões acho que foi espetacular. Acho que se conseguiu alcançar os objetivos [...] (as temáticas) [...] criam nas pessoas entusiasmo. Por exemplo, nós tivemos algumas (<i>OficinaRias</i>) que as inscrições foram muito rápidas” (1MD)</p> <p>“[...] eu acho que a avaliação é mesmo de sucesso.” (5MD)</p>	

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
	Aspetos a melhorar	Formadores	<p>“Podia ser mais divulgado [...] Mas também como isto era uma coisa tão familiar, com um grupo tão restrito, se houvesse também muitas inscrições também de alguma forma ia ser complicado gerir o número de inscrições.” (8MO)</p>	<p>Alguns dos participantes partilham a opinião de que as <i>OficinaRias</i> poderiam ter sido mais divulgadas.</p>
		Participantes	<p>“[...]não houve muito tempo para a gente terminar [...]. Mas não se pôde se estender muito no tempo. Foi só isso, não conseguimos terminar. Mas agora já sabemos como fazer e como terminar em casa por isso não é assim um aspeto tão negativo. (10FP)</p> <p>“Um aspeto menos bom se calhar foi o espaço, porque era um espaço pequeno para o número de pessoas que lá estavam.”(14FP)</p> <p>“Eu acho que em situações futuras se calhar na altura em que nós fizemos as inscrições, aquela informação entregue em suporte de papel já poderia ter sido fornecida de modo a dar às pessoas tempo, para lerem com cuidado e tal.” (14FP)</p>	<p>Aspetos a melhorar: optar por locais com mais espaço nalgumas das <i>OficinaRias</i> e entregar a informação escrita no momento de inscrição das <i>OficinaRias</i></p>

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
		Dirigentes	<p>“ [...] associado a uma contingência a um constrangimento que as <i>OficinaRias</i> forçosamente têm que ter, [...] que é o número limitado de inscrições. [...] Aconteceu com muita frequência terem que ser recusadas inscrições num conjunto de <i>OficinaRias</i> porque se tinha atingido o número limite, (e) [...] descentralizar as <i>OficinaRias</i>” (5MD)</p> <p>“Acho que pode não ser com esta periodicidade, não tem de ser, pode ser uma vez de mês a mês, pode ser uma vez de dois em dois meses, mas criar assim alguma coisa que dê continuidade a este projeto, acho muito bem” (1MD)</p>	<p>Aspetos a melhorar:</p> <p>Aumentar o número de inscrições para que mais pessoas possam participar, descentralizar os locais das <i>OficinaRias</i> e alterar a periodicidade (mais distanciadas umas das outras).</p>

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
Empreendedorismo e inovação social	Missão social	Colmatar uma necessidade	<p>“Mas este projeto que tu nos propuseste foi algo diferente [...] Portanto, isto foi realmente uma iniciativa um bocado diferente que de alguma forma veio colmatar uma necessidade que existia de organizar eventos com esta natureza. (1MD)</p> <p>“É muito importante haver este tipo de formações para lembrar e dar a conhecer às gerações futuras os nossos antepassados.” (Q14)</p>	Implementação de uma solução inovadora e sustentável - o “reinventar”.
	Inovação	Aliar a teoria e a prática	<p>“Eu acho que a parte melhor do projeto foi a ideia do projeto e depois conseguirem concretizar.” (14FP)</p> <p>“[...] foi dada também informação escrita que [...] aliada depois à prática é muito melhor. Ver fazer na prática não tem nada a ver com o ler uma receita ou ler a ordem que se faz determinado trabalho. [...]. Também nos davam oportunidade de nós executarmos o que também é importante.[...] apercebermo-nos onde é que temos as dificuldades só é mesmo possível se realmente fizermos as coisas. (13FP)</p> <p>“Superou as expectativas com a introdução da teoria com a prática. Parabéns pela iniciativa”. (Q22)</p> <p>“[...] a apresentação foi muito clara e o facto de termos a participação na confeção dos alimentos dá-nos outras bases para fazermos em casa.” (Q95)</p>	Novas abordagens e ferramentas que desafiam a visão tradicional.

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
	Impacto	Nas diferentes gerações	<p>“[...] passamos os conhecimentos que temos às gerações mais novas. Porque senão há coisas que se perdem [...] portanto acho que é bom que os mais novos comecem a aprender também a fazer isso (caldeiradas e rojões).” (6MO)</p> <p>“Sim, aliás, é o melhor modelo (de transmissão de conhecimentos entre diferentes gerações). [...] a satisfação é total e absoluta (em ter apoiado a iniciativa)” (5MD)</p>	<p>Transformação de mentalidades - possibilidade de partilhar conhecimentos e experiências entre diferentes gerações.</p> <p>Introdução de uma nova dinâmica.</p>
	Empoderamento	Capacitação dos participantes	<p>“Eu gostava de ter aprendido mas essa (OficinaRia) já tinha passado. (13FP)</p> <p>“Continuo a fazer as rodilhas. (15FP)”</p> <p>“Os rojões já (tentei fazer). Correu bem, agora a broa ainda não mas vou tentar certamente.” (14FP)</p> <p>“ [...] eu já experimentei fazer a broa.” (13FP)</p>	<p>Envolvimento e capacitação das partes interessadas - empowerment.</p>

Domínio	Categorias	Subcategorias	Frases ilustrativas	Inferências
	Sustentabilidade	Viabilidade	“[...] foi daquelas com maior sucesso e que cujo investimento e o capital foi do mais residual.” (5MD)	Baseadas em modelos de funcionamento eficientes e viáveis.
	Escalabilidade/ Replicabilidade	Continuidade do projeto	<p>“Claro que sim, é importante e eu acho que até devia continuar, com outras ações... Enfim, dentro do que é o conhecimento dos Murtoseiros, transmitir isso aos mais novos, portanto eu acho que sim que devia continuar.” (6MO)</p> <p>“[...] estamos sempre a tempo, numa nova edição que se faça estamos sempre a tempo de a incluir.” (1MD)</p> <p>“Acho que havia de haver mais municípios a fazer isso [...].Fui de Espinho à Murtosa para ir participar nestas iniciativas e eu aqui em Espinho até nunca tinha participado em nenhuma.” (14FP)</p>	Preocupação e capacidade do projeto crescer e replicar nouro local geográfico. Discurso apela “ao futuro”.

ANEXO XXXVIII- QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO



Das rodilhas

Total de horas de formação: aproximadamente 150 minutos

Data: 13-04-2013

Formador: Domingas Figueiredo

Questionário de avaliação da OFICINARIA

1. Avaliação global da OFICINARIA:

		1	2	3	4	5	
1.1 De uma forma geral, a OFICINARIA foi agradável?	Pouco						Muito
1.2 Os objetivos propostos foram cumpridos?	Minimamente cumpridos						Totalmente cumpridos
1.3 Os conhecimentos transmitidos corresponderam às suas expectativas?	Minimamente						Totalmente
1.4 Recomendará futuramente esta OFICINARIA?	Nunca						Sempre

2. Avaliação dos conhecimentos adquiridos:

	Muito	Bastante	Razoável	Pouco	Nada
2.1 A OFICINARIA foi ao encontro das suas expectativas?					
2.2 A OFICINARIA proporcionou-lhe uma nova experiência?					
2.3 As diferentes fases da OFICINARIA foram do seu interesse?					

3. Avaliação do desempenho da formadora

Domingas Figueiredo:

	Muito	Bastante	Raz oáv el	Pouco
3.1 Clareza na comunicação				
3.2 Capacidade de motivação do grupo				
3.3 Capacidade de ouvir/perceber os formandos				
3.4 Relacionamento interpessoal com os formandos				

4. Avaliação do suporte administrativo

	Muito mau	Mau	Razoáv el	Bom
4.1 Qualidade de documentação facultada				
4.2 Qualidade do espaço				
4.3 Duração da Formação				
4.4 Horário da Formação				

5. De que forma poderemos melhorar as futuras *OFICINARIAS*?**6. Sugestões de outros temas para futuras *OFICINARIAS*?****7. Deixe um comentário final:**

ANEXO XXXIX - RESUMO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

Respostas do questionário de avaliação das *OficinaRias*

I Ciclo de *OficinaRias*

I.1 *OficinaRia* do pão cozido no forno tradicional a lenha

De que forma poderemos melhorar futuras <i>OficinaRias</i> ?	
Questionário (Q)	Respostas
1	“Estão boas assim, mas um cafezinho vinha a calhar.”
2	“Não deixando o projeto “morrer”, é uma iniciativa muito boa!”
3	“Compreendo que aumentar o número de participantes possa dificultar a logística nas “ <i>OficinaRias</i> ”, mas era essa a minha sugestão, permitir uma maior participação.”
4	“Uma merenda a meio da manhã era bem-vinda”
5	“Preencher melhor os tempos mortos. Proporcionar mais convívio para os participantes, com lanche ou almoço, nem que com isso se tenha que cobrar valor da inscrição.”
9	“Não parar com este projeto.”
13	“Acho que não há forma de melhorar, foi muito bom.”
14	“Deveria se especificar mais assuntos a tratar.”

Sugestões de outros temas para futuras <i>OficinaRias</i> .	
Questionário (Q)	Respostas
2	“Agricultura: uma <i>OficinaRia</i> de plantas, e mini- hortas baseadas nas plantas que se costumam cultivar cá na Murtosa.”
3	“Poderiam ser aproveitados momentos festivos como Páscoa e Natal, para introduzir a realização de Bolo-rei ou folar. Poderiam também realizar-se <i>OficinaRia</i> para outros pratos típicos, como fazer enchidos, preparar caldeiradas e outros doces tradicionais. Poderia também ser feita uma <i>OficinaRia</i> para identificação e armazenamento de ervas aromáticas.”
4	“Uma merenda a meio da manhã era bem-vinda.”
6	“Ensinar a fazer chouriças. Doçaria tradicional (arroz doce, aletria, roscas). Cestaria. Esteiras.”
9	“Matança do porco.”
13	“Oficina de fazer chouriças.”
13	“Oficina do vinho.”

Comentário final	
Questionário (Q)	Respostas
1	“Parabéns e tudo de bom! Espero participar nas próximas.”
2	“Vim sem nenhuma expectativa definida sobre esta iniciativa, e fiquei agradada com a experiência.”
3	“Gostei imenso da experiência e espero poder participar de mais <i>OficinaRias</i> . Parabéns.”
4	“Excelente iniciativa.”
7	“Gostei imenso desta experiência e teria bastante prazer em repetir.”
8	“A Formadora Isabel Lopes é uma pessoa muito bem-disposta e esta iniciativa foi uma ideia muito agradável.”
10	“Foi muito bom. Acho que se devem realizar de outras coisas para dar conhecimentos.”
11	“No meu entender foi muito bom, espero que se façam mais atividades destas.”
12	“Adorei. Este tipo de formação havia de existir de vez em quando para que estas tradições nunca terminem.”
13	“Foi muito importante para as gerações mais novas aprenderem das coisas dos antepassados.”
14	“É muito importante haver este tipo de formações para relembrar e dar a conhecer às gerações futuras os nossos antepassados.”

I. II - *OficinaRias* da importância da atividade física

De que forma poderemos melhorar futuras <i>OficinaRias</i>?	
Questionário (Q)	Respostas
16	“Organizar mais e com mais divulgação.”
18	“Participando.”
24	“Mais atividades. Mais periódicas”.
25	“Convidar mais entendidos no assunto para dar mais suporte/informação.”
26	“Aumentar carga horária (aumentar o número de horas).”
28	“Continuar assim, divulgar ainda mais, para cativar ainda mais pessoas.”
29	“Dividir for faixas etárias/ grupos específicos por forma a poder explorar melhor cada um com as suas características.”
Sugestões de outros temas para futuras <i>OficinaRias</i>.	
Questionário (Q)	Respostas
24	“Bicicletas, caminhadas temáticas na ria”.
26	“Cicloturismo (aproveitar o que a Murtosa neste momento oferece em termos de pistas, percursos e grupos de cicloturistas).”
27	“Acho que não é necessário melhorar.”
28	“Um tema relacionado com a ria de Aveiro, a sua história, a formação, o trabalho de antigamente, mitos, futuro da ria”.
29	“Dança, representações, leitura ou contar histórias”.
30	“Abordar outros desportos.”

Comentário final	
Questionário (Q)	Respostas
16	“Parabéns pela iniciativa.”
17	“Gostei. Voltaria a repetir.”
18	“Foi bom e penso que é para continuar. Os exercícios eram bons”
20	“Esta <i>OficinaRia</i> correu muito bem e gostei muito.”
21	“Gostei muito desta atividade. Acho que devem ser organizadas mais atividades deste género.”
22	“Superou as expectativas com a introdução da teoria com a prática. Parabéns pela iniciativa”.
25	“Gostei muito, acho que é uma experiência a repetir, é algo diferente”.
26	“Considero proveitosa esta ação das <i>OficinaRias</i> mas acho que a divulgação não foi a melhor. Devem no entanto continuar, pois é na continuação que se melhora a produção e cativa pessoas para estas iniciativas”.
27	“Gostei bastante, foi divertido”
28	“Gostei bastante, espero que aconteça mais vezes, e cada vez com mais pessoas.”
29	“É sempre bom termos acesso a estas oportunidades, espaços e poder aproveitá-los.”
39	“Foi uma atividade muito bem conseguida.”
31	“Há que incentivar o uso do material desportivo existente divulgá-lo com estas ações.”

I.III - *OficinaRia* dos rojões

De que forma poderemos melhorar futuras <i>OficinaRias</i>?	
Questionário (Q)	Respostas
38	“Sim.”
40	“Um cafezinho a meio, seria bom! Sobretudo com este frio!”
46	“Pequenos grupos rotativos, de maneira a facilitar a visibilidade e a circulação em espaços apertados. Alguns bancos no exterior para o tempo de espera ser mais agradável.”
47	“Dividir as pessoas em pequenos grupos 5/8 para facilitar a participação das pessoas.”
Sugestões de outros temas para futuras <i>OficinaRias</i>.	
Questionário (Q)	Respostas
34	“Outros saberes como o artesanato local.”
36	“ Fabrico de pão e outros eventos da região.”
40	“O famoso pão-de-ló caseiro.”
42	“Workshops de culinária gostava de frequentar.”
43	“Cozer o pão. Chouriças. Caldeirada de enguias”
45	“Pastelaria. Trabalhar com chocolate.”
46	“Não sei.”
47	“Lampreia.”

Comentário final	
Questionário (Q)	Respostas
33	“Muitos Parabéns. Admiro a entrega da Inês a este projeto.”
34	“Uma agradável surpresa.”
36	“Adorei e revivi uma parte da minha infância. Estou disponível para novos eventos.”
37	“Gostei e aprendi muito.”
38	“Foi bom.”
39	“Foi muito agradável participar de mais uma <i>OficinaRia</i> e lembrar mais uma tradição da nossa terra.”
40	“São formas para não perdermos os nossos antepassados.”
41	“As <i>OficinaRias</i> são uma iniciativa muito boa, podemos aprender coisas novas e melhorar o que já sabemos. A <i>OficinaRia</i> para mim é caracterizada pela partilha de conhecimentos, de saber.”

I. IV - *OficinaRia* das Rodilhas

De que forma poderemos melhorar futuras <i>OficinaRias</i>?	
Questionário (Q)	Respostas
55	“Manter a regularidade das sessões.”
57	“Outros horários.”
59	“Penso que da maneira que está a ser organizado está muito bom, o que poderia ser alterado seria o número de formandos, para poder abranger mais pessoas, mas isso também estaria dependente da formação.”
Sugestões de outros temas para futuras <i>OficinaRias</i>.	
Questionário (Q)	Respostas
50	“Não sei se fiz esta sugestão noutra mas cá fica na mesma – papas de abóbora e bulharácos.”
53	“Fazer broa. Fazer sacos de tiras (não as de retalhos). Caldeirada de enguias.”
55	“Leite amassado.”
57	“Algo relacionado com a ria.”
58	“Danças de antigamente. Rancho. Fazer cachecóis de lã. Doces”
59	“Doces tradicionais. Ponto Cruz. Renda.”

Comentário final	
Questionário (Q)	Respostas
53	“Foi agradável e elucidativo.”
54	“Foi bom. Continua com a iniciativa.”
55	“Foi sem dúvida, uma experiência melhor do que aquilo que eu esperava.”
56	“Tapeçaria em tear. Esteiras em junco.”
57	“A integração entre as gerações foi muito boa.”
58	“Iniciativa bem conseguida.”
59	“Um projeto muito bem conseguido. Parabéns aos envolvidos!”
60	“Foi uma experiência muito boa.”
62	“Adorei este evento. Foi uma nova experiência de uma região que não conhecia.”
63	“Gostei muito de aprender”.
64	“Foi bom pelo convívio e pelo conhecimento. Venham mais”.
65	“Espero voltar a participar.” É bom continuar com as tradições, principalmente para as gerações mais novas.”
67	“Foi uma experiência muito boa.”

II Ciclo de *OficinaRias*

II.1 – *OficinaRia* das chouriças de carne

De que forma poderemos melhorar futuras <i>OficinaRias</i>?	
Questionário (Q)	Respostas
69	“Está bom!”
70	“Evitar a utilização de plásticos, sempre que as questões de segurança o permitam.”
81	“Ouvindo opiniões”.
Sugestões de outros temas para futuras <i>OficinaRias</i>.	
Questionário (Q)	Respostas
69	“Leite amassado.”
70	“Cestaria e passadeiras.”
82	“Caldeirada fragateira.”

Comentário final	
Questionário (Q)	Respostas
69	“Muito bom! A organização tem conseguido melhorar pormenores!”
70	“Gostei.”
71	“Foi muito criativo e permite que os conhecimentos não se percam.”
73	“Adorei, conheci pessoas novas.”
74	“Como sempre gosto destas <i>OficinaRias</i> .”
75	“Gostei imenso. Neste momento não tenho hipótese de fazer as chouriças, mas faz-me recordar a minha infância. Adorei. Foi lindo e uma forma de mostrar à minha filha o que eu fazia na infância. Agora os tempos são outros.
76	“Foi tudo muito bem organizado. Continuem.”
77	“Motivante, agradável e familiar.”
78	“É uma boa experiência, gostei imenso. Opinião pessoal - deve continuar. Obrigado por tudo.”
80	“Gostei muito. É de louvar estas iniciativas.”
82	“Continuem. É bastante importante para se partilhar o conhecimento, o que é sempre de salutar, muito agradável.

II.II– *OficinaRia* das chouriças de carne

De que forma poderemos melhorar futuras <i>OficinaRias</i>?	
Questionário (Q)	Respostas
83	“Continuar com estas comemorações mas talvez com música ambiente, mas claro, antiga.”
84	“Continuar com este tipo de atividades.”
88	“Entrega de um “Kit para fazer em casa pela primeira vez – mediante pagamento e sendo facultativo. Uma reunião no futuro para mostrar possíveis trabalhos com base nos ensinamentos/ conhecimentos adquiridos na <i>OficinaRia</i> .”
94	“Acho que não há nada para melhorar”
95	“Aumentar o número de horas da atividade, deveria ser da parte da tarde.
Sugestões de outros temas para futuras <i>OficinaRias</i>.	
Questionário (Q)	Respostas
84	“Plantar sementes (batatas, couves) ”
95	“Gostaria de participar numa atividade relacionada com doces tradicionais como o pão-de-ló”.
96	“Queijo, manteiga (produtos locais), atividades tradicionais da terra.”
97	“Cestaria. Queijaria.”

Comentário final	
Questionário (Q)	Respostas
82	“Gostei muito.”
84	“Adorei.”
85	“Gostei muito, estão de parabéns.”
86	“Acho que devem continuar com estas atividades. Adorei”
87	“A equipa de formadores está de parabéns. Felicidades. Gostei muito.”
88	“Iniciativa muito boa. Tenho forno há alguns anos que gostava de aprender a fazer broa. Surgiu agora a oportunidade. Espero que comece a fazer broa mais regularmente. Atividade que, tal como as outras ações desenvolvidas, permite manter vivos os conhecimentos que estão a cair no esquecimento.”
89	“Foi muito bom a camaradagem e o conhecimento que adquiri. Muito bom.”
90	“Foi muito bom a também o convívio foi muito bom.”
91	“Gostei muito. Acho que as pessoas haviam colaborar monetariamente.”
92	“Gostei de participar nesta <i>OficinaRia</i> , pois adquiri mais conhecimentos.”
93	“Gostei, devem continuar com este tipo de iniciativas.”
94	“Gostei muito da experiência, nunca tinha visto alguém a fazer pão. Gostava de repetir a experiência.”
95	“Esta atividade proporcionou uma experiência diferente, a apresentação foi muito clara e o facto de termos a participação na confeção dos alimentos dá-nos outras bases para fazermos em casa.”
96	“Formandos de várias idades, mesmo sendo em temas (produtos) tradicionais.”
97	“Muito bom, feito com muito amor e carinho. Obrigada.”

II.III– *OficinaRia* da manutenção e conservação de pasteleiras

De que forma poderemos melhorar futuras <i>OficinaRias</i>?	
Questionário (Q)	Respostas
103	“Fico satisfeito.”
107	“Fazer uma divulgação de concelho a concelho de forma a trazer pessoas de fora à nossa terra e promover o turismo local.
110	“Continuando com esta qualidade.”
Sugestões de outros temas para futuras <i>OficinaRias</i>.	
Questionário (Q)	Respostas
103	“História sobre a recolha do moliço. As novas gerações não possui informação suficiente.”
106	“Podar árvores”
107	“Não tenho nada em mente”
108	“Gostaria de continuar a participar. Adorei.”
109	“Vassouras de junco.”
110	“Tudo o que tenha a var com a Região Marinhosa”
111	“Fazer esteiras de bunho”.

Comentário final	
Questionário (Q)	Respostas
100	“Obrigada pela oportunidade.”
104	“Excelente iniciativa por parte da Câmara.”
107	“Uma <i>OficinaRia</i> muito interessante para quem aprecia ‘as pasteiras’ e gosta de restauro e principalmente aprender novas técnicas e novas coisas. Este tema é importante pelo facto de podermos trazer o passado de volta ao presente e também ao futuro!”
110	“Estás de parabéns, Inês”
111	“Muito interessante no geral.

II.IV– *OficinaRia* da caldeirada de enguias

De que forma poderemos melhorar futuras <i>OficinaRias</i>?	
Questionário (Q)	Respostas
117	“Tá bom! Muito bom!”
118	“Achei o modelo ótimo”
126	“Inovando”
Sugestões de outros temas para futuras <i>OficinaRias</i>.	
Questionário (Q)	Respostas
116	“Broa de abóbora. Do vinho.”
117	“ <i>OficinaRia</i> – a certeza de passar bem o tempo, sem deixar o tempo passar!
120	“Chinelos de trapos.”
122	“Tudo o que seja para aprender é positivo.”
124	“Fazer roscas, mantas, tapetes.”
125	“As roscas.”
126	“Inovando.”

Comentário final	
Questionário (Q)	Respostas
112	“Foi bom Gostei muito.”
113	“Bom”
114	“Gostei muito da atividade.”
115	“Foi muito boa e gostei muito.”
116	“Obrigada por tudo.”
118	“Adorei a experiência. De louvar este tipo de iniciativas que promove a transmissão de conhecimentos e saberes dos nossos antepassados e permite o convívio.”
119	“Gostei muito. A caldeirada ficou muito boa.”
120	“Foi muito elucidativo e certamente que os formandos irão fazer caldeiradas de enguias muito melhores.
121	“Gostei muito de ver e participar.”
122	“Parabéns. É de repetir”
124	“Uma excelente ideia com uma pessoa fabulosa a divulgar.”
125	“Muito bom.”
126	“Excelente.”

ANEXO XL - GUIÃO DAS ENTREVISTAS

GUIÃO DE ENTREVISTA

Formandos das *OficinaRias*

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
I Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Motivar entrevistado Legitimar a entrevista		Agradecer a disponibilidade para ser entrevistado Informar o entrevistado sobre o que se pretende com a entrevista Entrega do consentimento informado/explicitação dos seguintes itens: i) Contextualizar a entrevista no âmbito do projeto de mestrado ii) Explicar a importância da entrevista para a realização do trabalho em questão iii) Assegurar o carácter confidencial da informação prestada iv) pedir permissão para gravar a entrevista

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
II Caracterização do Entrevistado		Questionar: Concelho onde reside; Idade; Habilitações literárias; Profissão; Funções que desempenha; Como colaborou na execução das <i>OficinaRias</i> .	Identificar dados relevantes do entrevistado
III Divulgação do projeto	Identificar e reconhecer a importância dos meios de divulgação	1. Como tomou conhecimento das <i>OficinaRias</i>?	
IV <i>OficinaRias</i> em que participou	Verificar o número de <i>OficinaRias</i> em que o entrevistado participou	2. Participou numa ou várias <i>OficinaRia(s)</i>? Qual/quais?	
V Interesse do projeto	Averiguar se os participantes sentem que este tipo de projetos têm ou não interesse	3. Qual o interesse deste tipo de projetos (em geral)?	

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
VI Transmissão de conhecimentos	Verificar se a forma de transmissão de conhecimentos utilizada foi ou não válida	4. Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?	
V Avaliação	Verificar se os objetivos foram atingidos	5. Como avalia a(s) OficinaRia(s) propriamente dita(s)?	
VI Aspectos positivos e a melhorar	Identificar aspectos positivos e negativos do projeto	6. Na sua perspectiva, indique um aspecto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.	
VII Experiência de repetir aquilo que aprendeu	Verificar se os participantes já tentaram fazer o que aprenderam ou não	7. Após ter participado na(s) OficinaRia(s), já experimentou fazer novamente aquilo que aprendeu? Porquê?	

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
VIII Sugestões de melhoria	Enumerar sugestões com vista à melhoria	8. Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?	
IX Importância para o município da Murtosa	Explorar “as mais-valias” do projeto	9. Este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?	
XII Finalização			Perguntar ao entrevistado se quer acrescentar algum aspeto sobre o tema Agradecer, mais uma vez a disponibilidade e a participação

GUIÃO DE ENTREVISTA

Formadores nas *OficinaRias*

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
I Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Motivar entrevistado Legitimar a entrevista		<p>Agradecer a disponibilidade para ser entrevistado</p> <p>Informar o entrevistado sobre o que se pretende com a entrevista</p> <p>Entrega do consentimento informado/explicação dos seguintes itens:</p> <p>i) Contextualizar a entrevista no âmbito do projeto de mestrado</p> <p>ii) Explicar a importância da entrevista para a realização do trabalho em questão</p> <p>iii) Assegurar o carácter confidencial da informação prestada</p> <p>iv) pedir permissão para gravar a entrevista</p>

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
II Caracterização do Entrevistado		Questionar: Concelho onde reside; Idade; Habilitações literárias; Profissão; Funções que desempenha; Como colaborou na execução das <i>OficinaRias</i> .	Identificar dados relevantes do entrevistado
III Contextualização do formador /OficinaRia	Identificar a <i>OficinaRia</i> que dinamizou	1. Em que <i>OficinaRia</i> assumiu o papel de formador?	
IV Recetividade ao convite em ser formador	Averiguar a recetividade do entrevistado quando foi convidado para ser formador	2. Como reagiu quando recebeu o convite para participar na <i>OficinaRia</i> como formador(a)? e Já tinha participado nalguma iniciativa semelhante?	

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
V Experiência do formador na temática abordada	Comprovar à quanto tempo o formador aprendeu aquilo que transmitiu	3. Quando é que aprendeu o ofício que transmitiu na <i>OficinaRia</i> ?	
VI Transmissão de conhecimentos	Verificar se a forma de transmissão de conhecimentos utilizada foi ou não válida	4. Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?	
VII Interesse do projeto	Averiguar se os participantes sentem que este tipo de projetos têm ou não interesse	5. Qual o interesse deste tipo de projetos (em geral)?	
VIII Convívio intergeracional	Reconhecer a importância do convívio entre gerações	6. Como avalia o convívio entre as diferentes gerações durante a <i>OficinaRia</i>?	
IX Avaliação global da <i>OficinaRia</i>	Verificar se os objetivos foram atingidos	7. Como avalia a <i>OficinaRia</i> propriamente dita?	

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
X Sugestões de melhoria	Enumerar sugestões com vista à melhoria	9. Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?	
XI Importância para o município da Murtosa	Explorar “as mais-valias” do projeto	9. Este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?	
XII Finalização			Perguntar ao entrevistado se quer acrescentar algum aspeto sobre o tema Agradecer, mais uma vez a disponibilidade e a participação

GUIÃO DE ENTREVISTA
Representante do Rancho Folclórico os Camponeses da Beira Ria

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
I Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Motivar entrevistado Legitimar a entrevista		Agradecer a disponibilidade para ser entrevistado Informar o entrevistado sobre o que se pretende com a entrevista Entrega do consentimento informado/explicitação dos seguintes itens: i) Contextualizar a entrevista no âmbito do projeto de mestrado ii) Explicar a importância da entrevista para a realização do trabalho em questão iii) Assegurar o carácter confidencial da informação prestada iv) pedir permissão para gravar a entrevista

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
II Caracterização do Entrevistado		Questionar Concelho onde reside; Idade; Habilitações literárias; Profissão; Funções que desempenha; Como colaborou na execução das <i>OficinaRias</i> .	Identificar dados relevantes do entrevistado
III Recetividade do entrevistado/ coletividade	Averiguar a recetividade da coletividade em participar no projeto	Como é que o Rancho Folclórico “Os Camponeses da Beira Ria” acolheu a proposta de apoiar o Projeto das <i>OficinaRias</i>?	
IV Existência de atividades que promovam o <i>Envelhecimento Ativo</i> e o encontro entre gerações	Explorar a existência de atividades realizadas pela coletividade que promova o <i>Envelhecimento Ativo</i> e o encontro intergeracional	2. Já existem iniciativas no Rancho Folclórico os Camponeses da Beira Ria com o objetivo de promover o <i>Envelhecimento Ativo</i> e o encontro entre gerações?	

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
V Avaliação global do projeto	Verificar se os objetivos foram atingidos	3. Como avalia a(s) <i>OficinaRia(s)</i> propriamente dita(s)?	
VI Continuidade do projeto	Averiguar a pertinência e sustentabilidade do projeto	4. Na sua opinião, este tipo de projetos deve ter continuidade?	
VII Importância para o município da Murtosa	Explorar “as mais-valias” do projeto	5. Este projeto é importante para o Município da Murtosa? Porquê?	
VIII Temáticas	Analisar a pertinência das temáticas selecionadas	6. Relativamente aos temas selecionados para as <i>OficinaRias</i>, entende que foram representativos do município ou existem outras áreas que deveriam ter sido incluídas?	
IX Aspetos positivos e a melhorar	Identificar aspetos positivos e negativos do projeto	7. Na sua perspectiva, indique um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.	
X Sugestões de melhoria	Enumerar sugestões com vista à melhoria	8. Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?	

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
XI Transmissão de conhecimentos	Verificar se a forma de transmissão de conhecimentos utilizada foi ou não válida	9. Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?	
XII Finalização			Perguntar ao entrevistado se quer acrescentar algum aspeto sobre o tema Agradecer, mais uma vez a disponibilidade e a participação

GUIÃO DE ENTREVISTA
Vice-Presidente da Câmara Municipal da Murtosa

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
I Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Motivar entrevistado Legitimar a entrevista		Agradecer a disponibilidade para ser entrevistado Informar o entrevistado sobre o que se pretende com a entrevista Entrega do consentimento informado/explicitação dos seguintes itens: i) Contextualizar a entrevista no âmbito do projeto de mestrado ii) Explicar a importância da entrevista para a realização do trabalho em questão iii) Assegurar o carácter confidencial da informação prestada iv) pedir permissão para gravar a entrevista

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
II Caracterização do Entrevistado		Questionar: Concelho onde reside; Idade; Habilitações literárias; Profissão; Funções que desempenha; Como colaborou na execução das <i>OficinaRias</i> .	Identificar dados relevantes do entrevistado
III Recetividade do entrevistado/ Câmara Municipal	Identificar o posicionamento do entrevistado face ao convite em participar no projeto	1. Como é que a Câmara Municipal da Murtosa acolheu a proposta de apoiar o Projeto das <i>OficinaRias</i>?	
IV Apoio institucional	Compreender de que forma é que a CMM apoiou o projeto	2. De que forma é que a CMM apoiou as <i>OficinaRias</i>?	

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
V Existência ou não de atividades que privilegiem o <i>Envelhecimento Ativo</i> e o encontro entre gerações	Explorar a existência de atividades realizadas pela Câmara que promovam o <i>Envelhecimento Ativo</i> e o encontro intergeracional	3. Já existem iniciativas camarárias com o objetivo de promover o <i>Envelhecimento Ativo</i> e o encontro entre gerações?	
VI Dificuldades de implementação de projetos	Averiguar as principais dificuldades aquando da implementação deste tipo de projetos	(Caso a resposta anterior seja afirmativa) 4. Quais são as maiores dificuldades sentidas pela Câmara em dinamizar iniciativas que promovam o <i>Envelhecimento Ativo</i> e/ou encontro entre gerações?	
VII Avaliação global do projeto	Verificar se os objetivos foram atingidos	5. Como avalia a(s) <i>OficinaRia(s)</i> propriamente dita(s)?	

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
VIII Continuidade do projeto	Averiguar a pertinência e sustentabilidade do projeto	<p>6. Na sua opinião, este tipo de projetos deve ter continuidade?</p> <p>7.</p>	
IX Recetividade da comunidade	Perceber se a comunidade mostrou recetividade em participar no projeto	<p>7.Qual foi, na sua opinião, a expressividade deste projeto no Município da Murtosa?</p> <p>Ou</p> <p>Como avalia a recetividade da comunidade a esta iniciativa?</p>	
X Temáticas	Analisar a pertinência das temáticas seleccionadas	<p>8.Relativamente aos temas seleccionados para as <i>OficinaRias</i>, entende que foram representativos do município ou existem outras áreas que deveriam ter sido incluídas?</p>	

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Exemplo de questões a colocar	Ações a desenvolver /tópicos
XI Aspectos positivos e a melhorar	Identificar aspetos positivos e negativos do projeto	9. Na sua perspectiva, indique um aspeto que tenha corrido bem e um que tenha corrido menos bem.	
XII Sugestões de melhoria	Enumerar sugestões com vista à melhoria	10. Que sugestões daria de forma a melhorar este tipo de iniciativas?	
XIII Transmissão de conhecimentos	Verificar se a forma de transmissão de conhecimentos utilizada foi ou não válida	11. Considera esta forma de transmissão de conhecimentos válida?	
XIV Finalização			Perguntar ao entrevistado se quer acrescentar algum aspeto sobre o tema Agradecer, mais uma vez a disponibilidade e a participação

